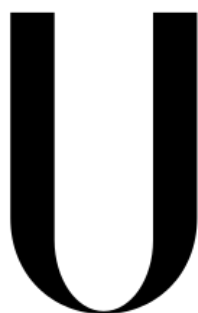


**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

***A SOBREVIVÊNCIA MARCANDO PRESENÇA:*  
MOEMA — MOVIMENTO DE MULHERES EMPREENDEDORAS DA AMAZÔNIA**

**Verônica de Nazaré Alencar Coelho**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

**Área de especialização em Desenvolvimento Social e Cultural**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Luísa Fernandes Paz**

**2021**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



***A SOBREVIVÊNCIA MARCANDO PRESENÇA:*  
MOEMA — MOVIMENTO DE MULHERES EMPREENDEDORAS DA AMAZÔNIA**

**Verônica de Nazaré Alencar Coelho**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

**Área de especialização em Desenvolvimento Social e Cultural**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Luísa Fernandes Paz**

**2021**



## ***Gente***

*Gente olha pro céu  
Gente quer saber o um  
Gente é o lugar  
De se perguntar o um  
Das estrelas se perguntarem se tantas são  
Cada, estrela se espanta à própria explosão  
Gente é muito bom  
Gente deve ser o bom  
Tem de se cuidar  
De se respeitar o bom  
Está certo dizer que estrelas  
Estão no olhar  
De alguém que o amor te elegeu  
Pra amar  
Marina, Bethânia, Renata  
Dolores, Suzana  
Leilinha, Dedê  
Gente viva, brilhando estrelas  
Na noite  
Gente quer comer  
Gente quer ser feliz  
Gente quer respirar ar pelo nariz  
Não, meu nego, não traía nunca  
Essa força não  
Essa força que mora em seu coração*

*Gente lavando roupa  
Amassando pão  
Gente pobre arrancando a vida  
Com a mão  
No coração da mata gente quer  
Prosseguir  
Quer durar, quer crescer  
Gente quer luzir  
Rodrigo, Roberto, Caetano  
Moreno, Francisco  
Gilberto, João  
Gente é pra brilhar  
Não pra morrer de fome  
Gente deste planeta do céu  
De anil  
Gente, não entendo  
Gente nada nos viu  
Gente espelho de estrelas  
Reflexo do esplendor*

*Se as estrelas são tantas  
Só mesmo o amor  
Maurício, Lucila, Gildásio  
Ivonete, Agripino  
Gracinha, Zezé  
Gente espelho da vida  
Doce mistério*

*Vida, doce mistério  
Vida, doce mistério  
Vida, doce mistério.*

Composição e letra: Caetano Veloso

## Dedicatória

*Às Mulheres da minha vida: Nega, Bebê, Maria e Mazane.*

*E à companheira Leila, que foi arrancada da gente tão covardemente.*



## Agradecimentos

Mazane, minha irmã e companheira de lutas e sonhos. Conseguimos, mana!

Aos meus pais, Maria José e José Maria, obrigada pelo porto seguro de sempre.

Minhas avós, Maria de Nazaré (Vovó Nega) e Maria Luiza (Vovó Bebê), minhas santinhas.

À minha Rua Anchieta: vizinha Socorro, vizinho Zeca, Mazé, Pati, Bruno, Gustavo, Elizabeth, Socorro, Rose, João... Naná, minha menininha.

Didita, presente em todos os momentos.

Professora Beth, que atravessou o oceano para nos oferecer forças.

Tio Paulinho e tia Naza; tio Joãozinho, tio Quinca, tia Arlete e tio Edvaldo; tia Cidinha e Airton (pirulito), partes do que eu sou.

Primos e agregados: Vilciane, Felipe, Dani, Esterzinha e maridinho, Daniel, Natalia, Vivi.

Ao primo Gilson e a seus *e-mails* tão confortantes e à amiga Regina, minha porta voz.

À prima Cláudia, um espelho no campo do aprendizado.

Santa Maria, a capital do mundo e do meu coração, onde tudo começou; e à minhas companhias de sempre: Alessandra, Lu, Denis, Rangel, Wallison — obrigada por estarem sempre aí.

Aos amigos e amigas: Jesus, Michelle, Marco Antônio (Teto), Neidinha, Marcia, Nicole, Márcia, Wânia, Paulo Cesar, Ruti.

Aos colegas de trabalho do SENAI (Dona Lúcia, Nelma, Fernando, Nayha, Tiago, Mourão, Eudes, Izaías, Márcio, Silas, Gilson, Paula).

UNIPOP e toda turma de educadores sociais de 2018, vocês não fazem ideia de como me deram forças para atravessar o oceano — Talita, Janis, Raquel, Alexandre, Evellyn.

Rodrigo, obrigada pelos livros e pela dona Eva.

Natália, obrigada pela acolhida; Júlia, por me receber com flores catadas ao acaso.

D. Elizabete, obrigada pelo aconchego de uma casa portuguesa com certeza.

À família que fiz em Lisboa: Vanessa, Daniella (Kika da Vovó) e Duarte (Kiko da Vovó)  
Muito bom encontrar vocês. Obrigada!

Ao José, o tuga mais legal (fixe) de Portugal, Obrigada!

Turma do Mestrado 2018/2020, fomos uma turma singular, tenho certeza! (Lívia, Veronica, Inêz, Patrícia, Ana Karla, Maria, Lorena, Deyse, Márcia, Cadu, e as portuguesas mais lindas do país, Ângela e Adriana).

À amiga Janette e à toda sua *africanidade*. Gratidão!

Ao MOEMA – Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia, um símbolo de sobrevivência marcando presença, sempre.

Aos professores, de modo especial Isabel Freire, Carmen Cavaco e Ana Caetano.

À minha super-orientadora Ana Paz, que foi muito importante na caminhada, obrigada pelo olhar generoso e amigo.

Nazinha, tua devota pagará a promessa no próximo Círio.

***“Se tem bigodes de foca, nariz de tamanduá,  
se é amigo de fato não precisa mudar”  
(A turma do Balão mágico).***





## RESUMO

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa biográfica de Mulheres participantes do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA), estudando suas experiências dentro do movimento, sua maneira de organização e sua luta articulada no bairro da Marambaia, em Belém do Pará, Amazônia, Brasil. A metodologia utilizada para a realização desta foi a pesquisa e a entrevista biográfica. Trata-se de uma investigação situada no paradigma fenomenológico que se baseia em seis entrevistas biográficas com Mulheres do MOEMA, escolhidas de acordo com os critérios da participação ativa e do tempo de implicação no movimento. Para a análise, optou-se por uma transcrição integral, realizada pela própria investigadora, de modo a preservar também a informação não-verbal. Neste trabalho, apresenta-se o arcabouço conceitual sobre a Economia Solidária (E.S) no Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA) e demonstra-se o perfil e o percurso das Mulheres que fazem o MOEMA e como isso influenciou em suas trajetórias de vida. Seguidamente, a análise teve em conta nas entrevistas biográficas as temáticas dos principais eixos enunciados pelas seis Mulheres, uma vez que estas se organizam a fim de garantir uma melhor qualidade de vida; uma organização social; uma geração de renda, por meio de participação em feiras; além do acesso à cidade enquanto educadora/educativa, buscando seus direitos fundamentais, muitas vezes negligenciados pelo Poder Público; logo, um movimento social voltado para uma economia equânime, social e solidária. Há, ainda, lugar para um capítulo extra, dedicado ao crime de feminicídio sofrido por uma das entrevistadas no decorrer do trabalho. Como conclusões, este estudo aponta a sutil e importante questão de gênero vivida dentro do MOEMA; a prática de uma economia social e solidária; e a educação latente praticada no grupo e nas ruas da cidade onde o movimento acontece juntamente às Mulheres integrantes.

**Palavras-chave:** Mulher; Economia Solidária; Movimentos Sociais; Cidade educadora/educativa; Educação.



## ABSTRACT

The present work discusses the result of a biographical research of Women participating in the Movement of Women Entrepreneurs of the Amazon (MOEMA), studying their experiences within the movement, their way of organization and their articulated struggle in the neighborhood of Marambaia, in Belém do Pará, Amazon , Brazil. The methodology used to carry out this was a research and a biographical interview. It is an investigation located in the phenomenological paradigm that is based on six biographical changes with Women from MOEMA, chosen according to the active participation and the time of movement. For analysis, we opted for a full transcript, performed by the researcher herself, in order to also preserve non-verbal information. In this work, the conceptual framework on the Solidarity Economy (ES) in the Movement of Women Entrepreneurs of the Amazon (MOEMA) is presented and the profile and trajectory of the women who make MOEMA and how it influenced their life trajectories is demonstrated. Then, an analysis took into account in the biographical identifications as thematic of the main axes enunciated by the six Women, since these are organized to guarantee a better quality of life; a social organization; an income generation, through participation in fairs; in addition to access to the city as an educator, seeking their fundamental rights, which are often neglected by the government; therefore, a social movement aimed at an equitable, social and solidary economy. There is also a place for an extra chapter, dedicated to the crime of femicide suffered by one of the interviewees during the course of work. How to do it, this study points out a gender issue and an important gender issue experienced within MOEMA; the practice of a social and solidarity economy; and the latent education practiced in the group and in the streets of the city where the movement happens together with the women members.

**Keywords:** Woman; Solidarity Economy; Social Movements; Educating / Educational city; Education.



## ÍNDICE

Dedicatória.....	2
Agradecimentos.....	3
RESUMO .....	i
ABSTRACT.....	iii
LISTA DE IMAGENS.....	vii
LISTA DE ANEXOS.....	viii
Introdução .....	1
<b>Capítulo I – Enquadramento Teórico: O MOEMA – Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia .....</b>	<b>6</b>
<b>1. História do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia- MOEMA .....</b>	<b>6</b>
1.1 O MOEMA hoje.....	9
<b>2. O gênero e sua sutileza .....</b>	<b>12</b>
<b>3. Uma outra economia é possível.....</b>	<b>23</b>
3.1 Economia Solidária, Bem Viver e Educação.....	23
<b>4. Movimentos Sociais e Cidade Educadora/educativa .....</b>	<b>30</b>
4.1 Movimentos Sociais .....	30
4.2 A educação que vem das ruas.....	34
<b>Capítulo II – Metodologia de Investigação.....</b>	<b>41</b>
<b>1. Enquadramento metodológico .....</b>	<b>41</b>
1.1 Objetivos do estudo e problemática .....	41
1.2. Paradigma Fenomenológico Hermenêutico .....	42
1.3 Pesquisa Biográfica.....	43
1.4 Entrevista Biográfica.....	46
<b>2. Procedimento metodológico da investigação .....</b>	<b>48</b>
2.1 Recolha de dados.....	48
2.2 Tratamento e análise dos dados.....	50
<b>Capítulo III – Análise dos Resultados .....</b>	<b>53</b>
<b>1. Histórias Reveladas .....</b>	<b>53</b>
1.1 Trajetórias de Vida: uma breve apresentação das entrevistadas.....	53
<b>2. O MOEMA aos olhos e aos ouvidos de Verônica: no olhar e na fala de Leila, de Lindaure, de Maria, de Mazane, de Nazaré e de Socorro.....</b>	<b>58</b>
2.1 Percursos .....	58
2.2 Gênero .....	61
2.3 Um novo olhar: Economia Solidária e o Bem Viver.....	64
2.4 Juntas podemos: Movimentos Sociais.....	66
2.5 Aprendendo e ocupando: Cidade Educadora/Educativa .....	68
2.6. A Partir do MOEMA.....	72
<b>Capítulo VI – Leila: o capítulo que não deveria existir .....</b>	<b>88</b>
<b>1. Simplesmente Leila.....</b>	<b>88</b>
1.2 Caminho de Leila .....	92
1.3 O MOEMA e a Leila.....	96
<b>Conclusões .....</b>	<b>102</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>107</b>

<b>Anexos .....</b>	<b>118</b>
---------------------	------------

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Integrantes do MOEMA em uma confraternização.....	07
Imagem 2 - Integrantes do MOEMA em uma reunião.....	10
Imagem 3- Integrantes do MOEMA em uma Feira no Hangar – Centro de Feiras e Eventos da Amazônia.....	53
Imagem 4- Ato organizado pela frente feminista em Belém do Pará.....	90
Imagem 5 - Ato organizado no município de Curralinho.....	91
Imagem 6 - Velório da Leila em Belém do Pará.....	92
Imagem 7 - Leila durante sua campanha eleitoral no município de Curralinho, Ilha do Marajó, Pará, Amazônia, Brasil (Foto das redes sociais de Leila Arruda).....	100
Imagem 8 – Anexo C – Participação em Feiras e Eventos.....	176
Imagem 9 – Anexo C – Marcha das Margaridas, Brasília, agosto/2011.....	176
Imagem 10 – Anexo C – Feira no Bosque Rodrigues Alves, Belém do Pará.....	177
Imagem 11 - Anexo C – Fórum Social Mundial, Belém do Pará.....	177

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo A – Guião de Entrevista.....	115
Anexo B – Entrevistas.....	119
Anexo C – Imagens.....	173



## Introdução

*“Gente olha pro céu  
Gente quer saber o um”  
(Caetano Veloso)*

Este estudo é resultado de uma pesquisa de mestrado da Universidade de Lisboa (ULISBOA) do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, que teve por objetivo a análise das histórias de vida das Mulheres<sup>1</sup> que fazem o Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA), em Belém do Pará, Amazônia, Brasil.

O interesse pela investigação se deu pelo fato de eu ser uma Mulher amazônida que sempre estive envolvida nas lutas sociais e tive, no MOEMA, um *espelho* de luta, de resistência e de sobrevivência.

As questões sociais no Brasil têm sofrido profundas transformações nas últimas décadas, oriundas dos movimentos sociais, econômicos ou políticos. Apesar das transformações e dos retrocessos, pouco ainda se tem discutido sobre a questão da importância dos movimentos de Mulheres no contexto do empreendedorismo, da economia solidária, da cidade educadora/educativa e da organização social.

Muitos movimentos surgem com o ideal de uma economia mais justa face a uma sociedade capitalista e a uma economia popular, social e solidária aliadas à valorização da Mulher no seu contexto familiar e/ou profissional. É a respeito desse argumento que surge o Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA), uma associação de Mulheres artesãs de Belém do Pará, Amazônia, Brasil. O MOEMA *emerge* da necessidade de unir forças para uma luta em conjunto, buscando-se uma melhor maneira de vida em comunidade. Nesse contexto (movimento social), são desenvolvidos temas, como a questão de gênero, mesmo que não declarado e de maneira sutil, porém de muita relevância, a economia enquanto solidária é tratada como algo bem sólido no grupo; a cidade enquanto educadora/educativa e a educação que vem, naturalmente, das ruas.

Diante dessas breves ponderações introdutórias, esclarecemos que este estudo tem como objetivos gerais apresentar e analisar a história de vida das Mulheres que fazem o MOEMA, demonstrando-se um arcabouço conceitual sobre a Economia Solidária (E.S) no Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA), a fim de assinalar, assim, o perfil e o percurso das Mulheres que fazem o MOEMA e a influência destes em suas

---

<sup>1</sup> No decurso deste trabalho, tratar-se-á substantivamente a palavra “Mulher” à luz de inicial maiúscula — posto que se saiba que o termo “mulher” consista em substantivo comum — como forma de homenagem e reverência à figura feminina.

jornadas de vida. Os objetivos específicos, por sua vez, foram o de conhecer as representações das Mulheres do MOEMA sobre os temas: economia solidária, movimentos sociais e cidade educadora, de modo a entender como as Mulheres lidam com as discussões apresentadas no MOEMA; conhecer também como se constroem as relações de gênero no movimento; identificar conflitos e situações de lutas sociais no cerne da organização; além de distinguir as representações que as Mulheres do grupo mantêm dos direitos e dos deveres enquanto participantes de um movimento.

Esse plano de investigação leva-nos a ter, em primeira instância, uma discussão em torno do que se entende por gênero.

Louro (2003) nos assinala que a distinção biológica, ou melhor, a diferença sexual — seja ela oriunda de uma simples comunidade seja de uma academia com pesquisas científicas — advém para “justificar” a desigualdade social existente entre os sexos.

Gênero é, segundo a definição proposta por Haraway (2004), “um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (p. 211). Algo de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa, visto que é imprescindível apresentar uma apreciação para a palavra gênero quando a discussão é pautada em Mulheres atuantes em Movimentos Sociais, uma vez que se trata de assuntos relevantes na referida argumentação.

Entender a questão gênero como algo que vai além da questão biológica ou como contestar a desigualdade é ponto crucial na luta pela equidade de direitos entre homens e Mulheres e também uma forma de legitimar o direito de ocupar todos os espaços em uma sociedade mesma.

Outro ponto relevante dentro do MOEMA é a questão econômica, a qual é solidária, uma vez que parte importante do movimento é a participação nas feiras e nos eventos da cidade, ou seja, juntas, Elas têm condições de participar de uma maneira de geração de renda a si próprias.

Singer (2001) nos apresenta que “no capitalismo, a arma dos desprovidos de capital é a solidariedade” (p.104). Na mesma perspectiva, temos Acosta (2015), quando esta nos mostra *O Bem Viver* como uma chance de arquitetar, de modo coletivo, uma nova forma de vida, deixando claro que não há uma *receita pronta*, mesmo que em alguns países (como Bolívia e Equador) já faça parte de seus artigos constitucionais. Não se trata de técnicas isoladas, são intervenções singulares cada um de acordo com a sua realidade e da sua maneira vai interpretando *o Bem Viver*.

As feiras e eventos em que o MOEMA participa acontecem em vários pontos da cidade: na periferia ou nos bairros e em lugares tidos como “nobres”. É nas feiras que as Mulheres do grupo mostram seu protagonismo enquanto empreendedoras, e a cidade é um ponto importante para o MOEMA, pois é onde as feiras acontecem, as quais devem ser educadora/educativa e oferecer condições para que os eventos aconteçam.

Nesse aspecto, aponta-nos Gadotti (2005) que para “uma cidade ser considerada educadora, ela precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos e de todas” (p. 6). Através das feiras, as Mulheres, além de conseguirem comercializar seus produtos e garantirem um valor financeiro, são vistas enquanto empreendedoras organizadas que estão ocupando os espaços da cidade. É nas feiras que muitas outras Mulheres procuram o movimento para mostrarem o artesanato que produzem ou para perguntar a respeito do MOEMA. As organizações das feiras exprimem muito, pois expõem um movimento organizado, que muitas vezes ocupa, por exemplo, uma praça antes abandonada pelo Poder Público. Ao chegar àqueles espaços, o grupo engaja movimentação de pessoas, limpeza do local, iluminação e beleza ao que antes estava descuidado.

A educação que vem das ruas, dos movimentos sociais, é parte latente dentro do MOEMA. No decorrer da pesquisa, defendemos que a educação não é somente aquela desenvolvida na escola formal ou nas universidades; também é presente nos mais diversos contextos por intermédio de atividades livres e de públicos diversos. Consoante nos ensinou Paulo Freire (2000), “não há saber ou mais, nem saber menos, há saberes diferentes” (p. 68).

No cerne dos referidos temas já postulados, temos a dissertação dividida em quatro capítulos: no primeiro, é feita uma revisão na história de fundação do MOEMA e na atualidade do movimento. Foi abordada, também, a temática de gênero e a sua sutileza, pois é com delicadeza que o tema é desenvolvido no grupo de Mulheres; seguimos da ideia de que uma outra economia é possível à temática da Economia Solidária, Bem Viver e Educação junto a um olhar para os Movimentos Sociais e para a cidade enquanto educadora/educativa; somados, ainda, aos movimentos sociais e à educação que vem das ruas, uma vez que o estudo incide sobre uma associação que nasce no bairro da Marambaia, periferia da cidade de Belém do Pará, Amazônia, Brasil.

No segundo capítulo, é explanada a metodologia de investigação da pesquisa para responder às questões propostas, consolidada por meio de um *enquadramento* teórico com objetivos do estudo e problemática, inserido por um paradigma fenomenológico hermenêutico; seguido de uma pesquisa e de uma entrevista biográfica, professando de um procedimento metodológico da investigação através de recolha, de tratamento e de análise

dos dados. Essa coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semidiretivas, usando um guião direcionando às questões — uma maneira de deixar as entrevistadas mais livres para responder às questões propostas, pois trata-se de seis entrevistadas diferentes a responder à sequência mesma de perguntas.

A pesquisadora optou por fazer as transcrições de maneira manual, sem a utilização de programas para digitação de voz ou a contratação de pessoas para realizá-las, tudo para respeitar cada fala, gesto, emoção e sentimento apresentado na hora da entrevista, sempre reverenciando os relatos de vida daquelas Mulheres.

O terceiro capítulo foi intitulado como *Histórias Reveladas através da trajetória de vida: uma breve apresentação das entrevistadas e o MOEMA aos olhos e ouvidos de Verônica, no olhar e na fala de Leila, Lindaura, Maria, Mazane, Nazaré e Socorro*, com as análises dos resultados, isto é, os retratos que conseguimos captar, na dimensão de tempo e das temáticas principais através da fala das entrevistadas junto ao material bibliográfico a respeito dos temas em questão (Gênero, Economia Solidária e o Bem Viver, Movimentos Sociais, Cidade Educadora/Educativa) e a vida a partir do MOEMA. Os temas propostos seguem o guião de entrevista indicado, mas respeitam a complexidade do tema e as novas conexões surgidas na fala das entrevistadas e como nos apresenta Delory-Momberger (2012):

Talvez o pesquisador, mesmo quando “armado” de seus modelos e grades, não faça e não possa fazer nada a não ser “contar” por sua vez aquilo que lhe “contam” os relatos dos outros. É pouco e é muito, é o preço de uma ciência “humana” – e é seu tesouro. (p. 535)

O material que as entrevistas dão é de tal modo rico que poderá ter outro recorte, esse foi o da pesquisadora que vos escreve.

O relato dos outros são repartidos com as pessoas que, de acordo com o que a autora nos referencia dizendo “é pouco e é muito” e é exatamente assim, são histórias de vidas de Mulheres que podem fazer diferença na vida de tantas pessoas e nas suas próprias. Ademais, mesmo que armados por modelos e por guiões, somos obrigados a vivenciar episódios que jamais imaginamos passar.

O trabalho partiria para sua conclusão, quando fomos surpreendidos pelo covarde assassinato, um caso de feminicídio, de uma das entrevistadas e fundadoras do MOEMA, o que nos levou para um capítulo díspar em linguagem e em escrita do restante do trabalho. O referido capítulo foi chamado de *Leila: o capítulo que não deveria existir* e relata o episódio

ocorrido em forma de homenagem, à luz de moldes de escrita mais livres, como um poema.

O assassinato da Leila trouxe à presente pesquisa, além de revolta, um olhar mais agressivo para as leis existentes no Brasil que visam a coibir a violência contra a Mulher, pois nos apresentam legislações de cunho simbólico do que de efetiva defesa da Mulher-vítima de violência de gênero, o que não anula a importância dessas referidas normas.

Por fim, temos a conclusão da presente dissertação que corrobora, de maneira geral, a sutileza do gênero diante das conversas, dos conhecimentos trocados no movimento e da importância de reconhecê-lo face às falas e às escritas de Mulheres pós-coloniais. Revelamos, assim, uma vivência de economia mais justa e solidária de acordo com a sua realidade, além da ocupação legítima dos espaços da cidade e da troca de saberes entre pessoas através dos espaços públicos.

## Capítulo I — Enquadramento Teórico: O MOEMA – Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia



*“Gente é muito bom  
Gente deve ser o bom”*

### 1. História do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia-MOEMA

O MOEMA foi fundado em setembro de 2006 no bairro da Marambaia, periferia da cidade de Belém do Pará, Amazônia, Brasil.

Belém é a capital do Estado do Pará, fica situada no Norte do Brasil e é a cidade mais importante do estado, com uma população estimada em 1.492.745 (2019) pessoas e possui uma área de unidade territorial de 1.059,458 km<sup>2</sup> (2018) segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Belém possui 71 (setenta e um) bairros, e, segundo a artigo 1.º da lei n.º 7806 de 30 de julho de 1996, o bairro da Marambaia

compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção da Av. Pedro A. Cabral com a Av. Júlio César, segue por esta até encontrar o Canal São Joaquim, flete à direita e segue por este até a Rua da Marinha, dobra à direita e segue por esta até a Rod. Augusto Montenegro, dobra à direita e segue por esta até a Av. Pedro A. Cabral, dobra à direita e segue por esta até o início da poligonal (Decreto Lei nº 7806 de 30 de julho de 1996).

O grupo iniciou com 10 (dez) Mulheres residentes no bairro da Marambaia, Belém do Pará, Amazônia, Brasil, as quais faziam parte de uma associação que se desfez nesse mesmo ano (2006), a Associação dos Empreendedores e Empreendedoras da Marambaia (ASPEMA), onde se desenvolvia feiras de artesanatos e eventos festivos nas praças e espaços comuns da região e tinha reunião semanal na qual se debatia vários temas relacionados às necessidades do bairro da Marambaia. Todos os que faziam parte da associação (ASPEMA) ficaram muito tristes com seu fim, oriundo de questões políticas — o que é muito comum na região.

Essas 10 (dez) mulheres passaram a se reunir para que não fosse perdido aquele vínculo criado na antiga associação, isto é, o de trabalhar em grupo e de lutar por melhorias e

desenvolver seu bairro, suas vidas na comunidade. Foram várias as reuniões até que foi escolhido um nome para aquelas Mulheres que se reuniam para sonharem juntas e não deixarem o movimento morrer. Logo percebeu-se que se tratava de um grupo de Mulheres, pois os homens que faziam parte da antiga associação não tiveram interesse em continuar a caminhada.

O nome foi consolidado. Ao tentar uma sigla, esta iniciava com “MO” [de “movimento”] e então surge MOEMA que é um nome feminino, indígena, de origem tupi-guarani, que significa “doce, doçura”. Um nome amazônico. O MOEMA tem como lema *União, Crescimento e Vitória*. A seguir, temos uma imagem das Mulheres do MOEMA em uma confraternização:



Imagem 1 — Integrantes do MOEMA em uma confraternização. (Fonte: MOEMA — Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia).

O MOEMA continuava caminhando, com suas reuniões e pequenas feiras e eventos pelo bairro e também por toda a cidade de Belém, porém só teve seu estatuto legalizado ao dia 25 de abril de 2007. O movimento se concretizou como um grupo de Mulheres que desenvolve, desde então, reuniões semanais e discute pautas do cotidiano de uma comunidade, mas também articula temas voltados para o que elas produzem, pois consiste em Mulheres que, além de promoverem suas atividades artesanais, também trabalha dentro e fora de casa. São muitos os temas desenvolvidos por elas:

- Economia solidária;

- Saúde;
- Educação formal;
- Mercado de trabalho;
- Empreendedorismo;
- Mulher amazônida;
- Beleza;
- Direitos da Mulher;
- Política (frisamos que o MOEMA não é ligado a nenhum partido político, mas não deixa de trabalhar a realidade política do meio em que vive nas reuniões);
- Direitos da comunidade em que estão inseridas (cidadania); entre outros.

O MOEMA é um movimento social de Mulheres que se uniram para — além de comercializarem seus produtos — fazerem a diferença no meio em que estão inseridas, para tanto tem a solidariedade como um princípio fundamental tanto na esfera pessoal como na comercial e na comunitária. A diferença acontece no momento em que se organizam e lutam juntas por melhorias, sempre de maneira solidária.

Gohn (2000) menciona que a educação a partir dos anos de 1990, com os movimentos políticos, passa a ser vista como algo que promove uma “integração de conhecimentos com habilidades, valores e atitudes e como tal está associada ao desenvolvimento da cultura política. Juntas, educação e cultura política têm a finalidade de ser instrumento e meio para compreender a realidade e lutar para transformá-la” (p. 35).

O MOEMA, alicerçado enquanto um movimento social, possui uma busca coletiva político-cultural que acaba por criar sua identidade, uma vez que suas componentes entendem suas vivências, seus pertencimentos e seus interesses como algo coletivo; e essa força é construída junto à comunidade, visto que não consiste apenas nas questões econômica, política e social, mas na educação, não-formal, que todo movimento social oferece.



## 1.1 O MOEMA hoje

*“Gente viva, brilhando estrelas...”*



O MOEMA confere hoje 14 anos de história, de lutas e de vitórias. O movimento é bem estabelecido e conhecido na capital paraense; este participa de eventos não somente pelo bairro da Marambaia, mas em vários lugares da cidade, espaços esses que seriam inacessíveis se não fosse como participante de um grupo organizado. Além das feiras, o MOEMA é convidado a participar de reuniões de cunhos político, não governamental, institucional e também já participou de vários eventos importantes, como o Fórum Social Mundial, Encontro Nacional de Economia Solidária, Marcha das Margaridas (Brasília), diversos Congressos *etc.*

Hoje para tornar-se associada ao MOEMA é necessário:

- Ser convidada por uma associada ou apresentada;
- Participar de no mínimo quatro reuniões seguidas;
- Mostrar o produto que confecciona para avaliação;
- Confeccionar produtos que estejam de acordo com as normas e regimentos da feira;
- Apresentar a documentação exigida;
- Fazer o ritual de adesão;
- Durante seis meses a associada, é acompanhada e orientada só então passa a ser sócia definitiva;
- Pagar impreterivelmente a taxa exigida pela associação;
- É proibido fazer qualquer trabalho manual durante o horário das reuniões;
- Sempre que a associada lançar produtos novos, deverá informar à associação;
- Estar disposta a cumprir o regimento e as normas da associação.

(Estatuto do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia. (2006). Belém, Pará, Brasil).

Atualmente, a taxa é de R\$ 12,00 mensais (equivalente a €2,75 euros) que são revertidos em prol da associação por meio do pagamento das taxas anuais contábeis e das participações em feiras que exigem uma taxa em dinheiro para a atuação. Algumas feiras das

quais as Mulheres são convidadas a participar, alguns produtos são vetados por isso dizer para confeccionarem produtos que estejam de acordo com a feira.

Ritual é uma dinâmica de boas-vindas, feita sempre que entra uma nova participante para o grupo; é uma espécie de confraternização para receber a nova integrante. Durante as reuniões, elas sempre se lembram de dizer seu lema: *União, Crescimento e Vitória*. A seguir, vemos uma imagem das Mulheres do MOEMA:



Imagem 2 — Integrantes do MOEMA em uma reunião (Fonte: MOEMA — Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia).

O MOEMA, hodiernamente, passa por uma crise, no entanto continua resistindo, pois, além de um governo que tenta de todo modo criminalizar os movimentos sociais e não investe em políticas públicas que alcancem os mais necessitados, ainda temos a pandemia da COVID-19 que torna escassos as feiras e os congressos, espaços onde as Mulheres do movimento mais comercializam seus produtos.

Santos & Carneiro (s.d.) nos remetem a pensar que, perante um governo neoliberal, “percebemos um cenário conflituoso de práticas e de valores que oscilam entre relações mais democráticas, igualitárias, solidaristas e contestatórias e relações autoritárias, desiguais, movidas por interesses particulares e imediatistas das organizações que preferem preservar o *status quo* do capitalismo global” (pp. 2-3).

O cenário político brasileiro passou por um golpe político midiático a partir do *impeachment* ocorrido em 2016, pelo qual as pessoas que estão no poder tratam as questões

sociais como algo desnecessário e tentam de todas as maneiras criminalizar e marginalizar os movimentos sociais, deixando o cidadão com dificuldade em exercer sua cidadania.

Gohn (2013) alude a noção de que “a cidadania, para ser plena, não pode ser passiva, tem que ser ativa, é um processo ativo. Não se limita ao voto, este é apenas uma dimensão do cidadão; a dimensão civil” (p. 302) mostra a importância da atuação dos movimentos sociais, de modo especial, diante de uma parcela da população mais necessitada, como é o caso da Mulher.

A esse respeito, Gohn (2013) cita, ainda, que “a cidadania deve contemplar a universalidade dos direitos e não direitos restritos, focalizados, que criam diferenças entre as pessoas. Não existe o cidadão de segunda categoria, pois este seria o não cidadão, ou um cidadão menor” (p. 302).

A Mulher MOEMA presentemente é mais articulada e organizada diante dos eventos e feiras de que participa e do que um movimento social representa em uma sociedade. Nesse sentido, Freire (2018) nos aponta um ponto dessa articulação quando nos assevera que a “capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos animais ou do cultivo das plantas” (p. 67).

## 2. O gênero e sua sutileza

*“Gente lavando roupa  
Amassando pão”*

O MOEMA é um movimento de Mulheres que se uniram na Amazônia paraense (Belém do Pará) em busca de melhores condições de vida em sua comunidade e para ela. É um grupo que desenvolve muitos trabalhos voltados aos desenvolvimentos social, cultural, econômico e familiar da Mulher. Logo, mesmo não declarado, é um movimento que trabalha a questão de gênero.

O nascimento dos movimentos sociais não é aleatório, conforme relata as autoras: “Os movimentos não surgem por acaso, eles nascem das lutas sociais. As lutas sociais acontecem quando grupos de pessoas que enfrentam situações de injustiça, dominação ou exploração atuam coletivamente com o propósito de mudar esta situação num determinado contexto” (Silva & Camurça, 2010, pp. 8-9).

As criadoras demonstram, ainda, a força que os movimentos sociais possuem para evidenciar que os problemas devem ser encarados tanto pelo Estado quanto pela sociedade. Uma associação, enquanto um movimento social, por exemplo, tem a “capacidade de explicar o problema ou situação que se quer enfrentar, de provar com argumentos que esta situação é injusta, de mobilizar muita gente e realizar ações coletivas para tornar este problema público” (Silva & Camurça, 2010, pp. 8-9).

Segundo pesquisas realizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, a diferença de gênero acontece mais em relação a Mulheres financeiramente vulneráveis, assim, “a conformação de políticas públicas deve, necessariamente, contemplar as múltiplas desigualdades historicamente perpetuadas na sociedade brasileira, sobretudo a desigualdade de gênero, pois se os pobres são mais vulneráveis, as mulheres pobres o são ainda mais” (Pelegrino, 2011, p. 244).

Nas cidades da Amazônia paraense, a questão de violação de direitos sociais parece algo *enraizado*, cultural (ou melhor, é tratado como); e esse é um dos contextos em que vemos a importância do trabalho desenvolvido pelos movimentos sociais. “Analisar o processo de formação dos movimentos sociais na região amazônica (...) aponta para a influência da Igreja Católica na capacitação de lideranças e para a crescente presença feminina nas mobilizações” (Lacerda, 2013, p. 161). A autora complementa, ainda, dizendo que a construção e a organização dos movimentos sociais são, nesse contexto, percebidas

como uma resposta aos problemas oriundos de falhas nas políticas sociais (falta de saneamento básico, de assistência social, de educação e a violência em suas formas várias). Esse trabalho foi inicialmente, realizado pelos religiosos católicos na região Amazônica.

Diante do exposto, fica clara a maneira como surgem Movimentos Sociais na região em defesa da terra, da floresta, de direitos sociais; também grupos de mães, de artesãos *etc.* É nesse contexto que a Mulher passa a fazer parte da luta social. Hodiernamente, são muitos os Movimentos Sociais organizados na Amazônia paraense, a cada dia surgem novos motivos para a luta, porém algumas continuam vinculadas à Igreja; já outras são ligadas a vários meios, e não somente à Igreja Católica, e muitos grupos passaram a discutir a questão de gênero e suas mais diversas vertentes, por exemplo.

Outrossim, o conceito de gênero desenvolvido por Haraway (2004) narra que “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (p. 211), o que é de muita relevância para o decorrer do presente trabalho, uma vez que se torna necessário trazer um julgamento para a palavra *gênero* ao começar uma discussão quanto à questão da Mulher que luta e que participa de movimentos sociais, pois os temas estão intimamente ligados.

Usar como argumento o fator biológico, segundo o qual a mulher tem seu papel assentado há séculos, é algo tratado como derradeiro, não cabendo argumentos, é uma premissa usada como justificativa para uma disparidade entre homens e mulheres que não cabe mais diante dos estudos, das pesquisas e até das conquistas femininas. Com a intenção de compreendermos o espaço e as relações entre os sexos (homens e mulheres) em uma sociedade, devemos fixar um olhar diante de tudo que se instalou e se construiu a respeito dos sexos — assim como nos mostra Louro (2003): “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem ‘científica’ a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender — e justificar — a desigualdade social” (p. 21).

A biologia, como ciência, defende que o determinante para se configurar o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas; porém biologicamente, o que define o comportamento, a postura enquanto masculino ou feminino é a cultura. O mundo é muito vasto e não existe uma única cultura mundial — a saber, as Mulheres de países nórdicos possuem características que, para a cultura brasileira, são tidas como masculinas.

Laraia (2009) pondera a respeito de cultura e a conceitua como o “modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (2009, p. 68).

Há lugares em que o sexo não é definido pelo órgão genital. Portanto é mais apropriado dizer que masculino/feminino, homem/mulher, é uma questão de gênero. No entanto, o conceito necessário para um entendimento sobre homens e mulheres é o de gênero. É necessário pensar que sexo é biológico; gênero, social, o qual é erguido e alicerçado pelas distinções culturais. O que vai determinar a sexualidade enquanto homem ou Mulher não são os cromossomos ou o órgão genital, mas, sobretudo, a maneira como a pessoa se vê e se proclama na sociedade, em outras palavras, gênero vai além do sexo (Jesus, 2012).

Mesmo diante de enormes distinções, Haraway (2004) ratifica ainda que “significados modernos de gênero se *enraízam* na observação de Simone de Beauvoir de que ‘não se nasce mulher’ e nas condições sociais do pós-guerra que possibilitaram a construção das mulheres como um coletivo histórico, sujeito-em-processo” (p. 211).

Em uma esfera maior, acerca do feminismo predominante, a questão “raça” e a “etnicidade” podem ser entendidas como algo que venha ab-rogar o elo com o feminismo no âmbito mundial numa espécie de “conflito entre comunidades minoritárias no Primeiro Mundo, as mulheres em comunidades diaspóricas e as mulheres no Terceiro Mundo” (Bahri, 2013, p. 663).

Dessa maneira, faz-se necessário um estudo profundo e urgente para um melhor entendimento da realidade latino-americana a respeito das “as *raízes* de nosso indigenismo, assim como das influências trazidas pelos demais povos, com destaque particular, para os colonizadores, para pensarmos adequadamente nossa realidade, apontando perspectivas, eventuais soluções em consonância com os nossos problemas e desafios concretos” (Albuquerque & Meneses, 2017, p. 9).

Atualmente, diversas sociedades podem, casualmente, ser chamadas de “pós-patriarcais, ainda assim, mecanismos legais e culturais de subordinação das mulheres, que poderiam facilmente ilustrar os clássicos escritos feministas sobre patriarcado, continuam vigentes em muitos contextos, sejam nacionais ou locais” (Corrêa, 2011, p. 340).

A história mostra a existência de uma luta constante feminina em busca de uma melhor condição por meio de pelejas isoladas ou coletivas, as quais estão sendo expostas atualmente por intermédio de publicações, de filmes *etc.* Louro (2003) nos aponta que é uma maneira de externalizar que existe uma preocupação em partilhar essas ações históricas, mas nos lembra de que, “quando se pretende referir ao feminismo como um movimento social organizado, esse é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX” (Louro, 2003, p. 14).

O feminismo é uma ideia histórica que surge em busca de melhores condições de vida, por meio da luta das Mulheres, em um tempo histórico específico; no entanto, assim

como surgiu em meio à necessidade de luta, também pode deixar de existir quando alcançado seus objetivos e dar lugar a outras lutas — o que, por ora, seria uma *quimera*.

O movimento feminista surge na Europa e suas ideias são difundidas por Mulheres no mundo, tomando novas perspectivas e *enquadramentos* dependendo do contexto socioespacial em que as Elas estão inseridas, como é o caso do Brasil, local de pesquisa do presente trabalho, onde se passou a realizar estudos pós-coloniais respeitando suas histórias e suas vivências.

Pinto (2018) discorre a respeito dos estudos pós-coloniais de maneira significativa, pois nos apresenta um rompimento com a “forma colonial de ver o mundo”:

O que os estudos pós-coloniais destacam é que as noções de nação, de identidade e essência são construções que fazem parte do regime de verdade da modernidade ocidental, dessa maneira, elas representam concepções colonizadoras. Pensar através delas é aceitar o regime de verdade do colonizador. Nesse sentido, a grande preocupação do pós-colonialismo é desestabilizar esse regime de verdade, romper com as essências, ir em busca das fronteiras, dos limites, daquilo que não é dado e que representa um rompimento com a forma colonial de ver o mundo (pp. 160-161).

Seguindo essa lógica, surgem estudos feministas com esse “novo olhar”, como lemos em Bahri (2013), que nos mostra “o tema do feminismo e/no pós-colonialismo está totalmente ligado ao projeto de pós-colonialidade literária e a suas relações com a leitura crítica e a interpretação de textos coloniais e pós-coloniais” (p. 660). A autora complementa com a ideia de que é necessário considerar o sujeito e a sua representação, o seu lugar de fala, instruí-lo a buscar literaturas de Mulheres que representem vivências semelhantes às suas.

Os últimos anos de debates pós-coloniais significaram e marcaram a “história das mulheres brasileiras que alcançaram progressos que modificaram o seu cotidiano nas esferas pública e privada. As demandas feministas entraram na agenda política do Brasil graças à intensa e ininterrupta ação dos movimentos de mulheres” (Pitanguy & Barsted, 2011, p. 15).

Não obstante, esses avanços se deram em meio à muita luta. É inquestionável que a Constituição Federal Brasileira de 1988 foi algo marcante nos âmbitos político-institucional e jurídico, o que infligiu uma adequação junto aos parâmetros dos Direitos Humanos. As autoras nos informam, ainda, que “o ciclo das conferências internacionais das Nações Unidas fortaleceu a luta dos movimentos sociais, em especial dos movimentos de mulheres” (p. 15).

Foram muitos os direitos conquistados: “O direito ao voto feminino constituiu uma

das principais lutas pelos direitos humanos das mulheres nas primeiras décadas do século XX. Esta luta adquiriu contornos diversos nos diferentes contextos em que se desenvolveu” (Pitanguy, 2011, p. 27). A autora nos remete, ainda, ao fato de que, no ano de 2010, fora eleita a primeira Mulher ocupante do cargo de Presidente da República do Brasil e, consigo, o aumento do número de ministras Mulheres no governo, tudo isso tem o que Pitanguy (2011) chamou de “um efeito pedagógico fundamental na transformação do imaginário social”, uma vez que o espaço político ainda é de maioria masculina.

Importa explicitar toda questão política envolvendo o governo da primeira Mulher eleita e a maneira antidemocrática com que foi tratado o processo de *impeachment*, inconstitucional, o qual a história se encarregará de contar. Como nos colocam Albuquerque & Meneses (2017),

o Golpe de Estado de 2016, no Brasil, disfarçado de “impedimento” constitucional é mais um triste e previsível capítulo de nossa história de concíbulos de elites selvagens, e que demonstra sobejamente o quanto a nossa democracia é frágil, incipiente, facilmente capturada pelos arranjos “dos de cima”. A agressão aos mais mezinhos preceitos do Estado de Direito, a narrativa criminalizadora forjada pela mídia empresarial, açulada pelos bofes fascizantes das classes média e alta no país, atestam como a democracia em nosso continente e país, é predominantemente semântica (p. 3).

Trata-se de um capítulo triste, no entanto previsível, como bem nos lembraram Albuquerque & Meneses (2017), dado que uma Mulher de esquerda estaria ocupando o cargo mais importante no contexto político de um país, em um ambiente predominantemente masculino, que é o Congresso Nacional brasileiro. E foi “ao som das panelas, um artefato simbólico, enquanto estigma, na vida das mulheres, o *impeachment* em 2016, durante o segundo mandato de Rousseff, deu um fim melancólico à passagem da primeira mulher pela presidência da República brasileira” (Rubim & Argolo, 2018, p. 12).

É de relevância lembrar que, do direito ao voto feminino ao *impeachment* da presidente eleita (Dilma Rousseff), passou-se oitenta e quatro anos, “quase um século, para enfatizar o quão conturbada é a construção da história deste gênero, representada por avanços e retrocessos, solapada particularmente no que se refere às lutas pela constituição da cidadania” (Rubim & Argolo, 2018, p. 10). As autoras nos evidenciam também o fato de que, até o ano de 2015, não existiam banheiros feminino no plenário do Senado Federal brasileiro.



Foi sob o dominante colonialismo e sob as suas deliberações econômicas ligadas ao capitalismo lusitano que o Brasil se desenvolveu suplementar, em paralelo, às premissas extrativistas referentes à categorização internacional do trabalho. Essa autêntica “empresa colonizadora”, como as autoras designam, tornou-se um “elemento componente do sistema internacional colonial, onde a política, a economia e a cultura eram refutados como instâncias expressivas da organização interna do povo e de sua energia cívica num dado espaço e temporalidade com raia própria” (Albuquerque & Meneses, 2017, p. 5).

É valoroso lembrar que são muitas as conquistas: o voto; o divórcio; a lei conhecida como Maria da Penha (Lei 11.340/2006), que trata a questão da violência doméstica; a Lei do Feminicídio (Lei 13.104/2015); Lei das Eleições (Lei 12.034/2009, que alterou a Lei 9.504/1997) *etc.* Contudo, ainda temos muito a conquistar.

Como refere Pitanguy (2011), “a mulher, entretanto, entreabre uma porta pela qual é possível que passem outras mulheres e outras temáticas, como a saúde reprodutiva, a violência doméstica, as creches, as discriminações de gênero, enriquecendo e ampliando o debate democrático” (p. 29).

As Disposições preliminares da Lei 11.340/2006 conhecida como Lei Maria da Penha vem, por intermédio de uma política afirmativa, apresentar-nos uma norma que criou mecanismos em busca de coibir e de prevenir as violências doméstica e familiar contra a Mulher no Brasil:

Art. 1.º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8.º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar (Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006).

Analogamente, sancionam-se novas legislações em busca de coibir a violência exercida contra a Mulher, como a Lei 13.104/2015, que altera o artigo 121 do Código Penal brasileiro (Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940), para prever o feminicídio (VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino) como circunstância qualificadora do crime de homicídio; e o artigo 1.º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o

feminicídio no rol dos crimes hediondos.

É importante lembrarmos outra medida tomada por meio da Lei 12.034/2009 — a qual alterou a Lei 9.504/1997 — popularmente conhecida como “lei das eleições” (também uma maneira de provocar uma maior participação feminina na política brasileira), que dita: “Art.10, § 3.º Do número de vagas resultante das regras previstas neste artigo, cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% (trinta por cento) e o máximo de 70% (setenta por cento) para candidaturas de cada sexo”.

Nos movimentos de Mulheres, todas as conquistas são comentadas e mostradas à comunidade, pois é uma luta que deve ser de todas, não importa se do campo ou da cidade; se do Norte ou do Sul; basta ser Mulher, segundo relatam as autoras Cintrão & Siliprandi (2011): “A conquista de uma maior independência econômica para as mulheres rurais, assim como já alcançado em grande parte pelas mulheres urbanas, é uma das questões importantes que vem sendo colocada pelas organizações de mulheres e pela economia feminista” (p. 189).

Cada país desenvolve uma maneira de combate, e a luta da Mulher surge de acordo com a realidade na qual ela está inserida. A resistência eclode diante da necessidade de galgar aquilo que lhes é pertinente em determinado momento histórico. A luta dos camponeses foi admirável; o movimento feminista europeu foi e é incontornável e fundamental marco histórico na conquista de direitos básicos, porém é preciso pensar uma luta enquanto Mulher, brasileira, paraense e amazônica.

Falamos sobre a (a) Mulher por se tratar de um sexo marcado, historicamente, pela constante luta por equidade e por direitos; (b) brasileira, por falarmos de um país com dimensões continentais, onde, mesmo nacionalmente, existem vários contextos diferentes que vão do clima aos costumes; dos meios de locomoção (transporte público) à música; (c) paraense e amazônica pela peculiaridade inerente ao fato de ser da região Norte do Brasil, aquela que carrega uma cultura ímpar e que difere do restante do país.

Umas das peculiaridades da região Norte do Brasil pode ser assinalada na descrição feita através das palavras dos autores Silva & Bacha (2014):

A Região Norte do Brasil é marcada pelas suas peculiaridades, entre as quais se incluem a acentuada desigualdade socioeconômica e também o isolamento geográfico em relação às regiões mais desenvolvidas do país. Seus indicadores sociais estão entre os piores do Brasil, em contraste com o seu expressivo crescimento econômico e populacional, muito acima da média nacional. O meio de transporte comumente utilizado é o fluvial, e o tempo de viagem de um município a outro pode superar 15

dias, deixando muitas cidades isoladas geograficamente, e nas quais se observam altos índices de pobreza (p. 170).

As questões relatadas pelos autores justificam a maneira peculiar com que deve ser tratada a região Norte do Brasil, pois são dados influenciadores de todo um contexto que deve ser respeitado e levado em consideração perante a vida em sociedade.

Evidencia-se, pois, o enfrentamento social face à luta da Mulher enquanto paraense, amazônida, ou seja, enquanto parte daquela realidade e, sobretudo, a maneira como Ela se vê dentro de um contexto maior que é o seu próprio país.

Outrossim, o tema “gênero” tem recebido grande atenção por parte dos estudiosos no Brasil; alguns inclusive debruçam-se sobre a região Amazônica, o que mostra a importância de trabalhos sobre o referido tema. Com base nas publicações do Grupo de Estudos e Pesquisa “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEM), foram encontrados artigos voltados à região amazônica por intermédio da *Revista Gênero na Amazônia*, tais como Lopes & Pimentel (2018) em “Lei Maria da Penha sob Análise: história, críticas e apreciações”; Cardoso *et al.* (2018) em “Ritual da Menina Moça, uma Reafirmação da Cultura Tenetehara”; Aquime (2018) em “A Igualdade de Gênero. Do Sonho Possível à Realidade Viva: as contradições presentes na cooperativa das mulheres de Cametá/PA”. Outra fonte de estudos dessa natureza foi identificada na revista do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN): *Phenomenology and interdisciplinarity*, editada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em que se destacou o trabalho de Álvares (2010), em “Histórias, saberes, práticas: os estudos sobre mulheres entre as paraenses”.

As pesquisas e trabalhos trazidos *toaram* uma imagem do que vem sendo descortinado sobre estudos e seus resultados na região norte do Brasil, onde a presente dissertação foi desenvolvida, na cidade de Belém do Pará.

A observação proposta por Lopes & Pimentel (2018) objetiva uma análise crítica aos aspectos de aplicação da Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que é um dos principais instrumentos brasileiros para coibir a violência doméstica contra a mulher. O trabalho aborda o histórico e os ritos da referida lei, além de fazer críticas às medidas punitivas e aos aspectos assistenciais e educativos propostos pela referida norma.

Cardoso *et al.* (2018) realizam um trabalho de análise antropológica da cultura e da identidade dos povos Tenetehara-Tembé, com base no *Ritual da Menina-Moça*, uma festa e também um ritual (ritualística) concretizada no período da primeira menstruação das meninas

que vivem nas aldeias, delimitando o final da puberdade e o início da vida adulta. Mediante uma etnografia, foi possível demonstrar a grande importância que o ritual possui para as organizações social, econômica e política daquela comunidade, cooperando assim para a resistência de sua cultura e de sua identidade.

A investigação apresentada por Aquime (2018) mostra a história de luta e de resistência de Mulheres produtoras do município de Cametá, no estado do Pará, que, em 2004, se articularam e criaram uma cooperativa. Essas Mulheres apresentam um debate acerca da resistência *versus* o patriarcado e do forte machismo dentro das organizações sociais. O trabalho angaria relatos de Mulheres desde a década de 1980 até os conflitos atuais, como a dificuldade de um reconhecimento e a igualdade de gênero de modo particular em espaços como sindicatos e cooperativas, locais atrelados a aspectos sociais.

Álvares (2010) aponta para a trajetória dos estudos sobre a mulher e as relações de gênero e sobre a criação dos grupos de pesquisa e núcleos de estudos no estado do Pará; analisando também os produtos oriundos desses estudos e o que é utilizado pelas acadêmicas e pelas mulheres que têm as questões de *gênero* como sua linha de pesquisa.

A região Norte apresenta latentes e muito fortes questões culturais machista e patriarcal que nos colocam em uma situação mais delicada, pois torna a luta feminina gradativamente árdua. Um bom exemplo disso remete-se ao ano de 2016, quando foi realizada uma pesquisa pelo Datafolha encomendada pela organização não governamental Fórum Brasileiro de Segurança Pública que apontou estes resultados preocupantes:

- 43% das pessoas da região Norte acreditam em que Mulheres que “*se dão ao respeito*” não são estupradas — a porcentagem é a maior entre as cinco regiões do país —; e 37% da população brasileira culpa a Mulher por crimes dessa natureza;
- 87,5% das Mulheres nortistas disseram ter medo de serem vítimas de agressão sexual, perdendo apenas para o Nordeste, onde o receio atinge 90% do mesmo público;
- 38% das pessoas entrevistadas na região Norte concordam com a frase “*a mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada*” (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016 — Itálicos nos originais).

Diante da pesquisa exposta, é possível assegurar que a ainda estamos vivendo uma sociedade patriarcal na qual o homem é o chefe do núcleo familiar e a Mulher, por sua vez, deve “se dar respeito”, ou, como demonstra a pesquisa, “*mulheres que se dão ao respeito não são estupradas*”.

Essa noção patriarcalista assemelha-se ao que defende Saffioti (2014) como um “regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (p. 44); o autor complementa ainda demonstrando que:

O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração-dominação masculina. Neste sentido, e contrariamente ao que afirma a maioria das(os) teóricas(os), o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana (p. 136).

A região norte é fortemente marcada pelo patriarcado e pela supremacia masculina, e esse é só mais um motivo para a relevância de trabalhos atinentes à questão de gênero na região.

Ao pesquisar em um dicionário da língua portuguesa palavra “machismo”, temos:

Substantivo masculino:

Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Característica, comportamento ou particularidade de macho; macheza. Demonstração exagerada de valentia.

[Informal] Excesso de orgulho do masculino; expressão intensa de virilidade; macheza.

Etimologia (origem da palavra *machismo*). Macho + ismo. (Dicionário *on-line* de português. <https://www.dicio.com.br/machismo>).

O termo *machismo* vem sendo cada vez mais debatido na sociedade atual brasileira, gerando-se debates acerca do tema. As pessoas, gradativamente mais esclarecidas, têm mais acesso ao seu significado e à ciência de quando são vítimas de algum ato dessa natureza — salientamos que essa discussão acontece muito no *seio* de movimentos sociais em geral e de movimento de Mulheres. A *internet*, por sua vez, tem desenvolvido um importante papel no combate a atitudes que demonstram comportamento discriminatório em relação à ideia de

igualdade de gêneros, pois, nas redes sociais, cada vez mais são publicados conteúdos que geram enormes discussões sobre atos de cunho machista.

Ainda sobre a questão, machismo é a ideia de que existe uma superioridade do homem sobre a Mulher. Cria-se, pois, a falsa ideia do homem com um maior poder social que o leva a ocupar os mais importantes cargos, a ser maioria na política, a ter os melhores salários; e resta à Mulher, apenas, obedecer. No entanto, à Mulher e a toda a sociedade, cabe a função de desconstruir esse falso paradigma.

Diante do exposto, é possível ver a luta de um movimento, algumas conquistas e a morosidade no entendimento acerca dessa luta pela população. É relevante pensar em uma Mulher enquanto brasileira, paraense e amazônida e refletir sobre tudo isso. É proeminente ponderar as possibilidades e as impossibilidades que essa Mulher apresenta e representa diante de um contexto maior. Também, devemos considerar os modos como se organizam, trabalham, vivem (ou sobrevivem) em meio a uma realidade tão distinta dos grandes centros do Brasil.

### 3. Uma outra economia é possível

#### 3.1 Economia Solidária, Bem Viver e Educação

*“Gente quer comer  
Gente quer ser feliz”.*

A economia solidária “surtiu historicamente como reação contra as injustiças perpetradas pelos que impulsionam o desenvolvimento capitalista. Foi assim desde a primeira revolução industrial e continua sendo hoje” (Singer, 2004, p. 11). Tal economia vem como uma maneira de desempenhar lutas históricas dos trabalhadores e teve início no século XIX, em forma de cooperativas, sendo estas consideradas um modo de resistência frente ao crescimento do capitalismo industrial.

É apresentado como origem histórica da economia solidária o seu surgimento pouco antes do capitalismo industrial, uma vez que foi reflexo de um significativo empobrecimento dos artesãos provocados pela propagação das máquinas e de um modelo de produção organizado para funcionar de acordo com tais instrumentos. O primeiro Estado a se transformar em um proletariado moderno foi a Grã-Bretanha, onde ocorreu uma expulsão em massa de camponeses dos domínios senhoriais.

Ocorre que a exploração nas fábricas era desumana, sem limites legais; o que poderia causar uma ameaça era “a reprodução biológica do proletariado”. O autor relata, ainda, que “as crianças começavam a trabalhar tão logo podiam ficar de pé, e as jornadas de trabalho eram tão longas que o debilitamento físico dos trabalhadores e sua morbidade e mortalidade impediam que a produtividade do trabalho pudesse se elevar” (Singer, 2002, p. 24).

A economia solidária surge no Brasil, no término do século XX como revide por parte dos trabalhadores frente às novas maneiras excludentes e exploratórias em relação à mão de obra, acarretando um crescente número de pessoas desempregadas. Muitos desses trabalhadores foram obrigados a aceitar precárias condições de trabalho para garantir seus empregos e, naturalmente, com isso, ocorreu uma grande perda de direitos sociais.

No entanto, diante da crise, surgem novas formas de organização de trabalho e consequentemente encontram alternativas para garantir seu sustento. Como acenam as autoras Santos & Carneiro (s.d.), “a flexibilização e a precarização do trabalho vigente na sociedade contemporânea tem sido novo impulso dado ao desenvolvimento de formas diversas de sobrevivência econômica que se desdobram em formas associativas e cooperativas, como a economia solidária” (p. 8).

Ao contrário da solidária, a economia capitalista vai, de modo constante, em busca do

máximo de lucro possível pensando no individual e nunca no coletivo. Smith (1983) expressa bem essa máxima capitalista quando defende que o indivíduo vai sempre ao alcance de meios de aplicações mais lucrativas para o capital que possui, prestigiando a vantagem própria e nunca vantagem para toda a sociedade.

No Brasil, a Constituição Federal trouxe garantias adquiridas que, com o estado democrático de direitos, “o cidadão, independente de sua camada social, tem direito de participação na tomada de decisão, especialmente, voltada à gestão governamental. Um dos componentes para o exercício desse direito é a liberdade de reunião e associação pacífica, garantida constitucionalmente” (Pozzer, 2010, p. 33).

Após o período ditatorial e com a chegada da Carta Magna de 1988, o Brasil fica estabelecido como um país Democrático de Direito, tendo como um dos seus princípios a participação popular na sua gestão, seja na questão social, seja no direito a voto, seja na questão econômica, seja no direito à liberdade de associação ou direito à propriedade.

O artigo 5.º da Constituição Federal do Brasil assegura o direito à liberdade das associações:

Art. 5.º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;

XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;

XIX - as associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado;

XX - ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

XXI - as entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados judicial ou extrajudicialmente (Constituição da República Federativa do Brasil, 2016).

O artigo 5.º, em seus incisos XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, da Constituição Federal



brasileira versa acerca da liberdade constitucional de associação, um importante e fundamental direito que vai permitir que o cidadão comum tenha a possibilidade de associar-se em busca das mais diversas finalidades em conjunto com outras pessoas, uma maneira de se tornar mais forte diante dos desafios de uma vida em comunidade.

A economia solidária compreende diferentes tipos de instituições, isto é, associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. Estas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver (Singer, 2001, p. 105).

O capital motiva capital; e o proprietário de empreendimento pode até não o possuir em espécie, mas ele tem crédito para obter mais dinheiro. No momento da concessão de um crédito, algumas questões são levadas em consideração, como um diploma, os vínculos familiares, o local de residência. Essas são maneiras de dizer que se faz parte de uma classe considerada *superior*: “aos *outsiders* ficam abertas as portas em algumas competições, em que o talento individual conta mais que o capital: o meio artístico, a ciência, o esporte, as artes performativas e, sobretudo, algumas posições nos meios de comunicação de massa” (Singer, 2001, p. 104).

A economia solidária, por sua vez, vem mostrar outro modo de produção, que tem como princípios básicos a propriedade coletiva ou associada do capital, e garante também o direito à liberdade individual (Singer, 2002, p. 10).

Ademais, Acosta (2016) nos dirige a um novo pensar, mostrando que — frente a uma “derrocada financeira internacional”, visto que essa derrota é tão somente um dos aspectos de um colapso ainda maior para a civilização humana — faz-se necessário edificar maneiras de vida distintas da regida pelo capital que tem como centro a acumulação do capital. É nesse contexto que o *Bem Viver* consolida-se sobre um novo olhar segundo o qual o lucro e o acúmulo de capital não são o mais importante:

O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. Os indígenas não são pré-modernos nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta (Acosta, 2016, p. 24).

Com as diversas e constantes crises econômicas que assolam não só países da América Latina, mas o mundo como um todo, suscitam-se grandes choques em todas as regiões, geradas, sobretudo, pelas várias mudanças nas organizações que, conseqüentemente, afetam a economia local.

A ideia de desenvolvimento econômico neoliberal — vendido como um conceito positivo de bem-estar baseado no consumo desenfreado dos recursos naturais — leva a América Latina ao debate e à ideia de Bem Viver (Lacerda & Feitosa, 2015).

O Bem Viver, segundo Acosta (2016), concretiza-se como uma empreitada *descolonizadora* e também deveria ser *despatriarcalizadora*, uma vez que, para cumpri-la, será particularmente necessário um processo de descolonização intelectual nos âmbitos político, social, econômico e, claro, cultural (p. 72).

Nessa perspectiva, afloram-se novas formas de organização social na presença de recentes conjecturas acerca do colapso do capitalismo, o que gera novas proposições diante de uma organização da sociedade. Consoante Brasil & Brasil (2013), “esse exercício tem sua validade não pelo propósito de tentar antecipar o que virá, mas como estratégia para se enxergar e compreender as propostas e experiências que já estão postas e que se orientam por valores e práticas anticapitalistas” (p. 94). Ao ser entendida como uma “outra economia”, a economia solidária possui muita semelhança com os mais diferentes movimentos sociais que partilham das mesmas ideias — tais como a luta pela igualdade, a busca pela democracia e a questão ambiental (sustentabilidade), que são pontos muito importantes e, mesmo frente a lutas em comum, mantêm suas próprias identidades.

Vale ressaltar a execução de políticas públicas voltadas a uma economia solidária pelo Governo Federal nos recentes governos populares de Luís Inácio Lula da Silva (1.º de janeiro de 2003 – 31 de dezembro de 2011) e de Dilma Vana Rousseff (1.º de janeiro de 2011 – 31 de agosto de 2016), que tiveram suas táticas voltadas para a geração de renda ou de assistência social, porém não foi discorrida como uma tática apropriada para gerar o Bem Viver no território brasileiro (Medeiros, 2018).

São muitas as semelhanças entre economia solidária e o Bem Viver, porém é mister salientar que o Bem Viver se torna parte da constituição do Equador e da Bolívia a partir dos anos de 2008 e 2009, respectivamente. No caso do Brasil, a economia solidária ainda luta por um marco jurídico, pois, posto que alcance grandes parcerias com políticas públicas, essas conquistas ainda são insuficientes e necessitam imperiosamente de um posicionamento da administração no âmbito federal do governo brasileiro. Sobre isso, os autores Brasil & Brasil

(2013) declaram que “o debate conceitual sobre economia solidária e bem viver deve ser cada vez mais aprofundado, tratado de forma sistemática em diferentes arenas e pautado nos fóruns, empreendimentos e espaços de formações” (p. 99).

É na crise — dentre as quais se destaca o grande número de desempregados e consequentemente um considerável aumento de trabalhadores informais — que as atividades econômicas padecem de transformações. No entanto, tais variações no cenário econômico não ficam limitadas ao modo de produção; elas influenciam diretamente na questão social, o que leva a sociedade para uma variação de conduta resultando em uma certa competitividade entre trabalhadores e em uma tendência para o trabalho individual, assim como em um enfraquecimento nas políticas sociais, dado que, no Brasil, foi imposta à grande parte da população a errônea ideia de que políticas sociais e políticas afirmativas (cotas para afrodescendentes ou o Bolsa Família, por exemplo) são tidas como privilégios, e não como um direito legítimo para os mais necessitados.

Trata-se, pois, de uma questão política e não de uma questão meramente técnica. É necessário olhar o mundo por um prisma mais comunitário, pelo qual podemos *sonhar* e, sobretudo, realizar um mundo melhor para todos (Acosta, 2016).

É de grande valia ter em foco o que aponta Gadotti (2009), quando se remete à economia solidária como algo que não se sintetiza a um artigo (um produto). Tal economia é um preceito, mais que um empreendimento solidário; é uma ideia, um conceito, uma economia que se preocupa com a questão ambiental, contrária ao trabalho infantil; valorizadora da cultura local sempre em busca da cidadania, da igualdade social e do equilíbrio na demanda do gênero, tudo através de relações comerciais justas.

Gadotti (2009) complementa com a ideia de que “a economia solidária envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. Por isso a economia solidária está estreitamente ligada à educação transformadora e à democracia econômica” (p. 24).

É sabido que a Pedagogia, importante instrumento da educação, é encarregada de analisar a educação como um fenômeno social, partindo-se desta premissa: “o que se ensina, como, para que e para quem se ensina”. A Pedagogia é composta por momentos, isto é, por processos históricos educacionais de um povo, uma justificativa fundamental que vai fazer uma análise educacional dentro e fora da escola, “a contextualização social, econômica e cultural, os valores e/ou princípios dos sujeitos da ação educativa, isto é, tudo que se estuda e se aprende tem repercussão na vida social, econômica e política de uma dada sociedade” (Medeiros, Lilaça & Dubeux, 2018, p. 64).

Logo, o exercício de uma economia solidária está ligado a uma modificação no âmbito cultural, algo que só a educação pode fazer. Há uma ligação entre a economia solidária e a formação cultural, já que “a eficiência econômica está ligada não só a valores econômicos, mas também a valores culturais das práticas solidárias” (Gadotti, 2009, p. 33).

Em tempos difíceis, como o que se vive hoje no Brasil, é notória a importância de movimentos sociais, de associações, de cooperativas atinentes ao bem comum e à luta por direitos. O referido artigo 5.º da Constituição brasileira e seus incisos dão legitimidade à construção de uma associação de Mulheres como o MOEMA, que debate pautas como economia solidária — o que nos remete ao assunto como algo utópico, no sentido de que uma nova economia é possível. Assim, a consolidação do projeto leva como importância os valores e práticas, nada comuns, no espaço em que as Mulheres habitam, fazendo a diferença naquele ambiente, pois Elas atuam socialmente com o fito de gerarem uma economia solidária organizada enquanto associação na comunidade local.

O Bem Viver vem mostrar que “a utopia andina e amazônica se manifesta no discurso indígena, em seus projetos políticos e em suas práticas sociais e culturais, inclusive econômicas” (Acosta, 2016, p. 65).

Como cultura, o Bem Viver aparece com diversos nomes e multiplicidades e tem sido experimentado e vivido em vários lugares e em diferentes momentos e regiões do mundo (Mãe Terra) — como o *ubuntu*, na África do Sul; e *svadeshi*, *swaraj* e *apargrama*, na Índia (Acosta, 2016).

O tema economia solidária vem recebendo grande atenção por parte dos estudiosos, salientando-nos a importância deste trabalho: Brasil & Brasil (2013) em “Economia Solidária, bem viver e decrescimento: primeiras aproximações”; Reis, Nascimento, Felizardo, & Santos (2015) em “Agricultura Familiar e Economia Solidária: a experiência da Associação MUTIRÃO, na região do Baixo Tocantins, Amazônia Paraense”; Souza (2009) em “Empreendimentos de economia solidária e desenvolvimento local sustentável na Amazônia paraense: fatores que influenciam para o desempenho de cooperativas de produção”; e Brasil (2007) em “Mulheres, desenvolvimento local e sucesso: As feirantes em Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda”.

Os autores e trabalhos citados serviram para conhecer e para apreciar aquilo que vem sendo desenvolvido em termos de pesquisas e de seus resultados na região em que a presente dissertação foi constituída, Belém do Pará. Esta é uma maneira de ver como a economia solidária está sendo tratada e sendo desenvolvida na Região de estudos da pesquisa.

A pesquisa proposta por Brasil & Brasil (2013) sugere apresentar e relacionar os

conceitos de economia solidária, de bem viver e de decrescimento; bem como explicar e discutir suas semelhanças e suas especificidades; além de investigar como é possível encaminhar-se para uma sociedade melhor.

Reis *et al.* (2015) exibem a experiência de agricultores familiares que se articularam a partir do momento de implementação do Projeto MUTIRÃO, na região do Baixo Tocantins, estado do Pará, o qual, por meio de sua organização, visa a melhorar a qualidade de vida das pessoas na localidade.

Os apontamentos de Souza (2009) mostram uma pesquisa que analisa o cooperativismo sob a ótica da economia solidária e do desenvolvimento sustentável local, um estudo de caso dentro das cooperativas de produção no estado do Pará.

Brasil (2007) propôs analisar as políticas públicas de geração de renda para mulheres feirantes de Belém e sua forma de produção, através de um estudo de caso do projeto Fundo Ver-o-Sol, baseado na observação da realidade com ênfase nas contradições e nas mudanças da sociedade. Em suma, a pesquisa trabalhou a relação mulher, gênero e desenvolvimento.

O Fundo *Ver-o-sol* foi criado pela Lei Complementar N.º 1/97, de 20 de outubro de 1997, que “institui o fundo municipal de solidariedade para geração de emprego e renda ver-o-sol, cria o conselho municipal do trabalho e desenvolvimento econômico social e dá outras providências” (Lei complementar nº 1/97, de 20 de outubro de 1997).

Diante de tudo, é também da crença em que uma nova economia é possível que o MOEMA busca se desenvolver. O pensamento de Singer (2004) corrobora esse preceito assinalando que “a economia solidária não pretende opor-se ao desenvolvimento, que mesmo sendo capitalista, faz a humanidade progredir. O seu propósito é tornar o desenvolvimento mais justo, repartindo seus benefícios e prejuízos de forma mais igual e menos casual” (p. 11).

A economia solidária exhibe a importância da solidariedade quando percebemos que, no sistema capitalista, a *arma* das pessoas pobres, carentes de capital, é a solidariedade (Singer, 2001).

Acosta (2016) dirige que “outro mundo será possível se for pensado e organizado comunitariamente a partir dos Direitos Humanos – políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dos indivíduos, das famílias e dos povos – e dos Direitos da Natureza” (p. 26). E, como sustenta Freire (1997), “não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (p. 10).

## 4. Movimentos Sociais e Cidade Educadora/educativa.

### 4.1 Movimentos Sociais

*“Gente quer respirar ar pelo nariz  
Gente deste planeta do céu  
De anil”*

Existimos em uma sociedade diversificada e em mudanças constantes. As pessoas que fazem parte de uma coletividade atestam diferentes realidades, principalmente em um país tão múltiplo, como o Brasil, e em um contexto tão específico como a Amazônia brasileira, a cidade de Belém do Pará. Desse modo, é necessária uma representação em todos os contextos que fazem uma sociedade (político, econômico, educacional, social, ambiental *etc.*).

É nessa conjuntura que vemos a imperiosa organização de grupos para lutar por aquilo que muitas vezes é negligenciado pelo Estado e pelos representantes políticos de um povo, eleitos democraticamente. A partir desse contexto, os movimentos sociais se tornam uma importante ferramenta de intervenção social.

Para o presente trabalho, usamos o conceito de Gohn (2000), que entende Movimentos Sociais como

ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (p. 13).

Os movimentos sociais são típicos de uma sociedade diversa *edificada* à volta de interesses (individuais ou coletivos). Por conseguinte, é importante contemplarmos que uma organização de sujeitos em prol de uma causa é algo positivo e socialmente de muita valia, pois esta vai em busca de seus interesses junto aos representantes que os cidadãos escolheram para lhes representar.

A Igreja Católica é parte importante na formação dos Movimentos Sociais na Amazônia brasileira. Muitos religiosos atuam e atuaram na Amazônia com uma finalidade de

estímulo para uma melhor articulação em busca de direitos, como refere Lacerda (2013), “a estruturação de formas de mobilização social na Amazônia está diretamente ligada às gestões de padres e bispos inspirados pela Teologia da Libertação” (p. 157).

Diante desse tema, podemos pensar a pobreza como um fato de difícil compreensão, que, de maneira geral, pode ser compreendida em um cenário no qual as carências não são deferidas de modo apropriado, de sorte que, para “operacionalizar” essa informação espaçosa e ao mesmo tempo vaga, é fundamental identificar quais são as necessidades e em que grau se considera apropriado para determinada realidade de acordo com seu contexto socioeconômico (Rocha, 2011). Nesse contexto, faz-se mister uma nova concepção diante do *pobre* e do que causa a pobreza; e, adjacente às ciências sociais, fazer as críticas a essa realidade.

A Teologia da Libertação (TL) foi proposta como uma maneira de oferecer “fundamentação teológica” às lutas políticas, ou seja,

é uma reflexão crítica sobre a práxis. Essa reflexão começa com uma crítica ao conceito de pobre e de pobreza, pregado pela Igreja aos seus fiéis. O pobre deixa de ser visto individualmente (como infeliz, sofredor, pobre de espírito) e passa a pertencer a uma coletividade social (os oprimidos, empobrecidos pelo sistema), superando assim, a filosofia personalista. Para o teólogo o “complexo mundo do pobre não inclui só o socioeconômico, mas uma forma (modo) de viver” Na América Latina, a opressão se manifesta também como uma “destruição” cultural, étnica e de gênero (Santos, 2006, p. 20).

A história nos mostra a histórica existência de movimentos sociais, que consistem em “forças sociais organizadas, que aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais” (Gohn, 2011, p. 336). A autora complementa com a ideia de que o conhecimento e a experiência de que são dotados não vêm somente do passado, pois a vivência é algo recriado todos os dias diante das circunstâncias, porém é importante ter em mente as memórias passadas para dar “sentido às lutas do presente”.

Os movimentos organizados tecem atos em prol de uma representação mais forte em vista de seus anseios frente à luta por seus direitos, o que acaba por pressionar o Poder Público. Essas ações são apresentadas de várias maneiras, como um abaixo-assinado, uma

passeata, uma marcha, uma associação, uma participação em um fórum *etc.*

O ser humano, ao perceber sua condição como parte importante na formação de uma sociedade, torna-se agente-autor diante de sua história como um “sujeito da história e sua capacidade de agir no mundo, situando-o como um ser social com a coletividade, possibilitando a construção de histórias de interações e de transformações da realidade” (Stênico & Paes 2017, p. 51). As autoras apontam dois importantes movimentos sociais brasileiros atuantes no país desde a sua criação até aos dias atuais: o Movimento dos Sem-Terra (MST), que luta pela reforma agrária e atua com a realização constante de marchas, de ocupações e de outras formas de pressões ao governo; e os Movimentos de Mulheres que pelejam, entre outras coisas, pela igualdade de gênero e pelo fim da opressão exercida sobre o gênero feminino.

Quanto à questão dos Movimentos Sociais e ao percurso proposto por vários pesquisadores para observar os estudos desenvolvidos sobre os Movimentos Sociais na Amazônia brasileira e em várias regiões do Brasil, analisamos aqui os seus resultados para auxiliar no desenvolvimento da dissertação elaborada dentro de um grupo de Mulheres, o MOEMA. Após um escrutínio minucioso, indicamos como fundamentais os estudos de Gohn & Milhomens (2018) em “Movimentos Sociais e Amazônia: da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade”; de Lacerda (2013), em “Movimentos sociais na Amazônia: articulações possíveis entre gênero, religião e Estado”; e, por fim, de Gohn (2008 e 2011), em “O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias” e em “Movimentos sociais na contemporaneidade”.

O trabalho desenvolvido por Gohn & Milhomens (2018) propõe uma análise histórica acerca do nascimento dos movimentos sociais na Amazônia brasileira; assim como um levantamento dos últimos cinquenta anos de 1960 até a primeira década dos anos 2000 — elucidando que os as políticas governamentais têm uma ligação notável com o surgimento de diversos grupos e de movimentos sociais na região.

O artigo discutido por Lacerda (2013) sugere debate acerca do papel dos movimentos sociais na Amazônia e de seus argumentos de formação estabelecida com o Estado, asseverando que o início desses movimentos se deu a partir da iniciativa da Igreja Católica e de sua Teologia da Libertação. O autor também enfatiza que a rodovia Transamazônica apresenta importância no processo de sua trajetória histórica diante das mobilizações sociais marcadas pelo engajamento e pela organização, quando buscavam melhores condições de vida e cobravam seus direitos ao Estado. A articulação feminina é mostrada como consequência de uma ação católica na região.



Gohn (2008) tem como objetivo realizar uma investigação das últimas décadas na construção da cidadania brasileira, dentro de um processo de participação como sociedade civil nas esferas populares por meio dos movimentos sociais, das organizações não governamentais (ONGs), dos associativismos, dos fóruns, dos plenários e dos conselhos populares; logo, a demonstração da cena atual da mobilização social no país.

A autora Gohn (2011) trabalha ainda as particularidades e os exemplos dos movimentos sociais latino-americanos, porém tem como foco os movimentos sociais no Brasil na atualidade e a relação entre movimento social e educação, defendendo os vários espaços propícios à educação, e não somente a sala de aula tradicional, ou seja, um olhar amplo para o entendimento de educação e um caráter educativo diante da participação social — uma vez que geram muitas vezes necessidades de diálogos, de confrontos e de negociações junto a órgãos públicos.

É vital que a luta desenvolvida nos movimentos sociais se faça presente em todos os espaços em busca de autoafirmação de luta tanto para procurar quanto manter direitos. A cidade é um ambiente social acalorado, ou seja, algo a ser usado como um recinto vivo, social, cidadão e democrático. Nesse contexto, Gadotti (2005) alude o valor que a cidade recebe, o poder de carregar os movimentos tanto quanto educadora como enquanto companheira das lutas sociais. “A cidadania precisa controlar, na cidade, o Estado e o Mercado, perseguindo a utopia das cidades justas, produtivas, democráticas e sustentáveis que são aquelas que conseguem romper com o controle político das elites locais” (p.7). O autor faz menção, ainda, ao orçamento participativo, que já é algo comum nos governos populares no Brasil.

Seguindo essa lógica, o orçamento participativo em cidades com tantas peculiaridades — como é o caso das cidades da região amazônica — é de suma importância, pois requer um olhar mais singular diante das questões climáticas, sociais, culturais e ambientais. Devemos considerar a cidade em que se habita, suas particularidades e sua cultura; dessa maneira, fica mais fácil alcançar o contexto em que se está inserido. Encontrar a semelhança existente nos espaços públicos, “especialmente as associações de moradores, e a promoção da cidadania (participação democrática) é entender o próprio exercício dos direitos do cidadão e sua participação na tomada de decisões. Além de compreender a sociedade como campo de interações e conflitos” (Pozzer, 2010, p. 33).

Trata-se, portanto, de uma educação que vem de fora do ambiente formal de educação como uma produção de conhecimento de um novo mundo, um olhar contemporâneo para a educação e a importância dos Movimentos Sociais para essa jovem visão, pois “falar sobre

aprendizagem e saber, fora das escolas do sistema regular de ensino de um país, implica em participar do amplo debate epistemológico sobre a produção de conhecimento no mundo contemporâneo” (Gohn, 2014, p. 35).

Em um olhar etimológico, Tesser (1995) nos oferece o conhecimento sobre a epistemologia como discurso acerca da ciência, a junção de *episteme* e *locos*, ou seja, como derivados das várias ciências, uma suposição do conhecimento: “o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desempenho, de seus produtos intelectuais. A epistemologia é o estudo do conhecimento” (p. 92).

O conhecimento não pode ignorar o poder natural que a cidade tem de educar — a educação que surge na rua, que vem de fora do contexto formal de educação, que está presente dentro de Movimentos Sociais, das organizações não governamentais, das associações de bairro, de grupo de jovens e tudo mais que as pessoas criam para uma melhor maneira de se organizar enquanto cidadãos. Essas organizações também são produtoras e detentoras de conhecimento e merecem ser consideradas como tal. Toda forma de educação deve ser respeitada — dentro dos muros de uma escola, no laboratório de uma universidade, no banco de uma praça ou em uma associação de Mulheres.

#### **4.2 A educação que vem das ruas.**

“*Gente é o lugar...*”.

Freire (2018), em seu livro *Pedagogia da autonomia*, escreve de maneira viva um interessante conceito de educação: “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p. 96). Diante do exposto, é importante conceber a educação como um fenômeno diverso e um ato político; portanto, devemos associá-la ao contexto histórico, conforme também defende Gadotti (2005):

A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade (p.1).

Em conjunto com a lei maior, isto é, a Constituição Federal do Brasil (1988), o

Estatuto da cidade (Lei 10.257 de 2001) apresenta uma inquietação com a função das cidades, de acordo com o que discursa o *caput* do Artigo 182 da Constituição Federal: “A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes”.

Diante das inquietações e das divergências, Gadotti (2012) nos alega que “é na prática social que superamos nossas divergências teóricas” (p. 3).

O Parágrafo único do artigo 1.º do Estatuto da Cidade reza que,

para todos os efeitos, esta Lei, denominada Estatuto da Cidade, estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental (Estatuto da Cidade, 2008, p.15).

O Estatuto estabelece normas em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, e até do equilíbrio ambiental, porém são muitas as críticas quanto ao efetivo uso desses direitos pelos habitantes das cidades. A importância de o cidadão conhecer tais legislações é primordial às suas efetivações, uma vez que o indivíduo pode cobrar seus direitos. Nesse contexto, notamos a importância da educação social, ou seja, da educação que vem da cidade quando organizada em forma de dar voz na administração participativa do meio em que o cidadão está inserido.

A cidade educa, e para muitos é sua maior escola, muitas vezes sua única escola. É muito valoroso ter noção de que a educação não é exercida somente dentro da sala de aula. Faz parte do ato de educar realizar o que as Mulheres do MOEMA fizeram: uniram-se e constituíram uma associação de bairro para juntas buscarem uma melhor condição de vida no espaço em que vivem.

Consoante Gadotti (2005), a cidade educa e pode ir muito além de suas funções; para isso, esta precisa promover um protagonismo comum:

Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa, quando, além de suas funções tradicionais econômica, social, política e de prestação de serviços – ela exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. Para uma cidade ser considerada educadora ela precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos e de todas (p. 6).

Em contraste, é clara a precariedade e a carência de políticas públicas destinadas às Mulheres — como o direito à saúde, à educação, ao transporte e ao lazer —, às quais “acarretam maiores dificuldades no cotidiano laboral dessas mulheres. Assim sendo, destacamos a necessidade de valorizar a perspectiva de gênero no trato das políticas públicas urbanas, de maneira a viabilizar melhores condições de vida e direito democrático à cidade” (Pelegriño, 2011, p. 239).

Para Dietzsch (2006), a cidade não é somente uma paisagem geográfica; essa deve ser daquele que a habita, ou seja, o cidadão, uma vez que se oferece como “um símbolo inesgotável da existência humana” (p. 734). A cidade é muito mais que um mapa, pois ela é detentora de muitos significados, uma escrita que acaba por sugerir outras leituras por intermédio de suas imagens e de seus sentidos:

Valorizar a cultura e promover a educação é fortalecer a urbanidade que abriga o cidadão. O direito à cidade pressupõe a cidade de direito, institutiva da cidadania. Nesse sentido, ler e ensinar a cidade tem aqui o significado de buscar entendê-la como uma construção humana que pode ser falada, escrita, reescrita, escutada, imaginada e projetada, em uma complementação flexível de linguagens e na interação de discursos passados e presentes (Dietzsch, 2006, p. 734).

A cidade é rica em ensinar e em informar, o que a torna mais atraente quando nos damos conta disso. Mas a verdade é que esse poder de educar tem ficado esquecido mediante tanta violência contra o cidadão (violência física ou a violação dos direitos) e também violência contra o patrimônio público. É interessante notar que a cidade educa mesmo quando não nos damos conta disso.

O meio urbano transborda educação quando oferece atividades culturais; incentiva o associativismo ou o cooperativismo local; disponibiliza espaços para a comunidade se reunir e realizar uma reunião, ou até mesmo para uma feira de artesanato; disponibiliza uma rua para uma festa junina (festa popular realizada no mês de junho, que celebra os dias de santos como São João, São Pedro, Santo Antônio, com danças, músicas e comidas típicas de cada região do Brasil), para um ensaio de uma escola de samba (agremiação organizada que realiza competição apresentando arte, dança e samba — ritmo musical brasileiro —, no período do carnaval, através de desfile nas ruas) ou para um jogo de futebol (esporte mais popular do país).

É desta maneira que a cidade educa: esta propicia a qualidade de vida dos seus

cidadãos por meio de uma vida em comunidade. Fernandes (2009) sustém várias maneiras de estímulo e de motivação para uma educação vinda através da cidade:

Isso implica em formas variadas de inter-relação e interação entre os sujeitos, promoção de sociabilidades e socializações, entre o que está disponibilizado para consumo e para desfrute, entre o que exige participação e produção mais ou menos ativa e dinâmica, em uma infinidade de estímulos e motivações. Desse modo, centros cívicos, zoológicos, bibliotecas, centros culturais e recreativos, museus, praças, parques, shoppings, monumentos, arquitetura, escolas de samba, movimentos populares e de rua ligados a música, a dança, as artes... podem ser espaços ou locais de promoção e geração de educação para públicos de diferentes idades, grupos sociais, etnias *etc.* (p. 59).

A cidade deve ser vivida enquanto parte do indivíduo e não somente algo que acaba passando despercebido e engolido pelo medo da violência ou pela rotina do dia a dia. Melo (1997) nos remete ao poder e ao papel muito importante que os municípios têm que vai da educação à infraestrutura, “devendo, para isso, saber introduzir ou reforçar na vida das localidades a democracia cultural: organizando o intercâmbio e a cooperação entre todos os parceiros do desenvolvimento e incrementando a participação dos cidadãos nos mais variados sectores” (p. 96).

Em novembro de 1990, na cidade catalã de Barcelona, na Espanha, aconteceu o primeiro congresso das cidades educadoras, no qual foi elaborada a Carta das Cidades Educadoras, partindo da ideia de que o desenvolvimento dos seus habitantes não podia ser deixado ao acaso. Em 1994, em Bolonha, e, em 2004, na cidade de Génova, na Itália, essa Carta foi revista com o objetivo de “adaptar as suas abordagens aos novos desafios e às necessidades sociais”. A saber, um dos seus princípios reza que

todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida. E para que

isto seja possível, deverá ter em conta todos os grupos, com suas necessidades particulares (Carta das Cidades Educadoras, 2004, p. 4).

Oferecer ao cidadão — criança, jovem ou adulto — garantias para uma vida digna, como saúde, educação, alimentação e saneamento básico, direitos tidos como fundamentais, deve ser encarado com prioridade, de acordo com os princípios supra-anunciados. Assim, a cidade deve ser capaz de oferecer um espaço de convivência justa, segura, pacífica e igualitário.

Em contrapartida, Belém do Pará não faz parte desse movimento de cidades educadoras; todavia, o fato de uma cidade não estar inserida nesse contexto institucionalizado não significa que não ofereça uma educação através de seu espaço e de suas vivências, uma vez que a cidade é naturalmente educadora.

Diante do contexto, Fernandes (2009) nos afirma o surgimento do termo “cidade educativa” como sendo um mundo “de práticas educativas que acontecem dentro e fora das instituições escolares e não-escolares, nesse caso, envolvendo equipamentos e instituições sociais, artísticas, culturais e de lazer e espaços públicos disponíveis no espectro da cidade, em seus centros urbanos e periféricos” (p. 59).

Por sua vez, este tema da cidade educadora pode nos levar a considerar, com Gohn (2014), a importância da educação não formal quando a conceitua como “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (p. 40).

A cidade educa por intermédio da educação não formal, ou seja, aquela que acontece fora do ambiente escolar. E esta é ligada aos espaços da cidade — como praças; parques; campos de futebol do bairro; grupo de capoeira que se reúne na praça; grupo de Mulheres que realiza reuniões para organizar feiras no bairro, na rádio comunitária, no barracão da escola de samba *etc.* A educação não está somente ligada à escola formal ou às universidades, visto que se faz presente nas atividades livres a públicos diversos.

Conforme Gohn (2014), a mídia e o senso comum tratam a educação não formal como uma “não educação” por esta não ser sistematizada em um contexto escolar, dentro de um espaço de escola normatizada. A educação não formal possui um andamento com múltiplas extensões, como a educação voltada ao saber dos indivíduos enquanto cidadãos; ao desenvolvimento das capacidades dos indivíduos; e à capacidade de se organizarem em comunidade em busca de seus anseios comuns de acordo com sua realidade, uma maneira de enxergar o meio em que vive e, dessa maneira, encontrar a melhor maneira para resolver seus

problemas. Trata-se de uma aprendizagem comunitária, que podem ser ordenadas por núcleos pautados por questões de etnias, de gêneros, de idade, entre outras.

Perante tal debate, no que diz respeito à cidade educadora e a temas correlatos, obtemos caminhos percorridos e caminhos propostos por alguns estudiosos desse saber, tais como Oliveira & Dias (2019) em “Espaços Educativos em áreas verdes urbanas: potencialidades do Parque ecológico bosque dos papagaios, Boa Vista, Roraima”; Franca & Bahia (2019) em “Espaços públicos, lazer e cidade: conformação de praças públicas em Belém-PA”; Santos (2016) em “Belém metrópole cultural e criativa da Amazônia: contribuição para a elaboração do plano municipal de cultura de Belém”; e Dietzsch (2006) em “Leituras da cidade e educação”.

Os referidos trabalhos ofereceram um importante auxílio para o desenvolvimento da dissertação, pois baseiam-se em específicos contextos, como o da própria cidade em que está inserida a pesquisa desta dissertação, Belém do Pará; Boa Vista (Roraima), uma cidade da região Norte do Brasil; e a cidade de São Paulo, a megalópole brasileira mais importante economicamente do país. Essa contextualização demonstra as peculiaridades e as semelhanças das regiões do país com dimensões colossais, como o Brasil.

O trabalho desenvolvido por Oliveira & Dias (2019) faz uma análise de como são desenvolvidas atividades educativas na área do Parque Ecológico Bosque dos Papagaios em Boa Vista (Roraima) e da sua contribuição para a difusão das relações de aprendizagem em ambientes não formais de ensino. Os autores defendem o uso do conceito de cidade educadora, de educação ambiental e de áreas verdes — em razão de a cidade situar-se em plena região amazônica.

França & Bahia (2019) identificam alguns acontecimentos marcantes na cidade de Belém do Pará, que tiveram influência na produção e na reconfiguração dos Espaços Públicos, e de modo especial as praças públicas — as quais somente no final do século XIX foram assim chamadas assim e também passaram a fazer parte das práticas cotidianas de uma cidade.

No artigo elaborado por Santos (2016), é apresentada uma proposta para contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém do Pará, através da participação social, da criatividade e da diversidade cultural, fato que objetiva a criação de parâmetros tanto para uma política cultural democrática e descentralizada, quanto para desenvolvimento cultural cidadão.

Dietzsch (2006) desenvolveu um trabalho focado como um modo de existência da sociedade, como um espaço “polifônico” e sua relação com a educação na cidade de São

Paulo. O autor faz alguns questionamentos: “O que é ser cidadão hoje?”, “Quem tem a palavra na cidade moderna?”. Abordando grupos como meninos/meninas que vivem nas ruas da cidade, alunos de escolas da periferia urbana e jovens cantores de *rap*, foi feito um registro das falas e sua separação por categorias: “a cidade imaginada”, “a cidade vista de longe”, “o desencanto da cidade” e “a cidade contestada”.

A localidade tem a força natural de educar quando proporciona um espaço público e democrático para seus moradores; quando tem estampado em seus muros a arte de rua, como grafites; ou mesmo quando acontece uma reunião de bairro ou um ato político. Ela educa quando transborda criatividade por vias de música e de poesia ligadas a seus traços culturais, de modo especial, tão peculiar na região Amazônica. É na cidade que resistem as expressões culturais e artísticas de um povo.

O MOEMA, enquanto parte de uma cidade, educa de diversas maneiras. O movimento tem educação na associação na medida em que ela se propõe a unir-se para melhorar suas vidas e o local onde estão inseridas; une uma comunidade para cobrar um direito; organiza um mutirão (juntar um grupo e realizar o trabalho juntos) para limpar uma praça ou para a realização de um dia alegre, com feira de artesanato e com venda de comidas típicas. A associação educa quando disponibiliza oficina de artesanato (pintura em tecido, crochê, tapetes, bijuterias, empreendedorismo *etc.*).

Pelegrino (2011) nos alude o fato de que ainda há muito a ser conquistado, pois “os desafios ainda são muitos, e recomenda-se assegurar o pleno acesso das mulheres aos serviços urbanos por meio da consolidação da abordagem de gênero na elaboração e implementação das políticas públicas urbanas” (p. 257). Importa considerar que movimentos como o MOEMA ajudam na luta por esses direitos. A autora complementa ainda dizendo: “E, se a luta é por acesso democrático aos bens e serviços coletivamente produzidos, a fala dos segmentos populares, historicamente vulnerabilizados, deve entoar o coro daqueles que sonham com um Brasil diferente e com cidades adequadas à vida humana” (p. 258).



## Capítulo II — Metodologia de Investigação

### 1. Enquadramento metodológico

#### 1.1 Objetivos do estudo e problemática

*“Gente pobre arrancando a vida  
Com a mão”*

A pesquisa foi desenvolvida dentro do MOEMA — Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia —, um movimento de Mulheres, este que acontece no bairro da Marambaia, na cidade de Belém do Pará, Amazônia, Brasil. A pesquisa foi realizada com Mulheres integrantes do Movimento com o intuito de mostrar suas histórias, apresentando conceitos no que diz respeito à luta dessas Mulheres, como economia solidária, movimentos sociais, gênero e cidade enquanto educadora.

Conforme observamos no capítulo anterior, a literatura científica afiança diversidade e vastidão de abordagens a respeito de gênero e de suas vertentes. Ainda assim, o aspeto que aqui nos propomos tratar de uma pesquisa dentro de um grupo de Mulheres, empreendedoras, amazônidas — ligadas a uma economia mais justa e solidária, com um olhar mais humano para a cidade e para a educação dentro de um movimento social — surge neste recorte como uma proposta pertinente e inovadora, dado que abordemos Mulheres amazônidas da periferia de um dos maiores centros urbanos da Amazônia brasileira, Belém do Pará.

Na sequência, delimitamos objetivos gerais e específicos:

#### **Objetivos Gerais:**

- Revelar a história de vida das Mulheres que fazem o MOEMA;
- Apresentar um arcabouço conceitual sobre a Economia Solidária (E.S.) no Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia;
- Demonstrar o perfil e o percurso das Mulheres que fazem o MOEMA e a influência dessa atuação em seus percursos de vida.

#### **Objetivos Específicos:**

- Conhecer as representações das Mulheres do MOEMA sobre a Economia solidária; os movimentos sociais; e a cidade educadora;
- Compreender como as Mulheres lidam com as discussões apresentadas no

MOEMA;

- Conhecer como se constroem as relações de gênero no MOEMA;
- Identificar conflitos e situações de lutas sociais no MOEMA;
- Conhecer as representações que as Mulheres do MOEMA detêm dos direitos e dos deveres enquanto participantes de um movimento.

## **1.2. Paradigma Fenomenológico Hermenêutico**

A investigação insere-se no paradigma fenomenológico hermenêutico, pois cremos ser o mais adequado para trabalhar no presente trabalho. Dittrich & Leopardi (2015) sustentam que a “hermenêutica continua sendo a arte de desvelar e de encontrar a fala significativa, seja no movimento do corpo-criante do ser humano, ou em seu discurso, como objetivação do seu pensar e agir como pessoa” (p. 100). Trabalhar esse paradigma para estudar um grupo de Mulheres empreendedoras, que buscam uma economia solidária, dentro de um contexto de luta constante em um ambiente amazônico e pouco explorado justifica a utilização da hermenêutica. Dittrich & Leopardi (2015) apontam aí que a “busca é tornar o discurso autônomo em relação ao seu autor, pesquisador, professor nas relações de compreensão de um fenômeno para descrevê-lo de modo sistematizado e (co) vivido” (p. 100).

O presente estudo incidiu-se por Mulheres que desenvolvem afazeres que não buscam, somente, a renda, mas uma melhor maneira de viver em comunidade, em meio à cidade que educa à sua maneira, uma vez que é um meio social que requer muita luta, mas também muita sensibilidade, onde notamos um ambiente atrelado a uma questão rica em saberes populares, histórias, vivências, descobertas e, sobretudo, luta:

O nascedouro de uma hermenêutica fenomenológica é o ser humano, corpo-criante, que vive os processos dos fatos, dos acontecimentos de sua existência, que vai se construindo nas diversas vivências, tecidas num mundo de seres, saberes e fazeres. O corpo-criante do ser humano é o fulcro para a percepção e a compreensão de algo que acontece lá fora, no seu meio ambiente, na relação com o outro. O ser humano (no caso da ciência, o pesquisador) é o *lócus* onde a vida acontece e se expressa em pensamento sistematizado — o conhecimento (Dittrich & Leopardi, 2015, p. 100).

É cabível enfatizar que esse fato provoca o surgimento de novos conhecimentos

construídos com base em relatos de Mulheres fundamentados nas bagagens que carregam e erguidos em meios ao seu espaço — na relação consigo, com o outro e com o meio em que estão inseridas.

Amparados no surgimento de novos conhecimentos à luz de noções de mundo, no contexto em que estão inseridas, Sidi & Conte (2017) nos pontuam que, “com essa renovação e revisão dos discursos, o autor da pesquisa consegue estabelecer novamente um diálogo aberto com outros textos e interpretações de mundo” (p. 1950).

### **1.3 Pesquisa Biográfica**

O presente trabalho foi desenvolvido com Mulheres integrantes do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia, com a finalidade de conhecer e de demonstrar qual o percurso de vida das Mulheres do MOEMA e em que medida as suas experiências influenciaram sua forma de ver o mundo.

A investigação foi realizada por meio de uma pesquisa biográfica, uma vez que fazer uso da abordagem biográfica requer uma determinada atitude. Cavaco (2002) informa que tal postura deve ser do “investigador face ao seu objeto de estudo, aos objetivos da investigação e à problemática em questão e é em função destes elementos que tem de optar entre a diversidade de possibilidades que o recurso à abordagem biográfica possibilita” (p. 43).

Trabalhar uma temática que envolva Mulher requer um olhar mais sensível. Quando esta é amazônica, torna-se necessário ainda mais empatia, haja vista que essa Mulher é de uma região peculiar, com acentuados problemas sociais e um alto índice de pobreza, onde políticas econômica e social fazem-se necessárias. Silva & Bacha (2014) nos assinalam que

o crescimento econômico e populacional da Região Norte não tem ocorrido de forma equilibrada e sustentável. Isso pode ser atribuído, em parte, à falta de acesso de boa parte de sua população a serviços de saneamento básico e educação, por exemplo. Apesar disso, há também outras variáveis que influenciam esses resultados. Entre elas, está o acesso às cidades com melhor infraestrutura, que, na maior parte da região, é limitado ao modal fluvial. A carência de infraestrutura de transporte é uma constante para quase todos os Estados da Região Norte, onde existem várias cidades quase que completamente isoladas, cujas populações crescem pouco ou mesmo decrescem (p.171).

Diante disso, podemos perceber a peculiaridade da região estudada e a dificuldade em garantir um desenvolvimento justo no meio em que vivem. Boa parte da população não tem acesso a serviços básicos de saneamento, educação, saúde, transporte público de qualidade *etc.* Dessa maneira, a pesquisa biográfica vai explorar os indivíduos em seus espaços naturais de habitação.

Com o intuito de complementar tal escolha, Ferrarotti (1991) nos expõe a ideia de ir além do clássico, apontando que “a especificidade de método biográfico implica ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida” (p. 172).

Delory-Momberger (2012) certifica que a finalidade da pesquisa biográfica é “explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (p. 524).

A pesquisa foi desenvolvida por intermédio de um contato direto da investigadora com as Mulheres, por meio de entrevista biográfica; e, dentro desse contexto, Delory-Momberger (2012) defende ser a pesquisa biográfica uma das questões mais importantes da antropologia social, aquilo que a autora chama de “Constituição Individual”, e questiona como os indivíduos se tornam indivíduos. Logo, esta motiva novas relações não somente entre indivíduos ou a sua interação com o outro, mas entre o meio em que está inserido e seus contextos históricos, sociais, culturais, políticos *etc.*

Portanto, a pesquisa biográfica se apresenta perfeitamente oportuna no trabalho a ser desenvolvido, pois trata-se de um grupo de Mulheres que se uniram com o propósito de serem mais forte juntas, embora cada uma seja detentora de sua história com a qual chegou ao MOEMA. É de notar as relações desenvolvidas junto ao movimento de Mulheres e, a partir daí, analisar como está essa história: seus “novos capítulos”, seus novos caminhos e novas perspectivas.

Delory-Momberger (2012) legitima a questão da inquirição escolhida quando diz que “a finalidade da entrevista de pesquisa biográfica: apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência” (p. 526). É atraente a maneira como nos demonstra que a pessoa entrevistada relata sua experiência, sua história, suas crenças, seu contexto (histórico-político) atual ou vivido. E isso é a sua construção enquanto indivíduo, o que a autora chamou de “dimensão constitutiva da individualidade”.

Nesse sentido, a pessoa do investigador deve ter um conhecimento prévio e o mais real possível do local e do contexto; a entrevista não tem o intuito de saber separar o discurso exterior do interior, mas perceber as histórias individuais. A relação com o discurso é também designada por “configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular” (p. 526).

O movimento social é um espaço onde podemos ouvir relatos, histórias, vivências. É uma construção de histórias de vidas, uma luta constante por espaço e por direitos, um debate acerca dos acontecimentos que afetam as vidas das pessoas. E uma das coisas presentes nos movimentos sociais é a educação, mesmo que esta passe muitas vezes despercebida em muitos debates.

Amado (2015) defende a definição de educação como

uma caminhada de aperfeiçoamento que os membros de uma comunidade humana realizam com a ajuda e o apoio de outros membros; o aperfeiçoamento e enriquecimento não são, desse modo, somente individuais mas coletivos, devendo produzir mudanças desejáveis *da* sociedade e *na* cultura — muito especialmente na concretização dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, bem como na intensificação de valores essenciais para a convivência, como a compreensão, a tolerância e a amizade entre cidadãos e cidadãs, povos e civilizações (p. 21).

O conhecimento difundido dentro de um movimento social é não somente o individual, mas principalmente o coletivo, e pode levar a mudanças essenciais para uma vida em comunidade — inclusive nos âmbitos sociais e culturais de um povo —, uma maneira de aprender a conviver da melhor maneira possível e entender o seu espaço e o espaço do outro.

Nessa lógica, o espaço da cidade precisa ser visto e vivido com responsabilidade enquanto parte importante de um contexto que envolve pessoas como partes, conforme assinala Fernandes (2009): “Os sujeitos são autores e responsáveis por suas ações e escolhas, com criticidade, reflexão e autocrítica, exercendo seu papel político de sujeitos que participam e intervêm na cidade” (p. 62).

Outra maneira de demonstrar e de justificar a pesquisa biográfica no presente trabalho é o fato de os currículos escolares não estarem adequados à realidade de determinadas regiões do Brasil. O currículo amazônico deve ter suas peculiaridades, uma vez que essa localidade requer uma educação voltada às suas especificidades, enquanto Região Norte e enquanto

Amazônia brasileira. Arroyo (2015) nos mostra que são os movimentos sociais que garantem isso e aponta “para a construção de outros currículos, na medida em que defendem ocupar o latifúndio do saber, as escolas, as universidades, os currículos para plantar e afirmar outros conhecimentos. Para afirmarem-se produtores de outras culturas e valores” (p. 67).

Costa & Oliveira (2017) defende um currículo voltado para a região e para suas peculiaridades: sua fala, alimentação, danças e expressões artísticas.

A ênfase dada à questão cultural nesse processo educacional é muito importante, porque a partir dele o educando estará percebendo que faz parte de um processo social, histórico, cultural. Evidenciar ainda mais o enredo cultural no ensino das escolas públicas seria uma alternativa para estreitar a relação do educando com o aprendizado, ou seja, além dos temas gerais como etnia, religião, movimento artístico etc., tentar situar estes universos diversificados em um contexto regional. Desse modo estaria dando mais fundamentos ao objeto de estudo, no caso a cultura situada em uma dada realidade, em um determinado contexto (p.143).

Um currículo nacional que ignora ou cala as diferenças que coexistem em um país com as dimensões territoriais e culturais que tem o Brasil não abrange as peculiaridades que compõem as realidades amazônicas — por exemplo, sua sabedoria cultural e sua realidade territorial. Logo, é imperioso reconhecer e oferecer políticas voltadas para a realidade e a vivência dos estudantes amazônicos dos campos, dos centros urbanos, das pequenas cidades, das periferias, das comunidades ribeirinhas, dos quilombos e dos territórios indígenas; o currículo não pode estar ligado, somente, a um documento formal, isto é, uma legislação pautada para os ditos centros econômicos do Brasil.

#### **1.4 Entrevista Biográfica**

Tendo o corrente trabalho as temáticas Mulher, Economia Solidária, Bem Viver, Movimentos Sociais e a Cidade enquanto Educadora — temas que demandam certos cuidados quanto à maneira de investigar o entrevistado —, a entrevista biográfica é a mais apropriada, pois oferece uma maior liberdade tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado. Cavaco (2002) corrobora essa assertiva assinalando que a “entrevista biográfica consiste numa narrativa que resulta da análise e tomada de consciência de actos, atitudes e

comportamentos constituinte da história de vida de cada pessoa” (p. 92).

A entrevista de pesquisa biográfica, segundo Delory-Momberger (2012), descortina duas opções de pesquisas em uma dúplici heurística, que vai agir em todos os envolvidos no estudo, seja entrevistado seja entrevistador: “O espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo” (p. 527).

O processo heurístico, nesse contexto, tece grande valia para o desenvolvimento da pesquisa, pois tanto o entrevistado, quanto o entrevistador descobrirão por si mesmos fatos não apresentados no questionário de perguntas proposto. A utilização do termo *heurística* busca demonstrar que a pesquisa cita conceitos científicos e também vivências análogas, o que nos possibilita novos conceitos e novas perspectivas de estudo. Nesse viés, advém uma liberdade de pensamento e de verbalização por parte da entrevistada; desta forma, podemos ver como a Mulher MOEMA enxerga e dialoga sobre determinados temas e até conceitos já existentes sobre determinados assuntos.

Para mais, a entrevista biográfica nos permitiu uma percepção de histórias de vida; de vivências passadas e presentes; e até mesmo de sonhos para o futuro: valores, crenças, conhecimentos e suas regras morais. Segundo reza Pineau (2006),

esse sobrevoo contemporâneo de produções e criações institucionais, representando as histórias de vida em formação, pleiteia, por sua interpretação como indicadoras da gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial, mais do que a de uma simples técnica pedagógica nova. Novas técnicas e abordagens metodológicas, biográficas e autobiográficas aparecem, mas trabalhadas por questões de fundo axiológicas, epistemológicas e éticas (p. 336).

Realizar uma entrevista de cunho biográfico dentro do MOEMA nos leva à possibilidade de abordarmos as informações relatadas pelas Mulheres — como vivências, histórias, olhares, sentimentos acerca dos temas propostos e abordados no decorrer do estudo — por meio de autores do âmbito acadêmico, o que nos levou a um estágio de estudo daquele conhecimento extraído de Mulheres enquanto participantes de um movimento, construtoras de suas biografias de suas histórias.

A entrevista referente à pesquisa biográfica, segundo Delory-Momberger (2012), demonstra que “apreender e compreender é justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua

própria existência” (p. 526).

As entrevistas são importantes aliadas na pesquisa biográfica, as quais nos possibilitarão a escuta de relatos e uma melhor compreensão da influência do contexto em que Elas estão inseridas, além das influências do meio em suas histórias de vidas:

As entrevistas são muito mais do que meros relatos, através delas podemos compreender com uma maior amplitude o contexto do fenômeno estudado, bem como (re)conhecer o mundo em que o entrevistado habita. A hermenêutica contribui bastante na exploração dos conceitos e na interpretação das palavras proferidas pelo entrevistado, garantindo a contextualização e a historicidade para a formulação de novas questões e problemas de pesquisa (Sidi & Conte, 2017, p. 1949).

Seguindo essa perspectiva, podemos fazer uso das interpretações das palavras ouvidas e dos conceitos previamente pesquisados; ou mesmo depararmos com o surgimento de novas possibilidades e de conceitos de acordo com a escuta e com o contexto em que este se formula — sempre levando em consideração o momento vivido, o local em que se habita, o seu contexto e sua maneira de olhar.

## **2. Procedimento metodológico da investigação**

### **2.1 Recolha de dados**

*“Vida, doce mistério”.*

A pesquisa foi realizada com seis Mulheres participantes do MOEMA e os critérios para a seleção foram: (i) tempo de participação (atuação no movimento), (ii) disponibilidade, (iii) frequência nas reuniões e em eventos desenvolvidos pelo MOEMA e (iv) Mulheres que são denominadas *amigas do MOEMA*, que são pessoas que já participaram como integrantes e hoje são apoiadoras ou mesmo que nunca participaram diretamente, mas sempre fizeram parte de alguma maneira ajudando e divulgando o movimento.

Lembramos que este trabalho respeita as orientações oferecidas pela Carta Ética para a investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (ULISBOA), considerando a integridade dos participantes e o respeito à coleta e à análise dos dados.

A escolha da entrevista biográfica se deu por estar relacionada à finalidade do estudo,



que tem como objetivos (a) revelar a história de vida das Mulheres que fazem o MOEMA; (b) apresentar um arcabouço conceitual sobre a Economia Solidária (E.S.), sobre os movimentos sociais, sobre o gênero e sobre a cidade enquanto educadora — no MOEMA —; e (c) demonstrar o perfil e o percurso das Mulheres que fazem o MOEMA e como isso influenciou em seus percursos de vida [formulário de entrevista anexo I].

Para tanto, foi adotado um formulário de entrevista semidiretiva, visto que consideramos a mais adequada à pesquisa em pauta, o qual nos permite uma relação mais flexível com o entrevistado, deixando-o livre para expor seu pensamento, como sintetiza Amado (2013):

As questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado (p. 208).

Um questionário de entrevista semidiretiva foi muito oportuno para trabalhar com as Mulheres do MOEMA; este permitiu *colher* suas histórias, suas vivências e seus pontos de vista de maneira livre e sobretudo espontânea. Pudemos, também, perceber suas expressões e até mesmo suas emoções quando contavam, por exemplo, uma história que há muito não relatavam e que já estavam esquecendo, ou mesmo algo que faziam questão de contar. Nessa perspectiva, Amado (2013) sustenta que “a entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informação nos mais diversos campos” (p. 207).

No decorrer da realização do presente trabalho, o mundo passava pela pandemia do COVID-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*); razão que explica a necessidade de algumas adaptações para a continuidade do presente estudo. Uma delas consistiu na realização das entrevistas por meio do aplicativo *Zoom* — aplicativo de videoconferência que apresenta uma boa qualidade de imagem, de áudio e de compartilhamento de tela, e que permite gravar áudio e vídeo; um dos mais usados atualmente no mundo. Frisamos que, em meio aos tempos vividos, essa foi a opção mais viável que encontramos para dar prosseguimento à pesquisa.

A primeira entrevista (anexo A), que denominaremos aqui de “entrevista-teste” ou “exploratória”, adotou um caráter experimental para testarmos o aplicativo a ser usado e o questionário e para equalizar as possíveis alterações, ajustes e o que se fizesse necessário. Porém, a referida entrevista foi de muita valia para o desenvolvimento do trabalho, o que nos

levou ao surgimento da ideia de entrevistarmos não somente as atuais participantes do MOEMA, mas algumas Mulheres que passaram pelo movimento de alguma forma e até hoje mantêm um vínculo — estas chamadas carinhosamente de “Amigas do MOEMA”. Foi uma maneira de alcançarmos um olhar diferenciado, de quem vive o movimento de outra maneira. Então, foram realizadas duas entrevistas com Amigas do MOEMA e quatro com participantes ativas no movimento.

Não foi necessário fazer alterações no questionário de pesquisa aplicado, uma vez que as Amigas do MOEMA são muito presentes no movimento. As entrevistas foram realizadas de maneira individual e em dias diferentes, dependendo das disponibilidades das entrevistadas. Foram entrevistas longas, gravadas através do aplicativo *Zoom*, e as entrevistadas não tiveram acesso ao questionário de pesquisa anteriormente, visto que as integrantes do MOEMA já eram conhecedoras da pesquisa em processo.

As transcrições foram realizadas manualmente, sem auxílio de aplicativos de transcrição; uma opção da pesquisadora, pois foi observado o tom de voz, o olhar, o silêncio, a emoção, um sorriso ou qualquer manifestação de sentimentos. Acreditamos em que, ao ouvir as histórias de vida dessas Mulheres, a maneira como as narrativas foram concebidas, o momento em que essas histórias se cruzam e se mostram tão parecidas quando vividas dentro de um Movimento Social levar-nos-ão a uma análise oportuna.

## **2.2 Tratamento e análise dos dados**

A análise pautada em uma investigação biográfica de um grupo de Mulheres fora realizada por meio de um processo de reconhecimento, de recolhimento e de tratamento de dados de entrevistas semidiretivas aplicadas em seis Mulheres participantes do MOEMA.

Os dados recolhidos e analisados com base em relatos de Mulheres, amazônidas, nortistas, periféricas e participantes de um grupo de Mulheres nos leva a um olhar singular, é perceptível a surpresa ao propor a pesquisa; porém, a surpresa maior é para quem as entrevista, pois se escuta histórias de vida, olhares diferenciados diante do outro, diante da vida em sociedade, da economia, da cidade e da própria maneira de se notarem enquanto Mulheres dentro de um Movimento Social. Essa assertiva equipara-se ao pensamento de Delory-Momberger (2012):

Essa ambição, talvez louca, de atingir as próprias fontes e os modos de efetuação da singularidade individual só pode trilhar os caminhos de uma “hermenêutica da relação” em que o pesquisador empreende, ele também, um “trabalho do sujeito”, tanto quanto o autor do relato, e em interação com ele. Talvez o pesquisador, mesmo quando “armado” de seus modelos e grades, não faça e não possa fazer nada a não ser “contar” por sua vez aquilo que lhe “contam” os relatos dos outros. É pouco e é muito, é o preço de uma ciência “humana” — e é seu tesouro (p. 535).

As informações recolhidas por meio das entrevistas aplicadas em Mulheres — cada uma com sua singularidade, com a sua maneira de ser, de agir, de viver e de narrar — levam-nos a uma interpretação hermenêutica, a uma busca pela compreensão dos comportamentos, das falas e das atitudes, as quais se constituem ações humanas demonstradas tanto pelo entrevistado, na hora de sua fala, quando pelo entrevistador/pesquisador, no momento de transcrever os relatos e as emoções neles contidos. Este foi o motivo de optarmos pela transcrição manual das entrevistas gravadas por meio do *Zoom*: para que, durante a transcrição, fosse possível observar o comportamento, o olhar, o silêncio e o respirar diante das perguntas e das respostas.

As autoras Dittrich & Leopardi (2015) asseguram que “podemos dizer que a hermenêutica é um modo muito peculiar para a compreensão dos fenômenos, resultantes de relações em que os sujeitos envolvidos na pesquisa compartilham vivências baseadas em coparticipação, solidariedade e mente aberta aos seus significados” (p.114).

Além disso, o registro biográfico gerado por Elas no momento das entrevistas é de notável valor para o desenvolvimento da pesquisa, pois fazem importantes ligações com as pautas abordadas. Acerca disso, Cavaco (2015) nos destaca o valor dos sujeitos diante da versatilidade da escrita biográfica: “A análise das narrativas autobiográficas permite compreender a importância que os sujeitos atribuem à reflexividade, destacando que se trata de um ganho conquistado com a elaboração do registro biográfico” (p. 84).

Portanto, a análise dos dados foi feita de maneira cuidadosa. Não foram utilizados aplicativos para transcrição de falas, para que se estabelecesse uma análise bem real levando em consideração as alterações emocionais que aconteciam durante as respostas ali apresentadas. Nas citações das análises, por sua vez, foi procurado respeitar a pesquisa, enquanto biográfica, de sorte que fizemos uso dos relatos longos, exatamente como fora falado, sem grandes interferências a fim de protegermos a linguagem e de garantirmos o protagonismo das Mulheres aqui entrevistadas.

As análises seguiram o guião de entrevista proposto e ligaram-se aos temas abordados no decorrer da dissertação. A cada nova temática, era apontada e trabalhada a questão.

### 1. Histórias Reveladas

#### 1.1 Trajetórias de Vida: uma breve apresentação das entrevistadas

Na breve apresentação individual das entrevistadas, mostraremos, por meio de cada história aqui apresentada, pontos que influenciaram ou influenciam suas trajetórias enquanto Mulheres atuantes em um movimento social, e também como Mulheres em suas vidas de um modo geral; o que levará o leitor da presente pesquisa a um melhor entendimento do contexto estudado à luz do olhar e dos ouvidos da pesquisadora que vos escreve, juntamente a algumas características das entrevistadas. O conteúdo utilizado para descrever estas Mulheres foi retirado das entrevistas realizadas com as participantes do MOEMA.

A apresentação é escrita com uma linguagem singela e regional. Esta representa uma opção da pesquisadora como maneira de desvelar o modo de fala da região estudada. O termo “mana” utilizado em alguns momentos no texto é proposital, pois “mana” é um termo coloquial de chamamento utilizado em Belém do Pará, que denota proximidade, irmandade e amizade, utilizado em variadas ocorrências no decurso das entrevistas.

A foto a seguir exhibe as Mulheres do MOEMA atuando em uma feira no espaço *Hangar* — Centro de feiras e de Convenções da Amazônia.



Imagem 3 — Integrantes do MOEMA em uma Feira no Hangar — Centro de Feiras e Eventos da Amazônia (Fonte: MOEMA — Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia).

Leila é marajoara do Município de Curralinho, Ilha do Marajó, nascida à beira do rio. Filha de pai agricultor e de mãe professora, Leila teve de deixar sua casa aos 10 anos para morar, estudar e trabalhar na capital em um colégio interno (prática comum na região). Mas a pequena marajoara nunca *encarou* essa ruptura como um trauma, e sim como oportunidade. Aos 17 anos, deixou o colégio interno e tentou a vida em Belém; fez vendas, trabalhou em casas de famílias como empregada doméstica, mas o coração da pequena marajoara *falou mais alto*, e Leila voltou para o *ninho*. A menina marajoara precisava acarinhar e ser acarinhada um pouquinho... Leila teve o aconchego da família, trabalhou, casou e teve dois filhos em Curralinho; e foi durante o nascimento dos filhos que se lembrou da preocupação de seu velho pai em relação à educação e resolveu mudar para a cidade de Belém em busca de novas oportunidades. A chegada e a adaptação em Belém não foram fáceis; contudo, Leila trouxe consigo muitos ensinamentos, lembranças e muitos exemplos e logo se juntou a grupos sociais — sendo uma das fundadoras do MOEMA —; essa Mulher sorridente de 49 anos trilhou e está trilhando um lindo caminho. A filha da Dona Helena, dentro do MOEMA, voltou a estudar, é pedagoga está na terceira pós-graduação e divide a vida com seus dois filhos, hoje, dois engenheiros. Leila disse que o MOEMA não passa apenas na vida da Mulher que participa, mas passa por toda família. E em meio a sorrisos e olhos marejados Leila Arruda fala que acabara de ser convidada para ser candidata à vereadora de sua cidade natal, Curralinho, e com uma voz forte e feminina diz que não teve dúvidas ao aceitar o desafio... Vai ter Mulher MOEMA e sangue de dona Helena na política! É, Leila, representatividade importa! Força, mana! Força!

A Lindaura, conhecida entre as amigas como Linda, tem 55 belíssimos anos, como ela mesma descreveu. Ela é a primeira dos quatro filhos do seu Arruda, um homem simples trabalhador da roça, do seringal que sempre disse que *a vida só melhorava com estudos*. E, para mudar a história de sua família, Ela deixou sua casa em Curralinho, Ilha do Marajó aos 12 anos, uma menina, para viver em um colégio interno na capital, de onde saiu aos 21 anos, casada. Não conformada em mudar sua realidade, trouxe seus três irmãos para morar consigo e estudar, e os três saíram de sua casa encaminhados para a vida. Linda nunca trabalhou fora, todavia sempre desenvolveu um trabalho artesanal em casa para ajudar seus filhos nos estudos. E a filha do seu Arruda hoje tem dois filhos Doutores. Parou por aí? Não! Lindaura é uma das fundadoras do MOEMA e disse, em meio a um belo sorriso, que depois do MOEMA virou “rebelde” pois teve coragem de enfrentar o marido e fazer aquilo que gosta e acredita.

Mesmo ouvindo todos os dias que era “burra”, Lindaure fez um curso técnico de enfermagem e se prepara para um superior; atualmente é presidente do MOEMA. Lindaure, durante a entrevista, mostrou preocupação com a política do Brasil e fez questão de ressaltar a importância de estudar; disse que, através do MOEMA, foi se lapidando como um ser humano melhor com solidariedade, amizade e companheirismo e que, às vezes, é necessário corrigir alguns defeitos para poder participar de um grupo. A menina marajoara que deixou tudo em busca de uma melhor condição, ainda é muito viva e faz muita diferença na vida da Lindaure e de todos que a cercam.

A professora Maria José, em sua terra natal. A dona Maria José em outros ambientes. Maria diante das amigas. Apenas *Mamãe* para a dissertante que vos escreve. Maria é a filha mais velha da dona Bebé, Mulher forte e muito respeitada que sustentou sua família trabalhando em um bar, isso mesmo, um bar: imagine uma Mulher ter um bar na década de 1960 em uma cidade no interior do Pará... Quando Maria tinha 14 anos, seu pai fora comprar cigarro e não voltou mais, deixando sua mãe com quatro filhos, um deles com deficiência. Então, desde cedo, Maria ajudava em casa e se dedicava aos estudos e logo foi trabalhar como professora, profissão que exerceu por 35 anos. Maria José foi a primeira da família a ingressar em uma universidade e foi com tanta garra que fez dois cursos, Educação Artística e Ciências da Religião. Além da atividade com o magistério, Maria sempre fez trabalhos manuais e sempre teve uma máquina de costura em casa. Por onde passava, teve envolvimento com movimentos como o Movimento de Casais, Clube de Mães, catequese etc. Maria casou e teve duas filhas; quando sua mais velha entrou para universidade, mudou-se para Belém, onde vive até hoje. Em Belém, Maria, foi buscar os Movimentos Sociais e é uma das fundadoras do MOEMA — foi a primeira presidente do movimento. Maria sempre foi muito respeitada por onde passou, pois é uma Mulher muito à frente do seu tempo, sempre defensora da educação, forte e talentosa. Hoje, no auge dos seus 65 anos, pode-se considerar uma Mulher realizada. Lutadora, a Maria!

Mazane tem hoje 42 anos vem de uma família de grandes Mulheres e desde cedo aprendeu a ser forte, sabemos que o exemplo arrasta. Filha mais velha da professora Maria José e do José Maria, desde nova já demonstrava sua sensibilidade e empatia com o próximo. Mazane, muito serena, sempre se dedicava aos estudos, tanto que, aos 17 anos, ingressou nas duas melhores universidades públicas do estado e logo começa a trilhar seu caminho acadêmico, bem frutífero. Ela é pedagoga e psicóloga, fez pós-graduação e acaba de defender a tese de mestrado pela Universidade de Lisboa, um grande sonho. Mazane é uma típica

Mulher amazônida da região norte do Brasil, lutadora e atuante; sempre abriu caminhos, sempre foi à frente do seu tempo, sempre atuante em movimentos sociais e sempre ligada à luta da Mulher. Mazane fala com carinho que foi quem sugeriu o nome MOEMA ao grupo de Mulheres. Mazane se mostra muito preocupada com as questões política e econômica do país e acredita na educação como instrumento de transformação. A vida de Mazane é dividida com uma doença crônica, sente dores o tempo todo e tem muita energia roubada por conta da doença, mas ela continua firme, lutando, seguindo e sorrindo. Mazane é sempre muito admirada por todos. Não é fácil ser Mulher em um país tão desigual, tão violento... Mana, a gente já nasce destinada a ser forte...

Nazaré foi abandonada ao nascer e foi adotada aos 7 meses por uma família. Por não aguentar a vida difícil e violenta, teve de trabalhar como empregada doméstica aos 10 anos, uma menina, em troca de comida e de roupas usadas. Nazaré não é exceção. Na região Norte do Brasil, temos muitas Nazarés. Nazaré continuou *apanhando*. Ao buscar uma vida melhor, casou-se aos 14 anos, e a menina que sonhava melhorar sua condição foi mais uma vez apunhalada pela “vida” (a vida é boa, mana, a culpa é do sistema) e casou com um homem violento e passou a apanhar ainda mais. Nazaré teve três filhos, porém foi obrigada a deixá-los com o pai e a fugir por medo de morrer, pois era ameaçada de morte o tempo todo. Foram muitas as tentativas de contato com os filhos, mas sempre frustradas e com ameaças. Nazaré continuara trabalhando em casa de família quando a vida lhe sorriu e conheceu o Pena, que olhou para aquela Mulher-menina com amor. Quis o destino que, ao se embalar em uma rede, Nazaré assistisse a uma reportagem do MOEMA na televisão, era só o que ela precisava... Nazaré agarrou a oportunidade com unhas e dentes e descobriu que existem deveres, mas também existem direitos... e hoje é uma grande artesã. Nazaré com a ajuda das amigas do MOEMA aprendeu a conviver com o seu passado, a viver o presente e fazer planos para o futuro... É tão bom sonhar, mana! Sonha! Realiza! E sonha de novo!

Socorro, hoje, conta 59 anos. Ela vem de uma família humilde que deixou o nordeste do Brasil em busca de melhoria de vida. Socorro já nasceu em Belém e é uma apaixonada por essa terra, uma legítima paraense. Socorro dividiu a vida com 14 irmãos, o que a fez aprender a dividir e ser solidária com todos desde cedo, hoje uma característica marcante em sua personalidade. Seu nome é fruto de uma promessa a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que assistiu sua mãe, Dona Mafalda, em um momento de aflição em que a obediência ao marido quase tirou sua filha de seus braços: o pai, por já ter muitas filhas mulheres, disse que daria a criança se fosse mais uma menina, mas o amor falou mais alto e abraçou o coração do seu



Nelson... Socorro sempre foi muito amada... e, mesmo diante de tantas lutas, Socorro foi a primeira da família a pôr os pés em uma universidade e quase foi engenheira agrônoma, porém, por questão de sobrevivência, precisou desistir do curso, conquanto pode se realizar um pouquinho quando formou seu filho. Socorro é rodeada por homens: seu marido e seus dois filhos com quem convive e lhes passa, além de muito amor, sensibilidade. Socorro nunca perdeu a Fé na vida nem o bom humor que muitas vezes se mistura com a emoção de relembrar suas histórias de vida. Socorro é uma Mulher forte e cheia de vida e põe capricho em tudo que faz. No MOEMA, Socorro faz seus produtos e comercializa cheia de vida e de alegria... é muito sensível ao ouvir a história de vidas das Mulheres que fazem o MOEMA. Saber escutar é uma dádiva, mana!

São seis Mulheres participantes do MOEMA que têm muita coisa em comum, muito além do fato de serem Mulheres, amazônidas, lutadoras ou participantes de movimento social. Um importante ponto em comum entre elas é a força e a vontade de fazer diferente.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho biográfica, a pesquisadora considerou pertinente a utilização de relatos grandes e sem muitas interações para prevalecer o protagonismo das entrevistadas, a fim de que a narrativa aconteça e apareça.

## **2. O MOEMA aos olhos e aos ouvidos de Verônica: no olhar e na fala de Leila, de Lindaaura, de Maria, de Mazane, de Nazaré e de Socorro.**

*“Gente, espelho da vida, doce mistério”.*

### **2.1 Percursos**

A infância de algumas Mulheres que fazem o MOEMA não foi algo muito fácil; algumas delas tiveram dificuldades em relatar essa fase de sua vida. A maioria começou a trabalhar ainda crianças e teve seu direito de brincar negado. É muito forte, em seus relatos, a presença feminina da mãe ou de uma avó, Mulheres que inspiraram suas histórias de vida até hoje.

Pensando na questão referente à infância difícil, é importante perceber que, acerca da psicologia do desenvolvimento,

podem-se distinguir, dentro de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto a sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sociocultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas. A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só, coloca a infância no centro da pré-história do desenvolvimento cultural (Vygotsky, 2003, p. 61).

A construção da identidade é composta de acordo com a história de cada um, com todas as suas influências biológicas, familiares e sociais, o que torna clara a ideia de que é necessário levar em consideração tais influências na construção da criança que será um adulto mais tarde; assim como a questão do trabalho infantil — muito presente nos seus depoimentos, sendo que algumas tiveram dificuldades em relatar essas experiências, o que foi perceptível no embargar de voz, no frequente silêncio. A Constituição Federal, lei maior do país, proíbe o trabalho infantil em seu artigo 7:

**XXXIII** — proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos (Constituição da República Federativa do Brasil, 2016).

No Brasil, a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como as Convenções 138 e 182 da Organização Internacional do Trabalho apresentaram o direito da criança e do adolescente a um desenvolvimento digno para sua idade e delimitaram limites de idade para ingressarem no mercado de trabalho, como corrobora o artigo 7, XXXIII — o qual assinala a possibilidade de trabalho a partir de 16 anos, exceto na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos.

Porém, é importante pensar nas causas que levam a criança e o adolescente para o trabalho antes estipulado por lei. Alguns dos motivos são a pobreza, a falta de informação dos pais ou até a ausência deles e a necessidade de ter seu próprio sustento muito cedo. O trabalho de uma criança e de um adolescente ocasiona profundas consequências na vida, como o abalo psicológico, na saúde física, na evasão escolar e nos riscos de trabalho.

Além do fato de ter que trabalhar muito cedo, outro ponto forte foi à influência patriarcal na criação das Mulheres que fazem o MOEMA: em uma lembrança, em uma fala ou em uma declaração consciente:

*“Quando eu nasci meu pai por ter muita filha mulher e só dois filhos homens e um deles tinha morrido... Meu pai disse que não queria mais filha Mulher e que se eu fosse Mulher ia me dar em adoção, sabe? [emoção] aí a minha mãe fez uma promessa para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por isso que meu nome é Maria do Socorro, por causa da promessa que a mamãe fez para o papai me aceitar para ele não me dar porque ele disse [alteração de voz] que se fosse uma mulher novamente ‘eu vou dar em adoção’ porque eu não quero mais saber de filha Mulher [sorriso nervoso]. E aí a minha mãe sofria, ela era daquelas pessoas que obedeciam ao marido e fez a promessa” (Socorro).*

*“Eu me lembro muito que meu pai batia muito em nós, não só em mim como nos meus irmãos... Somos 6 irmãos, quatro mulheres e dois homens. Meu pai batia muito... Ele era militar daquele tempo antigo, então era tudo rígido tudo ali como ele queria, sempre foi como ele queria então eu me lembro muito pouco por que com 10 anos eu sai de lá para ir trabalhar na casa dos outros [empregada doméstica] para tentar sobreviver só para um prato de comida e para ganhar roupas já usadas e assim eu fui vivendo a minha vida e depois muito cedo, aos 14 anos, arranjei logo um marido para mim poder sair da casa dos outros [empregada doméstica] pensando que eu não ia sofrer e sofri o triplo...” (Nazaré).*

Todas as Mulheres entrevistadas são paraenses e a maioria delas nasceu em casa por meio de parteiras. As que não nasceram em Belém mudaram em busca de uma vida melhor e têm idade entre 42 e 65 anos. Elas são todas alfabetizadas e possuem, no mínimo, o ensino médio. As Mulheres que voltaram a estudar após conhecerem o MOEMA fizeram cursos como Enfermagem e Pedagogia, cursos que, no Brasil, são majoritariamente ocupados por Mulheres. A maioria das Mulheres entrevistadas tem ou teve uma ligação com os grupos atrelados à Igreja Católica, algo muito comum na região amazônica.

A renda principal da maioria das entrevistadas vem ou já veio do artesanato:

*“A minha renda é o artesanato” (Lindaaura).*

*“Os trabalhos no MOEMA é a minha principal ocupação porque eu aprendi a costurar, a fazer trabalhos manuais, crochê, costura a Maria José me ensinou me deu o maior incentivo e para me incentivar ela comprou meus primeiros tecidos, as linhas, me ensinou como fazia e eu comecei a fazer e fui tomando gosto, aquela vontade, porque a gente faz um trabalho, vende ganha um dinheiro, a gente fica motivada, meu trabalho tá sendo vendido. Hoje o meu trabalho, o dinheiro que entra para ajudar na minha casa para ajudar na renda familiar é através das coisas que eu faço de artesanato” (Socorro).*

*“Eu estava no segundo semestre da faculdade (...) nessa época eu trabalhava somente com as coisas do MOEMA fazia meus biscoitos e minhas coisas e ia para o Bosque, a minha renda era única e exclusivamente das minhas vendas no Bosque” (Leila).*

Apenas uma das entrevistadas não é casada e não possui filhos. E é perceptível como a educação é tratada com respeito pelas Mulheres que fazem o MOEMA; a maioria das entrevistadas tem seus filhos formados, e são incentivadoras da educação:

*“eu tenho dois filhos o Diego, hoje com 33 anos, hoje meu filho é formado em Oceanografia e tem doutorado em oceanografia e é pesquisador no Museu Emilio Goeld aqui em Belém, doutor mana, meu filho é doutor [alegria] eu consegui! Eu não consegui chegar doutora, mas meus filhos conseguiram. E tenho a Larissa tem 31 anos é formada em Química e Engenharia de alimentos e tá fazendo doutorado em engenharia de produção, tá terminando. Dois doutores, graças a Deus, eu me orgulho muito eu acho que eu cheguei muito longe e eles foram mais longe do que eu” (Lindaaura).*

*“tenho dois filhos homens, Breno tem 27 anos e tá na terceira engenharia porque ele foi experimentando, até chegar à engenharia que ele mais se identificou [risos] ele faz engenharia elétrica no último ano. E Brian tem 25 anos, ontem defendeu o TCC [tese de conclusão de curso] dele tirou 9,5, engenheiro mecânico [sorriso] todos estudantes bolsistas do PROUNI, tudo proveniente do governo de esquerda do Brasil” (Leila).*

Leila, em seu relato supra-apresentado, ressalva os programas sociais dos governos populares que o Brasil teve (Lula e Dilma), um deles é o PROUNI (Programa Universidade para Todos), o qual, correlacionado ao Ministério da Educação, oferece bolsas de estudo, integrais e parciais, em instituições particulares de educação superior. O programa é voltado para alunos das escolas públicas e com renda familiar bruta mensal não superior a 3 (três) salários mínimos. Leila se mostra muito consciente da importância dos programas sociais voltados às famílias pobres, de modo especial, àqueles ligados à educação, uma vez que ela foi beneficiária, como seus dois filhos também o foram, do referido programa.

A maioria das entrevistadas tem mais de 10 anos de MOEMA. É possível perceber que as pessoas que passaram pelo movimento acabam por manter vínculo e relações duradouras com este.

## 2.2 Gênero

Bahri (2013) defende a importância dos temas pós-coloniais diante da temática gênero:

Discussões teóricas e curriculares na academia ocidental aclamam a escrita das mulheres pós-coloniais como uma reação salutar aos problemas observados anteriormente. A resultante expansão do cânone tradicional permite que os/as leitores/as explorem temas pós-coloniais através dos contextos específicos das vidas das mulheres do Terceiro Mundo (p. 667).

Muitas Mulheres entrevistadas no presente trabalho, talvez, nunca ouviram falar de Simone de Beauvoir ou de Haraway, mas aprenderam na prática a ser Mulheres e a lutar no seu tempo, de acordo com suas realidades, às suas maneiras. Nunca tiveram ajuda para descer de um carro, de uma canoa, mas aprenderam a *arregaçar as mangas* cedo para sobreviver. Nenhuma luta feminina é em vão, seja ela em Paris seja na periferia da cidade de Belém do Pará — a qual curiosamente, à época áurea da borracha, foi apelidada de *Paris n'América*.

É possível perceber que muitas das Mulheres MOEMA sofreram influências de Mulheres próximas, familiares ou amigas, o que se soma à busca pelo conhecimento literário, ao próprio conhecimento acadêmico também em alguns casos, como os relatos a seguir:

*“Ah! Eu sou neta de duas Mulheres que criaram suas famílias sozinhas tanto o pai da minha mãe como o pai do meu pai foi embora e deixaram elas sozinhas então elas são Mulheres muito fortes. Então a questão de participar, ser uma participante honorária, que é como eu me considero mais ou menos do MOEMA é uma coisa para mim muito importante colaborar com essas questões femininas porque eu aprendi que o posicionamento feminino é muito importante e eu aprendi com grandes Mulheres e eu tenho uma irmã também que veio depois de mim, mas é um pequeno detalhe, eu acho que ela é mais velha [risos] que também me ensinou muito, eu sou um bocado mais tranquila ela é mais radical que eu, ela vai mesmo para o frente eu sou mais de ficar nos bastidores organizando as coisas” (Mazane).*

Conforme Delory-Momberger (2012), quando se refere à “dimensão constitutiva da individualidade”, o entrevistado nos apresenta perspectivas com base naquilo que carrega consigo e no que fora construído a partir de suas vivências e da sua construção enquanto indivíduo.

Essa postura entrelaça-se à jornada pelos conhecimentos literário e acadêmico e pela sensibilidade latente no olhar sobre o aprender e o ensinar de Lindaurea:

*“A minha mãe sempre foi professora e o meu pai era analfabeto ele aprendeu a ler, que a mamãe ensinou ele a ler e escrever para assinar a certidão de casamento. Então o meu pai teve muitas dificuldades, como ele diz, porque ele não tinha estudo, ele achava que passava por todas aquelas dificuldades porque ele não tinha estudo e ele sempre incentivou a gente a estudar e como a mamãe era professora a gente estudava com a mamãe, fomos alfabetizados tudo com a mamãe” (Lindaurea).*

No relato acima, é mostrada, ainda, uma maneira de educação típica de algumas regiões ribeirinhas do Pará, onde a primeira professora é aquela senhora do vilarejo que sabe ler e escrever e tem alguma liderança e conhecimento; logo, acaba por ter aquela obrigação moral de repassar esse saber. Esse fato nos remete às relações estabelecidas entre a educação formal e a não formal, segundo as quais a formal é “aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados” (Gohn, 2006, p.28); e a não formal, aquela consolidada “extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais” (Gohn, 2014, p.41).

No MOEMA, as questões de gênero se mostraram sutis, porém não menos presentes; muitas vezes, parece que não se trata de uma questão dita de gênero, mas é sim o gênero sendo tratado e trabalhado de maneira realista e inteligente — a saber, no relato da Lindaurea,

quando diz que participar do MOEMA a levou a um ato de coragem, e no da Nazaré, que não sabia de seus direitos enquanto Mulher:

*“Me deu coragem para enfrentar as dificuldades da vida, me deu coragem para voltar a estudar, me deu coragem para ir trabalhar, né?, Porque a gente enfrentava as feiras e para nós isso é um trabalho, né? Fiquei rebelde com o marido [risos] ele dizia uma coisa e eu metia o pé eu ia ... e pronto!” (...)É como eu digo, assim, eu tinha, uma certa, confiança uma coragem de enfrentar as coisas, saber que não estou só”. (Lindaaura)*

*“Eu aprendi muita coisa, que eu jamais imaginaria, os meus direitos, os meus deveres, as minhas obrigações, porque eu tinha mais as obrigações do que saber o que é direito então aqui no MOEMA abriram a minha mente para mostrar realmente quais são os direitos das Mulheres e isso eu não sabia ninguém chegou e me falou, olha vai em uma delegacia ou vai trabalhar e deixa teus filhos comigo, não, nunca aconteceu isso aqui abriram a minha mente hoje em dia eu já vejo de outra forma a vida, ninguém fala mais nada que eu fique calada e eu não me calo porque agora eu sei como me defender antigamente eu só fazia chorar hoje em dia eu já me defendo” (Nazaré)*

Juntas, as Mulheres que fazem o MOEMA foram crescendo e se descobrindo enquanto Mulheres e detentoras de direitos, e não só deveres; nas suas falas, é possível notar que, sozinhas, elas não podiam, mas juntas sim. Trata-se de um fenômeno de solidariedade feminina, algo que as leva a lugares antes não pensados. Unidas elas podem se fazer presentes em eventos antes impensados, em lugares que pareciam muito distantes não só na questão social, mas também na econômica.

Representatividade importa, e ser presente e ocupar espaços é uma luta presente no MOEMA, uma vez que participar de grandes e importantes eventos, como o Fórum Social Mundial, a Marcha das Margaridas (anexo C) ou congressos de economia solidária é uma maneira de aprendizado para as integrantes do MOEMA e para a comunidade ao redor que se faz representada por Elas.

*“Tanta coisa que a gente viveu na Marcha das Margaridas. E participar junto com a mamãe [emoção, olhos marejados], minha mãe foi uma estrela na Marcha das Margaridas, conhecida e dando entrevistas até para emissoras internacionais. Foi uma experiência única tenho vontade de participar de novo. Eu acho que viver aquilo, Verônica, fez um diferencial muito grande para mim. Quantas Mulheres empoderadas ali, né?[emoção]. Mulheres determinadas, guerreiras, depois da Marcha é que eu tomei algumas decisões comigo mesmo, entendeu? Eu quero muito ir de novo! E eu vou! Agora em uma situação diferente... Aquilo era tão novo, tão maravilhoso, tão grandioso, que a pessoa não tem noção, mesmo, é só vivendo, é tipo o Círio[Maior manifestação de fé mariana do mundo que acontece todo segundo*

*domingo de outubro em Belém do Pará], você só sente o Círio vivenciando e a Marcha das Margaridas é isso, não adianta eu te mostrar áudio, vídeo, aquilo você tem que viver mesmo viver a experiência da marcha e ver os discursos, as plenárias, as pautas tratadas lá, as reivindicações e quantas conquistas e as Mulheres não sabem, isso deveria ser mais exposto, mais expandido a última Marcha das Margaridas não passou nem no jornal nacional [jornal mais famoso e assistido do Brasil], um movimento tão grandioso que não é mostrado, que a imprensa nacional não dá valor, os meios de comunicação do Brasil não valorizam. As emissoras de fora que vêm cobrir e fazer matérias, mas aqui mesmo no Brasil não, e o Jornal Liberal [jornal mais famoso da região norte do Brasil] nunca foi lá cobrir e sempre a caravana paraense é a maior e não tem uma cobertura com a devida importância. Foi uma experiência única, maravilhosa, mesmo. A partir dali eu tive uma visão nova de muitas coisas, do poder da Mulher, do meu querer, da minha vontade, da minha perspectiva, do que eu queria para mim, como eu queria ser vista na sociedade enfim” (Leila — grifo nosso).*

### **2.3 Um novo olhar: Economia Solidária e o Bem Viver**

A Economia deve ser assunto do povo, para o povo e com o povo. Devemos *quebrar esse muro* que separa o povo da economia. Nas entrevistas, é possível ouvir palavras como economia solidária, lucro e renda. No MOEMA, as feiras são muito importantes, pois é delas que advém, muitas vezes, o sustento de uma família; logo, são tratadas de maneira importante, sutil e solidária — acreditamos em que poderia chamar de uma *economia feminina*. Existe, no grupo, a preocupação com a existência do lucro de todas, com suas satisfações em participar da feira e com suas condições financeiras ou físicas para participar.

*“(...) no MOEMA não, o que você vender é seu e eu acho que é de bom tom e que funciona muito bem. Mas ressaltando que cada uma tem sua obrigação que é justamente pagar a mensalidade. Então é uma economia, de fato, solidária”. (Leila)*

*“Chegavam pessoas no MOEMA que sabia trabalhar, tinha uma arte, sabia fazer, mas era aquela pessoa que não se interessava, não tinha uma renda familiar e eu fui vendo como eram tratadas essas Mulheres no MOEMA as pessoas que vinham tinham as amigas que ajudavam às vezes não tinha material para fazer o seu trabalho e o MOEMA ajudava e eu achei aquilo tão bonito aquela solidariedade. Isso me comoveu muito me chamou muito atenção porque o MOEMA é assim, não tem fins lucrativos essa parte humanitária do MOEMA é linda”. (Socorro)*

Como visto, dentro do MOEMA, é possível vivenciar um desenvolvimento voltado à economia solidária na organização do movimento e na própria fala das entrevistadas.

Singer (2018) assevera que o desenvolvimento solidário consiste num



processo de fomento de novas forças produtivas e de instauração de novas relações de produção, de modo a promover um processo sustentável de crescimento econômico, que preserve a natureza e redistribua os frutos do crescimento a favor dos que se encontram marginalizados da produção social e da fruição dos resultados da mesma (p. 85)

É curioso pensar que economia seja objeto somente para economistas, para gente que tem algum preparo para falar sobre o assunto, para homens engravatados ou para Mulheres de *tailleur*; mas olvidamos que existe economia no dia a dia de todos. Já é passada a hora de torná-la um assunto popular, algo que seja discutido nas escolas, visto como coisa não somente importante para o desenvolvimento de um país, e sim para o dia a dia de uma família; devemos tornar a economia algo *palpável*, que leve o cidadão comum a pensar que, sim, uma nova economia é possível e que nós cidadãos, ditos comuns, somos parte importante dentro de um processo econômico.

Acosta (2015) nos demonstra uma nova alternativa para o desenvolvimento pautada em uma economia solidária, sustentável e democrática:

O Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia. Uma economia sustentada naqueles princípios fundacionais desta proposta pós-desenvolvimentista, entre os que destacamos a solidariedade e a sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade, a integralidade (todos os seres vivos somos necessários ao planeta), a suficiência (e, de alguma maneira, também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia (pp 163-164).

No MOEMA, é vivenciada na prática uma economia mais humana, mais próxima daquela defendida por Acosta (2015); e essa economia mais justa, social e solidária também é discutida em reuniões e vista em eventos de que o movimento participa. É possível enxergar a economia solidária na fala das entrevistadas recorrentemente:

*“Teve uma feira de Economia Solidária em Brasília e o MOEMA foi convidado a participar e quando eu falei no MOEMA muitas falaram que não dava para participar, mas novamente a gente se organizou e foi! [empolgação] e lá a gente participou de debates, feiras, conheceu gente, participou de debates com o Paul Singer...” (Maria José).*

*“Na verdade aquele encontro (Encontro Nacional de Economia Solidária) foi um divisor de águas na minha vida porque ali eu percebi que existem muitas pessoas que apesar de todas as dificuldades, de nadar contra a correnteza, mas nadam e nadam brincando, cantando, nadam fazendo graça [emoção] é muito característico do nosso povo e nos encontramos com os nordestinos e eu acho que a gente acaba se identificando com eles porque são tão sofredores quanto nós, talvez até mais sofredor por conta da seca (indústria da seca, né?). Na verdade o fato de ter o encontro nacional de economia solidária já foi um feito muito grande e a forma como ocorreu foi uma coisa fantástica. Hoje eu narro como um sonho parece que foi um sonho. Eu não sei quando a economia solidária vai voltar a ter apoio” (Mazane).*

*“Todo mundo trazia para a reunião um assunto que queria se tivesse com problema trazia aquele assunto para a reunião, por exemplo, a Nazaré que às vezes trazia, eu a Leidiane, a Dea qualquer uma que tivesse algum problema que fosse para resolver no grupo botava o problema em pauta e a gente debatia ver o que podia fazer o que a gente podia ajudar se tinha uma passando necessidade como a gente ia organizar uma cesta básica para ajudar, fazer uma rifa, como a gente passou um problema muito sério no bosque e a gente fez rifa e resolvemos a questão do Bosque, todo mundo junto” (Lindaaura).*

Os relatos apresentados nos apontam para a vivência de uma economia mais justa, social e solidária e para a busca por conhecimentos, pela partilha e pela vontade de crescer como movimento.

Como podemos enfatizar, a solidariedade e a economia solidária são assuntos recorrentes nas reuniões; além de discutidos em princípio, também são colocados em prática e acabam por fazer parte do dia a dia dessas Mulheres que fazem o movimento social.

## **2.4 Juntas podemos: Movimentos Sociais**

Mediante as entrevistas, é possível perceber que a maioria das Mulheres que fazem o MOEMA, já participaram de outros grupos sociais (grupo de jovens, pastorais, catequese). Essa participação e essa experiência são trazidas e mostram-se presentes em seus relatos. Muitas dessas Mulheres são participantes em grupos sociais desde a juventude e, em alguns casos, desde o nascimento em razão do convívio em uma família atuante em grupos ligados à Igreja Católica e até mesmo grupos políticos de suas regiões.

*“Eu sempre participei. Minha vida toda era ligada a movimentos. Lá no interior (Santa Maria do Pará) eu participava do movimento de casais o ECC (encontro de casais com Cristo da Igreja Católica na paróquia de N.S. Auxiliadora) era um movimento muito bom tinham muitos casais que além da parte religiosa nós tínhamos um trabalho social com as famílias” (Maria José).*

*“Na adolescência eu participava de movimentos de jovens da igreja, pastoral musical, reuniões, catequese”. (Leila)*

*“Eu participei de grupos de jovens quando era mais nova, adolescência e até um pouquinho mais jovem e além do MOEMA eu dei apoio para alguns grupos quando eu morava em Santa Maria. Eu dava apoio à Pastoral da Criança, a igreja jovem e grupos de jovens relacionados a Igreja Católica e relacionados também com a questão da assistência social” (Mazane).*

Como relatado no decorrer da presente pesquisa, é relevante a quantidade de movimentos sociais atuantes na Amazônia que recebem influência direta da Igreja Católica com a sua Teologia da Libertação. Dentre esses movimentos, está o Movimento de Mulheres, como citam Milhomens & Gohn (2018):

A maioria dessas mulheres começou sua vida política atuando na Igreja Católica, muitas delas trilharam caminhos próprios e colaboraram com a criação de importantes movimentos sociais que ajudaram na formação política de centenas de pessoas. Dois exemplos dessa luta são, entre os anos de 1980 e 1990, o Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica (MPST) e o Movimento pelo Desenvolvimento da Transamazônica e Xingu (MDTX). De uma mesma origem comum, esses grupos se tornaram importantes instrumentos de combate à violência e outras formas de opressão presentes nessa região, inspirando outros atores sociais e diversas lutas que estariam por vir (p. 258).

O movimento social na região amazônica é de grande relevância para a vida das pessoas que fazem parte daquele contexto como forma até de sobrevivência, tendo em suas pautas a garantia de direitos fundamentais básicos (saúde, alimentação, educação e segurança). O MOEMA é um exemplo latente dessa função social:

*“Minha mãe Helena Santos de Arruda foi a primeira Mulher presidente do sindicato dos Trabalhadores rurais de Curralinho, (...) e quando a mamãe chegou lá, ela revolucionou, ela mandou pintar a fachada com letreiro ‘ Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Curralinho’ e ampliou o espaço com banheiro, enfim... Mandou cercar o terreno, fazer horta, aproveitar lá para ensinar os garotos a plantar, colher e vender, enfim a mamãe realmente foi revolucionária... E também ela foi a primeira Mulher candidata a prefeita do município de Curralinho onde o cenário masculino domina e ela foi a primeira Mulher e nessa eleição ela ficou em terceiro lugar e muito corajosa eu lembro dela saindo do trapiche voltando*

*da apuração dos votos (...) e aí eu lembro da mamãe saindo assim do barco não ganhou, [mudança na voz], mas vitoriosa , em terceiro lugar assim com aquela altivez com aquela roupa vermelha dela de sempre e seu chapéu muito empoderada e a mamãe nunca teve medo de nenhum homem, de masculinidade nenhuma, ela sempre soube se colocar e se impor e dizer a que veio, essa é Dona Helena Arruda [risos]” (Leila)*

É diante das necessidades da vida cotidiana que surgem as organizações sociais. Frente à necessidade de comercialização dos seus produtos artesanais que nasceu o MOEMA: eram Mulheres que produziam suas mercadorias, seus artesanatos, e se uniram para trocar experiências, para unir forças e para comercializar seus produtos, pois viu-se na organização uma oportunidade de crescimento em comunidade e em encontros e reuniões realizados por elas — nos quais são levantados assuntos muito relevantes ligados à cidadania e à vida na cidade onde os movimentos sociais acontecem.

## **2.5 Aprendendo e ocupando: Cidade Educadora/Educativa**

A cidade pode ser vista como educativa? A cidade educa? A educação há muito já não é mais somente o espaço físico de uma sala de aula. A cidade é parte do processo tido como educação não formal. Gohn (2014) comprova que a educação não formal é muitas vezes tratada como uma não educação por estar fora dos muros das escolas, mas é por intermédio dela que surgem

a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. São processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações coletivas, podem ser organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc. (pp. 40-41).

O Movimento social faz parte da cidade e é parte desta educação não formal, pois nele são desenvolvidas muitas aprendizagens, trocas de conhecimentos, vivências e lutas:

*“O MOEMA Educa e já educou muito e continua educando nossos filhos, nós mesmas, fomos nos lapidando como seres humanos, como solidariedade, como amiga, como companheira uma da outra porque, às vezes, a gente tem que corrigir certos defeitos da gente para a gente poder participar de um grupo”. (Lindaaura).*

*“A forma que a barraca tá arrumada as coisas que tem ali, as cores, elas falam da cidade as pessoas aprendem através da disposição da forma como as coisas são colocadas e isso é feito em ambiente fechado, mas também é feito pela cidade inteira tem feiras que são ao ar livre então são feiras bonitas de se ver, tem vários grupos e esses grupos estão ali para trocar ideias para mostrar o seu trabalho e para ensinar também. Como eu falei eu acho que não é um grupo que tenha um cunho educacional, eu acho que elas não têm noção de que são educadoras, mas são! Eu aprendi com elas [emoção]. E eu estudei, tenho graduação e eu aprendi, eu aprendi com elas a questão de como me portar melhor, como mediar melhor as coisas saber a minha hora de falar e a hora do outro falar”. (Mazane — grifo nosso)*

Algumas entrevistadas enxergam a cidade enquanto educadora e acreditam, ainda, em que o próprio MOEMA tem sua parcela de contribuição para a educação advinda da cidade, o que mostra um olhar mais crítico diante do seu comportamento enquanto cidadão, enquanto parte da cidade. Para mais, Fernandes (2009) complementa esse fato:

Os sujeitos são autores e responsáveis por suas ações e escolhas, com criticidade, reflexão e autocrítica, exercendo seu papel político de sujeitos que participam e intervêm na cidade. Para tanto, é preciso que as oportunidades de experimentação e experiencição sejam ampliadas e reforçadas, pois elas fornecem a atribuição de sentidos e significados para as vivências individuais e coletivas. A educação em termos gerais, incluindo a formal e a não-formal, envolvendo a educação pela/na/da cidade, incluindo tanto as práticas institucionalizadas e as que ocorrem fora das instituições são a oportunidade para o questionamento do tradicionalmente instituído e a construção e surgimento do novo, ousado, transgressor, que carrega consigo o potencial para as mudanças e transformações (pp. 62-63).

O MOEMA é uma maneira de intervenção na cidade, de sorte que as reuniões, as discursões acerca das feiras e o oferecimento de um curso para a comunidade é uma maneira

de se fazer parte da cidade, de achar que esta é algo de todos, logo não deve ser dividida entre centro da cidade e periferia — lugares para ricos e lugares para pobres. A cidade deve ser um espaço para todos, como observamos nesta fala de uma das entrevistadas:

*“Eu nunca tinha conhecido nada, tudo foi através do MOEMA nada nem HANGAR, UFPA, nada tudo foi através do MOEMA. Eu jamais imaginaria um dia entrar no HANGAR, sabe? Eu achava que o HANGAR [Centro de exposições e feiras da Amazônia] era coisa de gente rica, gente que tinha dinheiro, que podia e tinha condições financeiras e eu participei várias vezes no HANGAR” (Nazaré).*

No depoimento acima, é possível ressaltar que a Nazaré, antes do MOEMA, nunca pensou adentrar espaços da cidade, espaços estes públicos e de muita importância, que deveriam ter acesso livre e democrático, pois o Hangar é o mais importante centro de exposições e de eventos da Amazônia; e a UFPA (Universidade Federal do Pará) deve ser um espaço público e de qualidade para todos e faz parte do imaginário jovem de toda uma região, visto que muitos sonham em entrar nessa universidade. É muito importante se sentir parte da cidade, e o MOEMA proporciona esse sentimento de pertencimento, sobretudo quando adentra esses espaços para participar de uma feira ou de um evento e gera naquela Mulher o sentimento de parte daquilo.

O pertencimento é valoroso sentimento vivenciado no movimento, pois nos torna parte de algo que muitas vezes aparenta ser *distante*, mas que é de todos por direito — como é o caso dos espaços de uma cidade, das universidades públicas, de uma praça, de um teatro, de um centro de convenções ou de uma reunião como representante de seu movimento. Pertencimento gera representatividade diante da cidade e dos eventos e espaços que ela proporciona.

Gadotti (2006) alega-nos que, “na cidade que educa, o cidadão caminha sem medo, observando todos os espaços. Temos que aprender a nos locomover na cidade, caminhar muito por nossas ruas” (p.136). Esse fato comunga com a opinião de algumas das entrevistadas que associaram a cidade enquanto educadora à questão da segurança, pois a falta de segurança pública é algo muito latente na cidade de Belém do Pará; e a questão da violência na cidade levou a pensar na cidade como não educadora:

*“Aí... eu acho que não... [pensativa] eu tenho um jeito de pensar um pouco diferente, por exemplo, foi dada a oportunidade para o MOEMA expor lá por traz do Belém Importados da Av. Pedro Alvares Cabral [uma das principais avenidas da cidade de*

*Belém] em uma pracinha, mas nenhuma de nós quis ir para lá, porque era uma praça abandonada, escura, nós não tínhamos segurança, não ia haver segurança para nós se nós quiséssemos iluminar tinha que ser da nossa parte, a limpeza ia ser da nossa parte tudo era da nossa parte e o horário também era um risco...” (Nazaré).*

Como referido anteriormente a respeito da cidade enquanto educadora e quanto ao questionamento a respeito da pergunta — *Ao seu ver a cidade educa?* —, tivemos a ideia de que sim; para a maioria, a cidade educa e o MOEMA é parte importante nesse processo educativo que vem das ruas. Obtivemos também a ligação do processo educativo com a violência muito latente nas ruas de Belém e com a questão da economia solidária e da reciclagem, uma preocupação com o meio ambiente.

*“A cidade? [pausa – silêncio] ah! Com certeza. Educa muito, por exemplo, quando tem uma feira em praça que estava abandonada no bairro e o MOEMA foi, montou suas barraquinhas e algumas Mulheres passaram a participar do grupo porque viram aquilo, teve uma que chorou porque ela disse que nunca imaginou que pudesse ter um grupo que se juntasse para fazer isso ela achava que existia só o individual ela não conhecia o fato de poder participar o fazer coletivo então isso é uma forma de ensinar. Quando vai para fazer uma atividade não só de feira mais de uma atividade para colaboração. Quando acontecem feiras em ambientes fechados as pessoas vão lá visitam e entendem o que é uma associação que tem estatuto, tudo isso enfim. (Mazane — grifo nosso)*

*“Educa sim! Por exemplo, o MOEMA ajuda nessa educação familiar da Mulher. Quando a gente começou a gente ia atrás das feiras, hoje nós somos convidadas a participar, o MOEMA é bem visto aonde chega. Muitas Mulheres procuram é um trabalho muito bonito, muito embora a gente não tenha apoio de nenhum grupo, não somos ligadas a nenhum grupo político tudo que a gente consegue é através de muito trabalho e também através das nossas associadas” (Maria José — grifo nosso).*

*“Sim. Educa, mas tu sabes é difícil, né? Eu acho que sim porque quando a gente participa de uma feira, por exemplo, em algumas praças quando a gente foi a praça era meio feia, suja e quando nós participamos a praça começou a ficar mais bonitinha, mas arrumada porque a gente ia com nossos trabalhos, não deixava de chamar atenção de outras pessoas então eu acho que isso é uma forma de educar. E outra coisa tem associada que trabalha com reciclagem que também é uma forma de educar, garrafa pet e até com roupas usadas a pessoa faz tapete, crochê com aquelas roupas, só em tirar garrafas pets da rua já é tão bom. Então é uma forma de educar, mas eu sei que muita coisa poderia melhorar, eu sei que poderia, mas a gente luta para isso, já houve épocas que a gente tinha ajuda política, mas o MOEMA não faz nem questão o MOEMA é uma associação que procura andar sozinha [falar imponente — orgulho] é melhor trabalhar assim, pois a gente não tá atrelado a ninguém não estamos presas a ninguém. Acho que o nosso trabalho se torna mais bonito ainda porque é um grupo pequeno que faz muito, se nós tivéssemos ajuda o grupo era bem maior abrangeria mais pessoa, mas é assim... o MOEMA educa muito*

*sim” (Socorro — grifo nosso).*

*“Infelizmente não, no nosso contexto atual que a gente vive em Belém não educa. Já educou sim, lá atrás já educou sim, quando a gente podia fazer o artesanato através da reciclagem, por exemplo, poderia ao invés de jogar uma garrafa pet poderia transforma-la em um arranjo, em um brinquedo, em alguma coisa eu acredito que a cidade urbana, assim, não educa nesse contexto, hoje. A cidade tem o poder de educar basta querer com políticas públicas é possível sim, com certeza, é possível usar os espaços públicos para fins de renda solidaria” (Leila — grifo nosso).*

Assim, para pensarmos a cidade e suas múltiplas relações com a educação, pode fazer sentido a tentativa de associar a questão da violência e combatê-la é uma questão de luta que deve andar junta à educação seja ela formal ou não formal. O aprender e o ensinar que a cidade nos oferece requer um posicionamento cidadão cheios de atitudes, como a valorização da cultura da região, envolver a população no processo e promover uma educação cidadã. A leitura da cidade é feita de acordo com a realidade ali habitada.

## **2.6. A Partir do MOEMA**

Na segunda parte da entrevista, foram informadas acerca dos objetivos da entrevista assim como de sua importância.

Uma das perguntas dessa segunda parte da entrevista foi: *O que é para si o MOEMA?* Foi interessante perceber que, em algumas falas, o MOEMA parece ser personificado como uma pessoa, uma Mulher, uma parte da família.

*“A MOEMA é aquela coisa, um lugar acolhedora, uma coisa que vem e acolhe, uma Mulher que quer independência financeira, que tem muitas angústias por não estar no mercado de trabalho formal, ou por não ter concluído seus estudos e também por ela querer ajudar na renda familiar, querer colocar a sua contribuição naquela família e muita das vezes ela é a própria e única renda daquela família” (Leila).*

O MOEMA é parte familiar, muitas vezes libertador não só no sentido financeiro, mas também no sentido acolhedor. O movimento torna-se algo marcante na vida das Mulheres que o vivenciam:

*“O MOEMA para mim apesar do significado da palavra associação que agrega*



*“pessoas e tal o MOEMA para mim acima de tudo é uma família é a minha segunda família [emoção – olhos marejados] porque temos amigas, a gente conhece pessoas” (Socorro).*

*“O que é o MOEMA para mim? [suspiro] Ah Verônica! o MOEMA para mim é um grupo de amizade, de carinho é um grupo, é uma família. Hoje nessa pandemia eu ligo para uma, ligo para outra, quando estou me sentindo só ligo para a Dona Maria José, ligo para a Leidiane, então é uma família. Eu tenho elas como minhas amigas, minhas irmãs mesmo de coração de companheirismo e é isso que eu sinto. É uma família” (Lindauro).*

O relato a seguir complementa o sentimento familiar, atribuindo ao Movimento a questão de oportunidade e de uma nova visão de si e de mundo a partir do MOEMA, observemos:

*“Olha, o MOEMA para mim foi uma porta de entrada, assim, para o bem por que a partir do momento que eu conheci o MOEMA a minha cabeça, realmente, se abriu para o mundo muitas coisas que eu como Mulher e como mãe não sabia e através das amigas do MOEMA elas me abriram os olhos para muitas coisas nas reuniões que nós fazíamos era para falar do artesanato, mas nós também falávamos algo sobre o pessoal e coisa que eu nunca imaginei que eu tinha direito e deixei de fazer por não saber, era procurar o direito de ver os meus filhos então tudo isso foi através do MOEMA que eu descobri” (Nazaré).*

Como percebemos, é unânime a utilização da palavra *família*, por parte das associadas ao movimento, quando se fala em MOEMA. O grupo já faz parte de todo um contexto familiar e profissional. Acreditamos em que esse seja o principal motivo de relações tão duradoras, nas quais a maioria das integrantes possuem mais de 10 anos de MOEMA.

A relação do MOEMA com os desenvolvimentos pessoal e profissional das suas integrantes nos revelou grandes avanços nessas duas esferas: a que já atuava profissionalmente levou para o seu dia a dia profissional ensinamentos; e as que não tinham uma vida dita profissional também aprenderam alguma coisa com base na convivência e foi em busca de melhorias e de realizações pessoais e profissionais a partir do MOEMA.

*“Pessoal é a questão do aprendizado eu tenho uma tendência para ser um tanto pessimista, eu vejo as coisas meio de um lado... Apesar de eu ter esperança eu sou um bocado para reclamar então quando eu vejo elas apesar de todas as dificuldades sorrindo, brincando isso me passa uma força, me ajuda na caminhada. Profissional eu tive experiências que eu levei para o meu trabalho a questão de, por exemplo, as participações que eu fiz como ir nas festas, nas feiras eu aprendi um bocado sobre*

*mediação tipo quando tá acontecendo um conflito e você dizer não é bem assim, vamos conversar, vamos fazer assim, vamos fazer assado... de dar uma sugestão para melhorar alguma coisa” (Mazane).*

*“Chega um momento assim na vida da gente, que como eu te disse, eu parei a universidade, não estava trabalhando vivia só para a minha família, né? Cuidando de casa, de marido, de filhos então a gente se sente assim... será que sou capaz? Será que eu posso? Eu me fazia essas perguntas. Então o MOEMA me fez despertar para este lado profissional eu ainda posso, eu sou uma pessoa que ainda posso trabalhar, os meus trabalhos são valorizados eu posso arrumar um dinheiro, ter uma renda, não muito, mas eu posso contribuir sim na minha renda familiar. Contribuindo, pagando alguma coisa com o meu dinheiro [alegria] fez-me sentir viva, útil é assim que eu passei a sentir” (Socorro).*

*“Me deu coragem para enfrentar as dificuldades da vida, me deu coragem para voltar a estudar, me deu coragem para ir trabalhar, né?, Porque a gente enfrentava as feiras e para nós isso é um trabalho, né? Fiquei rebelde com o marido [risos] ele dizia uma coisa e eu metia o pé eu ia ... e pronto!*

*— Quando o marido dizia: não vai para a feira do MOEMA.*

*— Eu dizia: eu vou! Já estou indo! Tchau, amor! [gesto de tchau com as mãos] pronto.*

*É como eu digo, assim, eu tinha, uma certa confiança, uma coragem de enfrentar as coisas, saber que não estou só” (Lindaaura).*

É possível depreender que todas as entrevistadas, em algum momento da entrevista, trataram o MOEMA como algo familiar. Dessa forma, é curioso que levantemos a maneira como seu núcleo familiar enxerga a sua participação no MOEMA. No geral, a família a aceita, conquanto aconteçam algumas resistências por parte do marido, que, mesmo após mais de 10 anos de atuação da esposa, ainda não aceita a participação no movimento:

*“Os meus filhos, Verônica, eles sempre me incentivavam. O Diego sempre estava junto comigo, me ajudava, a Larissa até hoje ela me incentiva muito. Agora o meu marido nunca me apoiou [pausa, silêncio]. Nunca, nunca ele me apoiou, nunca mesmo. É o que eu te falei, eu fiquei rebelde, eu vou já estou indo e pronto, eu não queria nem saber, mas os meninos sempre me apoiaram, mas ele nunca me apoiou, até hoje ele nunca gostou” (Lindaaura — grifo nosso).*

*“Minha família toda já faz parte do MOEMA, são amigos e amigas do MOEMA minhas filhas conhecem todas as integrantes, a que é psicóloga ajudou na criação do grupo na escolha de nome, está sempre dando apoio faz palestras, orientações, a que é administradora dá muitas dicas e orientações sobre educação financeira... o meu marido empresta e dirige o carro para levar as associadas para as feiras e eventos” (Maria José — grifo nosso).*

*“No início [pausa pensando], pois quando a gente faz um trabalho seja dentro ou fora de casa, geralmente, abala um pouco porque a gente tá naquele costume de viver*

*para os filhos de cuidar da casa e tudo. Quando a gente passa a fazer o trabalho a gente esquece alguma coisa dentro de casa a gente tem que parar para poder se dedicar ao trabalho principalmente trabalho manual a gente tem que ter todo um tempo, todo um cuidado. Então eu senti que eles estranharam... “ahh! a senhora só se dedica para a, máquina, a senhora só quer saber de costurar, só quer saber de tá com esses guardanapos, com o crochê...” então eu ouvia muito essa reclamação aqui em casa, mas se acostumaram graças a Deus eles não se opõem em nada e até me ajudam... [risos] vai comprar linhas! Eles vão! Então... Aceitaram de boa. Até quando, às vezes, falta um dinheiro para inteirar uma luz, uma água, aí eu já tenho aí eu dou... Aí eles enxergam o meu trabalho e que ele tá rendendo algum lucro” (Socorro — grifo nosso).*

A narrativa supra-apresentada remete-se à fala do início da caminhada de Socorro, que relata que sua família estranhou um pouco por acontecer uma divisão na atenção da Mulher dentro de casa com os novos afazeres no movimento, mas que, com o tempo, foi aceito, e as pessoas passaram a oferecer ajuda.

Por outro lado, é importante mencionar a questão da renda vinda do MOEMA quando esta auxilia o pagamento de algum elemento essencial, como energia elétrica, alimentação etc. Esta é uma maneira de reconhecimento do trabalho que faz bem à questão financeira da família, mas também serve de autoestima para aquela Mulher que passar a ter alguma renda.

*“A verdade é que o MOEMA passando pela vida de uma Mulher, ela passa pela família toda, a família toda tem que ter esse respeito e esse carinho porque é de onde vem parte da renda e meus filhos tem saudades e tem respeito por essa fase da nossa vida, foi significativo, muito, muito mesmo” [emoção e riso] (Leila).*

O exposto acima foi feito com emoção, pois a entrevistada se lembrou dos tempos em que sua renda vinha unicamente das vendas do MOEMA e relatou o respeito por essa fase de suas vidas.

São muitos relatos vivenciados pelas Mulheres que fazem o MOEMA. Quando perguntadas a respeito das experiências marcantes vividas por Elas no movimento e como parte do movimento, temos presente a lembrança do Fórum Social Mundial, que aconteceu em Belém do Pará, em 2009; do Encontro Nacional de Economia Solidária, ocorrido em Brasília-DF; da Marcha das Margaridas, em 2011, também em Brasília; e de relatos comuns dos seus cotidianos enquanto movimento, como o acompanhamento de uma gestação, uma entrevista de que o grupo participou, uma feira que vendeu mais que o esperado ou quando alguma delas foi em nome do MOEMA ministrar cursos de artesanatos em outros municípios do estado. O que podemos perceber é que não existem eventos grandes e nem pequenos,

existe momentos que as marcam de alguma maneira.

*“Foram tantas as experiências marcantes que é até difícil escolher uma... mas essa me marcou muito no Fórum Social Mundial em Belém em 2009, nós ganhamos um espaço para expor nossos produtos e estávamos nos preparando para participar. Tinha entrado a pouco tempo na associação uma senhora e todas estávamos empolgadas para o Fórum e na véspera do início essa associada chega na minha casa quase chorando porque o marido dela disse que se ela fosse participar do fórum com o MOEMA ele ia lá e tirava ela pelos cabelos e botava para casa. Ela era muito submissa ao marido. Aí ela chorando disse que veio dizer que não ia mais. Eu disse assim para ela: olha, se tu quiseses desistir, tudo bem, mas se tu quiseses ir jamais o teu marido vai lá e te tira pelos cabelos porque nós estamos lá e ele sai de lá preso e nós estamos aqui para te apoiar. Aí ela voltou para casa dela chorando... no dia seguinte para a minha surpresa ela foi a primeira que chegou e ele foi deixá-la e ficou de longe observando. Ela vendeu tudo que levou e cedo teve que voltar para a casa para fabricar mais produtos, ela fazia bonecas de pano lindas [risos]. No outro dia foi ela novamente a primeira a chegar e com ele todo desconfiado, mas estava lá ajudando ela pois eles precisam da renda. Daí em diante ela é associada até hoje e ele nunca mais empatou ela de participar de nada. Eu achei uma experiência muito legal” [risos] (Maria José — grifo nosso).*

O relato expõe uma das associadas sendo impedida, pelo marido, de participar de uma feira e o apoio oferecido pelo MOEMA através da colega ao dizer: *“nós estamos lá e ele sai de lá preso e nós estamos aqui para te apoiar”*. Ela não estava mais sozinha. Aqui, demonstra-se ainda o entendimento que o companheiro Dela teve ao vivenciar o evento e também a importância da questão financeira dentro daquele contexto — o trabalho artesanal aparece mais quando alguma renda vinda dele e desenvolvido dentro do MOEMA começa a fazer parte do orçamento familiar.

*“Ah, mana a gente teve tantos momentos gostosos, tanta coisa boa... deixa eu pensar que a cabeça já tá indo simhora, 55 anos [risos] Ah, tá foi quando a Célia teve a Carol, porque a Célia entrou no nosso grupo quando ela tinha o Caio pequeno então a gente ajudou muito a Célia em relação ao Caio aí depois ela ficou grávida dentro do MOEMA então foi uma experiência bacana porque a Carol nasceu dentro do MOEMA, então a gente fez o chá dela, a gente participou de todos os momentos desde o começo da gravidez até o nascimento da Carol, então foi algo bem marcante bem companheirismo a gente sentia a Carol como nossa filha também. Quando ela ia para a feira no Bosque e levava a Carol pequena então a gente sentia como se a Carol fosse filha do MOEMA. Grávida ela ia com aquele barrigão dela para as feiras e a gente tinha aquele cuidado com ela porque estava grávida, essas coisas”.* (Lindaaura — grifo nosso).

*“Mas uma coisa bem marcante mesmo foi quando a gente foi entrevistada e saímos*

*no jornal, apareceu na televisão, no programa de televisão no domingo de manhã, meu Deus! Isso aí! [suspiros]. Outro dia eu estava até olhando a foto no jornal... isso foi muito gratificante a gente ficou eufórica... Muitas amigas me ligaram para dizer: que me viu na televisão, naquela associação, tu faz parte? E eu dizia: faço! Faço parte sim! Sou uma das fundadoras do MOEMA [risos]. Foi um reconhecimento, na verdade. Um reconhecimento do MOEMA como entidade de Economia Solidária que busca inserir as mulheres no mercado de trabalho para que tenha sua renda... Enfim isso foi muito marcante” (Leila — grifo nosso).*

*“O que me marcou mesmo foi um evento que nós tivemos lá na UNAMA [Universidade da Amazônia] que era congresso de enfermagem e quando eu ia para os outros eventos eu nunca conseguia uma meta bacana de dinheiro, pois o MOEMA paga 50% e o restante cada um paga sua cota e a minha parte, muita das vezes, eu não conseguia tirar e esse evento marcou para nós porque não foi só bom para mim, mas para todos, mas me marcou porque foi o evento que eu mais vendi ficou marcado... por sinal a Célia era responsável ela e a Dea deixaram para me entregar o dinheiro por último porque pela primeira vez, pela primeira vez eu tinha ultrapassado até as meninas pois eu sempre tinha esse lado de não vender muito e nesse dia eu arrebentei então isso me marcou bastante por que aquele dinheiro que eu sei que foi tão suado, tão trabalhado e eu passava a noite fazendo cordão pulseira, brinco, fiz mais uns ponto cruz, canetinhas da Célia que eu vendi então isso aí me marcou porque era o dinheiro meu mesmo, pela associação, pelo meu trabalho isso me marcou. Eu consegui comprar sem mexer no meu cartão de crédito. Eu fui no comércio com o meu próprio dinheiro comprei o que eu estava precisando para fazer de novo produtos, isso marcou muito para mim” (Nazaré — grifo nosso).*

É interessante observar que, ao narrar às vivências que elas escolheram para partilhar enquanto parte do movimento, os eventos lembrados são importantes para os movimentos sociais do Brasil, como um todo, como o Fórum Social Mundial e a Marcha das Margaridas:

*“Aí Verônica são tantas... [alegria] Ah! A Marcha das Margaridas. Era um sonho de muitas Mulheres, mas são tantas dificuldades muitas não têm condições de viajar por questões financeiras, mas a gente se preparou e fomos! Foi uma experiência maravilhosa” (Maria José).*

*“O Fórum Social Mundial, ahhh foi muito marcante [suspiros e risos] foi vivido ali dentro, a gente viveu aquele momento todinho ali dentro, desde a montagem das barracas até a despedida então foi vivido mesmo dentro do MOEMA o Fórum Social, foi marcante”. (Lindauro).*

*“São muitas histórias, mas participar do Fórum Social Mundial e pensar em algo diferente para levar para comercializar e então eu comecei a fazer os biscoitos de castanha do Pará e sabores caseiros deu um diferencial e eu fiz porque lembrei dos biscoitos que aprendi no colégio interno, a mesma receita lá atrás, lembrei da infância, do colégio interno e então fui fazendo a experiência com as massas e com os sabores. Foi uma experiência muito boa para mim e quando eu comecei a vender esses biscoitos eu tive um retorno, e os pasteizinhos recheados de cupuaçu [fruta*

típica da região amazônica] *me davam muito prazer em fazer e eu fazia durante a noite.*

*Ahhh! [suspiros] a Marcha das Margaridas [manifestação realizada desde o ano 2000 por mulheres trabalhadoras rurais do Brasil], eu não tinha ideia da dimensão da Marcha das Margaridas... a minha mãe participa desde a primeira marcha e eu lembro bem que tinha vontade de ir. E a gente ter a oportunidade de ir com as nossas camisas representando o MOEMA foi uma experiência única, Verônica!*” (Leila — grifo nosso).

Além dos eventos nacionais, foi elencado também o convite que o MOEMA recebeu para ministrar cursos de artesanato em vários municípios do estado do Pará. A escolha se deu porque o MOEMA é conhecido pela qualidade e pela beleza dos seus produtos, e elas foram compartilhar seus conhecimentos com outras Mulheres, conhecimentos esses referentes à confecção de artesanato e também à organização do movimento:

*“São tantas... Mas uma experiência bem marcante foi quando a gente saiu para dar cursos em nome do MOEMA, como uma associação considerada, instrutoras do MOEMA... Mas o que é o MOEMA? Aí tu explicar o que é o MOEMA... é uma associação de Mulheres empreendedoras, Mulheres empoderadas. Nós tínhamos muitas mulheres profissionais para ministrar os cursos, foram vários cursos eu fui dar curso de bolsas, sandálias e biscoitos. Eu cheguei a ir para Mocajuba, Santarém Nova e Ourém [municípios do Estado do Pará]. Ficávamos em um hotel, éramos bem remuneradas. Foi uma experiência única, eu cheguei em Mocajuba para dar curso de bolsas eram 3 modelos de bolsas e 3 modelos de sandálias e tinham Mulheres que se inscreveram para curso que não sabiam enfilar uma agulha, eram salas lotadas e ninguém desistia e essa turma foi muito gratificante foi a maior turma que eu tive, foi muito gratificante é um desafio ensinar a manusear uma tesoura, cortar os tecidos, e no final os trabalhos ficaram lindos. E a sensação das pessoas em superar as limitações, quando eu lembro eu fico muito feliz por ter ensinado* (Leila — grifo nosso).

O MOEMA se mostrou um movimento muito organizado e que passa muita confiança para as associadas, e quando perguntadas: enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento? Elas se mostraram conhecedoras do seu regimento interno e sabedoras da importância de pagar a mensalidade, elas demonstram saber quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento.

*“Na associação, nós temos um regimento interno que nos orienta sobre os deveres e direitos”* (Maria José — grifo nosso).

*“O MOEMA, ele tem um estatuto então nós sabemos que nós temos nossos direitos e deveres porque a gente é regida pelo estatuto nós somos punidas se a gente não*

*obedecer ao estatuto. O estatuto não é muito rígido, mas como todo estatuto deve ser obedecido. Nós temos uma mensalidade mínima quem não pagar essa mensalidade três meses não participa de feiras, nós temos que assistir as reuniões. Para entrar tem que assistir três reuniões do MOEMA para ver se realmente quer para poder entrar. E se vai acontecer uma feira e eu estou doente e não eu tenho direito de pedir para uma amiga se ela pode levar minha mercadoria para a feira e eu peço isso no momento da reunião e a gente autoriza a colega e acontece tudo direitinho, presta conta e tudo então como eu disse é uma família o MOEMA é uma família. Nós temos nossos deveres quando uma amiga tá precisando a gente faz uma coleta a gente conversa vê como é que a gente pode ajudar. É assim coisa de família mesmo” (Socorro — grifo nosso).*

As organizações financeira e econômica no MOEMA são vistas de maneira clara, e as associadas parecem ter controle de tal organização mesmo que haja uma pessoa responsável, uma tesoureira, para realizar as transações bancárias.

*“Olha essa mensalidade mínima que a gente paga... tem feiras que a gente participa que ela é paga, tem lugares que exigem um pagamento, uma taxa para que possa participar então essa mensalidade é basicamente para isso. Eu acho muito bem administrado essa parte da mensalidade é um pouco que se torna muito bem organizada nós usamos mais para pagar as feiras. Se a associação precisa de um dinheiro para comprar mercadoria o dinheiro sai das mensalidades através de empréstimo e depois a associação devolve então eu acho muito importante e até merecia se pagar mais de mensalidade, mas infelizmente a grande maioria não tem condições de pagar, pois tem a parte econômica muito pouca” (Socorro).*

*“Eu acho esse lado da economia do MOEMA positiva porque cada participante que paga a sua mensalidade e quando tem um evento que é um evento bom e o MOEMA ter que pagar 50% o MOEMA só paga esse valor se pelo menos 50% das MOEMITAS [maneira carinhosa que a entrevistada chama as participantes do MOEMA] participarem do evento e os outros 50% fica na responsabilidade de quem vai e ali não vai pagar de uma vez vai ser parcelado para não sair pesado então isso é um lado positivo para nós porque aquele dinheiro nós mesmo estamos usufruindo é um dinheiro que sai do nosso bolso para pagar, mas aquele dinheiro vai ser útil de retorno para nós pois vai sair dali os 50% para a gente não perder um evento” (Nazaré).*

Quando perguntadas a respeito da questão financeira do movimento e de possíveis conflitos por essa razão, as associadas foram unânimes em dizer que nunca houve disparidades de cunho financeiro no MOEMA.

*“Nós temos uma prestação de contas muito clara é tão pouco o dinheiro que a gente faz a prestação de contas tranquilamente. Por incrível que pareça nós chegamos à conclusão que no MOEMA as pessoas têm mais intenção de colaborar do que de*

*qualquer outra coisa. Com a pandemia foi suspensa a mensalidade e tudo que a gente precisa resolver é através do grupo no WhatsApp” (Maria José).*

*“Não. Grandes conflitos não. As vezes não temos dinheiro em caixa para pagar certas feiras, pois tem feiras que são caras e as vezes, não se tem dinheiro, mas não é assim um conflito por causa de dinheiro, mas a gente sempre resolve da melhor maneira possível. Nunca ouvi dizer que teve briga por causa da mensalidade, do dinheiro. Tem caixa nós somos bem organizadas” (Socorro).*

*“Não. Nunca tivemos problemas com isso porque a gente sabe que o dinheiro é destinado para a questão das feiras para pagar alguns papéis pagar inscrição em eventos ou alguma coisa assim” (Lindaura).*

As decisões do MOEMA são tomadas em reuniões e sempre em conjunto, de maneira democrática, assim como é previsto em estatuto. Elas demonstram conhecimento de tais regras.

*“Em reunião. Tudo em reunião e aí tudo vai para votação, por exemplo, se a metade 50% mais 1 aprovar aí tá decidido. Tudo em reunião a gente sempre tomou atitude em reunião. Nunca eu disse ‘eu’, ou a Dona Maria José disse ‘Eu’ ou ‘eu vou determinar’, ou ‘eu vou fazer isso’, toda vez que tem que resolver algum problema tudo é através de reunião” (Lindaura — grifo nosso).*

*“Elas são tomadas a partir de uma assembleia elas são postas no grupo e todo mundo vota e a maioria votando a favor é tomada a decisão, sempre democraticamente nunca é imposta uma coisa, tipo a presidente dizer que a gente vai fazer uma coisa... Nunca foi dessa forma, sempre é de maneira democrática a maioria é que vence e é sempre decidido nas reuniões e não faria sentido se fosse diferente” (Leila — grifo nosso).*

*“São tomadas em reunião. Tudo que se vai fazer no MOEMA se marca reuniões com a diretoria no mínimo tem que tá a presidente ou a vice-presidente, tesoureira, secretária a gente convoca todas, tem alguma que não pode, mas tem que tá a maioria das associadas para a gente poder tomar uma decisão. Porque a maioria que vende. Sempre é assim, não se toma nenhuma decisão sem participar para as associadas” (Socorro — grifo nosso).*

A associação participa de muitos eventos e também os realiza. Se perguntadas a respeito dos eventos, Elas esclarecem nitidamente a maneira como os eventos acontecem e como lhes chegam por meio de uma pessoa responsável; tudo posto em reunião.

*“Tem uma pessoa que é responsável pelas feiras, por organizar a questão das feiras tipo assim, vai ter um evento no HANGAR então essa pessoa vai atrás de quanto é o espaço quantos espaços vamos precisar, quem vai participar dessa feira, desse*



*evento... é dessa forma. Uma pessoa dentro do grupo que é escolhida para fazer esse processo” (Leila).*

*“Nós temos uma diretoria com presidenta, (que hoje é representada pela associada Lindaura, tesoureira (Maria José Alencar) e secretária (Socorro Santos) e temos ainda uma associada que é responsável pelas feiras (que hoje é representada pela associada Euclidea Sousa) MOEMA” (Maria José).*

*“Geralmente é a presidente que toma conta dessa parte. A Dea como tem muita amizade, já participou de muitos eventos e feiras então as pessoas ligam para ela falando de feiras aí ela já nos informa e a gente vê se é viável participar se o preço tá condizendo com o que a gente tem em caixa, tudo isso. Aí quando não pode ir todo mundo se faz uma escala — vai quatro, vai cinco associadas e essas são as responsáveis pela mercadoria de todas. Eu acho muito organizada essa parte. Se faz uma escala se a feira durar 3, 4 ou 5 dias uma semana que seja, se faz uma escala de trabalho e a escala tem que ser obedecida e se a associada não puder ir ela tem que avisar para a gente substituir e é assim tudo é resolvido em reunião” (Socorro).*

Ao serem perguntadas a respeito do que mais se debate nas reuniões, elas são unânimes em falar das feiras e eventos, mas elas também falam do momento que estão reunidas e discorrem dos problemas, dos filhos, das conquistas, do marido, enfim acaba por ser um momento de encontro e partilha de amigas.

*“Nas reuniões o que a gente mais discutia era a questão dos eventos que o MOEMA ia participar e da questão financeira para participar desses eventos, resolver algum problema do Bosque [local que o MOEMA expõe todos os domingos] a gente reunia para decidir como resolver aquele problema, o que fazer para resolver aquela questão. Sempre em grupo nunca sozinhas. Quando aparecia alguma fofoca a gente tinha que reunir para resolver [risos] um comentário falava tudo ali. Falamos dos nossos problemas pessoais, dos filhos, maridos, resolvia logo tudo ali. Brigava, discutia e em seguida saía rindo se abraçando... Feliz da vida” [risos] (Lindaura)*

*“O que mais se debate é sobre nossos trabalhos o que tu estás fazendo se tu não estás te saindo bem naquilo muda para outra coisa, faz outra coisa traz uma novidade ou então continua, mas tenta aperfeiçoar melhor faz uma coisa melhor para ti poder mostrar para teus clientes porque não adianta tu fazer uma coisa e essa coisa não tá perfeito para o cliente achar logo um defeito. Porque fulano não tá vendendo? (...) Também são debatidos assuntos pessoais, como tá a saúde quem tá precisando como está na sua casa financeiramente, a pessoa que mais estava precisando era a Carla hoje em dia ela tá bem a pesar dessa pandemia antes ela estava fazendo curso de enfermagem ela conseguiu aposentar os dois filhos dela, né? Porque todos dois têm problema da cabeça e ela tá trabalhando como enfermeira porque ela conseguiu terminar o curso dela então para ela o MOEMA foi muito positivo também porque abriram outros espaços, outros pensamentos a France também que se formou como enfermeira tudo depois que estavam no MOEMA. Eu pelo menos não tenho do que reclamar agradeço primeiro a Deus por ter visto a reportagem e aqui também porque*

*receberam a gente de braços abertos deram oportunidade e fica, aguenta... ahhh não vendeu eu não vou mais... Não é assim! Vamos ficar porque uma hora vai dar certo porque teve gente que entrou e desistiu muito rápido, né? Teve gente que o marido também impedia e desistiu e, por exemplo, eu trouxe uma moça aqui e o marido dela não gostou tinha muita Mulher e onde tem mulher é para falar de homem... Ele nem imaginava o que a gente conversava aqui que era incentivar a fazer isso àquilo, como trabalhar, como atender bem o cliente porque tudo isso é uma porta porque se o cliente chega e tu diz: diga! [exemplificando com a cara fechada] o cliente já fica até com medo. Então é: Bom Dia! Fique à vontade qualquer coisa estamos aqui para atendê-lo. Eu sempre falo isso. E eu digo isso para as minhas colegas ensino elas também. Eu gosto de deixar o cliente bem à vontade, pois tem cliente que não gosta de tá uma pessoa todo tempo atrás... Temos que dar liberdade para o nosso cliente” (Nazaré).*

Os assuntos debatidos nas reuniões são colocados em pauta; qualquer associada pode levar um assunto a ser discutido, de maneira que todas possuem voz, o que fica claro nos trechos da entrevista a seguir:

*“É assim... Aconteceu uma feira algo aconteceu lá que não era para acontecer ou que, por exemplo, eu não achei certo. Eu anoto e na próxima reunião eu levo e coloco na pauta se outra associada tiver algo a dizer ela anota e lá a gente põe em reunião e a gente vai ver se tem coisas para punição ou se foi realmente necessário o acontecimento porque às vezes o que eu acho errado pode ter sido até necessário, ou então chegar atrasado, às vezes aconteceu alguma coisa em casa, doença, pois a gente não sabe o que pode acontecer. Então a gente vê o que aconteceu para colocar em pauta na reunião e também para fazer uma avaliação daquela feira (como foi se foi bom o que temos que mudar para a próxima)” (Socorro — grifo nosso).*

*“Não tem uma pessoa específica, às vezes, uma associada tem uma informação... olha vai ter um evento em um lugar assim o que vocês acham da gente participar? Então vamos procurar saber onde e como é. Então não tem uma pessoa assim específica qualquer pessoa pode ser portadora das informações. Toda Mulher pode falar na reunião, toda Mulher tem voz todas independente pode falar, pode expor ideias, questionar, reclamar porque às vezes tem reclamações. E também é um momento [pausa] de digamos assim, de abrir o coração de falar um pouco dos problemas da família de problemas financeiros, às vezes, que a gente tá passando, olha muita das vezes acontece das colegas uma ajuda à outra com um produto, se a colega não está em condições de comprar um produto seus materiais para confeccionar os seus produtos e a colega vai lá e ajuda dar uma linha, um pano, uma miçanga, qualquer coisa que seja para ajudar aquela colega a confeccionar as suas coisas. Comigo já aconteceu de eu ganhar cesta básica das colegas, você acredita? [emoção] e eu também já doeï para as colegas quando estavam com dificuldades. É o companheirismo lá que é muito forte. Como em todos os grupos a gente se identifica mais com uma com outra, e lá tem isso, tem associada que tem vínculo muito forte uma com a outra de anos de convivência algumas são comadres... Eu sei que eu todas as vezes que encontro com elas é uma festa [risos]” (Leila — grifo nosso).*

*“Qualquer uma de nós que tenha qualquer assunto, ou que tá nos incomodando ou um assunto que vai prosperar cada um pode chegar e falar... Olha é isso, isso e isso... Eu não tô gostando de tal coisa porque tem umas que não falam, mas tem umas que falam então vamos ficar nessa pauta quando a gente terminar essa pauta a gente parte para outra. Por exemplo, eu chego para a Dea e digo olha eu não gostei de tal coisa... Vamos você vai colocar em reunião e dizer que não gostou daquilo. Então nós vamos discutir essa pauta, e também respeitar a presença da pessoa falar pela frente nada de falar por trás da pessoa falar pela frente, para aquela pessoa saber que ela tá errada em alguma coisa e procurar melhorar” (Nazaré).*

O MOEMA é um movimento de Mulheres que se reúnem no bairro da Marambaia, periferia da cidade de Belém do Pará; porém, este participa de eventos em toda a cidade e região metropolitana. As associadas sempre relatam com entusiasmo acerca dessas participações e usam questões como a legalização da associação e a solidariedade enquanto pontos importantes para a visão positiva que o MOEMA alcançou no meio em que atua.

*“Com a legalização do MOEMA ajudou bastante para sua visibilidade, lembrando que o governo atual não apoia os movimentos sociais, então é difícil as feiras, mas fora isso o MOEMA criou uma história, ele é reconhecido por serem como eu já falei, trabalhos bonitos, produtos que representam a nossa região. Não é um grupo que tenha um cunho educativo, mas ele ensina. Quando você fala de uma boneca que é dançarina de carimbó [Dança típica da região] você tá dando uma aula sobre o seu estado. Então elas têm isso” (Mazane).*

*“Eu acho que as pessoas veem o MOEMA com muito respeito [empolgação] O MOEMA tem um grande peso na sociedade na época da política nós somos muito procuradas, políticos querendo nos visitar, querendo apoio... (mas somos um grupo independente). Devido às ajudas e os cursos que a gente oferece à comunidade o MOEMA é bem visto no bairro pena que é um grupo pequeno sem recursos financeiros para ajudar mais a comunidade, abranger bem mais Mulheres, mas infelizmente não temos condições financeiras para isso” (Maria José).*

*“Eu sempre achei assim que as pessoas viam a gente como um grupo muito unido e que a gente se preocupa uma com a outra. Um grupo solidário mesmo, o professor Arruda utilizou o nosso grupo como da Economia Solidária que a gente se juntava e cada uma fazia seu trabalho na sua casa e a gente se juntava para comercializar, porque eu sozinha não podia entrar no HANGAR nem a dona Maria sozinha também não, então a gente juntas conseguiu expor em lugares que a gente nunca imaginou que conseguiria” (Lindaura — grifo nosso).*

Ao perguntar se gostariam de adicionar alguma coisa ao que já fora dito, temos algumas impressões:

*“O MOEMA é um grupo de Mulheres que vale a pena pois a gente ver a Mulher quando chega na associação e como ela fica após a convivência na associação... muitas dessas Mulheres chegam com muitos problemas depressão, e várias outras doenças, muitas com muita dificuldade financeira e a gente ver essas Mulheres dando testemunho e falando de como a vida mudou é muito gratificante. É um grupo de Mulheres com defeitos, mas as qualidades são muito maiores que os defeitos. É muito importante ver a Mulher crescendo junto com o grupo.*

*Quero dizer que foi um prazer dar a entrevista, foi um prazer falar do MOEMA. eu gostaria que outras Mulheres de outros lugares se inspirassem na associação, criassem associações porque ajuda muito a Mulher, ela ajuda de um modo geral tanto financeiro quanto social. Eu me atrevo a dizer que a Mulher que faz parte de um grupo de Mulheres como o MOEMA é muito mais feliz é uma Mulher que é valorizada e que se valoriza [emoção].*

*Uma sugestão... entreviste outras Mulheres porque só eu falando pode parecer suspeito, pois eu sou uma das fundadoras do MOEMA. Fale com outras e tu vais ver que só vão falar coisas boas do MOEMA” (Maria José — grifo nosso).*

É atraente e atrevido recordar o relato de Maria José, pois demonstra a vontade de partilhar aquilo que vivencia dentro do MOEMA, assim como o olhar diferenciado da Mulher que faz parte do grupo, quando diz que:

*“Eu me atrevo a dizer que a Mulher que faz parte de um grupo de Mulheres como o MOEMA é muito mais feliz é uma Mulher que é valorizada e que se valoriza [emoção]” (Maria José).*

*“Isso faz parte da economia solidaria você teve essa visão, parabéns para você é muito importante sim, grupos de Mulheres, grupos de pessoas que saem até de grupo de risco podia entrar numa depressão, podia até cometer suicídio, mas não, quando entrou trabalho na vida delas e quando esse trabalho gerou dinheiro elas saíram daquela área de perigo, então eu acho que a associação tá de parabéns também porque consegue ajudar as pessoas. Quando se consegue ajudar uma pessoa já é muito então a nossa associação tem essa parte humanitária e isso me encantou foi o que me aproximou essa parte humanitária é muito lindo. E você levando esse trabalho para a universidade com certeza vai encantar alguém e vai demonstrar sua importância porque é importante talvez tenha pessoas que não achem, mas é importante” (Socorro).*

Socorro complementa dizendo:

*“Analisando bem quantas vidas foram salvas com um trabalho tão simples, o trabalho manual. Hoje já passaram muitas associadas pelo MOEMA e porque eu digo que passaram porque se formaram tudo com a ajuda desse dinheiro que ganharam através do MOEMA, se formaram técnica em alguma coisa ou fizeram faculdade, então elas aprenderam muito e saíram do MOEMA pela porta da frente, em grande estilo, saíram para o mundo para a vida veja só a importância disso. Eram*

*Mulheres que viviam dentro de casa cuidando de marido, filhos e de casa a vida delas se resumiam ali, mas depois do MOEMA elas acharam que poderiam ir mais além, mais longe e foram porque entenderam que a gente é o que a gente quiser ser. E foi o MOEMA que com essa família que nós construímos foi o que ajudou essas Mulheres a entender isso e da força para elas. As vezes a pessoa só precisa de um pequeno empurrãozinho, tem a capacidade, mas tá travadas e precisa daquele empurrãozinho para seguir isso o MOEMA fez na vida de muitas Mulheres com certeza. Na minha fez” (Socorro — grifo nosso).*

Socorro nos apresenta um trabalho humano e nos lembra de que é parte de uma economia solidária. O trabalho é feito pelas mãos de Mulheres que tiveram seus problemas de saúde amenizados com a chegada no MOEMA. Socorro frisa que muitas associadas saíram do MOEMA formadas e que

*“Às vezes a pessoa só precisa de um pequeno empurrãozinho, tem a capacidade, mas tá travadas e precisa daquele empurrãozinho para seguir isso o MOEMA fez na vida de muitas Mulheres com certeza. Na minha fez” (Socorro).*

A Nazaré, com emoção, relata abaixo que, no MOEMA teve uma escuta, uma oportunidade de falar, de contar a sua história, e foi ouvida e motivada a viver o presente e a deixar o passado de lado, buscando pensar no futuro:

*“A única coisa que eu digo de verdade [entonação na voz] de coração mesmo foi conhecer todas as pessoas do MOEMA, todas, o grupo em si, porque não foi uma duas ou três foram várias, várias pessoas me dando força quando eu contei a minha trajetória, a minha história todas elas abraçaram da sua maneira e começaram a me dar força para que eu não ficasse só presa no passado, então elas me tiraram do passado para viver o presente e pensar no futuro [emoção] então isso para mim é marcante, é positivo eu sempre falo para qualquer pessoa que é tipo uma área de psicologia porque aqui tu falas o que tu queres, o que tu tá sentindo e as pessoas estão ali te ouvindo e dão opinião [emoção] então essa é a experiência que eu tenho do MOEMA é isso que eu tenho para falar do MOEMA” (Nazaré — grifo nosso).*

Nazaré salienta a importância de ser ouvida e de ouvir, característica dos movimentos sociais: o direito à palavra, uma maneira de compartilhar vivências, dores, sabores; e com base nas palavras, vão-se construindo novos sonhos, novas realidades.

*“Eu só quero acrescentar a importância do MOEMA na minha vida... Outro dia eu conversando com uma amiga e falando com ela e lembrando de tantas coisas e eu pensei assim, meu Deus como ela via essas coisas em mim? Ela conversando sobre o meu filho que já ia se formar e ela falou quantas dificuldades tu já passaste e aí me veio diretamente assim o MOEMA de como ele foi significativo nessa coisa da busca*

*para os meus filhos estudarem e terem uma profissão e se formarem porque nos espaços que a gente ia, HANGAR, Universidade, faculdade e tudo... a gente faz uma viagem ali.. caramba, eu quero que meu filho esteja aqui também estudando, participando disso e eu estou aqui vendendo essas produtos para eu possibilitar uma passagem de ônibus, a taxa de inscrição de alguma coisa, então de fato o MOEMA tem muita significância e muita importância porque durante 5 anos seguidos o MOEMA foi a única renda que eu tive. Então isso é grandioso e fez um diferencial e as minhas conversas com a dona Maria José, contigo com a Mazane... Caramba a dona Maria José [integrante e uma das fundadoras do MOEMA] dizia para mim: - Minha filha vai estudar! Tu é tão inteligente, tu tens tantas possibilidades. (...) Eu disse toda a importância da minha mãe, mas tem uma coisa que eu gostaria de contar e que é relevante, nesse momento, porque depois que eu me graduei me pós graduei e também tendo como referência a minha mãe e as Mulheres do MOEMA e toda essa busca pelo melhoria de vida, enfim, pelo empoderamento mesmo, pela liberdade de fazer o que ela se propõe o que ela quer independente de ser solteira ou não e por conta disso tudo eu esse ano fui convidada para ser candidata a vereadora no meu município de Curralinho pelo Partido dos Trabalhadores, a minha mãe é uma das fundadoras desse partido ela esteve nessa grande luta, então eu fiquei muito lisonjeada e em nenhum momento pensei em não aceitar, eu de cara aceitei [risos] porque eu não tive dúvidas antes eu já havia sido convidada, mas eu achei que não era o momento eu não estava preparada por várias questões, por falta de mais conhecimento, pois eu acho que não é só ser vereadora você tem que saber, entender do processo e eu não me sentia preparada de fato para aceitar um desafio desses e hoje não, hoje eu tenho uma melhor visão de tudo das dificuldades do meu município, principalmente do papel da mulher nesse contexto e da educação e o rumo que a educação tem tomado lá isso me preocupa muito também e por eu ser da área da educação eu sou defensora da educação como transformação. A educação de fato transforma então eu quero fazer alguma coisa eu quero expandir o que eu aprendi o que eu busco o que eu estudo o que eu pesquiso e por conta disso eu aceitei [risos] eu estou muito feliz com isso porque sei que ganhando eu posso contribuir muito, pois eu tenho como espelho a minha mãe e as causas que ela sempre defendeu... O trabalhador e a trabalhadora rural, pela escola de qualidade para o ribeirinho [habitante da beira dos rios da Amazônia] com educação no próprio município para não precisar que ele saia de lá, como eu fiz, para poder estudar. Por causa disso que eu aceitei. Vai ter uma Mulher MOEMA na política” (Leila — grifo nosso).*

Leila, em seu relato emocionado e forte, aponta a importância da educação em sua vida em todos os sentidos, uma vez que discorre sobre a observação feita por uma amiga e se questiona “*meu Deus, como ela via essas coisas em mim?*”. Logo se lembra do MOEMA enquanto parte importante em sua vida que possibilitou a formação dos filhos e a sua própria. Leila relata uma vivência típica de grupo de Mulheres quando conta os incentivos que recebia das companheiras para que ela voltasse a estudar. Por fim, fala da importância da educação e da ocupação dos espaços da cidade e relata com sabedoria que:

*“Porque nos espaços que a gente ia, HANGAR, Universidade, faculdade e tudo... a gente faz uma viagem ali... caramba, eu quero que meu filho esteja aqui também*

*estudando” (Leila).*

Trata-se de uma desconstrução da ideia de que determinados espaços, como universidades ou centros de eventos, não são lugares para pessoas sem um determinado poder aquisitivo. Leila complementa dizendo que *“a educação de fato transforma então eu quero fazer alguma coisa eu quero expandir o que eu aprendi o que eu busco o que eu estudo o que eu pesquiso”*.

Decerto, a educação é transformadora e o comprovamos no forte relato da Leila, que pensa em expandir o que aprendeu, remetendo-nos ao que ensina Freire (2014): “Questionamento e desconstrução são palavras-chave de uma educação anti-opressiva e também da investigação que deve, ela própria, ser promotora dessa educação” (p. 5).

[OBSERVAÇÃO DA PESQUISADORA: um mês após a entrevista, Leila entrou em contato comigo para dizer que o partido propôs sua candidatura à prefeita, e não à vereança, o que Ela aceitou com felicidade. Leila está trilhando uma carreira na política].

Cada fala apresentada aqui tem a sua beleza, a sua história, a sua importância, tanto para a vida da Mulher que fez e faz parte do MOEMA como para as pessoas que se incluem no círculo delas e aonde o MOEMA chega, seja na periferia da cidade de Belém do Pará seja para além-mar.

As análises do trabalho deveriam findar aqui e já partiríamos às considerações finais, mas o machismo faz mais uma vítima: Leila foi brutalmente assassinada pelo seu ex-companheiro. Enquanto amiga do MOEMA e da Leila, a pesquisadora não achou digno acrescentar à dissertação apenas uma nota de pesar, como é o indicado pelo formalismo acadêmico. Surge, pois, o capítulo seguinte. Este será majoritariamente em cunho de homenagem, relatando um pouco do que aconteceu e mostrando algumas falas de Leila durante a entrevista que fizemos.

## Capítulo VI — Leila: o capítulo que não deveria existir.

### 1. Simplesmente Leila.

*Quer durar, quer crescer  
Gente quer luzir*

A presente pesquisa estava na sua parte final, quando se depara com um crime que não poderia ficar de fora e que tornou-se obrigação moral concluir o trabalho, pois a primeira sensação é de fracasso.

Desde o início do trabalho sabíamos que Leila seria uma referência para o desenvolvimento da pesquisa. Leila era uma ‘personificação’ do MOEMA. Estava voando, não foi eleita prefeita, mas se encontrou na política e teve seu nome forte no partido e na sua cidade. Leila fez uma campanha linda e muito feminina. Leila estava separada de seu ex-companheiro há três anos e tinha uma medida protetiva que o proibia de qualquer contato. Na tarde do dia 19 de novembro de 2020, uma quinta-feira, Leila foi morta a facadas em Belém do Pará e o assassino, o autor do crime é seu ex-marido, pai dos seus filhos. Leila foi vítima de feminicídio, foi tirada de sua luta, teve sua estrela apagada por um ato de covardia e crueldade injustificável.

Durante muitos anos tentou-se justificar a morte de muitas Mulheres como algo ligado à defesa da honra masculina, esse absurdo vivido durante anos não pode mais figurar qualquer imaginário, Leila foi morta pelo machismo, pela ideia errônea e desumana de que o masculino é superior ao feminino. Pasinato (2011) nos lembra de que “a violência contra as mulheres é definida como universal e estrutural e fundamenta-se no sistema de dominação patriarcal presente em praticamente todas as sociedades do mundo ocidental”(p. 230).

No decorrer do presente trabalho mencionamos legislações e autores que abordam a temática de violência contra a Mulher e a morte de Mulheres por questões relacionadas ao gênero, advindas dos mais diversos contextos políticos, sociais, familiares e que chamamos de feminicídio, não é algo novo, a violência e morte de Mulheres são presentes na sociedade e são resultados de uma cultura patriarcal, machista que, faz brotar uma distinção entre homens e Mulheres deixando a Mulher em uma condição inferior ao homem. Pasinato (2011) nos aponta a extrema violência oriunda de um padrão cultural machista patriarcal, vejamos:

a morte de uma mulher é considerada como a forma mais extrema de um *continuum* de atos de violência, definido como consequência de um padrão cultural que é



aprendido e transmitido ao longo de gerações. Como parte desse sistema de dominação patriarcal, o femicídio e todas as formas de violência que a ele estão relacionadas são apresentados como resultado das diferenças de poder entre homens e mulheres, sendo também condição para a manutenção dessas diferenças. (p. 230)

O que resulta em uma manutenção da violência que tem como ápice o assassinato de milhares de Mulheres. Confirmando com esse prisma temos duas legislações importantes que são as leis nº 11.340/2006 e a Lei nº 13.104/2015.

A Lei conhecida como Maria da Penha, de nº 11.340/2006, representou e representa um marco na proteção ao direito da Mulher, uma vez que tem como premissa:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do [§ 8º do art. 226 da Constituição Federal](#), da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006).

Assim como a Lei Maria da Penha, em março de 2015 surge a Lei 13.104/2015 que vai tipificar o feminicídio no Brasil:

Art. 1º O art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

#### **Feminicídio**

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino:

§ 2º -A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - violência doméstica e familiar;

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

#### **Aumento de pena**

§ 7º -A A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto;

II - contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência;

III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima.”

(Lei 13.104 de 09 de março de 2015)

São legislações importantes que carregam um grande caráter simbólico e que já foi responsável por salvar vidas de muitas Mulheres, mas ainda é pouco, já é mais do que momento de por em prática as medidas de maneira efetiva para coibir de fato e de direito a violência de gênero. A discussão a respeito da temática e suas diversas vertentes deve ocupar todos os espaços.

Leila estava dentro de sua casa e tinha uma medida protetiva, Leila gritou pedindo ajuda aos vizinhos, mas não foi ajudada, pois ainda existe a ideia de que ‘em briga de marido e mulher ninguém mete a colher’. O que torna notória a antiga ideia de que a violência doméstica é algo impune e que existe uma supremacia do homem sobre a Mulher.

A morte de Leila foi marcada por algumas manifestações em Curralinho (sua terra natal) e em Belém do Pará (cidade onde morava) e foi recebida com aplausos por onde passou. A seguir imagens referentes às manifestações:



Imagem 4: Ato organizado pela Frente Feminista em Belém – (Foto de divulgação)



Imagem 5: Ato organizado no município de Curralinho. – (Foto das redes sociais de Leila)

O protagonismo de Leila estava cada dia mais claro no meio em que ela estava atuando e na maneira como vinha pautando a sua vida. Leila estava feliz e vivendo sua vida com seus dois filhos e crescendo como Mulher. Muitos jornais, canais, meios de comunicações noticiaram sua morte no Brasil e em vários países do mundo. Estamos diante de mais um caso de feminicídio que entra para as estatísticas.

Leila Vive? Não! Leila foi brutalmente assassinada e tirada de sua luta. Precisamos lutar porque todos os dias perdemos Leilas no Brasil e no mundo. A imagem a seguir foi tirada no velório em Belém do Pará:



Imagem 6: Velório em Belém do Pará – (Foto: MOEMA)

## 1.2 Caminho de Leila

*“Gente olha pro céu”*

A entrevista que Leila nos concedeu é uma das maiores (entrevista completa em anexo n.º B), e foi perceptível, diante daquela conversa, o seu protagonismo: Ela é uma prova viva de que os Movimentos Sociais, os grupos de Mulheres são instrumentos de transformação na vida de quem os vivencia. Leila se apresentou como marajoara, nascida na beira do rio e nos apresentou seus pais, Seu Arruda e Dona Helena:

*“Meu nome é Leila Maria Santos de Arruda, eu sou marajoara do município de Curralinho Ilha do Marajó. Eu fui uma criança ribeirinha, eu nasci na beira do rio, meus pais foram agricultores trabalhadores da roça do campo, a nossa atividade era a pesca, extrativismo e assim... Eu sou a terceira filha do casal João Damasceno Brito de Arruda e Helena Santos de Arruda. Na minha infância minha mãe era professora e o meu pai agricultor” (Leila).*

Leila desde sempre aprendeu a dividir, sempre teve a casa cheia, pois era em sua casa que funcionava a escola de sua mãe — esta dividia o trabalho na roça com a alfabetização de crianças, jovens e adultos —; ela ensinava o que sabia aos moradores daquela comunidade:

*“A nossa casa era sempre cheia de pessoas o tempo todo porque também era onde funcionava a escola a minha mãe dava aula na sala da minha casa [sorriso] então era um convívio muito grande, muito tempo muita gente nos turnos de aula, ela dava aula de manhã, para crianças e adolescentes e a noite ela ensinava o MOBREAL [Movimento Brasileiro de Alfabetização] para os adultos. Então a gente sempre teve um convívio de muita gente e também minha família é muito católica, minha mãe, meu pai sempre muito católicos, sempre participamos da comunidade, porque no interior é assim comunidade, né?” (Leila).*

*“Meu pai era coordenador de comunidade o meu pai é um homem assim, que mesmo sem saber muita coisa sobre preservação do meio ambiente, essas coisas ele não tinha noção, mas assim mesmo ele já o preservava já se preocupava com o desmatamento, com a derrubada das madeiras, retirada de palmito, açaí, essas coisas então sempre ele foi muito defensor da preservação, da pesca demasiada sem necessidade, da caça, enfim e é isso... e a gente assim... a nossa economia era baseada em plantação de mandioca e o nosso sustento era tirado todo da floresta e do rio, né? E também eles criavam muito, meu pai sempre criou pato, galinha, porco e também sempre plantou e ele sempre nos ensinou e nos educou a sempre plantar, sempre tirar o sustento da terra” (Leila).*

É importante percebermos a preocupação com meio ambiente desde sempre em sua convivência e a noção de uma economia mais justa e ligada ao meio em que viviam; fato que nos remete ao pensamento de Acosta (2015), o qual estabelece que “a economia deve submeter-se à ecologia. Por uma razão muito simples: a Natureza estabelece os limites e alcances da sustentabilidade e a capacidade de renovação que possuem os sistemas para autorrenovar-se” (p.121).

A família de Leila sempre fora atrelada à educação; sempre houve uma valorização do conhecimento — não é por acaso que a escola era dentro de casa ou que eles conviviam em meio à comunidade e em o contato direto e de respeito com a natureza. No entanto, como prática comum àquela região, Leila deixa sua casa para estudar e para trabalhar em Belém (capital do estado do Pará) aos 10 anos de idade:

*“Então com 10 anos, a minha irmã já vindo para Belém para um colégio, um internato, trabalhar e estudar, porque o meu pai achava que aquilo era muito pouco ele não queria que os filhos dele trabalhassem a vida inteira na roça ele tinha muita sede de conhecimento que os filhos tivessem conhecimento, tivesse oportunidade aquela coisa que ele julgava não ter [pausa - emoção] o que não é verdade porque no fundo ele tinha muito [sorriso]. Hoje a gente sabe que ele tinha muito conhecimento e tem, né? E aí assim... A minha irmã veio primeiro adolescente e depois eu com 10 anos, olha só, com 10 anos uma criança, né? [risos] eu vim para Belém para um colégio interno, um colégio de freiras, mas aquilo para mim era uma festa, não era*

doloroso eu sai de perto da minha mãe, porque eu ia tá com a minha irmã e eu tinha outras possibilidades ali. Então eu nunca tive problema com isso, assim, de achar que aquilo era uma ruptura que era dolorida ficar longe de casa, não, para mim era normal, era tudo bem, era uma festa, porque nas férias eu estava lá de volta, eu passava 6 meses e após 6 meses eu estava de volta em casa. E com o tempo eu fui compreendendo que aquilo era necessário para a realidade que a gente vivia na busca do conhecimento, o objetivo sempre foi esse” (Leila — grifo nosso).

Uma menina, com 10 anos, Leila deixa sua casa e vai para um colégio interno estudar e trabalhar (prática comum na região). O que impressiona é que ela *encara* essa ruptura como algo natural e benéfico, pois cresceu ouvindo que conhecimento é importante; porém, aos 18 anos, quando teve de deixar o colégio, *tentou a vida* em Belém, mas sentiu a necessidade de voltar a Currálinho, onde viveu por três anos. Foi lá que conheceu o pai de seus filhos.

“Depois que eu voltei para casa, para Currálinho era um novo momento e eu já tinha terminado o ensino médio, já tinha um conhecimento melhor e eu fui trabalhar no município eu trabalhei em Currálinho na secretaria de educação e cultura, trabalhei na biblioteca porque eu sempre tive aptidão por ler sempre gostei muito de ler e aí cheguei a fazer um curso de técnico de biblioteca, até hoje lá tem livros catalogados por mim, um trabalho muito bom [risos]. Aí nesse período eu conheci o pai dos meus filhos e aí a gente resolveu ficar juntos e foi isso, vivi em Currálinho já com os meus filhos, tive dois filhos, Breno 27 anos hoje e o Brian 25 anos” (Leila — grifo nosso).

A vinda com a família para Belém foi cheia de dificuldades, e Leila assume a liderança de sua família, uma vez que não tinha apoio do seu companheiro. Ressaltamos que ela sempre fora a maior provedora da família.

“Eu morei em currálinho 3 anos somente depois dessa minha volta porque eu achava o mesmo que meu pai achou lá atrás, sem muitas perspectivas, aí eu me preocupava de criar os meus filhos lá e eu não via possibilidade, só havia uma escola estadual era tudo muito precário a gente trabalhava, como funcionário público e ganhava menos de um salário mínimo então era muito difícil sem muita perspectiva de melhora, mas aí nessa vinda para cá [Belém] também foi difícil porque eu fazia uma visão de que seria muito mais fácil tá em Belém por conta das oportunidades e das possibilidades de trabalho, mas não foi bem assim, porque o meu companheiro não buscava, tinha medo de enfrentar as dificuldades, medo das possibilidades enfim... e aí nesse processo eu tomei as rédeas da minha família eu que fui a provedora maior da minha família e aí começou a busca, né? A minha mãe é a minha maior referência, eu com certeza sou a mais parecida com ela, essa coisa da força, da determinação do querer ir atrás, mas o lado mais apassivador eu acho que é do meu pai. O meu pai é um homem muito pacífico ele é o apaziguador com ele não tem briga ele sempre procura o lado bom das coisas, enfim, quanto menos briga melhor para ele. [risos] a

*minha mãe é mais guerreira ela vai para confronto mesmo [mudança na voz]” (Leila — grifo nosso).*

Leila trabalhava para garantir o sustento da família, mas não deixava de sonhar. Em 2012, Ela decide voltar à sala de aula e consegue ingressar em uma universidade.

*“Eu sempre quis fazer um curso superior e ter uma graduação, uma qualificação eu sempre quis e por conta dos filhos e outras coisas, outras situações eu fui deixando de lado, ficou um pouco esquecido, mas em 2012 eu decidi voltar a estudar, fiz o ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio], fiz o vestibular consegui meia bolsa pelo PROUNI [Programa Universidade Para Todos, o qual promove o acesso às universidades particulares brasileiras para estudantes de baixa renda que tenham estudado o ensino médio exclusivamente em escola pública ou como bolsista integral em escola particular] em uma instituição particular, imagina 20 anos sem estudar, minha nota foi ótima no ENEM para quem não estudava há 20 anos [risos]. E eu estava no MOEMA ativamente quando passei no vestibular e fiquei no MOEMA até o 1.º ano da faculdade, mas depois eu não consegui mais conciliar fazer as atividades e ir às reuniões o trabalho fora e fabricar as coisas que eu comercializava, enfim” (Leila).*

E é com um grande suspiro que Ela me dissera que não queria perder nenhum minuto:

*“Então eu optei pelo curso de pedagogia até então eu achava que eu tinha mais perfil para ser assistente social, mas a minha nota dava para Pedagogia e eu não queria perder mais nenhum minuto, eu não queria perder mais nenhum tempo [suspiro]” (Leila).*

*“Era muita dificuldade e várias vezes eu pensei em parar, mas ao mesmo tempo eu pensava... o que é isso? Você é capaz sim! Você consegue! Você já aprendeu a fazer tantas coisas que nem imaginava fazer quanto mais estudar, né? E eu tive sorte de ter professores maravilhosos, professoras excelentes que sempre me apoiavam me davam forças e eu não quis mais parar de aprender e de buscar” (Leila).*

*“Eu me formei em 2016 e ainda na graduação eu ingressei na pós-graduação em Educação Inclusiva, quando eu terminei a graduação eu já estava na pós e depois eu já fiz mais uma, já finalizei, em Neuropsicopedagogia Institucional e agora estou finalizando Neuropsicopedagogia Clínica com Reabilitação Cognitiva e penso em fazer o mestrado” (Leila).*

*“O MOEMA foi um alavancar também porque na convivência com as pessoas que frequentavam o MOEMA os ambientes que a gente ia então eu achava aquilo tudo muito maravilhoso, tudo muito inspirador então eu queria buscar mais eu não queria ser só uma artesã, eu queria ser uma artesã, mas eu queria ter uma formação [emoção] eu queria ter um diferencial. Eu sempre incentivei as meninas do MOEMA a buscarem também, a estudar de alguma forma, a melhorar a condição porque uma*

*coisa que é certa é fato quando você estuda portas se abrem, você pode continuar a ser artesã, mas você ver outras possibilidades ali mesmo sendo artesã, você vai aprender a comercializar melhor seus produtos, vai conhecer pessoas, melhorar o marketing, enfim. De fato a educação transforma as pessoas” (Leila).*

Desde muito jovem, Leila teve seu convívio em comunidade e, em Belém, começou sua caminhada em Movimentos sociais através de uma associação de bairro:

*“E a ASPEMA [risos] ahhh a ASPEMA [Associação dos Empreendedores e Empreendedoras do bairro da Marambaia] tenho ela no Coração, a ASPEMA, a Martinha, o seu Aristides, o banco do povo, tantas possibilidades, meu Deus! Tantos projetos, tantas feiras em praça, a ASPEMA foi quem nos proporcionou o MOEMA. [pausa]” (Leila).*

### **1.3 O MOEMA e a Leila**

*“Gente”*

A Leila é a prova viva de que o MOEMA deu certo, Leila encontrou no movimento social, em seu grupo de Mulheres a força que precisava para realizar seus objetivos de vida e se encontrar enquanto cidadã e enquanto Mulher. Nos fragmentos que se seguem, Leila relata o início do MOEMA e fala com orgulho que é uma das fundadoras da associação:

*“Quando a ASPEMA terminou a gente ficou nesse anseio e pensou caramba e agora como a gente vai fazer? Como que a gente vai vender nossos produtos? Como que nós vamos participar de uma feira em uma praça se não temos um documento que nos possibilite? E aí a gente ficou pensando, e pensamos... ahh! porque a gente não monta uma associação para nós? E aí surgiu a ideia de uma nova associação e muitas consultas com a Martinha [presidente da ASPEMA] para saber de fato como isso funcionava, como era e o que a gente poderia fazer para proporcionar a outras Mulheres também a comercialização dos seus produtos e foi assim que nasceu o MOEMA das nossas idas lá para a dona Maria José conversar e tentar dialogar, no início fomos eu, Linda, dona Maria José, Leida, Célia e Leidiane... Acho que nós fomos as seis do início de criação do MOEMA se não me engano foram nós. E depois foram chegando outras e outras e legalizar, pois a nossa preocupação era legalizar, trabalhar direitinho, ter respaldo” (Leila).*

*“Eu estou desde o início, eu ainda sou MOEMA, eu não sei eu nunca encerrei minha ligação com o MOEMA e como te falei que depois do trabalho e da faculdade não conseguia mais ir às reuniões” (Leila).*



Leila se remete ao MOEMA com carinho e com perceptível emoção; às vezes, tem-se a impressão de que está a falar de uma pessoa, uma Mulher:

*“A MOEMA é um mix de coisas [emoção], de sentimentos de tudo. O MOEMA, a Mulher do MOEMA é mãe, algumas mães solteiras, são Mulheres prendadas, inteligentes, as mulheres que passam pelo MOEMA são muito inteligentes, elas são visionárias e além de tudo elas têm aquela coisa da mãe, sempre preocupada com os filhos, com a família, ela tá ali por conta do filho, para que aquela renda proporcione alguma coisa para o filho, que seja o dinheiro do ônibus, que seja comprar um livro, uma mochila, o MOEMA, ela é de fato feminina, ela representa tudo isso essa coisa do empoderamento da Mulher. Esse nome tão forte, tão feminino, tão indígena. Eu vejo o MOEMA assim como empoderamento da Mulher” (Leila).*

Na citação acima, ao falar “Eu vejo o MOEMA assim como empoderamento da Mulher”, podemos ponderar conceito de empoderamento do programa ONU Mulher:

O empoderamento significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências (ou ter as suas próprias competências e conhecimentos reconhecidos), resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento. É, simultaneamente, um processo e um resultado. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são desprivilegiados socialmente. (ONU Mulher, 2017, p.25).

Na citação seguinte, contemplamos a influência do MOEMA em seus desenvolvimentos pessoal e profissional e, ainda, a sensibilidade ao perceber que o valor pago por um artesanato é simbólico, pois o valor daquele objeto feito por um Mulher militante de um movimento social é algo que não é possível calcular, dado que nele está toda uma história de vida e de luta, estão as alegrias e também as angústias, os sonhos e tudo mais o que envolve o universo feminino.

*“O MOEMA influenciou tanto no desenvolvimento pessoal como no profissional, nos dois sentidos, porque no meu lado profissional, como eu já te falei... aquilo tudo as*

*peessoas, a fabricação artesanal, aquela coisa toda, me possibilitou ver além, não é só vender para um vizinho ou um parente, aquilo perpassou fronteiras, eu e a Linda [irmã da Leila] chegamos a vender para França nossos produtos. [...] me dava muito prazer e a pessoa também se sentia bem em adquirir um daqueles produtos, pois sabia que era muito bem feito, muito bem embalado e o valor na verdade é simbólico, muitas pessoas que são conhecedoras do trabalho manual elas sabiam que aquele valor era simbólico e que aquele produto valia muito mais porque naquele produto está envolvido muitas coisas, cuidado na fabricação, emoção, carinho, respeito, enfim... Uma infinidade de coisas está envolvida ali naquele trabalho então isso me possibilitou fazer as coisas com mais prazer, com mais jeito, com mais carinho, com mais atenção, com mais cuidado. As coisas que eu faço hoje eu tenho muito mais cuidado em fazer eu gosto de fazer bem feito o meu trabalho, eu acredito que no meu lado profissional foi isso” (Leila — grifo nosso).*

A família e os amigos da Leila sempre tiveram conhecimento do MOEMA e o tratavam com muito respeito, pois sabiam que era dali que vinha a maior parte de seu sustento. Os filhos de Leila cresceram participando de feiras e de eventos do movimento e, desde cedo entendiam a importância do grupo. Ela cita o respeito às tardes de segundas-feiras — dia das reuniões:

*“Quando eu ia para o Bosque levar minhas coisas para vender eles sabiam que aquilo era muito importante para a nossa família daquilo vinha o nosso dinheiro da semana, então o MOEMA era importante para mim, mas eles sabiam a importância que tinha para nós, para a nossa família. Sempre eram respeitadas as segundas feiras que eu ia para as reuniões do MOEMA aquilo era importante e eles sabiam que todas as segundas feiras eu tinha a reunião do MOEMA porque era de lá que a gente tirava o nosso sustento. Era através do MOEMA que participávamos de feiras, que tínhamos espaço no HANGAR, a feira do Fórum Social Mundial que foi uma coisa extraordinária. E eles também participavam e participavam muito diretamente até o meu ex-marido participava porque ele ajudava a carregar as coisas às vezes ia me deixar ou me buscar no final da feira” (Leila — grifo nosso).*

*“A verdade é que o MOEMA passando pela vida de uma Mulher, ela passa pela família toda, a família toda tem que ter esse respeito e esse carinho porque é de onde vem parte da renda e meus filhos tem saudades e tem respeito por essa fase da nossa vida, foi significativo, muito, muito mesmo [emoção e riso]” (Leila).*

*“Eu sempre falo do MOEMA para as pessoas... assim quem me conhece bem sabe do MOEMA quando se fala de Bosque Rodrigues Alves eu logo falo o MOEMA tem barraca lá no Bosque vende artesanato e tal e tal eu já trabalhei no bosque através do MOEMA eu vendia guloseimas enfim (Leila).*

Leila fala da alegria e da expectativa a cada integrante nova, um olhar sensível e cheio de vontade de partilhar conhecimento no momento de ouvir e de conhecer a nova Mulher do

grupo:

*“...Cada chegada de integrante era especial à gente sempre esperava uma integrante nova para a gente ver o que ela trazia de novo, de bom para compartilhar conosco e a gente também compartilhar com ela... Às vezes dando dicas, sabendo como a colega fabrica suas coisas, a gente podendo dar dicas sempre com a preocupação de que os produtos do MOEMA são muito bem acabados, bem feitos muito bem feitos... Então sempre que chegava alguém era uma novidade” (Leila).*

Leila faz questão de lembrar que o MOEMA não tem ligação política no sentido partidário e que é referência na cidade onde atua. A Leila e o MOEMA *sonham* com o surgimento de outros grupos de Mulheres, pois sabem da importância da atuação dos movimentos sociais nos mais diversos contextos.

*“O MOEMA de fato é um grupo de Mulheres empreendedoras que resistiram mesmo com a mudança de governo, porque assim, como o MOEMA, existiam outros grupos, mas eles perderam a força com a mudança de governo mas o MOEMA continua firme. Se você vai a um evento que tenha exposição de artesanato você vai e se falar no MOEMA as pessoas conhecem o MOEMA, vão dizer... ah eu sei do MOEMA, daquelas Mulheres que participam e tal... O MOEMA é de fato uma referência de empreendedorismo de Mulheres e de empoderamento feminino também o MOEMA é muito conhecido em Belém isso é verdade. Então é importante quem dêra que outros grupos surgissem. O MOEMA tem essa importância no empoderamento da mulher, empreendedorismo, economia solidária e na economia alternativa... se você não tem uma renda formal é possível sim você, através dos seus trabalhos manuais, aquela coisa de que você está em casa cuidando da sua casa do seu marido dos seus filhos, mas você tá fabricando suas coisas que também provêm a sua família isso é muito importante” (Leila).*

Leila termina a entrevista dizendo que entende a importância de pesquisas dentro de grupos de Mulheres como o MOEMA, o que nos remete a Freire (2014): “Investigação politicamente comprometida nas mudanças sociais que é necessário e urgente fazer” (p. 5).

Leila fala, ainda, do convite aceito para ser candidata à vereadora do município — o que dias depois é alterado para candidatura à prefeitura e que foi aceito com alegria, sempre com alegria.

*“Eu fiquei muito feliz quando soube da tua tese, eu fiquei maravilhada porque é motivo de estudo sim e pode ser mostrada é uma maneira de ver o MOEMA de outro*

*ângulo de uma outra forma não é só uma Mulher lá da periferia que faz as suas coisinhas e vende, não, é o quanto isso é grandioso o quando isso traz benefícios” (Leila)*

*“A educação de fato transforma então eu quero fazer alguma coisa eu quero expandir o que eu aprendi o que eu busco o que eu estudo o que eu pesquiso e por conta disso eu aceitei [risos] eu estou muito feliz com isso porque sei que ganhando eu posso contribuir muito, pois eu tenho como espelho a minha mãe e as causas que ela sempre defendeu... O trabalhador e a trabalhadora rural, pela escola de qualidade para o ribeirinho [habitante da beira dos rios da Amazônia] com educação no próprio município para não precisar que ele saia de lá, como eu fiz, para poder estudar. Por causa disso que eu aceitei. Vai ter uma Mulher MOEMA na política” (Leila).*

Leila é um exemplo de que o MOEMA segue o caminho certo. Ela foi lembrada por todas as entrevistadas como uma grande Mulher que havia passado e ficado no MOEMA, que estava trilhando um caminho de muita luta e também de grandes conquistas. Durante anos, Leila sobreviveu unicamente das vendas por meio do MOEMA e atualmente era servidora pública, havia concorrido a prefeita de sua terra natal, e estava muito bem em seu partido. Ela tinha muito orgulho em falar do MOEMA por onde passava. A seguir, temos uma foto Dela em sua campanha política:



Imagem 7: Leila durante sua campanha eleitoral no município de Currallinho, Ilha do Marajó, Pará, Amazônia, Brasil (Foto das redes sociais de Leila Arruda).

Mudar o tempo verbal para falar da Leila é delicado, revoltante e desafiador.

Leila já não *trilha* uma carreira política, Leila *trilhava*.

Leila já não *colhe* o fruto de seu esforço, Leila *colhia*, estava no ápice de uma linda colheita.

Leila já não *luta*, Leila *lutava*.

A Leila nos deixa muitas lembranças, exemplos de força, de luta, de dedicação e de feminilidade; mas a Leila também leva um pouquinho de cada Mulher do MOEMA junto a si.

## Conclusões

*“Gente é pra brilhar  
Não pra morrer de fome”*

A presente investigação foi realizada com seis Mulheres integrantes do MOEMA (Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia) que acontece na cidade de Belém do Pará, Amazônia, Brasil. As seis Mulheres foram ouvidas por meio de uma entrevista biográfica nesta dissertação intitulada *“A sobrevivência marcando presença: MOEMA — Movimento de Mulheres empreendedoras da Amazônia”*. O título faz referência a uma música popular paraense chamada *Pecados de Adão*, composta e cantada por Eloy Iglesias.

No decorrer do trabalho, tivemos os objetivos gerais propostos alcançados, pois revelamos a história de vida das Mulheres que fazem o MOEMA. Apresentamos, para tanto, um arcabouço conceitual sobre a Economia Solidária (E.S.) no Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA), como sendo uma economia mais justa, social e solidária voltada para a realidade local, uma realidade amazônica, feminina e articulada.

Demonstramos, também, o perfil e o percurso das Mulheres que fazem o MOEMA e as influências em seus percursos de vida. Da mesma maneira, contemplamos os Objetivos específicos, uma vez que conhecemos as representações das Mulheres do MOEMA sobre a Economia Solidária, os Movimentos Sociais e a sua ideia de cidade educadora, assim como, compreendemos como as Mulheres lidam com as discussões apresentadas no movimento e como se constroem as relações de gênero. Identificamos os conflitos e situações de lutas sociais, assim como as representações que as Mulheres do MOEMA têm dos direitos e dos deveres enquanto participantes de um movimento.

O entendimento das entrevistas biográficas — gravadas em áudio e em imagem e transcritas em toda a sua extensão detalhadamente — pautou-se pela literatura científica sobre os temas propostos: O MOEMA e seu histórico e a atualidade do movimento; a questão de gênero; a economia solidária/bem viver; movimentos sociais, cidade educadora/educativa; e a educação. Estes foram normatizados à luz da metodologia de investigação, pois trata-se de uma pesquisa que demonstra os conceitos antes referidos. Não obstante, o estudo deveria concluir-se por aqui, mas o machismo junto à falta de uma aplicação severa de legislações já existentes nos colocou frente ao assassinato da Leila, que além de todo sentimento, gerou-nos mais um capítulo.

Por intermédio das entrevistas biográficas, percebemos que a organização em formato de um grupo de Mulheres e uma associação geram uma riqueza de aprendizagem — não só

para as integrantes do MOEMA, mas para quem convive com elas, para quem as acompanha — e uma maneira de sobrevivência e de sustento financeiro; muitas vezes, a necessidade não é somente financeira, mas emocional, isto é, de um *ombro amigo*.

Analisar as questões colhidas durante as entrevistas foi uma parte muito preciosa não só para o desenvolvimento da presente pesquisa, mas para a pesquisadora que precisou parar muitas vezes por medo, raiva, alegria, lágrimas e emoção. Trabalhar a questão de gênero é sempre muito delicado e requer alguns cuidados; uma pesquisa biográfica demanda um olhar diferenciado, pois são histórias de vidas sendo reveladas com todas as falas e todos os rostos. Essa constatação leva-nos para as palavras de Delory-Momberger (2012), quando declara a “finalidade da entrevista de pesquisa biográfica: apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência” (p. 526).

Os movimentos sociais no Brasil são partes importantes na formação de cidadãos que formam a sociedade e transformam o meio em que estão inseridos. Um movimento de Mulheres apresenta todas pautas positivas de um movimento, porém traz um diferencial: a sensibilidade. Tudo que é trabalhado dentro do MOEMA é discutido com sensibilidade, até os assuntos mais “pesados” são encarados de modo compassivo. O Movimento Social é um instrumento de transformação, o MOEMA é prova viva disso. O trabalho coletivo possui uma força grande de modo particular quando vivenciada dentro de um grupo como o MOEMA, que vem de uma luta social vivida na periferia de uma grande cidade da Amazônia brasileira.

A sutileza do gênero e a sua maneira generosa se estabelecem nas formas de se ver e ser vista enquanto Mulher, enquanto parte de um movimento e enquanto cidadã: Mulher pós-colonial que pensa a sua vida em grupo, em sociedade de acordo com a sua realidade, com a sua vivência em comunidade. Nesse contexto, temos a importância de leituras de autoras pós-coloniais, pois trazem suas próprias vivências de acordo com uma realidade mais próxima à vivida por essas Mulheres. Nessa lógica, despontam os próprios relatos das Mulheres entrevistadas que têm — em uma mãe, em uma avó ou em uma amiga — uma Mulher a ser seguida ou a ter como exemplo de vida.

A economia enquanto social e solidária, a partilha do que tem e a busca pelo coletivo. O *bem viver* ganhando mais uma forma, a forma de Mulher, periférica, amazônica e resistência. Essas descrições comungam com a abordagem de Acosta (2015), segundo o qual o “Bem Viver apresenta-se como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida”. (p. 69).

É possível enxergar no MOEMA a vivência de outra economia, mais humana, social e solidária. As práticas econômicas exercidas no movimento podem ser aplicadas a outros

meios da sociedade. No MOEMA, existe a partilha financeira enquanto grupo organizado e a partilha solidária de conhecimento, de dores, de alegrias e de matérias para a produção de artesanatos. Enfim, partilham-se vidas.

A vivência no espaço urbano da maneira que é possível, a cidade enquanto educadora/educativa fazendo um esforço para oferecer uma educação que vem, de fato, das ruas, que na maioria das vezes não tem o apoio de políticas públicas necessárias para algo inerente ao ser cidade. Uma particularidade acentuada das Mulheres do MOEMA é a solidariedade, vivida dia-a-dia por cada uma Delas diante da colega e diante do seu contexto. Perante as dificuldades e as alegrias de ser Mulher em um meio urbano amazônico de um modo organizado enquanto associação.

A educação vive Nelas, tão latente, mas que, muitas vezes, passa despercebida por essas Mulheres, verdadeiras educadoras sociais de gente, de famílias; educadoras do meio onde estão inseridas. Uma particularidade marcante das Mulheres do MOEMA é o respeito à educação, elas têm consciência da importância da educação em suas mais diversas formas. Essa postura devolve-nos o pensamento de Freire (2018): “Ensinar, não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (p. 47).

Nem tudo foram *rosas*, algumas aquisições dessa pesquisa foram conquistadas a pulso e com estratégias para ultrapassar limitações e obstáculos que se interpuseram no percurso. Desde logo, a presente pesquisa teve algumas limitações em decorrência da pandemia de COVID19, uma delas diz respeito às entrevistas que foram realizadas de forma *on-line*, o que restringe algumas percepções.

Uma questão que levou o trabalho a buscar um novo olhar foi o assassinato da Leila, que nos fez repensar toda pesquisa, assim como ter a noção de que é urgente a efetividade das legislações contra a violência de gênero no Brasil. No decorrer da investigação, por exemplo, temos relatos de uma Mulher, a Nazaré, que fora obrigada a abandonar seus filhos por sofrer violências e ameaças de seu então marido.

Do presente trabalho, é possível, no entanto uma pesquisa maior fazendo uma comparação com grupos de Mulheres de outras regiões do Brasil, uma vez que se trata de um país com dimensões continentais; ou até mesmo realizar comparações com de algum outro país.

Uma perspectiva para o futuro do MOEMA seria a criação de políticas públicas voltadas para a Mulher e para a economia solidária, por meio de fundos e de investimentos para os empreendedores, pessoas que, como as Mulheres do MOEMA, vivem de seu trabalho



manual, de seu artesanato. A região amazônica é uma região rica em matéria-prima para a confecção destes artefatos e com grandes perspectivas turísticas, o que pode facilitar a sua comercialização.

Foi possível perceber a luta da Mulher amazônida que vive nos centros urbanos, nas cidades, uma vez que, quando se pensa em Amazônia, a maioria das pessoas imagina que não existem grandes centros urbanos, deixando esse tipo de pesquisa de fora. Contudo, na Amazônia existe a Mulher dos grandes centros e, nesse caso, da periferia da maior cidade da Amazônia brasileira, que é Belém do Pará.

Hoje, o MOEMA tem mais razões para lutar pelos direitos da Mulher e pela sua emancipação em todas as suas formas — econômica, política, pessoal, profissional. Esperamos que a luta de Leila não seja em vão. Hoje, o MOEMA carrega uma responsabilidade quanto ao episódio vivido.

A conclusão desta pesquisa tem um misto de sentimentos. Podemos afirmar, quanto ao desenvolver do trabalho, que, na realidade, este foi desafiador desde a decisão do tema. Quando este foi escolhido, iniciou-se um trabalho de seleção de material (livros, artigos, periódicos, vivências, entrevistas) e de busca de metodologia. Uma experiência dura, mas ao mesmo tempo doce como cada sorriso das Mulheres entrevistadas. Nunca considerei que seria fácil, também nunca pensei que passaria pelo feminicídio da Leila. A escrita da dissertação, a todo momento, me trazia um misto de sentimentos desde prazer até revolta, mas percebo que são temas fortes e que precisam ser mostrados, estudados e vivenciados.

O MOEMA sempre me foi fonte de inspiração e de muito orgulho, uma verdadeira escola, à medida que nos educa em todos os sentidos e nos ensina, ainda, quando uma de suas amigas larga tudo, atravessa o oceano, vem cursar mestrado em Lisboa e se mostra motivada a estudá-las e a voltar cheia de coisas para compartilhar com sua comunidade.

Como nos ensinou Freire (2018), quando a educação não adquire cunho libertador, a vontade do oprimido é se transformar no opressor. E o que ficou perceptível foi que a educação construída dentro do MOEMA é uma educação libertadora, e a Leila foi um grande exemplo, pois, mesmo como amiga do MOEMA, Ela continuava ajudando e participando do movimento.

Para mais, o convívio dentro do movimento constituiu pessoas mais solidárias, pois elas sempre ficam com a preocupação de saberem como está o MOEMA e de não se desligarem, principalmente porque sabem que estão em uma situação melhor — mas que já passaram por situações que as outras estão vivendo. Essa é uma prova de que a educação provocada nos movimentos sociais é uma educação libertadora.

Em meio à pandemia, as Mulheres do MOEMA estão tentando se articular da melhor forma possível por meio da solidariedade, compartilhando o que podem: quem pode ajuda com uma cesta básica, um tecido, uma linha, agulhas e coisas do gênero.

E a sobrevivência segue marcando presença!

## Referências Bibliográficas

Acosta, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (T. Breda, Trad.). São Paulo: Autonomia Literária, Elefante Editora.

Albuquerque, N. de M. & Meneses, E. M. (2017). O golpe no Brasil como construção da “democracia” da subcidadania. *Polis [On-line]*, 46. Acesso em 23 de outubro 2019, de <http://journals.openedition.org/polis/12246>

Álvares, M. L. M (2010). Histórias, saberes, práticas: os estudos sobre mulheres entre as paraenses. *Revista do Nufen*, a. 2, 1(1), acesso em 04 de junho de 2020, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v2n1/a07.pdf>

Amado, J. S. (2013). A investigação em educação e os seus paradigmas. In: J. S. Amado (coord.). *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 19-59). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Arroyo, M. G. (2015). Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. *Educar em Revista*, 55, 47-68. Acesso em 03 de novembro de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/er/n55/0101-4358-er-55-00047.pdf>

Aquime, M. S. P (2018). A Igualdade de Gênero. Do Sonho Possível à Realidade Vivida: as contradições presentes na cooperativa das mulheres de Cametá/PA. *Revista Gênero na Amazônia, Universidade Federal do Pará/ GEPEM*, 14. Belém. Acesso em 03 de maio de 2020, de <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicao-14.php>

Bahri, D. (2013). Feminismo e/no pós-colonialismo. *Estudos Feministas*, 21(2), 659-688. Acesso em 20 de novembro de 2019, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000200018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000200018)

Brasil, W. (2007). *Mulheres, desenvolvimento local e sucesso: As feirantes em Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil. Acesso em 15 de março de 2020, de [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3448/6/Dissertacao\\_MulheresDesenvolvimentoLocal.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3448/6/Dissertacao_MulheresDesenvolvimentoLocal.pdf)

Brasil, S. F. & Brasil S.M (2013). Economia Solidária, bem viver e decrescimento: primeiras aproximações. *Emancipação*, 13, nº Especial, 93-104. Acesso em 20 de dezembro de 2019, de <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>

Cardoso, D. M., V. S da, Ponte., C. M do Nascimento., Y. F. R dos, Tembê, & Y. Tembê, (2018). Ritual da Menina Moça, uma Reafirmação da Cultura Tenetehara. *Revista Gênero na Amazônia, Universidade Federal do Pará/ GEPEM*, 14, 89-94. Acesso em 03 de janeiro de 2020, de <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicao-14.php>

Carta das Cidades Educadoras, 2004. *Gênova: Associação Internacional de Cidades Educadoras*. Acesso em 02 de setembro de 2019, de <http://www.edcities.org/wp-content/uploads/2013/10/Carta-Portugues.pdf>

Cavaco, C. (2002). *Aprender fora da escola percurso de formação experiencial*. Lisboa: Educa.

Cavaco, C. D. de J. (2015). Formação de educadores numa perspectiva de construção do saber — contributos da abordagem biográfica. *Cad. Cedes*, Vol. 35(95) pp. 75- 89. Acesso em 02 de janeiro de 2020, de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622015000100075&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622015000100075&script=sci_abstract&tlng=pt)

CEDECA – EMAÚS. (s/d) Trabalho infantil doméstico, In *Organização Internacional de Trabalho escritório regional para América Latina e o Caribe Programa internacional para a eliminação do trabalho infantil – IPEC*. Acesso em 29 de novembro de 2019, de [http://white.lim.ilo.org/ipec/documentos/ras\\_brasil\\_belem.pdf](http://white.lim.ilo.org/ipec/documentos/ras_brasil_belem.pdf)

Cintrão, R. & Siliprandi, E. (2011). O progresso das mulheres rurais. In: *O Progresso das mulheres no Brasil 2003-2010*, 188-229. Acesso em 02 de fevereiro de 2020, de [http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf)

Constituição da República Federativa do Brasil (2016). Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de

Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, pp 01-496. Acesso em 04 de dezembro de 2019. De [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)

Corrêa, S. (2011). O Conceito de gênero: teorias, legitimação e usos. In *O Progresso das mulheres no Brasil 2003-2010* pp. 339-344. Acesso em 09 de abril de 2020, de [http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf)

Costa, R. P. da & Oliveira. D.B de (2017). *Currículo e Cultura: o contexto Amazônico na prática educacional*. Ano 9, Vol IX, (2), 138-162. Acesso em 18 de março de 2020, de <file:///C:/Users/veronica/AppData/Local/Temp/4589-Texto%20do%20artigo-12573-1-10-20180622.pdf>

Delory-Momberger. C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica Universidade de Paris. *Revista Brasileira de Educação*, 17(51), 523-536. Acesso em 02 de dezembro de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>

**Decreto Lei nº 7806** de 30 de julho de 1996 **da Câmara Municipal de Belém**, Delimita as áreas que compõem os bairros de Belém, revoga a lei nº **7.245/84**, e dá outras providências. *Prefeitura de Belém Estado do Pará. Acedido a 24 jan. 2019. Disponível em* <https://cm-belem.jusbrasil.com.br/legislacao/581764/lei-7806-96>

*Dicionário on-line de português*. Acesso em 27 fevereiro de 2020, de <https://www.dicio.com.br/machismo>

Dietzsch, M. J. M. (2006) Leituras da cidade e educação. *Cadernos de Pesquisa*, 36(129). 727-759. Acesso em 05 de dezembro de 2019, de <https://dialnet.unirioja.es › descarga › articulo>

Dittrich. M.G, & Leopardi. M.T. (2015). Hermenêutica fenomenológica: um método de

compreensão das vivências com pessoas. *Discursos fotográficos*, 11(18), 97-117. Acesso em 07 de dezembro de 2019, de | DOI 10.5433/1984-7939.2015v11n18p97.

[www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/.../16814](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/.../16814)

Estatuto da Cidade (2008). – 3. ed. – Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, pp 01-102. Acesso em 07 de dezembro de 2019, de <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70317/000070317.pdf?sequence=6>

Estatuto do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia. (2006). Belém, Pará, Brasil.

Ferrarotti, F. (1991). (I. Conde, Trad.) Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia — problemas e práticas*, (9), 171-177. Acesso em 06 de janeiro de 2020, de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf>

Fernandes, R. S. (2009) A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. *Revista Eletrônica de Educação*, v.3, no. (1), 58-74. Acesso em fevereiro de 2020, de <http://www.reveduc.ufscar.br>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016. A Polícia Precisa Falar Sobre Estupro. Percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas nas instituições policiais. Datafolha instituto de pesquisas. Acesso em 07 de dezembro de 2019 [https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/01/FBSP\\_Policia\\_precisa\\_falar\\_estupro\\_2016.pdf](https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/01/FBSP_Policia_precisa_falar_estupro_2016.pdf)

Franca, J. P. & Bahia, M.C (2019) Espaços públicos, lazer e cidade: conformação de praças públicas em Belém-PA. *Nova Revista Amazônica*, 7(2) 183-207 Acesso em 04 de março de 2020, de <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/7513/5674>

Freire, I. (2014). Da etnografia à etnografia crítica: Movimentos emancipatórios na construção de comunidades. In M. Mesquita (Org.). *Fronteiras urbanas: Ensaio sobre a humanização do espaço* (pp. 81- 87).Viseu: Anonymage.

Freire, P. (2018). *Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa* (Ed.56.<sup>a</sup>) Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & terra.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da esperança um reencontro com a pedagogia do oprimido* (Ed. 4.<sup>a</sup>). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & terra.

Freire, P. (2000). *Pedagogia do oprimido* (Ed. 28.<sup>a</sup>) Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & terra.

Gadotti, M. (2005). *A questão da educação formal/não-formal*. Acesso em 05 julho de 2019, de [http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_educacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf)

Gadotti, M. (2012). Educação popular, educação social e educação comunitária. Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos*, 18(2), 10-32. Acesso em 05 de janeiro de 2020, de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>

Gadotti, M. (2009). *Economia solidária como práxis pedagógica. Produção de terceiros sobre Paulo Freire*; Série Livros Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, São Paulo.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito Teoria e Prática*. (C. Pires, Trad.). Oeiras: Celta.

Gohn, M. G (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação* — 2<sup>a</sup> Série, Número (1), 35-50. Acesso em 09 de janeiro de 2020, de [pages.ie.uminho.pt > inved > index.php > article > download](http://pages.ie.uminho.pt/~inved/index.php/article/download)

Gohn, M da G. (2013) Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil /Challenges of social movements in Brazil today. *SER social*, 15(33), 261-384. Acesso em 14 de fevereiro de 2020, de <http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/eILxHih2XPlto00h4990.pdf>

Gohn, M. G (2011) Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de*

*Educação*, 16(47), 333-361 Acesso em 14 de fevereiro de 2020, de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>

Gohn, M. G (2008). *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias* (2.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Cortez.

Gohn, M. da G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas acesso colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., *SciELO*, v.14, (50), 27-38. Acesso em 07 de janeiro de 2020, de <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

Gohn, M. G. (2000). 500 anos de Lutas Sociais no Brasil: Movimentos Sociais, ONGs e Terceiro Setor. *Revista Mediações*, 5(1), 11- 40. Acesso em 15 de janeiro de 2020, de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194/7788>

Gohn, M. G. & Milhomens, L. (2018) Movimentos Sociais e Amazônia: da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade. *Cadernos CERU*, série 2, 29(2), 238-279. Acesso em 12 de janeiro de 2020, de <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/download>

Haraway, D. (2004). Gênero para um dicionário marxista: a política de uma palavra. *Cadernos Pagu*, (22), 201-246.

Jesus, J. G. de (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2<sup>a</sup> edição revisada e ampliada. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional –EDA/FBN. Acesso em 07 de janeiro de 2020, de <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>

Lacerda, P. M. (2013). Movimentos sociais na Amazônia: articulações possíveis entre gênero, religião e Estado. *Bol. Museu Pará. Emílio Goeldi*, 8(1), 153-168. Acesso em 10 de abril de 2020, de <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n1/v8n1a09.pdf>

Lacerda, R. F. & Feitosa, S. F. (2015) Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial *Revista Interterritórios. Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco Caruaru*,



I(1). 05-23 Acesso 03 de março de 2020, em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/download>

Laraia, Roque B. (2009). *Cultura: um Conceito Antropológico*. (24°. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lei nº 13.104 de 09 de março de 2015. Presidência da republica federativa do Brasil, Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Acedido a 04 de janeiro de 2019. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113104.htm)

Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006. Presidência da republica federativa do Brasil, Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Acedido a 04 de janeiro de 2019. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

Lei complementar nº 1/97, de 20 de outubro de 1997. Câmara municipal de Belém, Institui o fundo municipal de solidariedade para geração de emprego e renda ver-o-sol, cria o conselho municipal do trabalho e desenvolvimento econômico social e dá outras providências. Prefeitura de Belém Estado do Pará. Acedido a 24 fevereiro 2020 <https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-complementar/1997/0/1/lei-complementar-n-1-1997-institui-o-fundo-municipal-de-solidariedade-para-geracao-de-emprego-e-renda-ver-o-sol-cria-o-conselho-municipal-do-trabalho-e-desenvolvimento-economico-social-e-da-outras-providencias>

Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação — Uma perspectiva pós-estruturalista*. (6ª Ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Lopes, A. B. A & Pimentel, A (2018). Lei Maria da Penha sob Análise: história, críticas e apreciações. *Revista Gênero na Amazônia*. nº (14), 65-75 Acesso em 05 de fevereiro de 2020, de <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicao-14.php>

Medeiros, A.J.S, Vilaça, M. Nunes, J. Dubeux, A. (Org) (2018). *Economia solidária, educação popular e pedagogia da autogestão: reaprendendo a aprender pelas veredas da descolonização do saber no Nordeste*. Olinda: MXM Gráfica e Editora.

Melo. A (1997). Políticas e estratégias culturais para o desenvolvimento local. Unidade de Educação de adultos. *Fórum 21*, 85-99.

Oliveira, F. D. de & Dias, W.S (2019) Espaços Educativos em áreas verdes urbanas: potencialidades do Parque ecológico bosque dos papagaios. *ACTA Geográfica*, 13(31), 146-170.

ONU Mulheres. *Princípios do empoderamento das mulheres. Igualdade gera negócios*. Pacto Global Rede Brasil, 2017. Acesso em 02 de março 2020, de [https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/cartilha\\_ONU\\_Mulheres\\_Nov2017\\_digital.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf)

Pasinato, W. (2011) "Femicídios" e as mortes de mulheres no Brasil. *Cad. Pagu*. Campinas, (37), p. 219-246. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a08n37.pdf>

Pelegriño. A. I. de C. (2011). A cidade e a mulher: desafios cotidianos. In *O Progresso das mulheres no Brasil 2003-2010*, p.p 238-259. Acesso em 05 de dezembro de 2019, de [http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf)

Pineau, G. (2006). As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32(.2), p. 329-343. Acesso em 03 de janeiro de 2020, de <https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2.pdf>

Pinto, F.B.B.A. (2018). Darcy Ribeiro e os estudos pós-coloniais: aproximações e

afastamentos, *Em Tese*, 15(1) (parte II) 152-169. Acesso em 03 de janeiro de 2020, de <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2018v15n1p152>

Pitanguy, J. & Barsted, L. L. (2011). Um instrumento de conhecimento e de atuação política. *O Progresso das mulheres no Brasil, 2003-2010*, 15-18. Acesso em 04 de março 2020, de [http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf)

Pitanguy, J. (2011). Advocacy e Direitos Humanos. In *O Progresso das mulheres no Brasil, 2003-2010*, p.p 22-56. Acesso em 01 abril de 2020, de [http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf)

Pozzer, A. dos S. (2010). Socialização política: promoção da cidadania através das Associações de moradores. In R Gonçalves (Coord), *Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, 24 e 25 de junho de 2010 GT 2. Gênero e movimentos sociais*, 30-40. Acesso em 03 de abril de 2020, de <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/4.MilenePozzer.pdf>

Reis, A. A. dos; Nascimento, W. L. N., Felizardo, A. O. & Santos A. R. S. (2015) Agricultura Familiar e Economia Solidária: a experiência da Associação MUTIRÃO, na região do Baixo Tocantins, Amazônia Paraense. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 11 (22), Edição Especial XII Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social. 120-142. Acesso em 03 de março de 2020, de <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/3138>

Rocha, S. (2011). *Pobreza no Brasil Afinal, de que se trata?* (3.<sup>a</sup> Ed.). Rio de Janeiro: editora FGV.

Rubim, L. & Argolo, F. (2018). *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Salvador: Edufba, 2018. Cult — centro de estudos multidisciplinares em cultura. Acesso em 05 de maio de 2020, de [https://repositorio.ufba.br/bitstream/O Golpe na Perspectiva de Gênero](https://repositorio.ufba.br/bitstream/O%20Golpe%20na%20Perspectiva%20de%20G%C3%AAnero)

Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Santos, A.M & Carneiro, V.G (s/d). *O Movimento da Economia Solidária no Brasil: uma*

discussão sobre a possibilidade da unidade através da diversidade. *Grupo Ecosol CES*, 01-17  
Acesso em 03 de abril de 2020, de [https://www.ces.uc.pt/nucleos/ncps/ecosol/investigadores/aline\\_santos/comunicacoes/2008\\_a\\_rtigo\\_movimento\\_da\\_economia\\_%20solidaria\\_aline\\_vanderson.pdf](https://www.ces.uc.pt/nucleos/ncps/ecosol/investigadores/aline_santos/comunicacoes/2008_a_rtigo_movimento_da_economia_%20solidaria_aline_vanderson.pdf)

Santos, V. B (2016). Belém como metrópole cultural e criativa da Amazônia: contribuição para a elaboração do plano municipal de cultura de Belém. *Cadernos CEPEC*, 5(10), 01-22  
Acesso em 03 de março 2020, de <https://periodicos.ufpa.br/index.php/cepec/article/view/6909/5430>

Santos, I. M. F. dos (2006). *Luta e Perspectivas da Teologia da Libertação: O caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980-2000*, Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Acesso em 20 de maio 2020, de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15012007-113700/publico/lutaeperspectiva.pdf>

Sidi, P. M. de., & Conte, E. (2017). A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 12, (4), 1942-1954. Acesso em 02 de fevereiro de 2020, <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270>>. E-ISSN: 1982-5587.

Silva, R.R. & Bacha, C.J.C. (2014). Acessibilidade e aglomerações na Região Norte do Brasil sob o enfoque da Nova Geografia Econômica. *Nova Economia*, 24, 169-190. Acesso em 02 de março de 2020, de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/1507>

Silva, C. & Camurça, S. (2010). Feminismo e movimento de mulheres – Instituto Feminista para a Democracia. *SOS Corpo*, 08-17 Acesso em 08 de junho 2020, de [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/sos-corpo/20170920041351/pdf\\_950.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/sos-corpo/20170920041351/pdf_950.pdf)

Singer, P. (2001). Economia solidária versus economia capitalista. *Sociedade e Estado*, 16(1-2), 100-112. Acesso em 05 de maio 2020, de <https://doi.org/10.1590/S0102-69922001000100005>

Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. (1ª Ed.) São Paulo: Editora Fundação

Perseu Abramo.

Singer, P. (2004). Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. *Estudos Avançados*, 18(51), 7 - 22. Acesso em 05 de maio 2020, de <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n51/a01v1851.pdf>

Smith, A. (1983). *A riqueza das nações — investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural.

Souza, M. L. M. de (2009). *Empreendimentos de economia solidária e desenvolvimento local sustentável na Amazônia paraense: fatores que influenciam para o desempenho de cooperativas de produção*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, PA. Brasil.

Stênico, J. A. G. & Paes, M. S. P (2017). Paulo Freire e os movimentos sociais: uma análise da conjuntura brasileira. *Educación*, 26(50), 47-61. Acesso em 02 de maio 2020, de <http://www.scielo.org.pe/pdf/educ/v26n50/a03v26n50.pdf>

Tesser, G. J. (1995). *Principais linhas epistemológicas*. Educar, Editora da UFPR, Curitiba (10), 91-98. Acesso em 12 de maio 2020, de <https://www.scielo.br/pdf/er/n10/n10a12.pdf>

Vygotsky, L.S. (2003). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

## Anexos

### Anexo A – Guião de Entrevista

Entrevista semi- diretiva a Mulheres participantes do MOEMA- Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia.

**Tema: A SOBREVIVÊNCIA MARCANDO PRESENÇA: MOEMA-** Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia.

Objetivos gerais:	Objetivos específicos:
<ul style="list-style-type: none"><li>- Revelar a história de vida das Mulheres que fazem o MOEMA.</li><li>- Apresentar um arcabouço conceitual sobre a Economia Solidária- E.S - no Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia – MOEMA.</li><li>- Demonstrar o perfil e o percurso das Mulheres que fazem o MOEMA e como isso influenciou ou não em seus percursos de vida.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer as representações das Mulheres do MOEMA Sobre a Economia solidária; movimentos sociais; cidade educadora.</li><li>- Compreender como as Mulheres lidam com as discursões apresentadas no MOEMA.</li><li>- Conhecer como se constroem as relações de gênero no MOEMA.</li><li>- Identificar as situações de lutas sociais no MOEMA.</li><li>- Conhecer as representações que as Mulheres do MOEMA têm dos direitos e dos deveres enquanto integrantes do movimento.</li></ul>

Questões Iniciais	
Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família (pai, mãe, irmãos); Tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?	
Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).	

Qual sua formação e principal ocupação? (percurso profissional)	
Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados a religião, estado)	
Você exerce alguma atividade profissional remunerada?	
Estado civil?	
Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).	
Quanto tempo tem de MOEMA?	

## 2.ª Parte da entrevista

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Notas/observações</b>
<b>A</b>  Legitimação da entrevista	- Informar a entrevistada a cerca dos objetivos da entrevista  - Informar a respeito da importância da pesquisa.		
<b>B</b>  O que é o MOEMA para suas integrantes, familiares e o meio em que estão inseridas.	- Conhecer as representações acerca do MOEMA        - Identificar fatos importantes na vida enquanto parte do MOEMA	- O que é para si o MOEMA?   - Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?  - Como sua família ver a sua participação no MOEMA?	Relação passageira / Projeto de vida/necessidade econômica; militância enquanto parte de um movimento;   Autoconhecimento; Realização; Necessidade;

		<p>- Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?</p> <p>- Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?</p> <p>- Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?</p>	
<p><b>C</b></p> <p>Reuniões/encargos e participação/ organização de eventos e seus efeitos</p>	<p>- Reconhecer formas de organização do MOEMA;</p> <p>- Identificar situações de conflito mais frequentes e estratégias de resolução no MOEMA;</p> <p>- Identificar situações de conquistas realizadas através do movimento;</p>	<p>- Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?</p> <p>- As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?</p> <p>- Como são tomadas as decisões, no MOEMA?</p> <p>- Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?</p>	<p>- Partilham entre si as dificuldades financeiras, familiares, pessoais uma com as outras?</p> <p>- Frequentam as casas uma das outras em ocasiões que não tem haver com o MOEMA (aniversário, casamento, visita de cortesia).</p>
<p><b>D</b></p> <p>Representações dos assuntos abordados nas reuniões do movimento.</p>	<p>- Perceber as representações acerca dos assuntos abordados nas reuniões;</p> <p>- Identificar se questões relacionadas à luta da Mulher, movimentos sociais e o meio em que vivem, exercem influência no</p>	<p>- O que mais se debate nas reuniões?</p> <p>- Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?</p> <p>- Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?</p> <p>- Ao seu ver a cidade educa?</p>	<p>Diálogo a partir das questões apresentadas nas reuniões.</p>



	MOEMA?		
<b>E</b>  Finalização da entrevista (impressões finais da entrevistada)	- Compreender como a entrevistada recebeu as questões expostas a elas.	- Resumo e meta-reflexão acerca da entrevista;  - Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.  - Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado?	

## **Anexo B – Entrevistas**

### **Entrevista I – (Teste) - Mazane**

Apresentação dos objetivos gerais e específicos da dissertação e agradecimento pela participação na entrevista para o trabalho.

#### **Questões Iniciais:**

**Verônica:** Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família (pai, mãe, irmãos); tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?

**Mazane:** acho que uma coisa muito interessante da minha vida desde o nascimento, minha infância, é o fato de eu ter morado no interior. Eu apesar de ter nascido na capital, pois na cidade que eu morava não tinha hospital, a cidade de Santa Maria do Pará. Eu nasci em Belém porque era onde tinha mais condições. Mas eu sou de uma cidade com pouquíssima gente.

Pelo menos para os lados da Amazônia a gente percebe que nas cidades pequenas nós temos mais vivência de coletividade então, essa coisa de, participar e gostar de movimentos são coisas que eu trouxe do interior.

Na capital a gente tá conseguindo fazer isso, uma rede de relacionamento de amizades, mas a profundidade do interior é melhor.

Ah! Eu sou neta de duas Mulheres que criaram suas famílias sozinhas tanto o pai da minha mãe como o pai do meu pai foi embora e deixaram elas sozinhas então elas são Mulheres muito fortes. Então a questão de participar, ser uma participante honorária, que é como eu me considero mais ou menos do MOEMA é uma coisa para mim muito importante colaborar com essas questões femininas porque eu aprendi que o posicionamento feminino é muito importante e eu aprendi com grandes Mulheres e eu tenho uma irmã também que veio depois de mim, mas é um pequeno detalhe, eu acho que ela é mais velha [risos] que também me ensinou muito, eu sou um bocado mais tranquila ela é mais radical que eu, ela vai mesmo para o frente eu sou mais de ficar nos bastidores organizando as coisas.

Então acho que é um pouco da minha vida relacionado a essa questão que é importante mencionar.

**Verônica:** Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).

**Mazane:** 41 anos recém-completados. Nasci em Belém do Pará. Como falei, eu nasci em Belém, pois não existia hospital em Santa Maria do Pará. Acho que a cidade tinha 6.000 habitantes na época... Talvez 8.000 habitantes... Então eu nasci no hospital dos servidores um bom hospital. Na época não era muito comum muita gente nascia em casa, vinham ao mundo através de parteiras.

**Verônica:** Qual sua formação e principal ocupação? (percurso profissional)

**Mazane:** Certo. Eu como falei morei em Santa Maria do Pará, sou do interior, cidade trevo do Pará. É uma cidade próxima a capital mais ou menos 1h 30 de distância. Eu fiz lá magistério que acabou me levando um pouco para essa área da educação. Como eu

tive a oportunidade de escolher cursos que só existiam aqui na capital (Belém) acabei mudando para Belém depois que passei no vestibular.

Passei no vestibular nova (17 anos) passei em pedagogia na UEPA e psicologia na UFPA. São os dois cursos que eu sou formada e fiz pós-graduação em psicopedagogia que é uma coisa que meio junta os dois cursos e acabei o mestrado agora na Universidade de Lisboa.

Já trabalhei e gosto de trabalhar na área de psicologia e gosto também de trabalhar com apoio as Mulheres já fiz alguns trabalhos enquanto psicóloga nessa área, mas no momento eu trabalho na educação, sou coordenadora pedagógica, sou técnica no núcleo de administração e eu mais uma equipe somos responsáveis por 25 escolas.

**Verônica:** Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados a religião, estado)

**Mazane:** pois é, eu participei de grupos de jovens quando era mais nova, adolescência e até um pouquinho mais jovem e além do MOEMA eu dei apoio para alguns grupos quando eu morava em Santa Maria. Eu dava apoio a Pastoral da Criança, a igreja jovem e grupos de jovens relacionados a Igreja Católica e relacionados também com a questão da assistência social.

**Verônica:** Você exerce alguma atividade profissional remunerada?

**Mazane:** Trabalho como coordenadora pedagógica na prefeitura de Belém.  
Ah! Eu trabalho também com vendas informais de roupas e acessórios.

**Verônica:** Uma renda extra?

**Mazane:** e contribui com a renda e eu também gosto de oferecer, de falar para as pessoas para produtos legais eu sou uma boa vendedora.

**Verônica:** Estado civil?

**Mazane:** solteira

**Verônica:** Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).

**Mazane:** Não. Não filhos não.

**Verônica:** Quanto tempo de MOEMA?

**Mazane:** eu, particularmente, sou orgulhosa em dizer que eu dei a sugestão do nome, foi eu que sugerir o nome MOEMA.

O MOEMA surgiu de uma outra associação que eu lembro bem era a ASPEMA, eu era bem mais nova e foram procurar um nome muito próximo a ASPEMA ligados a Marambaia, ligados a Amazônia e eu sugeri MOEMA aí disseram que não dava muito certo, talvez precisasse ter todas as letras e eu expliquei que não era necessário e Moema eu acho que é um nome muito forte. Tem uma história forte. Então eu estou participando do MOEMA desde o início.

## **2.ª Parte da Entrevista**

**Verônica:** Informar a entrevistada a cerca dos objetivos da entrevista; Informar a respeito da importância da pesquisa.

**Mazane:** pelo que estamos passando no momento no nosso país, Brasil, estou falando do Brasil. Eu falo, não por conta dessa pandemia, essa crise mundial, mas falo de algo anterior, a gente já estava passando por um problema bem sério que é dos governantes que estão no poder no momento. Os grupos sociais perderam muito apoio e perderam muito espaço. Então eu acho importante tu estás fazendo isto. É uma iniciativa muito bonita tu fazer esse trabalho dou a maior força e vai ficar um trabalho lindo [emoção – olhos marejados].

**Verônica:** O que é para si o MOEMA?

**Mazane:** O MOEMA, ele, de acordo com a pessoa que participa pode ser visto de uma forma. Ele para algumas pessoas que não tem, um certo, poder aquisitivo e já tem outra renda ele serve para complementar a renda. Porque uma das coisas principais é a questão das vendas, participar de feiras que eu acho que é uma forma muito bonita, pois muitas delas, das participantes, trabalham com essa questão de produtos que são regionais então é uma forma de divulgar a cultura também para os turistas, as pessoas que iam às feiras (que participamos, eu já participei de várias) eles acham interessante, conversam e perguntam do que se trata o que é aquela roupa, por exemplo, a minha mãe que também participa do MOEMA ela tem um produto que eu acho lindo que sempre tem, ela faz uma boneca e a boneca é uma dançarina de carimbó, ela tá com uma saia, com a blusinha branca, florzinha no cabelo, todos os detalhes e as pessoas perguntam o que é isso? O que é o carimbó? O que é uma dançarina de carimbó?

Então é uma forma de falar da cultura a pessoa se encanta pelo objeto, a boneca é linda, e quem estiver vendendo explica que o carimbó é uma dança típica daqui é uma mistura da dança indígena com a dança africana e com a dança portuguesa e que existem grupos de carimbó.

Então a pessoa sai do Pará e leva para seu estado, para seu país um pouco da nossa cultura. Ela aprende com isso a gente não só comercializa, como é bonito trocar experiências e ensinar, um pouco, sobre a nossa cultura que a gente tem muito orgulho.

E também tem algumas pessoas que participam não só pela questão de vender, que tem muitas que não tem outra renda então essa acaba sendo sua maior renda a maior forma de ganhar dinheiro. Então acaba sendo um coletivo as outras pessoas que tem mais alguma coisa ajudam, colaboram, dão ideias que é para os produtos melhorarem. E é uma coisa que eu acho muito bonito no MOEMA.

Eu enquanto psicóloga tenho um papel no MOEMA (como eu tenho uma vida profissional muito corrida, já precisei viajar e tudo) é por isso que eu falo que sou uma participante honorária do MOEMA, porque eu estou desde o início, mas eu não estou em todas as reuniões, mas eu sou colaboradora, enquanto psicóloga já fiz muitas vivências com as participantes.

A maioria das participantes está desde o início e outras entraram depois, mas hoje é um grupo que as pessoas já se conhecem muito bem. É uma coisa que eu percebi é que os produtos foram melhorando de acordo com o crescimento pessoal delas, muitas chegaram e não tinham coragem nem de falar, envergonhadas eu vi participante que chegou com depressão que não conseguia subir uma escada a reunião tinha que ser feita em um outro local e tempos depois, por conta das conversas, das brincadeiras ela hoje é uma pessoa muito ativa melhorou bastante quanto a questão da doença isso ajudou. Podemos dizer que o MOEMA junta Mulheres vindas de diferentes locais, mas que todas têm algo em comum que é o fato de

ser Mulher e de ter um propósito não só a questão da comercialização, mas a questão de estarem juntas de trocarem ideias e de se ajudarem mutuamente. Uma questão muito integrativa. Como eu falei eu sinto saudades disso do interior então nesse grupo eu acho isso muito bonito sempre que eu posso eu participo e colaboro também.

O MOEMA para mim é um grupo muito importante pelo fato de ser um grupo muito específico o fato de você pelo fato de que se você for falar dele em qualquer outro lugar ele vai ser diferente, pois ele é um grupo que sai do meio da Amazônia, nós moramos no meio da Amazônia, no tópico em um local quente e o fato dessas Mulheres se reunirem cada uma tem uma vivência diferente, mas elas têm isso em comum então quem é daqui têm uma vivência diferente às coisas são bem mais complicadas são mais difíceis de chegar aqui tem dificuldade de comprar o tecido, trazer as coisas então é uma luta, eu vejo o MOEMA como... Na verdade a palavra que eu usaria para o MOEMA por esses anos todos eu acho que é Resistência, são pessoas que resistem. Nós paraenses, nós de qualquer lugar aqui do Norte nós somos pessoas que sobrevivemos, resistimos e estamos na luta, brigamos nos ajudamos uma com as outras que é até uma forma de terapia. Para mim, eu vejo, como um grupo de colaboração e de resistência de mostrar nossa cultura e de também dar autonomia para as Mulheres.

Eu li uma pequena pesquisa que eu achei interessante que existe uma parte do PIB [produto interno bruto] do nosso país que é do artesanato, infelizmente ele não é valorizado, principalmente aqui, eu acredito, eu vejo que os produtos não são vendidos com os valores que eles merecem e é uma questão muito cultural, até geral do Brasil deve ter algum lugar que valorize, eu não sei. Mesmo assim o MOEMA resiste.

**Verônica:** Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?

**Mazane:** pessoal é a questão do aprendizado eu tenho uma tendência para ser um tanto pessimista eu vejo as coisas meio de um lado... Apesar de eu ter esperança eu sou um bocado para reclamar então quando eu vejo elas apesar de todas as dificuldades sorrindo, brincando isso me passa uma força, me ajuda na caminhada.

Profissional eu tive experiências que eu levei para o meu trabalho a questão de, por exemplo, as participações que eu fiz como ir nas festas, nas feiras eu aprendi um bocado sobre mediação tipo quando tá acontecendo um conflito e você dizer não é bem assim, vamos conversar, vamos fazer assim, vamos fazer assado... de dar uma sugestão para melhorar alguma coisa. Posso dizer que eu aprendi mais como lidar com as pessoas, no âmbito social. E isso é muito importante para o meu trabalho tanto como coordenadora onde eu trabalho com professores, diretores, alunos e também com a comunidade.

**Verônica:** Como sua família ver a sua participação no MOEMA?

**Mazane:** como a minha mãe participa, quando eu fui trabalhar, enquanto psicóloga, no MOEMA eu fiquei receosa de por ela (minha mãe) está ali eu não conseguir ou ela se meter ou não dar para fazer o trabalho, mas foi bem interessante porque eu consegui vê-la e ela também conseguiu me ver, ela me viu como uma profissional, como psicóloga que eu estava ali para fazer uma vivência relativa ao dia internacional da Mulher foi bem interessante e neste momento ela não era minha mãe ela era a Maria José e ela se portou desta forma eu achei muito sábio e foi muito importante. E como eu tenho minha mãe como participante é obvio que eu tenho todo apoio, meu pai apoia (na verdade ele só tem que acatar as decisões

da mamãe).

Em casa desde muito nova eu tenho essa vivência de ajuda e colaboração de resistência o MOEMA para mim enquanto família é mais uma forma.

**Verônica:** Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?

**Mazane:** duas feiras que eu participei como vendedora, eu faço alguns produtos, mas sempre que participo é ajudando a vender.

Tiveram duas feiras que foram experiências muito marcantes que foi o Fórum Social Mundial – FSM 2009 em Belém e foi de uma riqueza muito grande falar sobre o Pará [empolgação] as pessoas viram as saias, as estampas que nós somos um povo muito colorido meio que mistura a arte indígena com a arte africana, pois recebemos muitos africanos aqui. As nossas estampas tem a leitura, uma releitura, somos um povo muito misturado, parece que jogou um monte de coisas no liquidificador e misturou.

A outra experiência foi a FITA – Feira internacional de Turismo da Amazônia foi em Belém também não lembro o ano, foi no HANGAR – Centro de convenções e eventos da Amazônia. Nessa eu pude trocar ideias, conhecer pessoas, sociólogas, psicólogas, professoras de vários lugares foram duas experiências muito interessantes. A do HANGAR eu fiquei mais tempo e as pessoas eram de regiões próximas.

**Verônica:** Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?

**Mazane:** [pensativa] Ah! Teve uma, Meu Deus! Essa faz um pouco mais de tempo, mas foi [suspiros] uma experiência de vida. Conheci muitas pessoas, muitas Mulheres a questão das atividades, das palestras, das vivências, foram maravilhosas. Eu lembro que cada um poderia escolher uma temática eram muitas pessoas e eu escolhi a temática gênero e tiveram muitas discussões.

No encontro tinham homens, mas a grande maioria eram Mulheres era o Encontro Nacional de Economia Solidária. Pude conhecer, por exemplo, Mulheres do Nordeste que tem uma cooperativa que vende um sabonete com produtos que é da região.

Uma coisa que foi muito interessante foi que o governo da época ofertou um ônibus, não foi preciso pagar uma coisa que ajudou muito porque uma ou outra participante pode pagar, mas a maioria não tem como. Nós fomos em um ônibus doado pelo governo federal e lá as pessoas que são da economia solidária principalmente do Norte e Nordeste que moram mais distante, tem mais dificuldade para chegar sabem da nossas mazelas, somos o quintal do Brasil economicamente é a forma que somos vistos muitas vezes usam como brincadeira, mas de brincadeira não tem nada.

Nós fomos muito bem recebidas ficamos em um hotel, eu achei de uma sensibilidade tão linda [pausa - emoção] do governo da época, posso falar o nome?

**Verônica:** Pode sim.

**Mazane:** Luís Inácio Lula da Silva [emoção] ele ia, mas infelizmente não pode ir era uma oportunidade eu gostaria de tê-lo visto. Ele foi um governante que cuidou muito dessa parte. A economia social e solidária na época do presidente Lula e na época da Dilma teve muito apoio e esse encontro foi no primeiro mandato dele. Foi em Brasília ficamos em um lugar impensado e eu acho que qualquer governo que tenha passado antes pelo Brasil trata pessoas de origem humilde de uma forma muito boa.

Tinha as refeições à gente ficava nas filas. Nós pudemos ouvir, teve Paul Singer,

maravilhoso e teve outros também e nós pudemos ouvir palestras de outras Mulheres, troca de experiências.

Eu acho que foi essa porque eu fiquei muito feliz em representar, lá eu estava o meu nome era MOEMA então quando eu me apresentava eu dizia que eu era de uma associação de Belém do Pará e essa experiência de sensibilidade por parte do governo da época não foi algo grandioso, mas algo de uma sensibilidade muito grande que faz uma diferença enorme para homens talvez não fizesse, mas para Mulheres e para homens sensíveis.

Na verdade aquele encontro foi um divisor de águas na minha vida porque ali eu percebi que existem muitas pessoas que apesar de todas as dificuldades, de nadar contra a correnteza, mas nadam e nadam brincando, cantando, nadam fazendo graça [emoção] é muito característico do nosso povo e nos encontramos com os nordestinos e eu acho que a gente acaba se identificando com eles porque são tão sofrendores quanto nós, talvez até mais sofrendor por conta da seca (indústria da seca, né?). Na verdade o fato de ter o encontro nacional de economia solidaria já foi um feito muito grande e a forma como ocorreu foi uma coisa fantástica. Hoje eu narro como um sonho parece que foi um sonho. Eu não sei quando a economia solidaria vai voltar a ter apoio.

[pensando] eu acho que eu pude perceber tanto dentro de casa quanto com outras pessoas que participam o quanto eu evolui um bocado, mas como eu não sou tão presente, por conta de trabalho mesmo, mas eu acho que foi eu perceber que algumas Mulheres conseguiram autonomia, conseguiram ganhar o seu dinheiro, conseguiram mudar de vida e elas mudaram não só na questão financeira, mas enquanto pessoa. São 13 anos e são 13 anos que eu vi essa mudança. E essa é uma experiência, para mim que não tem preço. Me ajudou, mas o fato de eu presenciar isso é algo muito bonito. Por exemplo, elas melhoraram enquanto pessoa e o artesanato que elas fazem melhoraram junto é como se fosse um reflexo o acabamento hoje é muito melhor, elas fazem produtos hoje com uma qualidade superior.

Existem outros grupos de artesanato, mas o artesanato do MOEMA é diferenciado ele é feito pelas mãos de Mulheres que são muito cuidadosas, caprichosas. Eu aprendi com elas que se não for para fazer com capricho é melhor nem fazer.

**Verônica:** Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?

**Mazane:** participar de reuniões, dar a minha opinião, conhecer a produção antes de ir ao público geral, algumas vezes testar tais produtos, amooo [risos].

Os deveres... Colaborar com vivências e atividades na minha área de atuação que é psicologia e educação. Sugerir ideias, novidades e questões virtuais, a maioria delas tem dificuldades um curso seria ótimo. Participar como colaboradora dos eventos para angariar fundos para o grupo ou para ajudar uma participante específica. Dar prioridade e divulgar para as pessoas comparem do pequeno empreendedor como pascoa, aniversários e datas comemorativas em geral.

**Verônica:** Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?

**Mazane:** essa parte eu já participei um pouco mais de perto, mas eu sei que foi um grande ganho o fato de ter conseguido o CNPJ ter conseguido se legalizar, demorou foi uma coisa custosa teve colaboração de amigos. Com a questão de ter o CNPJ o MOEMA passou a ser visto com outros olhos como um movimento que está legalizado enquanto associação e tem associações que nunca conseguem chegar nisso.

Depois passaram a comercializar os produtos e tem delas que tem hoje um quiosque



no shopping ela já sofisticou mais o artesanato.

O MOEMA tem um estatuto, tem o pagamento de uma taxa. Tem uma situação que é assim: faz uma reunião e a colega ‘tal’ perdeu o emprego, marido tá doente... o que podemos fazer a respeito disso? Todas colaboram, faz uma cesta básica juntam um dinheiro e vão levar. É uma questão coletiva, coletividade.

**Verônica:** As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?

**Mazane:** conflito pela questão financeira, não. Mas sempre tem conflito por causa de feiras quem vai quem, não vai. Não é um mar de rosas, não. Eu acho interessante, pois é um ‘arranca rabo’ brigam, tudo na hora da reunião, mas depois todas se abraçam pede desculpa e fica tudo bem.

As coordenadoras/presidentes que passaram sempre foram muito idôneas com a questão financeira nunca houve nenhum relato dessa natureza pelo contrário as presidentes acabam gastando do seu próprio dinheiro porque querem que as coisas aconteçam. As questões pessoais e de opinião tem muitas, mas eu acho que um movimento, uma associação para sobreviver precisa disso, né? Nem todo mundo tem a mesma opinião então tem que falar mesmo para ver o que é melhor para o coletivo.

**Verônica:** Como são tomadas as decisões, no MOEMA?

**Mazane:** tem a presidente, tem a tesoureira e existe toda uma legislação. Mas a maioria das coisas é decidida pelo coletivo. Existe um ritual de entrada no grupo, ritual de participação tem todo um regimento. As reuniões que tem que ter.

Eu ajudei a organizar o regimento do MOEMA, colocando as ideias delas e eu sei que ele (o regimento) é bem específico para algumas coisas justamente para evitar preocupações, brigas.

**Verônica:** Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?

**Mazane:** geralmente tem uma presidente e tem uma equipe, mas eu posso citar a Dea que normalmente toma a frente até pelo temperamento dela. Ela é muito de ter iniciativa de abrir espaço a Maria José (minha mãe) acho que são as principais tem a Leidiana também. Sempre é uma equipe que decide e verifica quem vai ou não participar tem que pagar a taxa às vezes a taxa o MOEMA ajuda a pagar, outras vezes a própria participante que paga.

**Verônica:** O que mais se debate nas reuniões?

**Mazane:** é bem vasto [risos] pelo menos nas reuniões que eu participei fala-se de muita coisa: tem os conflitos como as questões das feiras quem vai participar, por exemplo, alguém que disse que ia para a feira e acabou não indo. Então a pessoa é chamada atenção na reunião tem algumas situações desse tipo.

Tem a questão de falar como é que estão no geral, cada uma delas fala sua situação e falar das feiras principalmente. Só que no meio disto acabam surgindo assuntos pessoais, brincadeiras, situações que trazem uma leveza para o grupo. Não é só falar em feira, falar em dinheiro não é uma reunião de negócios, é uma reunião de Mulheres. Fala-se do casamento, dos filhos, ‘olha o filho da fulana arrumou uma namorada...’ então elas falam muito da vida delas. Cada uma fala de suas vivências antes, durante e depois das reuniões é muita convivência. E elas acabam participando da vida uma da outra, participando de aniversário, casamento, visitando... Por exemplo, teve uma situação agora que uma participante teve um acidente doméstico e fraturou o fêmur então elas já estão se reunindo estão colaborando.



**Verônica:** Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?

**Mazane:** normalmente a presidente faz a pauta pega as orientações tem a secretaria, tesoureira e sempre tem ‘o que ocorrer’ que é o que vem mesmo da reunião, mas é feito sim uma pauta anteriormente.

Ah! Uma coisa que é interessante e bonita é que a equipe sempre faz uma comemoração em dias especiais, por exemplo, dia internacional da Mulher esse ano foi bem significativo, pois foi um vidrinho de álcool em gel não é só entregue de qualquer jeito tem todo um capricho, foram para reunião, tem homenagem e recebem o brinde. Sempre tem natal, páscoa, sempre tem essa preocupação com essas comemorações, detalhes são coisas singelas, mas que são importantes. A questão de valorização, melhora a autoestima de conviver. Sempre tem um lanche para a convivência nas reuniões.

**Verônica:** Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?

**Mazane:** Com a legalização do MOEMA ajudou bastante para sua visibilidade, lembrando que o governo atual não apoia os movimentos sociais, então é difícil as feiras, mas fora isso o MOEMA criou uma história, ele é reconhecido por serem como eu já falei, trabalhos bonitos, produtos que representam a nossa região. Não é um grupo que tenha um cunho educativo, mas ele ensina. Quando você fala de uma boneca que é dançarina de carimbo você tá dando uma aula sobre o seu estado. Então elas têm isso.

E existem reuniões e feiras com mulheres de outros grupos e acabam trocando experiências e o MOEMA tem a sua representatividade, sim, enquanto pessoas que são engajadas, por exemplo, essa cesta básica, essa colaboração, essa rifa que se faz essa ajuda não é só para uma integrante do MOEMA e para o coletivo em geral.

Eu já vi uma situação que me marcou, eu achei linda. Tem uma das associadas que passou por uma situação muito difícil financeiramente ele recebeu ajuda do MOEMA e no ano seguinte ela chegou e disse: eu recebi ajuda, hoje estou bem e eu faço questão esse ano de doar além das cestas básicas do MOEMA duas minhas como forma de agradecimento.

O MOEMA é conhecido no bairro por ser um grupo acessível que ajuda muito no bairro. A solidariedade existe dentro e fora do MOEMA. Inicialmente somente no bairro da Marambaia que é um bairro grande e cheio de complexidade, mas não só na Marambaia, mas na cidade. O MOEMA já é reconhecido como pessoas responsáveis que fazem seu trabalho com gosto e capricho, não só no produto, mas na maneira de se apresentar. Algumas já tinham essa vivência, eram professoras, mas outras não, elas aprenderam no grupo, no MOEMA aprenderam a falar melhor, conversar, explicar das coisas tanto da cidade como dos produtos.

**Verônica:** Ao seu ver a cidade educa?

**Mazane:** A cidade? [pausa – silêncio] Ah! Com certeza. Educa muito, por exemplo, quando tem uma feira em praça que estava abandonada no bairro e o MOEMA foi, montou suas barraquinhas e algumas Mulheres passaram a participar do grupo porque viram aquilo, teve uma que chorou porque ela disse que nunca imaginou que pudesse ter um grupo que se juntasse para fazer isso ela achava que existia só o individual ela não conhecia o fato de poder participar o fazer coletivo então isso é uma forma de ensinar.

Quando vai para fazer uma atividade não só de feira mais de uma atividade para colaboração. Quando acontecem feiras em ambientes fechados as pessoas vão lá visitam e entendem o que é uma associação que tem estatuto, tudo isso ensina.

A forma que a barraca tá arrumada as coisas que tem ali, as cores, elas falam da cidade as pessoas aprendem através da disposição da forma com as coisas são colocadas e isso e feito em ambiente fechados, mas também é feito pela cidade inteira tem feiras que são ao ar livre então são feiras bonitas de se vê, tem vários grupos e esses grupos estão ali para trocar ideias para mostrar o seu trabalho e para ensinar também.

Como eu falei eu acho que não é um grupo que tenha um cunho educacional, eu acho que elas não têm noção de que são educadoras, mas são! Eu aprendi com elas [emoção]. E eu estudei, tenho graduação e eu aprendi, eu aprendi com elas a questão de como me portar melhor, como mediar melhor às coisas saber a minha hora de falar e a hora do outro falar.

Quando eles estão mostrando isso em uma feira que é aberta, por exemplo, no bosque Rodrigues Alves que é um lugar turístico elas têm todo um cuidado ao arrumar e mostrar as coisas, o jeito de falar. Não sei se posso falar isso, mas elas seriam educadoras sociais porque você ensina ao outro o que é um coletivo, o que é viver em comunidade, o que é dividir o que é partilhar você contar essas experiências para as outras pessoas outro exemplo a Maria não vai poder participar da feira, mas ela está precisando, vamos levar os produtos dela? Está lá os produtos e a vendedora vai explicar que o produto não é dela é de uma amiga que faz isso e isso... o material é esse. Ela tá dando uma aula. Está dando uma aula de solidariedade. São várias temáticas elas são educadoras.

Eu não sei se eu tenho uma visão diferente por eu ter um estado formal então eu não sei se elas se percebem nessa situação, mas elas são educadoras sim. Eu aprendi só em saber das histórias de vida delas, tem umas que tem histórias de vida muito sofridas e eu aprendi com uma que tem pouquíssima escolaridade eu aprendi tanta coisa. É uma Mulher muito lutadora que brinca tanto que eu fico pensando que se eu tivesse passado por metade do que ela passou, eu não teria isso. Ela ensina uma forma de levar a vida. [emoção]

A cidade educa, com certeza, os grupos sociais educam, as feiras artesanais educam o artesanato educa. Um espaço que tá ali abandonado e é ocupado por pessoas que se reuniram para ocupar e mostrar coisas bonitas para vender, conversar ou até trazer uma dança, isso educa. Você tá ocupando espaços que o Poder Público deixa de lado. Isso educa, sim. Elas fazem junto com a cidade a educação.

**Verônica:** Resumo e metarreflexão acerca da entrevista;

Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.

**Mazane:** eu já tinha escutado sobre o teu trabalho em conversas informais, mas ouvir agora os objetivos gerais e específicos... Esse esmiuçar do trabalho... Eu acho que é um trabalho que tá focado em pontos muito importantes.

Eu como falei a questão do governo atual que acaba deixando as coisas difíceis. Então muitos grupos, os movimentos sociais estão acabando. Então falar sobre isso nesse momento é até uma forma de homenagem [emoção] de informação para as pessoas talvez sirva para resistir para que outras pessoas vejam que isso é possível apesar de todas as adversidades. Eu espero que o MOEMA passe por mais essa que é esse desgoverno tão elitista que eu nem sei o que falar dele.

**Verônica:** Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado.

**Mazane:** como já falei gostei dos objetivos e eu acho que um elogio eu acho que é muito importante falar sobre isso eu acho que é um tema que merece ser falado, ele merece sair do ‘lugarzinho’ dele do estado e ser jogado em um espaço acadêmico, por exemplo, eu acho que

é de uma riqueza muito grande. Acho que os movimentos sociais como o MOEMA também têm muito a ensinar que bom que tu vai levar o MOEMA para o conhecimento de mais pessoas. O MOEMA chegou do outro lado do oceano. [risos]

Eu fiquei um bocadinho emocionada em voltar no tempo e ver toda história do MOEMA e por tudo que já passamos e tudo que temos passado.

Faço questão em dizer que eu dei o nome MOEMA ao grupo.

**Verônica:** Agradecimento pela colaboração.

## **Entrevista II - Maria José**

Apresentação dos objetivos gerais e específicos da dissertação e agradecimento pela participação na entrevista para o trabalho.

### **Questões Iniciais:**

**Verônica:** Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família (pai, mãe, irmãos); tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?

**Maria José:** Sou filha de Maria Luiza Sobreira Alencar e Jose Alencar Sobrinho. Quando criança morei em várias cidades, nós vivíamos mudando de cidade, então moramos em vários municípios do estado do Pará (Santa Maria do Para, 47 da Pará Maranhão, Castanhal). Quando eu tinha 13 anos meus pais se separaram. Eu fui criada só pela minha mãe, foi uma vida difícil, mas não faltava nada minha mãe era uma Mulher muito trabalhadeira e tudo [emoção]. Éramos quatro filhos (eu e minha irmã Arlete e dois homens o Aldiro e o Airton) e um deles o Airton era doente mental. Com a separação dos meus pais voltamos para morar em Santa Maria do Para, onde estudei até o termino do ensino fundamental o ensino médio fiz em Castanhal e também fiz curso superior. Aos 16 anos comecei a trabalhar como professora municipal e aos 18 anos passei em um concurso público do estado.

**Verônica:** Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).

**Maria José:** Tenho 65 anos. Nasci interior do Pará, numa colônia chamada Miritueira município de Nova Timboteua, que hoje é Santa Maria do Pará. Nasci em casa de um parto normal. No ano de 1997 vim pra Belém acompanhar minha filha Mazane que passou no vestibular, eu estava me aposentando então vim para acompanhá-la.

**Verônica:** Qual sua formação e principal ocupação? (percurso profissional)

**Maria José:** eu sou formada em Educação Artística e Ciência de Religião fui professora durante 25 anos mas sempre costurei, fiz artesanato, trabalhos manuais. Quando eu me aposentei achei muito ruim ficar em casa aí eu montei um espaço, uma loja em casa onde eu mesma fabrico e comercializo os produtos. Além da loja eu exponho na Universidade Federal do Pará – UFPA (uma semana no mês), além de ocupar o tempo é uma renda extra.

**Verônica:** Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados a religião, estado)

**Maria José:** sim. Eu sempre participei. Minha vida tora era ligada a movimentos. Lá no interior (Santa Maria do Pará) eu participava do movimento de casais o ECC (encontro de casais com Cristo da Igreja Católica na paróquia de N.S. Auxiliadora) era um movimento muito bom tinham muitos casais que além da parte religiosa nós tínhamos um trabalho social com as famílias. Eu desenvolvi meu TCC (tese de conclusão de curso) tendo como base movimento, esse grupo, onde tinham muitas famílias que eram segunda união e a Igreja Católica não trabalhava com essas famílias e o ECC tinha muita preocupação com isso. E eu fiz meu trabalho sobre essas famílias isso foi em 1987.

Aqui em Belém, além do meu trabalho com os movimentos sociais eu também fui catequista na igreja de São Jorge no bairro da Marambaia. É um trabalho muito bom que nos da muita experiência de vida porque eu só trabalhava com adultos, com famílias, com Mulheres e com a catequese eu tive a oportunidade de trabalhar com crianças.

**Verônica:** Você exerce alguma atividade profissional remunerada?

**Maria José:** eu sou professora aposentada e trabalho com vendas e confecções de roupas artesanais

**Verônica:** Estado civil?

**Maria José:** eu sou casada com o José Maria Alves Coelho a 42 anos.

**Verônica:** Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).

**Maria José:** tenho duas filhas a Luiza Mazane Alencar Coelho e a Verônica de Nazaré Alencar Coelho. A Mazane tem 41 anos é pedagoga e psicóloga fez mestrado na universidade de Lisboa em Portugal e trabalha como orientadora pedagógica na secretaria municipal de educação em Belém estado do Pará e a Verônica, 36 anos, é formada em administração e direito e faz o mestrado na universidade de Lisboa em Portugal.

**Verônica:** Quanto tempo de MOEMA?

**Maria José:** participo da associação - MOEMA desde sua criação a 13 anos e muito me alegra dizer que sou uma das fundadoras do MOEMA. Agora com a pandemia nós vimos como faz falta nossos encontros, nossas reuniões. Ficamos trocando mensagens no grupo do WhatsApp. E temos preocupação com as Mulheres do MOEMA que estão doentes, ou que são do grupo de risco sempre procurando saber como elas estão, como tá a situação financeira já que paramos todos os trabalhos (reunião, encontros, feiras) então ficamos preocupadas principalmente com as associadas que dependem do MOEMA para sobreviver financeiramente. E tudo isso temos discutido no grupo. É um trabalho muito bom, muito social.

## **2.<sup>a</sup> Parte da Entrevista**

**Verônica:** Informar a entrevistada acerca dos objetivos da entrevista; informar a respeito da importância da pesquisa.

**Maria José:** tá bom.

**Verônica:** O que é para si o MOEMA?

**Maria José:** o MOEMA é um grupo de Mulheres que foi criado para ajudar as mulheres da comunidade. A gente viu que a maioria das Mulheres desenvolvia algum trabalho manual, como costura, crochê, bordado, artesanato..., mas tinham muita dificuldade pra comercializar. Então o MOEMA foi criado com o objetivo de ajudar essas Mulheres a desenvolver e comercializar seus produtos. A Mulher produz e o MOEMA ajuda a divulgar. Um grupo para ajudar a Mulher, de um modo geral, em tudo que se refere a mulher, trabalho, beleza, auto estima esse é o MOEMA.

**Verônica:** Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?

**Maria José:** O MOEMA me ajuda muito na comercialização dos meus produtos, eu aprendo muito com o grupo. Nós somos 25 Mulheres então são aquelas Mulheres que já fazem parte da minha família. É aquele grupo que todos os dias eu entro em contato, procuro saber como estão. É impossível eu viver hoje sem o MOEMA.

**Verônica:** Como sua família ver a sua participação no MOEMA?

**Maria José:** minha família toda já faz parte do MOEMA, são amigos e amigas do MOEMA minhas filhas conhecem todas as integrantes, a que é psicóloga ajudou na criação do grupo na escolha de nome, estar sempre dando apoio faz palestras, orientações, a que é administradora dá muitas dicas e orientações sobre educação financeira... o meu marido empresta e dirige o carro para levar as associadas para as feiras e eventos.

**Verônica:** Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?

**Maria José:** foram tantas as experiências marcantes que e até difícil escolher uma... mas essa me marcou muito no Fórum Social Mundial em Belém em 2009, nós ganhamos um espaço para expor nossos produtos e estávamos nos preparando para participar. Tinha entrado a pouco tempo na associação uma senhora e todas estávamos empolgadas para o Fórum e na véspera do início essa associada chega na minha casa quase chorando porque o marido dela disse que se ela fosse participar do fórum com o MOEMA ele ia lá e tirava ela pelos cabelos e botava para casa. Ela era muito submissa ao marido. Aí ela chorando disse que veio dizer que não ia mais. Eu disse assim para ela: olha se tu quiseses desistir, tudo bem, mas se tu quiseses ir jamais o teu marido vai lá e te tira pelos cabelos porque nós estamos lá e ele sai de lá preso e nós estamos aqui para te apoiar. Aí ela voltou para casa dela chorando... no dia seguinte para a minha surpresa ela foi a primeira que chegou e ele foi deixá-la e ficou de longe observando. Ela vendeu tudo que levou e cedo teve que voltar para a casa para fabricar mais produtos, ela fazia bonecas de pano lindas [risos]. No outro dia foi ela novamente a primeira a chegar e com ele todo desconfiado, mas estava lá ajudando ela pois eles precisam

da renda. Daí em diante ela é associada até hoje e ele nunca mais empatou ela de participar de nada. Eu achei uma experiência muito legal. [risos]

**Verônica:** Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?

**Maria José:** ai Verônica são tantas... [alegria] Ah! A Marcha das Margaridas. Era um sonho de muitas Mulheres, mas são tantas dificuldades muitas não têm condições de viajar por questões financeiras, mas a gente se preparou e fomos! Foi uma experiência maravilhosa.

Quando a associação foi fundada o prefeito da cidade era o Edmilson Rodrigues então o professor Edmilson era muito ligado a economia solidária então ele dava muito apoio. E teve uma feira de Economia Solidária em Brasília e o MOEMA foi convidado a participar e quando eu falei no MOEMA muitas falaram que não dava para participar, mas novamente a gente se organizou e foi! [empolgação] e lá a gente participou de debates, feiras, conheceu gente, participou de debates com o Paul Singer... foi muito bom[risos].

Olha nós temos um espaço de expor que é no Bosque Rodrigues Alves e lá já fizemos muitos eventos e pesquisas sobre economia solidária.

Uma coisa marcante na associação são os cursos que nós conseguimos não só para as associadas, mas para a comunidade em geral a gente fica muito feliz em ver outras pessoas participando dos cursos. É muito bom a gente ver que através daqueles cursos a Mulher acaba tendo o dinheiro para comprar o pão de cada dia.

**Verônica:** Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?

**Maria José:** na associação nos temos um regimento interno que nos orienta sobre os deveres e direitos.

**Verônica:** Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?

**Maria José:** a contribuição mensal é muito pequena R\$ 12,00 por isso a necessidade de sempre realizamos eventos para angariarmos fundos (como rifas e sorteios) e as associadas que podem ajudam uma as outras. Quando uma tá com dificuldade, por exemplo, a gente reúne o grupo e quem pode ajuda seja com cesta básica ou com material para confeccionar os produtos para vender.

**Verônica:** As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?

**Maria José:** nós temos uma prestação de contas muito clara é tão pouco o dinheiro que a gente faz a prestação de contas tranquilamente. Por incrível que pareça nós chegamos a conclusão que no MOEMA as pessoas têm mais intenção de colaborar do que de qualquer outra coisa. Com a pandemia foi suspensa a mensalidade e tudo a gente precisa resolver é através do grupo no WhatsApp.

**Verônica:** Como são tomadas as decisões, no MOEMA?

**Maria José:** as decisões são tomadas sempre em grupo, a gente faz uma reunião e tem que ser 50% mais 1 para poder aprovar alguma coisa referente ao MOEMA. Nós não somos muitas Mulheres, somos só 25 e isso ajuda a gente a manter. Dessas 25 tem a diretoria que mesmo com a pandemia procura tá em contato uma com as outras para ver o que a gente pode



fazer.

**Verônica:** Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?

**Maria José:** nós temos uma diretoria com presidenta, (que hoje é representada pela associada Lindaura, tesoureira (Maria Jose Alencar) e secretária (Socorro Santos) e temos ainda uma associada que é responsável pelas feiras (que hoje é representada pela associada Euclidea Sousa) MOEMA.

**Verônica:** O que mais se debate nas reuniões?

**Maria José:** temos sempre uma pauta, mas sempre trabalhamos qualidade de vida, empreendedorismo, beleza, autoestima...

**Verônica:** Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?

**Maria José:** quem abre a reunião é a presidente dando as boas vindas e secretária ler a ata da reunião anterior, e é exposto e debatidas as pauta da reunião (antes da reunião cada associada pode sugerir uma pauta), enfim... e o que surgir. Todas podem dar sua opinião, uma vez ao mês fazemos o aniversariante do mês e sempre comemoramos as datas comemorativas. As reuniões são realizadas na sede da associação.

**Verônica:** Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?

**Maria José:** eu acho que as pessoas veem o MOEMA com muito respeito [empolgação] O MOEMA tem um grande peso na sociedade na época da política nós somos muito procuradas, políticos querendo nos visitar, querendo apoio... (mais somos um grupo independente). Devido às ajudas e os cursos que a gente oferece a comunidade o MOEMA é bem visto no bairro pena que é um grupo pequeno sem recursos financeiros para ajudar mais a comunidade, abrange bem mais Mulheres, mas infelizmente não temos condições financeiras para isso.

**Verônica:** Ao seu ver a cidade educa?

**Maria José:** educa sim! Por exemplo, o MOEMA ajuda nessa educação familiar da Mulher. Quando a gente começou a gente ia atrás das feiras, hoje nós somos convidadas a participar, o MOEMA é bem visto aonde chega. Muitas Mulheres procuram um trabalho muito bonito, muito embora a gente não tenha apoio de nenhum grupo, não somos ligadas a nenhum grupo político tudo que a gente consegue é através de muito trabalho e também através das nossas associadas.

**Verônica:** Resumo e meta-reflexão a cerca da entrevista;

Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.

**Maria José:** Tá bom.

**Verônica:** Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado.

**Maria José:** o MOEMA é um grupo de Mulheres que vale a pena pois a gente ver a Mulher quando chega na associação e como ela fica após a convivência na associação... muitas dessas Mulheres chegam com muitos problemas depressão, e várias outras doenças, muitas com muita dificuldade financeira e a gente ver essas Mulheres dando testemunho e falando de como a vida mudou é muito gratificante. É um grupo de Mulheres com defeitos, mas as qualidades são muito maiores que os defeitos. É muito importante ver a Mulher crescendo junto com o grupo.

Quero dizer que foi um prazer dar a entrevista, foi um prazer falar do MOEMA. eu gostaria que outras Mulheres de outros lugares se inspirassem na associação, criassem associações porque ajuda muito a Mulher, ela ajuda de um modo geral tanto financeiro quanto social. Eu me atrevo a dizer que a Mulher que faz parte de um grupo de Mulheres como o MOEMA é muito mais feliz é uma Mulher que é valorizada e que se valoriza [emoção].

Uma sugestão... entreviste outras Mulheres porque só eu falando pode parecer suspeito, pois eu sou uma das fundadoras do MOEMA. Fale com outras e tu vais ver que só vão falar coisas boas do MOEMA.

**Verônica:** [Agradecimento pela colaboração.](#)

### **Entrevista III - Maria do Socorro**

Apresentação dos objetivos gerais e específicos da dissertação e agradecimento pela participação na entrevista para o trabalho.

#### **Questões Iniciais:**

**Verônica:** [Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família \(pai, mãe, irmãos\); tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?](#)

**Socorro:** eu venho de uma família muito humilde, na minha casa, na realidade, quem teve mais estudos foi eu porque eu tinha muita vontade eu ia mesmo para a luta. Eu ainda cheguei a botar os pés na Universidade com todo sacrifício, ainda cursei um ano de agronomia na hoje Universidade Federal Rural da Amazônia. Então eu tive muita dificuldade para frequentar a universidade, mas eu tinha muita dificuldade mesmo e chegou um tempo que eu tive que cancelar a matrícula e isso me marcou muito, pois eu tive que optar ou eu trabalhava ou eu estudava e eu tive que trabalhar para me manter, manter de que? [pausa]. De calçar, vestir ou eu estudava e nessa época a universidade era só pela parte da manhã que funcionava meu curso, não tinha à tarde, não tinha outro horário então eu tive que abrir mão [emoção] eu sofri muito com isso, sinceramente foi muito sofrido, mas eu tinha que trabalhar, então a minha infância foi assim de muita dificuldade. Trabalhei em escritórios e tal e aí eu casei e tive meus filhos o meu marido ainda me mandou voltar lá para mim reabrir a vaga na universidade que eu tinha trancado, mas já tinha se passado mais de 10 anos então isso foi ainda mais marcante na minha vida, mas tudo bem.

Um fato marcante na minha vida enquanto criança, hoje chamamos de *bullying*, mas que eu não queria ir a escola de jeito nenhum, pois era muito apelidada e isso me marcou e eu fiquei, hoje talvez fosse precisar de psicólogo, talvez minha mãe nem soubesse porque não adiantava falar. Eu nunca nem comentei isso com ela, mas foi algo que me marcou muito



[pensativa]. Como pobre eu tive uma infância feliz a gente brincava, graças a Deus a minha mãe era muito amorosa e meu também era amoroso. Eu sofri com os apelidos na escola, mas a minha mãe resolvia dizendo que eu tinha que ir a escola, então a gente aprendia a se defender, a resolver nossos problemas sozinhos então isso é uma parte importante na vida da gente que é aprender a se defender e isso é bom.

**Verônica:** Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).

**Socorro:** 59 anos hoje. Eu nasci aqui em Belém mesmo. Eu sou de Belém. Eu nasci em um hospital chamado maternidade do povo e de 14 irmãos só eu e mais dois nascemos em hospital todos os outros nasceram em casa através de parteiras. Eu e mais dois irmãos que nascemos aqui em Belém o restante dos irmãos e meus pais são de Natal-RN. Eu me sinto até privilegiada, pois a minha mãe já teve um cuidado maior quando chegou em Belém, já fez um pré-natal que antes não fazia, não existia fazer pré-natal em cidades do interior era muita dificuldade e quando ela veio para Belém ela já teve essa possibilidade de procurar médico de fazer um acompanhamento melhor, né?

A minha mãe contava que quando eu nasci meu pai por ter muita filha mulher e só dois filhos homens e um deles tinha morrido... Meu pai disse que não queria mais filha Mulher e que se eu fosse Mulher ia me dar em adoção, sabe? [emoção] aí a minha mãe fez uma promessa para Nossa Senhora do Perpetuo Socorro por isso que meu nome é Maria do Socorro, por causa da promessa que a mamãe fez para o papai me aceitar para ele não me dar porque ele disse [alteração de voz] que se fosse uma mulher novamente ‘eu vou dar em adoção’ porque eu não quero mais saber de filha Mulher [sorriso nervoso]. E aí a minha mãe sofria, ela era daquelas pessoas que obedeciam ao marido e fez a promessa.

Quando meu pai foi me ver no hospital assim que ele me viu ele disse assim mesmo: não, eu não vou dar minha filha não, nós já criamos tantas vou ficar com ela e a minha mãe colocou meu nome de Maria do Socorro por isso em homenagem a Nossa Senhora do Perpetuo Socorro que deu aquele socorro naquele momento.

**Verônica:** Qual sua formação e principal ocupação? (percurso profissional)

**Socorro:** quando eu conheci o MOEMA através da Maria José, que era presidente na época, ela me incentivou muito. E eu era amiga do MOEMA e eu fui me interessando querendo saber do grupo até disse: MOEMA porque esse nome MOEMA? Aí eu fui ver que MOEMA é um nome indígena, um nome de Mulher, um nome feminino e aí tem tudo a ver com nós aqui do Norte aí eu fui tendo simpatia através do nome da associação ‘MOEMA’. E na pesquisa eu vi também que Moema tá relacionado com um doce, tudo a ver com Mulher. Nome feminino, indígena e teve haver com doce, tudo a ver com Mulheres.

Chegavam pessoas no MOEMA que sabia trabalhar, tinha uma arte, sabia fazer, mas era aquela pessoa que não se interessava, não tinha uma renda familiar e eu fui vendo como eram tratadas essas Mulheres no MOEMA as pessoas que vinham tinham as amigas que ajudavam às vezes não tinha material para fazer o seu trabalho e o MOEMA ajudava e eu achei aquilo tão bonito àquela solidariedade. Isso me comoveu muito me chamou muito atenção porque o MOEMA é assim, não tem fins lucrativos essa parte humanitária do MOEMA é linda.

Os trabalhos no MOEMA é a minha principal ocupação porque eu aprendi a costurar, a fazer trabalhos manuais, crochê, costura a Maria José me ensinou me deu o maior incentivo e para me incentivar ela comprou meus primeiros tecidos, as linhas, me ensinou como fazia e eu comecei a fazer e fui tomando gosto, aquela vontade, porque a gente faz um trabalho,

vende ganha um dinheiro, a gente fica motivada, meu trabalho tá sendo vendido. Hoje o meu trabalho, o dinheiro que entra para ajudar na minha casa para ajudar na renda familiar é através das coisas que eu faço de artesanato.

**Verônica:** Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados a religião, estado)

**Socorro:** Sim. Na igreja quando eu morava na cidade nova [município de Ananindeua – região metropolitana de Belém] um grupo de canto que eu gostava muito eu ensinava crianças. Depois fui para a parte de catequese infantil porque eu acho muito melhor lidar com crianças a pesar de dar mais facilidade ela obedece ela absorve melhor o que a gente ensina.

**Verônica:** Você exerce alguma atividade profissional remunerada?

**Socorro:** Não. A minha renda hoje é o artesanato.

**Verônica:** Estado civil?

**Socorro:** casada

**Verônica:** Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).

**Socorro:** sim, tenho dois filhos um de 31 e o outro de 30 anos. O mais velho é professor é educador físico trabalha na empresa SESC e o outro é motorista.

**Verônica:** Quanto tempo de MOEMA?

**Socorro:** eu acho que já tenho uns 10 anos de MOEMA.

## **2ª Parte da Entrevista**

**Verônica:** Informar a entrevistada acerca dos objetivos da entrevista; informar a respeito da importância da pesquisa.

**Socorro:** tudo bem.

**Verônica:** O que é para si o MOEMA?

**Socorro:** o MOEMA para mim a pesar do significado da palavra associação que agrega pessoas e tal o MOEMA para mim acima de tudo é uma família é a minha segunda família [emoção] porque temos amigas, a gente conhece pessoas.

Agora que estamos passando por essa pandemia nós estamos sentindo muita falta daquela conversa de amigas a gente se reunia tomava um café então a gente sente saudades como se fosse de um parente [emoção] então o MOEMA se tornou família é isso que eu sinto.

**Verônica:** Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento

pessoal e/ou profissional?

**Socorro:** chega um momento assim na vida da gente, que como eu te disse, eu parei a universidade, não estava trabalhando vivia só para a minha família, né? Cuidando de casa, de marido, de filhos então a gente se sente assim... será que sou capaz? Será que eu posso? Eu me fazia essas perguntas. Então o MOEMA me fez despertar para este lado profissional eu ainda posso, eu sou uma pessoa que ainda posso trabalhar, os meus trabalhos são valorizados eu posso arrumar um dinheiro, ter uma renda, não muito, mas eu posso contribuir sim na minha renda familiar. Contribuindo, pagando alguma coisa com o meu dinheiro [alegria] fez-me sentir viva, útil é assim que eu passei a sentir.

**Verônica:** Como sua família ver a sua participação no MOEMA?

**Socorro:** no início [pausa pensando], pois quando a gente faz um trabalho seja dentro ou fora de casa, geralmente, abala um pouco porque a gente tá naquele costume de viver para os filhos de cuidar da casa e tudo. Quando a gente passa a fazer o trabalho a gente esquece alguma coisa dentro de casa a gente tem que parar para poder se dedicar ao trabalho principalmente trabalho manual a gente tem que ter todo um tempo, todo um cuidado. Então eu senti que eles estranharam... “ahh! a senhora só se dedica para a, máquina, a senhora só quer saber de costurar, só quer saber de tá com esses guardanapos, com o crochê...” então eu ouvia muito essa reclamação aqui em casa, mas se acostumaram graças a Deus eles não se opõem em nada e até me ajudam... [risos] vai comprar linhas! Eles vão! Então... Aceitaram de boa. Até quando, às vezes, falta um dinheiro para inteirar uma luz, uma água, aí eu já tenho aí eu dou... Aí eles enxergam o meu trabalho e que ele tá rendendo algum lucro.

**Verônica:** Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?

**Socorro:** sim. Uma história de uma amiga nossa. Sempre quando eu falo do MOEMA eu conto a história dessa amiga, pois me marcou demais eu até chorei... [emoção] chegou uma amiga que também não trabalhava... Que o MOEMA é um grupo assim ele acolhe Mulheres que não trabalham que fazem seus trabalhos manuais, mas não podiam mostrar então o MOEMA é muito acolhedor. Então essa moça chegou à associação muito por não trabalhar e estava com problema familiar com o marido estava a ponto de uma separação... Aí houve uma feira no HANGAR [local de feiras e eventos da cidade] que tinha que usar o uniforme do MOEMA, O MOEMA tem um uniformezinho que é a camisa padronizada com calça jeans, aí ela disse que não podia usar calça comprida aí nós perguntamos se era por causa da religião? E ela disse: não, porque eu tenho um trauma. E então ela começou a chorar... e eu falei: um trauma? E ela disse: porque uma vez eu usei calça comprida e o meu marido falou para mim que era muito feia que eu não tinha bumbum para usar calça comprida, que só era bonito Mulher usar calça comprida se tivesse o bumbum grande.

Então aquilo me marcou muito, me tocou muito porque as vezes são pequenas palavras, não precisa ser muita coisa para marcar a vida de uma pessoa. Então quando ela estava contando essa história ela chorava muito, que até soluçava... então aquilo me marcou muito.

Então todas nós demos muito apoio e falamos... Pois você vai usar calça comprida sim! Você é linda! E ele falou isso porque você é bonita e ele tem ciúmes de ti e quer te colocar para baixo porque não quer que você use para não ficar mais bonita ainda e você vai usar e a partir de hoje você vai usar sempre... e ela chorou, chorou [emoção] e ela passou a usar... e hoje eu vejo ela passar de calça jeans [alegria]. Ela fazia caixinha de tecido, papelão

e ficavam lindas as caixinhas que ela fazia... e ela vendia e com esse dinheiro ela pagou um curso de técnico de enfermagem. Hoje eu vejo ela passar aqui, linda e maravilhosa toda de branco, de calça comprida, trabalha em um hospital, o casamento dela não terminou porque ele viu o valor dela eu acho que era isso que ele esperava, essa atitude então ela teve atitude, ela foi estudar ela se formou. Ela é linda sim e salvou o casamento. Ele não era uma má pessoa, mas que por ciúmes dele dizia certas coisas.

Essa história me marcou tanto que nessa noite eu chorei muito, na hora com ela e chorei depois, pois muitas histórias no MOEMA me levam a ver que existem dificuldades maiores que as minhas, mas a gente sempre pensa que a minha dificuldade é maior, mas tem sempre alguém com problemas maiores que o seu.

No MOEMA eu cresci como pessoa como ser humano porque a gente aprende a amar as pessoas, a gente ajuda com palavras não só ajuda financeiramente, mas também com o apoio, aquele ombro amigo e ajuda a gente a se tornar um ser humano melhor.

**Verônica:** Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?

**Socorro:** tem várias coisas que aconteceram no MOEMA... Em cada reunião que a gente fazia tinha uma história, alguma coisa de vida tem muitas histórias. As nossas feiras, cada feira tem uma história, na realidade e teve uma feira muito boa que a gente foi e que deixou a gente muito feliz, pois nós não acreditávamos nessa feira a gente foi por ir, pois a Déa que era a presidente do MOEMA na época e ela que arrumou a feira e a gente foi com pouca mercadoria, mas foi uma surpresa tão boa, pois a gente foi um pouco triste... Nós voltamos tão feliz, tão feliz assim festejando [alegria/sorrisos] porque nós vendemos tudo a gente sempre fala que se quisesse vender a toalha da mesa tinha gente para comprar, foi uma feira muito feliz, muito boa. Foi uma lição de vida a gente não deve antes do tempo se dar por derrotada a gente tem que ir, tem que lutar, tem que ver primeiro a gente já foi tipo derrotada e foi bom porque saímos de lá com outra lição de vida. Todo mundo saiu com seu dinheiro para comprar material para fazer mais mercadorias para produzir. Quem participou saiu feliz da vida. Foi uma experiência muito boa.

**Verônica:** Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?

**Socorro:** o MOEMA, ele tem um estatuto então nós sabemos que nós temos nossos direitos e deveres porque a gente é regida pelo estatuto nós somos punidas se a gente não obedecer ao estatuto. O estatuto não é muito rígido, mas como todo estatuto deve ser obedecido. Nós temos uma mensalidade mínima quem não pagar essa mensalidade três meses não participa de feiras, nós temos que assistir as reuniões. Para entrar tem que assistir três reuniões do MOEMA para ver se realmente quer para poder entrar. E se vai acontecer uma feira e eu estou doente e não eu tenho direito de pedir para uma amiga se ela pode levar minha mercadoria para a feira e eu peço isso no momento da reunião e a gente autoriza a colega e acontece tudo direitinho, presta conta e tudo então como eu disse é uma família o MOEMA é uma família. Nós temos nossos deveres quando uma amiga tá precisando a gente faz uma coleta a gente conversa ver como é que a gente pode ajudar. É assim coisa de família mesmo.

**Verônica:** Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?

**Socorro:** olha essa mensalidade mínima que a gente paga... tem feiras que a gente participa

que ela é paga, tem lugares que exigem um pagamento, uma taxa para que possa participar então essa mensalidade é basicamente para isso. Eu acho muito bem administrado essa parte da mensalidade é um pouco que se torna muito bem organizada nós usamos mais para pagar as feiras. Se a associação precisa de um dinheiro para comprar mercadoria o dinheiro sai das mensalidades através de empréstimo e depois a associação devolve então eu acho muito importante e até merecia se pagar mais de mensalidade, mas infelizmente a grande maioria não tem condições de pagar, pois tem a parte econômica muito pouca.

Então é mais para pagar as feiras e comprar os acessórios que a gente precisa, tela, mesa, toalha tudo isso a associação tem comprado com este dinheiro. E com essa mensalidade que nós temos tudo para participar das feiras, pois nem sempre a feira nos dar condições, pois temos que levar nossa mercadoria, expor e temos que ter a mesa, a tela e é comprado com esse dinheiro.

**Verônica:** As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?

**Socorro:** Não. Grandes conflitos não. As vezes não temos dinheiro em caixa para pagar certas feiras, pois tem feiras que são caras e as vezes, não se tem dinheiro, mas não é assim um conflito por causa de dinheiro, mas a gente sempre resolve da melhor maneira possível. Nunca ouvi dizer que teve briga por causa da mensalidade, do dinheiro. Tem caixa nós somos bem organizadas.

**Verônica:** Como são tomadas as decisões, no MOEMA?

**Socorro:** são tomadas em reunião. Tudo que se vai fazer no MOEMA se marca reuniões com a diretoria no mínimo tem que tá a presidente ou a vice-presidente, tesoureira, secretaria a gente convoca todas, tem alguma que não pode, mas tem que tá a maioria das associadas para a gente poder tomar uma decisão. Porque a maioria que vende. Sempre é assim, não se toma nenhuma decisão sem participar para as associadas.

**Verônica:** Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?

**Socorro:** geralmente é a presidente que toma conta dessa parte. A Dea como tem muita amizade, já participou de muitos eventos e feiras então as pessoas ligam para ela falando de feiras aí ela já nos informa e a gente ver se é viável participar se o preço tá condizendo com o que a gente tem em caixa, tudo isso. Aí quando não pode ir todo mundo se faz uma escala – vai quatro, vai cinco associadas e essas são as responsáveis pela mercadoria de todas. Eu acho muito organizada essa parte. Se faz uma escala se a feira durar 3, 4 ou 5 dias uma semana que seja, se faz uma escala de trabalho e a escala tem que ser obedecida e se a associada não puder ir ela tem que avisar para a gente substituir e é assim tudo é resolvido em reunião.

**Verônica:** O que mais se debate nas reuniões?

**Socorro:** debates sobre as feiras, sobre o comportamento que devemos ter lá na feira as vezes até o vestir mesmo é debatido, nossos uniformes, nossas blusas bem vestidas, a parte da educação com os clientes, horários é muito importante o horário pois tem lugares que diz: vamos abrir as 9h da manhã você não pode chegar as 9:10 ou 9:30 e você fica mal vista e talvez na próxima feira eles nem nos convida porque tem lugares que o horário tem que ser obedecido.

**Verônica:** Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?

**Socorro:** é assim... Aconteceu uma feira algo aconteceu lá que não era para acontecer ou que, por exemplo, eu não achei certo. Eu anoto e na próxima reunião eu levo e coloco na pauta se outra associada tiver algo a dizer ela anota e lá a gente põe em reunião e a gente vai ver se tem coisas para punição ou se foi realmente necessário o acontecimento porque às vezes o que eu acho errado pode ter sido até necessário, ou então chegar atrasado, às vezes aconteceu alguma coisa em casa, doença, pois a gente não sabe o que pode acontecer. Então a gente ver o que aconteceu para colocar em pauta na reunião e também para fazer uma avaliação daquela feira 9 como foi, se foi bom o que temos que mudar para a próxima).

**Verônica:** Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?

**Socorro:** a nossa associação graças a Deus é muito solicitada. Muita gente conhece o MOEMA aonde o MOEMA chega ele é recebido, nós somos 25 Mulheres que não abrem mão da parte de organização de cumprir nossos deveres. O MOEMA é bem visto, toda feira que nós participamos o MOEMA é convidado novamente e dali já vai passando a informação para outras e às vezes aparecem feiras que não passa nem pela cabeça que a gente vai ser convidada e chega o convite para o MOEMA.

Então a gente fica muito feliz por isso, o MOEMA é uma associação pequena, mas é como associação grande [voz forte] na UFPA [Universidade Federal do Pará], no Bosque Rodrigues Alves, que é um ponto turístico no Círio de Nazaré [a maior procissão religiosa do Brasil] nós somos convidadas a participar da feira de artesanato do Círio, estação das docas que é outro ponto turístico de Belém. O MOEMA pode se dar por feliz, pois é muito conhecido e as pessoas falam bem da nossa organização, nossas toalhas, nosso cuidado de combinar, nossas roupas tudo isso demonstra uma organização feminina, né? Nós Mulheres temos essa parte assim de nos organizar e fazer bem o nosso artesanato também aprimorar, ter um bom acabamento a parte das nossas coisas que temos aqui no Pará sementes a gente usa muito isso.

**Verônica:** Ao seu ver a cidade educa?

**Socorro:** sim. Educa, mas tu sabes é difícil, né? Eu acho que sim porque quando a gente participa de uma feira, por exemplo, em algumas praças quando a gente foi a praça era maio feia, suja e quando nós participamos a praça começou a ficar mais bonitinha, mas arrumada porque a gente ia com nossos trabalhos, não deixava de chamar atenção de outras pessoas então eu acho que isso é uma forma de educar. E outra coisa tem associada que trabalha com reciclagem que também é uma forma de educar, garrafa pet e até com roupas usadas a pessoa faz tapete, crochê com aquelas roupas, só em tirar garrafas pets da rua já é tão bom. Então é uma forma de educar, mas eu sei que muita coisa poderia melhorar, eu sei que poderia, mas a gente luta para isso, já houve épocas que a gente tinha ajuda política, mas o MOEMA não faz nem questão o MOEMA é uma associação que procura andar sozinha [falar imponente - orgulho] é melhor trabalhar assim, pois a gente não tá atrelado a ninguém não estamos presas a ninguém. Acho que o nosso trabalho se torna mais bonito ainda porque é um grupo pequeno que faz muito, se nós tivéssemos ajuda o grupo era bem maior abrangeeria mais pessoa, mas é assim... o MOEMA educa muito sim.

**Verônica:** Resumo e metarreflexão acerca da entrevista;

Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.



**Socorro:** é muito importante. Isso faz parte da economia solidaria você teve essa visão, parabéns para você é muito importante sim, grupos de Mulheres, grupos de pessoas que saem até de grupo de risco podia entrar numa depressão, podia até cometer suicídio, mas não, quando entrou trabalho na vida delas e quando esse trabalho gerou dinheiro elas saíram daquela área de perigo, então eu acho que a associação tá de parabéns também porque consegue ajudar as pessoas. Quando se consegue ajudar uma pessoa já muito então a nossa associação tem essa parte humanitária e isso me encantou foi o que me aproximou essa parte humanitária é muito lindo. E você levando esse trabalho para a universidade com certeza vai encantar alguém e vai demonstrar sua importância porque é importante talvez tenha pessoas que não achem, mas é importante.

Analisando bem quantas vidas foram salvas com um trabalho tão simples, o trabalho manual. Hoje já passaram muitas associadas pelo MOEMA e porque eu digo que passaram porque se formaram tudo com a ajuda desse dinheiro que ganharam através do MOEMA, se formaram técnica em alguma coisa ou fizeram faculdade, então elas aprenderam muito e saíram do MOEMA pela porta da frente, em grande estilo, saíram para o mundo para a vida veja só a importância disso. Eram Mulheres que viviam dentro de casa cuidando de marido, filhos e de casa a vida delas se resumiam ali, mas depois do MOEMA elas acharam que poderiam ir mais além, mais longe e foram porque entenderam que a gente é o que a gente quiser ser. E foi o MOEMA que com essa família que nós construímos foi o que ajudou essas Mulheres a entender isso e da força para elas. As vezes a pessoa só precisa de um pequeno empurrãozinho, tem a capacidade, mas tá travadas e precisa daquele empurrãozinho para seguir isso o MOEMA fez na vida de muitas Mulheres com certeza. Na minha fez.

**Verônica:** Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado.

**Socorro:** Não. Acho que falei tudo, agora não tô lembrando. Eu quero que o MOEMA continue por muito tempo, pois assim como fez bem para mim eu tenho certeza que ainda vai fazer para muitas Mulheres para as pessoas que procurar ele. E quando alguém vier procurar a gente ter como ajudar essas pessoas, ter oportunidade de ajudar essas pessoas que é isso que a gente quer é esse o nosso papel de ser humano é ajudar muito os outros. É isso que a economia solidaria mostra, a economia solidaria gira em torno de um ajudando o outro então eu quero que o MOEMA continue por muito tempo.

**Verônica:** Agradecimento pela colaboração.

## **Entrevista IV – Lindaura Arruda**

Apresentação dos objetivos gerais e específicos da dissertação e agradecimento pela participação na entrevista para o trabalho.

### **Questões Iniciais:**

**Verônica:** Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família (pai, mãe, irmãos); tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?

**Lindauro:** Ah mana, quando eu morava no Marajó era a melhor coisa da minha vida [suspiros] Ah amiga eu tive uma infância maravilhosa [risos e emoção] quando eu morava no Marajó, ribeirinha, morava na beira do rio, brincava, pulava no rio, tomava banho de rio, subia nas árvores, comia fruta nativa então eu tive uma infância maravilhosa.

Nós somos uma família de quatro irmãos duas mulheres e dois homens, eu sou a mais velha e fui a primeira a sair do Marajó [município de Curralinho, Ilha do Marajó, Pará, Amazônia, Brasil] fui morar no colégio de freira com 12 anos e com 21 anos eu casei e quando eu casei eu trouxe meus irmãos de lá para cá para Belém a Leila, o Lucas e o Leo eu fui trazendo um por um para estudar aí o Leo passou no concurso dos Correios e foi trabalhar, o Lucas passou na Marinha e foi embora, a Leila casou com o Boa e foi cuidar da vida dela e eu fui criar meus filhos.

O meu pai sempre foi político, foi vereador dois mandatos lá em Curralinho e a minha mãe sempre foi de movimentos sociais, de sindicatos, sindicatos dos trabalhadores rurais de Curralinho, sempre trabalhou na política, era professora e sempre trabalhou em benefícios das pessoas de ajudar as pessoas no interior, arrumava colégio para as meninas quando vinha para Belém estudar e sempre foi uma pessoa muito batalhadora lá no interior a minha mãe.

A coisa mais marcante com certeza da minha infância foi a minha vinda para Belém, eu vim com 12 anos, nunca tinha vindo em Belém, aí eu vim para o colégio de freiras primeiro eu fui para o colégio de Bragança [município do estado do Pará], depois e depois eu fui para o colégio em Maracanã [município do estado do Pará] e depois eu fiquei no colégio, em Belém colégio interno aí depois eu fui para o colégio das freiras, também em Belém, então foi essa parte da minha vida que marcou muito, né? Porque eu vim para estudar, para ter uma vida melhor porque eu não queria ficar lá no interior na roça, eu sempre dizia que eu não queria aquela vida de roça para mim, não porque eu não gostava, mas porque eu achava muito difícil e eu tinha muita vontade de sair para estudar para ter uma melhora de vida, melhor do que meu pai vivia lá, porque ele sempre dizia que não queria que a gente tivesse a vida que eles tinham lá, de roça de madeira, de seringueira, de todas essas coisas aí foi quando eu vim.

O meu marido eu conheci com 17 anos eu sai um domingo para passear e nesse passeio lá no bosque [bosque Rodrigues Alves – ponto turístico de Belém –PA] eu conheci ele aí quando foi na segunda feira ele foi no colégio, falou com a irmã e pediu para namorar comigo, eu tinha 17 anos, aí a irmã disse que ele podia ir lá tudo, mas que eu só podia casar quando eu tivesse a maior idade que na época era 21 anos, aí eu casei quando eu completei 21 anos ele era de Recife-PE veio para cá passar um ano na Polícia Federal, deixou uma noiva lá, mas eu não tenho nada a ver com isso [risos] e eu continuei no mesmo colégio até os 21 anos saí de lá para casar. Saí casei e fui embora para a minha casa.

**Verônica:** Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).

**Lindauro:** eu tenho 55 belíssimos anos, eu nasci lá no Alto Piriá no município de Curralinho no Marajó nasci de parteira, na beira do rio, saí da barriga direto para dentro d'água [risos]. Desde que saí de Curralinho para estudar eu não voltei mais para morar só para passar férias em julho e dezembro. Passei por dois colégios antes de ficar no colégio em Belém e daqui não saí mais.

**Verônica:** Qual sua formação e principal ocupação? (percurso profissional)

**Lindauro:** Não Verônica, eu nunca trabalhei fora porque eu saí do colégio, casei aí fui morar no meu apartamento, cuidar do marido meu marido viajava muito, depois eu tive o Diego



[filho] e a minha vida sempre foi trabalhar em casa, agora assim, eu sempre gostei de fazer artesanato, eu fazia calcinha eu fazia sutiã, eu sempre vendia as minhas coisas que eu fazia pano de prato, entendeu, eu sempre tinha o meu dinheirinho nesse sentido.

Tem três anos que eu me formei em técnica de enfermagem. Eu sempre fazia uns cursos, mas eu tinha vontade fazer algo na área da saúde aí eu fui para técnico de enfermagem me formei e tudo, sei aplicar muito bem injeção, fazer curativo [risos].

Agora a minha principal ocupação é cuidar do marido que tá velho [risos] o marido aposentou, mana. A minha principal ocupação financeira e profissional é no MOEMA, sempre foi, depois que eu conheci as meninas, conheci a Martinha na ASPEMA [extinta Associação dos empreendedores do Bairro da Marambaia] aí nós fundamos o MOEMA e a minha renda sempre foi assim, na área do artesanato, para ajudar meus filhos, ajudar nos estudos e depois que os meninos foram embora de casa a gente sempre tem que ajudar, né?

**Verônica:** Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados a religião, estado)

**Lindaaura:** Já da ASPEMA no tempo da Martinha e com o fim da ASPEMA a gente fundou o MOEMA.

**Verônica:** Você exerce alguma atividade profissional remunerada?

**Lindaaura:** Não. A minha renda é o artesanato.

**Verônica:** Estado civil?

**Lindaaura:** casada

**Verônica:** Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).

**Lindaaura:** eu tenho dois filhos o Diego, hoje com 33 anos, hoje meu filho é formado em Oceanografia é tem doutorado em oceanografia e é pesquisador no Museu Emilio Guedes aqui em Belém, doutor mana, meu filho é doutor [alegria] eu consegui! Eu não consegui chegar doutora, mas meus filhos conseguiram. E tenho a Larissa tem 31 anos é formada em Química e Engenharia de alimentos e tá fazendo doutorado em engenharia de produção, tá terminando. Dois doutores, graças a Deus, eu me orgulho muito eu acho que eu cheguei muito longe e eles foram mais longe do que eu.

**Verônica:** Quanto tempo de MOEMA?

**Lindaaura:** eu não sei... Estou desde a fundação em 2007... 13 anos... é isso mesmo porque depois que terminou a ASPEMA a gente fundou o MOEMA. E hoje estou presidente do MOEMA as meninas me colocaram [risos].

## **2.ª Parte da Entrevista**

**Verônica:** Informar a entrevistada acerca dos objetivos da entrevista; informar a respeito da importância da pesquisa.

**Lindaaura:** tudo bem.

**Verônica:** O que é para si o MOEMA?

**Lindaaura:** o que é o MOEMA para mim? [suspiro] Ah Verônica! o MOEMA para mim é um grupo de amizade, de carinho é um grupo, é uma família. Hoje nessa pandemia eu ligo para uma, ligo para outra, quando estou me sentindo só ligo para a Dona Maria José, ligo para a Leidiane, então é uma família. Eu tenho elas como minhas amigas, minhas irmãs mesmo de coração de companheirismo e é isso que eu sinto. É uma família.

**Verônica:** Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?

**Lindaaura:** me deu coragem para enfrentar as dificuldades da vida, me deu coragem para voltar a estudar, me deu coragem para ir trabalhar, né?, Porque a gente enfrentava as feiras e para nós isso é um trabalho, né? Fiquei rebelde com o marido [risos] ele dizia uma coisa e eu metia o pé eu ia ... e pronto!

- Quando o marido dizia: não vai para a feira do MOEMA.

- Eu dizia: eu vou! Já estou indo! Tchau, amor! [gesto de tchau com as mãos] pronto.

É como eu digo, assim, eu tinha, uma certa, confiança uma coragem de enfrentar as coisas, saber que não estou só.

**Verônica:** Como sua família ver a sua participação no MOEMA?

**Lindaaura:** Os meus filhos, Verônica, eles sempre me incentivavam o Diego sempre estava junto comigo, me ajudava, a Larissa até hoje ela me incentiva muito. Agora o meu marido nunca me apoiou [pausa- silêncio] Nunca, nunca ele me apoiou, nunca mesmo. É o que eu te falei, eu fiquei rebelde, eu vou já estou indo e pronto, eu não queria nem saber, mas os meninos sempre me apoiaram, mas ele nunca me apoiou, até hoje ele nunca gostou.

Eu nunca fui trabalhar fora porque ele não gostava, ele não deixava, aí ele viajava muito então eu cuidava dos meninos, né? Era cuidar dos estudos e das coisas sempre era eu, ele passa de três, quatro meses fora de casa então a responsabilidade das crianças tudo era eu. Aí por isso eu nunca fui trabalhar, talvez porque eu me acomodei mesmo, não sei, mas ele nunca me apoiou.

Quando eu voltei a estudar e fui fazer o curso técnico ele me chamava de burra todo dia, dizia que eu era burra que papagaio velho não aprendia mais nada, que não sabe por que eu tava fazendo isso, entendeu? Ele nunca me apoiou. Eu ia porque eu sou rebelde mesmo, mas ele nunca me deu forças. Ele sempre deu apoio financeiro dentro de casa, para os meninos [filhos], mas sempre foi eu que arrastava, levava, conduzia, aconselhava sempre eles.

A minha mãe mesmo morando no interior... [emoção] minha mãe sempre foi professora e o meu pai era analfabeto ele aprendeu a ler, que a mamãe ensinou ele a ler e escrever para assinar a certidão de casamento. Então o meu pai teve muitas dificuldades, como ele diz, porque ele não tinha estudo, ele achava que passava por todas aquelas dificuldades porque ele não tinha estudo e ele sempre incentivou a gente a estudar e como a mamãe era professora a gente estudava com a mamãe, fomos alfabetizados tudo com a mamãe. Então a gente sempre teve leitura, a gente lia muito, porque a mamãe lia muito então ela incentivava muito a gente a ler então isso a gente tem desde criança dentro de casa então

quando eu casei que os meninos nasceram eu já tinha isso comigo de incentivar eles a estudar. Na família do meu marido o único formado é ele mesmo morando no centro de Recife –PE mesmo tendo uma outra vida, diferente da minha, mas ele é o único que se formou por causa da polícia depois que entrou na polícia ele se formou em direito, mas na minha família não... olha os meus filhos já foram mais longe e a gente sempre estudou o Lucas sempre estudou [irmão da Lindaura] o Lucas é segundo sargento da Marinha. O Leo [irmão da Lindaura] não terminou o curso superior [é funcionário dos Correios], mas o Leo sempre foi inteligente na área de economia, solidariedade e foi prefeito de Curralinho.

Então desde pequenininho a gente tem essa ideia de se forma de estudar, porque eu sempre achei, Verônica, que eu acho que é através do estudo a gente conseguia melhorar de vida, ter uma outra vida, só através da educação a gente podia ter uma vida melhor ou dar uma vida melhor no futuro para o papai que é o que a gente faz hoje né, só através da educação. Então a mamãe passou isso para a gente porque ela achava que se a gente estudasse a gente não ia ter aquela vida sofrida do interior de roça, essas coisas e isso sempre tá na gente. A Leila [irmã da Lindaura] apesar de todas as dificuldades dela ela também, os filhos estão tudo formado, são engenheiros.

Eu ainda pretendo fazer o meu curso superior [risos]

**Verônica:** Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?

**Lindaura:** Ahhh mana a gente teve tantos momentos gostosos, tanta coisa boa... deixa eu pensar que a cabeça já tá indo simhora, 55 anos [risos] Ahh tá foi quando a Celia teve a Carol, porque a Célia entrou no nosso grupo quando ela tinha o Caio pequeno então a gente ajudou muito a Célia em relação ao Caio aí depois ela ficou grávida dentro do MOEMA então foi uma experiência bacana porque a Carol nasceu dentro do MOEMA, então a gente fez o chá dela, a gente participou de todos os momentos desde o começo da gravidez até o nascimento da Carol, então foi algo bem marcante bem companheirismo a gente sentia a Carol como nossa filha também. Quando ela ia para a feira no Bosque e levava a Carol pequena então a gente sentia como se a Carol fosse filha do MOEMA. Grávida ela ia com aquele barrigão dela para as feiras e a gente tinha aquele cuidado com ela porque estava grávida essas coisas.

**Verônica:** Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?

**Lindaura:** O Fórum Social Mundial, ahhh foi muito marcante [suspiros e risos] foi vivido ali dentro, a gente viveu aquele momento todinho ali dentro, desde a montagem das barracas até a despedida então foi vivido mesmo dentro do MOEMA o Fórum Social, foi marcante.

Começaram a implicar com o MOEMA porque a gente era de destaque [risos] então os outros grupos ficavam com raiva porque a gente se destacava, entendeu? A gente era as mais carismáticas, mas alegre, então isso foi muito marcante tivemos vários desentendimentos por causa disso então marcou muito o MOEMA. Nós nos destacamos tanto na chegada quanto na saída. Na chegada porque chegamos todas com aquela blusa rosa do MOEMA com as nossas coisas para arrumar tudo e com muita expectativa do que a gente ia passar, pois eram 15 dias praticamente ali então foi muito marcante a gente arrumar nossas barracas, mercadorias e arrumar espaço para todo mundo expor a mercadoria de todo mundo, então foi muito marcante isso na chegada. E na saída todo mundo ficou com saudades da gente porque a gente foi muito solidário com os outros artesãos que estavam a nossa volta, a gente cantava... então na hora da gente desarmar as barracas a gente foi se despedir de todo

mundo, trocou lembranças e foi muito bacana.

A gente dividia tudo com todos, e saía dando voltas e falava com todo mundo então teve gente que criou, um certo, ciúme da gente, porque a gente se destacou mesmo naquela feira. Aonde a gente chega o MOEMA se destaca seja no Fórum, no HANGAR [locais de feiras e eventos em Belém].

E é isso que a gente sente saudades, Verônica, depois que entrou a crise do artesanato o grupo foi se distanciando, as meninas foram ficando desanimadas porque você ia às feiras passava uma semana em uma feira e não vendia nada e isso desestimulou muito a gente, com a mudança de governo. Quando mudou de governo, aí entrou os chineses e o pessoal não dava mais valor ao artesanato, tá difícil para vender.

E com a Pandemia não teve mais congressos e quando tinha a gente já não tinha mais condições de participar porque estão cobrando muito caro e a gente fica sem condições financeiras para participar e também não valia a pena, pois não vale a pena investir em uma coisa que não ia ter lucro. E com a pandemia acabou a feira no Bosque e a gente não sabe nem como tá a situação lá com as nossas barracas porque tá fechado desde o início da quarentena.

**Verônica:** Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?

**Lindaaura:** o MOEMA tem um estatuto e a gente participa de feiras se a gente tá com as mensalidades em dia. E temos direito de mandar nossas mercadorias, dividir com outras amigas, por exemplo, uma ia para uma feira e a outra ia para a outra feira. Aí você podia ter suas mercadorias em duas feiras.

É com o dinheiro da mensalidade que a gente pagava os nossos eventos que o MOEMA é convidado. E reunião também tinham quatro reuniões por mês e só podia faltar uma se faltasse três sem justificar estava fora dos eventos.

Respeitar as colegas, tratava todo mundo com dignidade, ajudar quando uma tá precisando a gente sempre estava partilhando as coisas, dividindo procurando saber se uma estava bem se não estava. Hoje a gente sente falta disso que só deve voltar depois da quarentena porque como é que a gente vai se reunir?

Olha a Merian [integrante do MOEMA] o marido dela morreu de Corona vírus e ela ficou doente e foi chato porque a gente não pôde ir lá da um abraço nela com tanta angustia, com tanto sofrimento a gente não pôde dar uma mão para ela, fazer um chá para ela, nada, então isso foi muito triste para a gente. Uma semana antes de começar tudo isso [pandemia] nós nos reunimos para organizar tudo ver como íamos participar de feiras esse anos, mas aí parou tudo.

**Verônica:** Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?

**Lindaaura:** com a pandemia a mensalidade de R\$ 12,00 foi suspensa, pois a maioria das meninas não está trabalhando.

Todo dinheiro que entra é para ajudar o MOEMA porque assim, quando a gente participa de feira no HANGAR o *stande*, por exemplo, era R\$ 1.000,00 a associação pagava os R\$ 500,00 e os outros R\$ 500,00 era dividido com quem fosse participar do evento, por exemplo, se fosse 10 participar do evento os R\$ 500,00 eram divididos entre as 10.

Para organizar as finanças tem a tesoureira, que é a Dona Maria José e a Dea que é a responsável pela organização de feiras a Dea que via os eventos, quanto era, eu e a Lidianie fazia quem vai participar.

**Verônica:** As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?

**Lindaaura:** Não. Nunca tivemos problemas com isso porque a gente sabe que o dinheiro é destinado para a questão das feiras para pagar alguns papéis pagar inscrição em eventos ou alguma coisa assim.

**Verônica:** Como são tomadas as decisões, no MOEMA?

**Lindaaura:** em reunião. Tudo em reunião e aí tudo vai para votação, por exemplo, se a metade 50% mais 1 aprovar aí tá decidido. Tudo em reunião a gente sempre tomou atitude em reunião. Nunca eu disse ‘eu’, ou a Dona Maria José disse ‘Eu’ ou ‘eu vou determinar’, ou ‘eu vou fazer isso’, toda vez que tem que resolver algum problema tudo é através de reunião.

**Verônica:** Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?

**Lindaaura:** A Dea é responsável pelas feiras. Ela verificava as feiras e valores e eu e a Leidiana organizava quem ia participar. E tudo é decidido em reunião.

**Verônica:** O que mais se debate nas reuniões?

**Lindaaura:** nas reuniões o que a gente mais discutia era a questão dos eventos que o MOEMA ia participar e da questão financeira para participar desses eventos, resolver algum problema do Bosque [local que o MOEMA expõe todos os domingos] a gente reunia para decidir como resolver aquele problema, o que fazer para resolver aquela questão. Sempre em grupo nunca sozinhas. Quando aparecia alguma fofoca a gente tinha que reunir para resolver [risos] um comentário falava tudo ali. Falamos dos nossos problemas pessoais, dos filhos, maridos, resolvia logo tudo ali. Brigava, discutia e em seguida saía rindo se abraçando... Feliz da vida [risos]

**Verônica:** Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?

**Lindaaura:** Todo mundo trazia para a reunião um assunto que queria se tivesse com problema trazia aquele assunto para a reunião, por exemplo, a Nazaré que às vezes trazia, eu a Leidiane, a Dea qualquer uma que tivesse algum problema que fosse para resolver no grupo botava o problema em pauta e a gente debatia ver o que podia fazer o que a gente podia ajudar se tinha uma passando necessidade como a gente ia organizar uma cesta básica para ajudar, fazer uma rifa, como a gente passou um problema muito sério no bosque e a gente fez rifa e resolvemos a questão do Bosque, todo mundo junto.

**Verônica:** Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?

**Lindaaura:** eu sempre achei assim que as pessoas viam a gente como um grupo muito unido e que a gente se preocupa uma com a outra. Um grupo solidário mesmo, o professor Arruda utilizou o nosso grupo como da Economia Solidária que a gente se juntava e cada uma fazia seu trabalho na sua casa e a gente se juntava para comercializar, porque eu sozinha não podia entrar no HANGAR nem a dona Maria sozinha também não, então a gente juntas conseguiu expor em lugares que a gente nunca imaginou que conseguiria.

As pessoas de outros grupos que viam a gente, achavam que a gente era rica que era um grupo de mulheres ricas porque a gente conseguia participar desses eventos com o nosso próprio dinheiro, próprios esforços a gente nunca dependeu de político de ninguém doar nada

para a gente é o nosso esforço, o nosso dinheiro a nossa luta então alguns falavam que era um grupo de mulheres ricas, mas não, era através da união do dinheirinho das mensalidades, que fazia os nossos bingos, nossas rifas que a gente conseguia pagar, por exemplo, um stand no hangar, um stand no FSM foi caríssimo um stand daquele e nós estávamos lá, conseguimos pagar.

**Verônica:** Ao seu ver a cidade educa?

**Lindauro:** Educa [pensativa] com certeza, a Praça Dom Alberto Ramos educa muito, mana. Tem um espaço maravilhoso lá que a gente participou várias vezes. Eu acho que depende muito da pessoa, né verônica?!? A pessoa saber usufruir, saber aproveitar o lugar que ele está independente de ser uma praça, um banco de praça, uma viela, depende de a pessoa acolher o que aquele espaço tá te proporcionando.

Educa sim, o interior também educa a gente pode colher muita coisa boa do interior, do sítio, na beira do rio, andando de canoa, no ônibus, eu, por exemplo, tô morrendo de saudades de pegar um ônibus e sair dando uma volta na cidade [risos] observando as pessoas eu tô morrendo de saudades de fazer isso.

O MOEMA Educa e já educou muito e continua educando nossos filhos, nós mesmas, fomos nos lapidando como seres humanos, como solidariedade, como amiga, como companheira uma da outra porque, às vezes, a gente tem que corrigir certos defeitos da gente para a gente poder participar de um grupo.

**Verônica:** Resumo e metarreflexão acerca da entrevista;

Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.

**Lindauro:** eu vou te dizer uma coisa de quando nós começamos... nós progredimos muito todas que participaram e participam do grupo, todas progrediram as que tinham que estudar voltou a estudar, muitas voltaram a estudar, incentivadas pelas outras. Outras não tinham emprego e conseguiram um trabalho, conseguiram estudar arrumar um emprego. Eu sinceramente fico feliz e eu acho que todas nós progredimos, eu progredi muito como pessoa, com o meu trabalho e como ser humano também porque não é fácil você viver em um grupo, pois você tem que se lapidar para conviver, aprender a debater certas coisas então a gente tem que ir melhorando todo dia a gente vai melhorando.

**Verônica:** Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado.

**Lindauro:** No futuro [pós pandemia] eu gostaria de voltar a reunir e continuar com nossas amizades, com nossos trabalhos que o artesanato volte a dar um incentivo na gente é essa a minha vontade. Que a gente volte de novo as nossas reuniões nossas festinhas, nossas comilanças essas coisas.

Que você continue seus estudos que eu acho que conhecimento não tem coisa melhor. Eu estou me dedicando a leitura porque como estamos em pandemia eu fico até tarde da noite lendo, viajando...

**Verônica:** Agradecimento pela colaboração.



## **Entrevista V – Leila.**

Apresentação dos objetivos gerais e específicos da dissertação e agradecimento pela participação na entrevista para o trabalho.

### **Questões Iniciais:**

**Verônica:** Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família (pai, mãe, irmãos); tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?

**Leila:** Meu nome é Leila Maria Santos de Arruda, eu sou marajoara do município de Curralinho Ilha do Marajó. Eu fui uma criança ribeirinha, eu nasci na beira do rio, meus pais foram agricultores trabalhadores da roça do campo, a nossa atividade era a pesca, extrativismo e assim... Eu sou a terceira filha do casal João Damasceno Brito de Arruda e Helena Santos de Arruda. Na minha infância minha mãe era professora e o meu pai agricultor. A minha mãe era professora assim, ela não tinha muita formação, ela estudou até o 5º ano, mas isso lhe garantia perpassar conhecimentos, né? Porque lá no interior era assim, nessa época quem sabia ler e escrever e tinha um pouquinho mais de conhecimento tinha assim uma obrigação de repassar esses conhecimentos, ensinar a ler e a escrever e a minha mãe foi percussora nisso assim e ela foi a minha primeira professora também. Por sinal, muito boa, fala muito bem o português, sempre falou muito bem o português e eu lembro que com 5 anos eu já sabia ler.

E a minha mãe é assim, na nossa casa, na nossa família o convívio era sempre de muita gente. Os pais do meu pai quando faleceu como ele era o irmão mais velho, ele teve que tomar de conta dos irmãos mais novos, então, assim na minha casa na minha infância eu lembro que meus tios sempre moraram conosco, adolescentes, enfim a nossa casa era sempre cheia de pessoas o tempo todo porque também era onde funcionava a escola a minha mãe dava aula na sala da minha casa [sorriso] então era um convívio muito grande, muito tempo muita gente nos turnos de aula, ela dava aula de manhã, para crianças e adolescentes e anoite ela ensinava o MOBRAL [Movimento Brasileiro de Alfabetização] para os adultos. Então a gente sempre teve um convívio de muita gente e também minha família é muito católica, minha mãe, meu pai sempre muito católicos, sempre participamos da comunidade, porque no interior é assim comunidade, né?

Meu pai era coordenador de comunidade o meu pai é um homem assim, que mesmo sem saber muita coisa sobre preservação do meio ambiente, essas coisas ele não tinha noção, mas assim mesmo ele já o preservava já se preocupava com o desmatamento, com a derrubada das madeiras, retirada de palmito, açaí, essas coisas então sempre ele foi muito defensor da preservação, da pesca demasiada sem necessidade, da caça, enfim e é isso... e a gente assim... a nossa economia era baseada em plantação de mandioca e o nosso sustento era tirado todo da floresta e do rio, né? E também eles criavam muito, meu pai sempre criou pato, galinha, porco e também sempre plantou e ele sempre nos ensinou e nos educou a sempre plantar, sempre tirar o sustento da terra.

Então com 10 anos, a minha irmã já vindo para Belém para um colégio, um internato, trabalhar e estudar, porque o meu pai achava que aquilo era muito pouco ele não queria que os filhos dele trabalhassem a vida inteira na roça, ele tinha muita sede de conhecimento que os filhos tivessem conhecimento, tivesse oportunidade aquela coisa que ele julgava não ter [pausa - emoção] o que não é verdade porque no fundo ele tinha muito [sorriso]. Hoje a gente sabe que ele tinha muito conhecimento e tem, né? E aí assim... A minha irmã veio primeiro

adolescente e depois eu com 10 anos, olha só, com 10 anos uma criança, né? [risos] eu vim para Belém para um colégio interno, um colégio de freiras, mas aquilo para mim era uma festa, não era doloroso eu sai de perto da minha mãe, porque eu ia tá com a minha irmã e eu tinha outras possibilidades ali. Então eu nunca tive problema com isso, assim, de achar que aquilo era uma ruptura que era dolorida ficar longe de casa, não, para mim era normal, era tudo bem, era uma festa, porque nas férias eu estava lá de volta, eu passava 6 meses e após 6 meses eu estava de volta em casa. E com o tempo eu fui compreendendo que aquilo era necessário para a realidade que a gente vivia na busca do conhecimento, o objetivo sempre foi esse.

Então nessas idas e vindas eu morei em dois colégios internos morei no Santa Vicenta Maria de 10 aos 13 anos e depois eu fui para um outro colégio o Anunciação que fica em Ananindeua, região metropolitana de Belém, que eu fiquei até os 17 anos. E foi essa a trajetória o colégio me proporcionou muito conhecimento, muito aprendizado essa coisa do artesanato, de saber fabricar as coisas e ter aptidão por isso foi justamente no colégio que eu adquiri porque tinha as aulas de educação artesanal, imagina a gente tinha horas de aula de trabalhos manuais, ensinar a pintar, bordar, cortar, costurar, enfim e fazer os biscoitos que até hoje eu sei fazer os biscoitos de maisena [risos] por que eu aprendi no colégio... Aqueles sequinhos de maisena deliciosos eu bem criança aprendi a fazer e depois disso quando eu sai do colégio fui morar com a minha irmã que ela já era casada e já tinha os filhos, dois filhos e aí eu fui morar com ela. Nesse período estava cursando o ensino médio e depois quando terminei o ensino médio resolvi que queria voltar para casa, queria voltar e ficar um pouco com meus pais, com a família e aí sem muitas perspectivas em Belém porque era assim ou você trabalhava no comercio em lojas ou em casa de família que eu também cheguei a trabalhar em casa de família na adolescência. Eu queria ir para casa e ter mais esse convívio do pai e da mãe e nessa época meus pais já não moravam mais no interior [zona rural do município de Curralinho – Rio Mutuaca], meu pai já tinha migrado de mudança mesmo para Curralinho e também ressaltando que meu pai foi vereador por muito tempo então nesse período que eles mudaram para a cidade, para o centro urbano... Nesse período a minha mãe também deixou de ser professora, ela decidiu ficar cuidando só de outras coisas, participando de movimentos sociais, que ela sempre gostou, sempre foi envolvida, movimentos da igreja, enfim. O cansaço também pelos anos de educação a pessoa fica desgastada e foi isso que aconteceu. Aí meu pai vereador requeria a presença dele na sede do município por conta disso também foi que eles mudaram para a cidade saíram de Rio Mutuaca e hoje essa comunidade é uma reserva ambiental, uma comunidade linda, um rio maravilhoso, uma floresta belíssima, foi transformado em reserva no governo do Lula depois de tanto requerimento, tanta solicitação, graças a Deus foi possível.

Depois que eu voltei para casa, para Curralinho era um novo momento e eu já tinha terminado o ensino médio, já tinha um conhecimento melhor e eu fui trabalhar no município eu trabalhei em Curralinho na secretaria de educação e cultura, trabalhei na biblioteca porque eu sempre tive aptidão por ler sempre gostei muito de ler e aí cheguei a fazer um curso de técnico de biblioteca, até hoje lá tem livros catalogados por mim, um trabalho muito bom [risos]. Aí nesse período eu conheci o pai dos meus filhos e aí a gente resolveu ficar juntos e foi isso, vivi em Curralinho já com os meus filhos, tive dois filhos, Breno 27 anos hoje e o Brian 25 anos. Eu morei em curralinho 3 anos somente depois dessa minha volta porque eu achava o mesmo que meu pai achou lá atrás, sem muitas perspectivas, aí eu me preocupava de criar os meus filhos lá e eu não via possibilidade, só havia uma escola estadual era tudo muito precário a gente trabalhava, como funcionário público e ganhava menos de um salário mínimo então era muito difícil sem muita perspectiva de melhora, mas aí nessa vinda para cá também foi difícil porque eu fazia uma visão de que seria muito mais fácil tá em Belém por conta das oportunidades e das possibilidades de trabalho, mas não foi bem assim, porque o



meu companheiro não buscava, tinha medo de enfrentar as dificuldades, medo das possibilidades enfim... e aí nesse processo eu tomei as rédeas da minha família eu que fui a provedora maior da minha família e aí começou a busca, né? A minha mãe é a minha maior referência, eu com certeza sou a mais parecida com ela, essa coisa da força, da determinação do querer ir atrás, mas o lado mais apassivador eu acho que é do meu pai. O meu pai é um homem muito pacífico ele é o apaziguador com ele não tem briga ele sempre procura o lado bom das coisas, enfim, quanto menos briga melhor para ele. [risos] a minha mãe é mais guerreira ela vai para confronto mesmo [mudança na voz].

**Verônica:** Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).

**Leila:** eu nasci no rio Piriá, município de Curralinho, o meu local de nascimento é nesse rio apesar de eu ter crescido no rio Mutuacá, de parto normal a minha mãe teve muitos problemas na gravidez e no meu parto, hoje a gente sabendo e pesquisando e conhecendo a gente sabe que ela teve uma depressão pós-parto, então quando eu nasci ela teve muitos problemas tanto de saúde quando de rejeição, ela teve uma hemorragia muito forte ela ficou muito doente então ela não conseguia cuidar de mim.

Eu nasci em casa com parteira, nessa época todo mundo nascia com parteira [risos] e assim a minha mãe ficou doente nesse período e eu não mamei não cheguei a ser amamentada e como a minha mãe ficou doente era mais o meu pai que cuidava e eu fui muito mais cuidada pelo meu pai enquanto bebê e a minha mãe se recuperou eu já tinha uns 3 anos mais ou menos e foi isso... A infância era assim... Passear de canoa, tomar banho de rio, comer frutas silvestres, essas coisas [risos] e hoje eu estou com 49 anos, tudo isso, 49 anos é muito ano, Verônica! [risos].

**Verônica:** Qual sua formação e principal ocupação?(percurso profissional)

**Leila:** eu sempre quis fazer um curso superior e ter uma graduação, uma qualificação eu sempre quis e por conta dos filhos e outras coisas, outras situações eu fui deixando de lado, ficou um pouco esquecido, mas em 2012 eu decidi voltar a estudar, fiz o ENEN (Exame Nacional do Ensino Médio), fiz o vestibular consegui meia bolsa pelo PROUNI [Programa Universidade Para Todos promove o acesso às universidades particulares brasileiras para estudantes de baixa renda que tenham estudado o ensino médio exclusivamente em escola pública, ou como bolsista integral em escola particular] em uma instituição particular, imagina 20 anos sem estudar, minha nota foi ótima no ENEN para quem não estudava há 20 anos [risos]. E eu estava no MOEMA ativamente quando passei no vestibular e fiquei no MOEMA até o 1.º ano da faculdade, mas depois eu não consegui mais conciliar fazer as atividades e ir às reuniões o trabalho fora e fabricar as coisas que eu comercializava, enfim.

Então eu optei pelo curso de pedagogia até então eu achava que eu tinha mais perfil para ser assistente social, mas a minha nota dava para Pedagogia e eu não queria perder mais nenhum minuto, eu não queria perder mais nenhum tempo [suspiro] porque você Verônica, eu lembro que você falou um dia para mim que: você estudando ou não estudando o tempo passa de qualquer forma, então aproveite o tempo estudando e foi isso que eu fiz. E foi muito difícil esse ingresso na faculdade porque 20 anos sem estudar, Meu Deus! É muito tempo é tudo muito moderno é tudo muito novo para mim, eu tinha muita dificuldade com a informática com a nova maneira de estudar e fazer trabalho e de postar, enfim era muita dificuldade e várias vezes eu pensei em parar, mas ao mesmo tempo eu pensava... o que é isso? Você é capaz sim! Você consegue! Você já aprendeu a fazer tantas coisas que nem imaginava fazer quanto mais estudar, né? E eu tive sorte de ter professores maravilhosos,

professoras excelentes que sempre me apoiavam me davam forças e eu não quis mais parar de aprender e de buscar.

Eu me formei em 2016 e ainda na graduação eu ingressei na pós-graduação em Educação Inclusiva, quando eu terminei a graduação eu já estava na pós e depois eu já fiz mais uma, já finalizei, em Neuropsicopedagogia Institucional e agora estou finalizando Neuropsicopedagogia Clínica com Reabilitação Cognitiva e penso em fazer o mestrado.

O MOEMA foi um alavancar também porque na convivência com as pessoas que frequentavam o MOEMA os ambientes que a gente ia então eu achava aquilo tudo muito maravilhoso, tudo muito inspirador então eu queria buscar mais eu não queria ser só um artesã, eu queria ser uma artesã, mas eu queria ter uma formação [emoção] eu queria ter um diferencial. Eu sempre incentivei as meninas do MOEMA a buscarem também, a estudar de alguma forma, a melhorar a condição porque uma coisa que é certa é fato quando você estuda portas se abrem, você pode continuar a ser artesã, mas você ver outras possibilidades ali mesmo sendo artesã, você vai aprender a comercializar melhor seus produtos, vai conhecer pessoas, melhorar o *marketing*, enfim. De fato a educação transforma as pessoas. A Franci a nossa amiga do MOEMA também voltou a estudar, se formou é técnica de enfermagem, a Carla também a Linda, minha irmã, buscou foi estudar e tantas outras eu incentivo muito eu gosto de mostrar para as pessoas que a gente pode sim, não é fácil, mas a gente pode sim. E Verônica eu posso te dizer assim que a partir da minha ingresso na universidade eu já consegui um emprego legal a minha visão de ser funcionária pública eu achava tão distante para mim, eu queria muito, trabalhar em um lugar legal, com pessoas legais ter um salário fixo isso era tudo que eu queria.

Eu estava no segundo semestre da faculdade e reencontrei uma amiga de infância de Curralinho que trabalhava no Hospital de Clinicas Gaspar Viana em um cargo de chefia e nessa época eu trabalhava somente com as coisas do MOEMA fazias meus biscoitos e minhas coisas e ia para o Bosque, a minha renda era única e exclusivamente das minhas vendas no Bosque nessa época e ela me pediu um currículo e em menos de um mês eu fui chamada para uma entrevista e aquilo para mim foi um desafio muito grande, pois trabalhar em uma coisa que você nunca teve contato, em uma área administrativa, pois fiquei no protocolo então foi um desafio e eu não tinha muito domínio da informática e começou a minha busca em aprender e não demonstrar que você não dominava aquilo, às vezes eu pensava em desistir, em alguns momentos me senti inferior àquelas pessoas que estavam lá por eu não dominar, pois são poucas as pessoas que gostam de ensinar de repassar o que sabem e eu achava que eu ia desistir dali e então depois de um mês fui remanejada para outro setor, um setor bem legal chamado SAME (Setor de Serviços Médicos, Estatístico e Arquivo) aí eu me encontrei lá, era lidar diretamente com pessoas, com público, com papéis, lá eu encontrei pessoas bem dispostas, bem solícitas a me ensinar eram três colegas homens que me acolheram bem e me ensinaram tudo. E hoje eu continuo no SAME, mas no setor de internação e regulação de leito, olha que maravilha, graças a Deus eu já consegui ajudar, principalmente pessoas de Curralinho, com consultas, exames... Eu ainda não atuo como pedagoga, mas a pedagogia tá muito próximo e isso me ajudou bastante me possibilitou e quando eu escolhi a Neuropsicopedagogia, muito tá ligado à parte de psiquiatria do hospital de clinica, é uma área que eu tenho muito acesso, onde escuto histórias, conheço pessoas, vejo prontuários e aquilo foi me abrindo a mente e a vontade de querer aprender mais e poder ajudar crianças com dificuldades em aprendizagem. Hoje eu consigo enxergar se aquela pessoa tem autismo ou não pelo CID [Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde] ou pelas características. O hospital de clinicas me possibilitou muitos conhecimentos eu digo que foi um laboratório, fora o contato com os alunos dessa especialidade de psicologia, enfermagem, medicina e outras áreas e isso é muito aprendido mesmo. E eu sou muito feliz em tá trabalhando lá.

**Verônica:** Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados à religião, estado).

**Leila:** Na adolescência eu participava de movimentos de jovens da igreja, pastoral musical, reuniões, catequese. E a ASPEMA [risos] ahhh a ASPEMA [Associação dos Empreendedores e Empreendedoras do bairro da Marambaia] tenho ela no Coração, a ASPEMA, a Martinha, o seu Aristides, o banco do povo, tantas possibilidades, meu Deus! Tantos projetos, tantas feiras em praça, a ASPEMA foi quem nos proporcionou o MOEMA. [pausa]

A ASPEMA terminou porque ela cresceu muito, já eram muitos membros muita dificuldade em administrar por esse motivo, eu vejo, que a ASPEMA acabou. A ASPEMA terminou suas atividades no auge, muito conhecida, viajava, buscava, a gente era uma associação conceituada forte todos os seguimentos da economia faziam parte da ASPEMA. A gente não estava preparada para esse crescimento a diretoria não estava preparada para isso. E isso nos deixou muito frustrada na época eu, a Linda, a Celia, a dona Maria José, a Leidiane, a Leida, ficamos muito frustradas porque a gente estava no auge. Naquela época a gente ia para uma feira e vendia R\$ 500,00 em uma feira, meu Deus! É muita coisa! E eu lembro que a gente fica pensando o que a gente ia colocar para vender na feira era muita diversidade, muito capricho na fabricação das coisas, acabamentos das coisas, a Linda que pintava aqueles guardanapos belíssimos com barras de choche, a Celia com bonecas de pano. Eu lembro que eu e a Celia fazíamos vasos de garrafa pet que parecia flores naturais de tão bem feito que era. Eu a Linda e a Celia nos juntamos e trabalhávamos juntas e a nossa produção era grande porque 3 mãos trabalhando era muito e a gente conseguia até ter um bom estoque para as feiras.

Quando a ASPEMA terminou a gente ficou nesse anseio e pensou caramba e agora como a gente vai fazer? Como que a gente vai vender nossos produtos? Como que nós vamos participar de uma feira em uma praça se não temos um documento que nos possibilite? E aí a gente ficou pensando, e pensamos... ah! porque a gente não monta uma associação para nós? E aí surgiu a ideia de uma nova associação e muitas consultas com a Martinha [presidente da ASPEMA] para saber de fato como isso funcionava, como era e o que a gente poderia fazer para proporcionar a outras Mulheres também a comercialização dos seus produtos e foi assim que nasceu o MOEMA das nossas idas lá para a dona Maria José conversar e tentar dialogar, no início fomos eu, Linda, dona Maria José, Leida, Célio e Leidiane... Acho que nos fomos as seis do início de criação do MOEMA se não me engano foram nós. E depois foram chegando outras e outras e legalizar, pois a nossa preocupação era legalizar, trabalhar direitinho, ter respaldo.

O MOEMA possibilitou várias coisas, que depois várias de nós foram dar cursos fora [risos] uma experiência muito boa, única e rendável era muito além do salário mínimo. Eram muitas associações juntas, era no auge da economia solidaria, quantas pessoas cresceram e viraram micro empresários com a economia solidaria e o que é mais triste é que muitas dessas pessoas esqueceram que passaram por todo esse processo para chegar a micro empresário e hoje defendem uma outra bandeira e isso me deixa frustrada.

**Verônica:** Você exerce alguma atividade profissional remunerada?

**Leila:** Sou funcionária pública contratada, o que não me tira nenhum direito, do Hospital de Clínica Gaspar Viana. Essa minha renda possibilitou muita coisa na minha vida uma mudança de vida. Fez muita diferença a minha vida deu um salto na qualidade de vida da minha vida e da vida dos meus filhos também, eu pude proporcionar outras coisas, um

pouquinho mais de conforto, enfim. Claro que se eu não tivesse esse trabalho eu teria outro trabalho, mas será que eu seria tão bem remunerada como sou?

**Verônica:** Estado civil?

**Leila:** eu nunca fui casada no civil, eu vivi 25 anos com o pai dos meus filhos, mas não éramos casados, nós tínhamos uma união estável e aí o meu estado civil sempre foi solteira. Há três nãos eu me separei do pai dos meus filhos. Vivo com os meus filhos.

**Verônica:** Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).

**Leila:** tenho dois filhos homens, Breno tem 27 anos e tá na terceira engenharia porque ele foi experimentando, até chegar à engenharia que ele mais se identificou [risos] ele faz engenharia elétrica no último ano. E Brian tem 25 anos, ontem defendeu o TCC [tese de conclusão de curso] dele tirou 9,5, engenheiro mecânico [sorriso] todos estudantes bolsistas do PROUNE, tudo proveniente do governo de esquerda do Brasil, governo Lula e Dilma que nos possibilitou muita coisa e eu sou oriunda de Bolsa Família [um programa de transferência de renda do Governo Federal], pois durante um tempo foi a bolsa família que me possibilitou pagar o transporte dos meus filhos para a escola, comprar material escolar, pagar o curso de inglês. Meus filhos não estão trabalhando de maneira formal, mas eu acredito que não deve demorar muito.

**Verônica:** Quanto tempo de MOEMA?

**Leila:** eu estou desde o início, eu ainda sou MOEMA, eu não saí eu nunca encerrei minha ligação com o MOEMA e como te falei que depois do trabalho e da faculdade não conseguia mais ir às reuniões que acontecem as segundas feiras no período da tarde e foi justamente por isso, as meninas a maioria não trabalham fora e conseguem fazer o horário delas e no meu caso foi diferente, pois estou trabalhando fora, por isso eu pedi afastamento e não saí definitivo.

Então são 13 anos de MOEMA. Muitas pessoas já passaram pelo MOEMA eu vou te contar uma história... No Círio [Círio de Nazaré é uma manifestação religiosa cristã em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre na capital Belém todo segundo domingo de outubro] eu estava na Trasladação [romaria que antecede o Círio de Nossa Senhora de Nazaré] com a minha irmã e encontramos uma colega que foi do MOEMA, ela muito alegre e aí ela sentada na calçada, ela me viu passando e gritou:

- Meu Deus Leila, és tu? Levantou me deu um abraço e falou para uma colega que estava com ela...

- Eu nunca comi um bombom de açaí como essa mulher faz!

Mana [maneira regional de chamar, equivalente ao nome da pessoa, ou menina, moça, garota] eu nem lembrava mais dos bombons de açaí. No meio de tanta coisa e ela lembrou justamente disso eu fiquei super feliz [gargalhadas].

## **2.ª Parte da Entrevista**

**Verônica:** Informar a entrevistada acerca dos objetivos da entrevista; informar a respeito da importância da pesquisa.

**Leila:** tudo bem.

**Verônica:** O que é para si o MOEMA?

**Leila:** então... a MOEMA é aquela coisa um lugar acolhedora, uma coisa que vem e acolhe, uma Mulher que quer independência financeira, que tem muitas angustias por não está no mercado de trabalho formal, ou por não ter concluído seus estudos e também por ela querer ajudar na renda familiar, querer colocar a sua contribuição naquela família e muita das vezes ela é a própria e única renda daquela família.

A MOEMA é um mix de coisas [emoção] de sentimentos de tudo. O MOEMA, a Mulher do MOEMA é mãe, algumas mães solteiras, são Mulheres prendadas, inteligentes, as mulheres que passam pelo MOEMA são muito inteligentes, elas são visionárias e além de tudo elas têm aquela coisa da mãe, sempre preocupada com os filhos, com a família, ela tá ali por conta do filho, para que aquela renda proporcione alguma coisa para o filho, que seja o dinheiro do ônibus, que seja comprar um livro, uma mochila, o MOEMA, ela é de fato feminina, ela representa tudo isso essa coisa do empoderamento da Mulher. Esse nome tão forte, tão feminino, tão indígena. Eu vejo o MOEMA assim como empoderamento da Mulher.

**Verônica:** Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?

**Leila:** o MOEMA influenciou tanto no desenvolvimento pessoal como no profissional, nos dois sentidos, porque no meu lado profissional, como eu já te falei... aquilo tudo as pessoas, a fabricação artesanal, aquela coisa toda, me possibilitou ver além, não é só vender para um vizinho ou um parente, aquilo perpassou fronteiras, eu e a Linda [irmã da Leila] chegamos a vender para França nossos produtos. Então aquilo me dava muito prazer em saber que quando eu mostrava um trabalho, um bombom, um artesanato, um biscoito de castanha e a pessoa saber que era eu que tinha fabricado, que eu era capaz de fazer aquilo, me dava muito prazer e a pessoa também se sentia bem em adquirir um daqueles produtos, pois sabia que era muito bem feito, muito bem embalado e o valor na verdade é simbólico, muitas pessoas que são conhecedoras do trabalho manual elas sabiam que aquele valor era simbólico e que aquele produto valia muito mais porque naquele produto está envolvido muitas coisas, cuidado na fabricação, emoção, carinho, respeito, enfim... Uma infinidade de coisas está envolvida ali naquele trabalho então isso me possibilitou fazer as coisas com mais prazer, com mais jeito, com mais carinho, com mais atenção, com mais cuidado. As coisas que eu faço hoje eu tenho muito mais cuidado em fazer eu gosto de fazer bem feito o meu trabalho, eu acredito que no meu lado profissional foi isso.

E pessoal é que eu olhava aquelas Mulheres com muitas possibilidades, mas algumas com pouca coragem de ir além, além daquilo lá, eu não queria só aquilo. Eu queria ser MOEMA, eu queria fazer artesanato, biscoito, bombom, mas eu queria muito mais, eu queria ser uma pessoa graduada, uma profissional, uma professora, uma assistente social, tá em outros meios eu queria me possibilitar tá em outros meios, que não seria possível só ali no nosso meio do MOEMA.

**Verônica:** Como sua família ver a sua participação no MOEMA?

**Leila:** Outro dia eu e o meu filho passamos na Praça Dom Alberto Ramos e o Breno falou, nossa mãe lembra quando a gente vinha para as feiras na praça? E eles eram tão pequenos [risos] e eles participavam juntos e faziam aquela festa e sabiam que aquilo era importante.

Quando eu ia para o Bosque levar minhas coisas para vender eles sabiam que aquilo era muito importante para a nossa família daquilo vinha o nosso dinheiro da semana, então o MOEMA era importante para mim, mas eles sabiam a importância que tinha para nós, para a nossa família. Sempre eram respeitadas as segundas feiras que eu ia para as reuniões do MOEMA aquilo era importante e eles sabiam que todas as segundas feiras eu tinha a reunião do MOEMA porque era de lá que a gente tirava o nosso sustento. Era através do MOEMA que participávamos de feiras, que tínhamos espaço no HANGAR, a feira do Fórum Social Mundial que foi uma coisa extraordinária. E eles também participavam e participavam muito diretamente até o meu ex-marido participava porque ele ajudava a carregar as coisas às vezes ia me deixar ou me buscar no final da feira.

A verdade é que o MOEMA passando pela vida de uma Mulher, ela passa pela família toda, a família toda tem que ter esse respeito e esse carinho porque é de onde vem parte da renda e meus filhos tem saudades e tem respeito por essa fase da nossa vida, foi significativo, muito, muito mesmo [emoção e riso].

**Verônica:** Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?

**Leila:** são várias... [pensativa] cada chegada de integrante era especial à gente sempre esperava uma integrante nova para a gente ver o que ela trazia de novo, de bom para compartilhar conosco e a gente também compartilhar com ela... Às vezes dando dicas, sabendo como a colega fabrica suas coisas, a gente podendo dar dicas sempre com a preocupação de que os produtos do MOEMA são muito bem acabados, bem feitos muito bem feitos... Então sempre que chegava alguém era uma novidade.

Mas uma coisa bem marcante mesmo foi quando a gente foi entrevistada e saímos no jornal, apareceu na televisão, no programa de televisão no domingo de manhã, meu Deus! Isso aí! [suspiros]. Outro dia eu estava até olhando a foto no jornal... isso foi muito gratificante a gente ficou eufórica... Muitas amigas me ligaram para dizer: que me viu na televisão, naquela associação, tu faz parte? E eu dizia: faço! Faço parte sim! Sou uma das fundadoras do MOEMA [risos]. Foi um reconhecimento, na verdade. Um reconhecimento do MOEMA como entidade de Economia Solidária que busca inserir as mulheres no mercado de trabalho para que tenha sua renda... Enfim isso foi muito marcante.

**Verônica:** Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?

**Leila:** são tantas... Mas uma experiência bem marcante foi quando a gente saiu para dar cursos em nome do MOEMA, como uma associação considerada, instrutoras do MOEMA... Mas o que é o MOEMA? Aí tu explicar o que é o MOEMA... é uma associação de Mulheres empreendedoras, Mulheres empoderadas. Nós tínhamos muitas mulheres profissionais para ministrar os cursos, foram vários cursos eu fui dar curso de bolsas, sandálias e biscoitos. Eu cheguei a ir para Mocajuba, Santarém Nova e Ourém [municípios do Estado do Pará]. Ficávamos em um hotel, éramos bem remuneradas. Foi uma experiência única, eu cheguei em Mocajuba para dar curso de bolsas eram 3 modelos de bolsas e 3 modelos de sandálias e tinham Mulheres que se inscreveram para curso que não sabiam enfiar uma agulha, eram salas lotas e ninguém desistia e essa turma foi muito gratificante foi a maior turma que eu tive, foi muito gratificante é um desafio ensinar a manusear uma tesoura, cortar os tecidos, e no final os trabalhos ficaram lindos. E a sensação das pessoas em superar as limitações, quando eu lembro eu fico muito feliz por ter ensinado.

São muitas histórias, mas participar do Fórum Social Mundial e pensar em algo



diferente para levar para comercializar e então eu comecei a fazer os biscoitos de castanha do Pará e sabores caseiros deu um diferencial e eu fiz porque lembrei dos biscoitos que aprendi no colégio interno, a mesma receita lá atrás, lembrei da infância, do colégio interno e então fui fazendo a experiência com as massas e com os sabores. Foi uma experiência muito boa para mim e quando eu comecei a vender esses biscoitos eu tive um retorno, e os pasteisinhos recheados de cupuaçu [fruta típica da região amazônica] me davam muito prazer em fazer e eu fazia durante a noite.

Ahhh! [suspiros] a Marcha das Margaridas [manifestação realizada desde o ano 2000 por mulheres trabalhadoras rurais do Brasil], eu não tinha ideia da dimensão da Marcha das Margaridas... a minha mãe participa desde a primeira marcha e eu lembro bem que tinha vontade de ir. E a gente ter a oportunidade de ir com as nossas camisas representando o MOEMA foi uma experiência única, Verônica! Tanta coisa que a gente viveu na Marcha das Margaridas. E participar junto com a mamãe [emoção, olhos marejados], minha mãe foi uma estrela na Marcha das Margaridas, conhecida e dando entrevistas até para emissoras internacionais. Foi uma experiência única tenho vontade de participar de novo. Eu acho que viver aquilo, Verônica, fez um diferencial muito grande para mim. Quantas Mulheres empoderadas ali, né? [emoção]. Mulheres determinadas, guerreiras, depois da Marcha é que eu tomei algumas decisões comigo mesmo, entendeu? Eu quero muito ir de novo! E eu vou! Agora em uma situação diferente... Aquilo era tão novo, tão maravilhoso, tão grandioso, que a pessoa não tem noção, mesmo, é só vivendo, é tipo o Círio, você só sente o Círio vivenciando e a Marcha das Margaridas é isso, não adianta eu te mostrar áudio, vídeo, aquilo você tem que viver mesmo viver a experiência da marcha e ver os discursos, as plenárias, as pautas tratadas lá, as reivindicações e quantas conquistas e as Mulheres não sabem, isso deveria ser mais exposto, mais expandido a última Marcha das Margaridas não passou nem no jornal nacional [jornal mais famoso e assistido do Brasil], um movimento tão grandioso que não é mostrado, que a imprensa nacional não dar valor, os meios de comunicação do Brasil não valorizam. As emissoras de fora que vem cobrir e fazer matérias, mas aqui mesmo no Brasil não, e o Jornal Liberal [jornal mais famoso da região norte do Brasil] nunca foi lá cobrir e sempre a caravana paraense é a maior e não tem uma cobertura com a devida importância. Foi uma experiência única, maravilhosa, mesmo. A partir dali eu tive uma visão nova de muitas coisas, do poder da Mulher, do meu querer, da minha vontade, da minha perspectiva, do que eu queria para mim, como eu queria ser vista na sociedade enfim. E foi ali também que eu vi tão grandiosa era a importância da mamãe lá em Curralinho nos movimentos que ela sempre participou, porque que ela sempre brigou tanto [pausa]. Minha mãe Helena Santos de Arruda foi a primeira Mulher presidente do sindicato dos Trabalhadores rurais de Curralinho, na verdade esse prédio era apagado mesmo, ele não era nem pintado, um prédio normal, com uma sala e duas salinhas, era uma casa, e quando a mamãe chegou lá, ela revolucionou, ela mandou pintar a fachada com letreiro ‘Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Curralinho’ e ampliou o espaço com banheiro, enfim... Mandou cercar o terreno, fazer horta, aproveitar lá para ensinar os garotos a plantar, colher e vender, enfim a mamãe realmente foi revolucionária... E também ela foi a primeira Mulher candidata a prefeita do município de Curralinho onde o senário masculino domina e ela foi a primeira Mulher e nessa eleição ela ficou em terceiro lugar e muito corajosa eu lembro dela saindo do trapiche voltando da apuração dos votos porque na época em Curralinho não tinha comarca então os votos eram apurados em Breves [município vizinho a Curralinho] e aí eu lembro da mamãe saindo assim do barco não ganhou, [mudança na voz], mas vitoriosa ,em terceiro lugar assim com aquela altives com aquela roupa vermelha dela de sempre e seu chapéu muito empoderada e a mamãe nunca teve medo de nenhum homem, de masculinidade nenhuma, ela sempre soube se colocar e se impor e dizer a que veio, essa é Dona Helena Arruda [risos] aí Verônica tu devias fazer uma entrevista com ela.

Verônica: Para o doutoramento, Leila. [risos]

**Verônica:** Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?

**Leila:** os direitos são mais ou menos assim, participar das feiras, colocar os nossos produtos para comercializar. Os deveres da Mulher Moema são o de pagar a taxa, porque isso mantém a nossa documentação em dia, porque na verdade é uma taxa simbólica que a associada do MOEMA paga só para manutenção da nossa documentação no final do ano e para pagar a participação em uma feira. Normalmente às feiras são pagas, às vezes, por ser uma associação tem um valor menor do que de microempresário, por exemplo, então isso é uma grande vantagem que possibilita ser legalizada. Ser assídua nas reuniões, a gente não pode faltar mais que duas reuniões ao mês, para que você não perca nenhuma informação, paga direitinho às taxas dos espaços, porque o MOEMA tem um espaço fixo no Bosque Rodrigues Alves [ponto turístico da capital paraense – Belém-PA], então é necessário que fique em dia esse pagamento da taxa o MOEMA tem seis barracas no espaço do bosque e isso é um dever nosso como associada, pagar direitinho. Basicamente é isso... E também como dever nós temos de expandir o MOEMA de divulgar levar para que outras pessoas conheçam para que possa trazer novas associadas, novas pessoas.

**Verônica:** Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?

**Leila:** então nós temos a presidente, temos uma diretoria composta por presidente, vice-presidente, tesoureira e secretaria e as taxas que são pagas pelas associadas elas são guardadas em uma conta para pagar justamente os impostos da associação e outras despesas que possa aparecer e assim cada associada é dona de todo o seu ganho, ela não deixa nenhuma porcentagem desse ganho para a associação, porque a maioria das associações são assim, você trabalha, você é membro, você vende o produto, mas por exemplo 20% fica para a associação, mas no MOEMA não, o que você vender é seu e eu acho que é de bom tom e que funciona muito bem. Mas ressaltando que cada uma tem sua obrigação que é justamente pagar a mensalidade. Então é uma economia, de fato, solidária.

**Verônica:** As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?

**Leila:** Olha que eu tenha conhecimento, não. Porque nós temos uma conta esse dinheiro fica vinculado lá, nessa conta, quando é necessário a presidente ou a tesoureira vai e retira esse dinheiro faz o pagamento necessário e não é movimentado grande quantia, são valores simbólicos. Eu acredito que não, nunca houve. Não que eu tenha conhecimento.

**Verônica:** Como são tomadas as decisões, no MOEMA?

**Leila:** elas são tomadas a partir de uma assembleia elas são postas no grupo e todo mundo vota e a maioria votando a favor é tomada a decisão, sempre democraticamente nunca é imposta uma coisa, tipo a presidente dizer que a gente vai fazer uma coisa... Nunca foi dessa forma, sempre é de maneira democrática a maioria é que vence e é sempre decidido nas reuniões e não faria sentido se fosse diferente.

**Verônica:** Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?



**Leila:** tem uma pessoa que é responsável pelas feiras, por organizar a questão das feiras tipo assim, vai ter um evento no HANGAR então essa pessoa vai atrás de quanto é o espaço quantos espaços vamos precisar, quem vai participar dessa feira, desse evento... é dessa forma. Uma pessoa dentro do grupo que é escolhida para fazer esse processo.

**Verônica:** O que mais se debate nas reuniões?

**Leila:** [risos] o que mais é assunto é justamente isso, espaço para expor, sempre é. Tipo agora mês de junho, é um mês muito bom de vender de participar de feiras, tem feira em todo lugar, aliás teria, né? Se não fosse a pandemia. O assunto mais discutido é espaço de exposição, local para comercialização dos produtos.

**Verônica:** Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?

**Leila:** Não tem uma pessoa específica, às vezes, uma associada tem uma informação... olha vai ter um evento em um lugar assim o que vocês acham da gente participar? Então vamos procurar saber onde e como é. Então não tem uma pessoa assim específica qualquer pessoa pode ser portadora das informações. Toda Mulher pode falar na reunião, toda Mulher tem voz todas independente pode falar, pode expor ideias, questionar, reclamar porque às vezes tem reclamações. E também é um momento [pausa] de digamos assim, de abrir o coração de falar um pouco dos problemas da família de problemas financeiros, às vezes, que a gente tá passando, olha muita das vezes acontece das colegas uma ajuda à outra com um produto, se a colega não está em condições de comprar um produto seus materiais para confeccionar os seus produtos e a colega vai lá e ajuda dar uma linha, um pano, uma miçanga, qualquer coisa que seja para ajudar aquela colega a confeccionar as suas coisas.

Comigo já aconteceu de eu ganhar cesta básica das colegas, você acredita? [emoção] e eu também já doe para as colegas quando estavam com dificuldades. É o companheirismo lá que é muito forte. Como em todos os grupos a gente se identifica mais com uma com outra, e lá tem isso, tem associada que tem vínculo muito forte uma com a outra de anos de convivência algumas são comadres... Eu sei que eu todas as vezes que encontro com elas é uma festa [risos]

**Verônica:** Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?

**Leila:** eu sempre falo do MOEMA para as pessoas... assim quem me conhece bem sabe do MOEMA quando se fala de Bosque Rodrigues Alves eu logo falo o MOEMA tem barraca lá no Bosque vende artesanato e *tal e tal* eu já trabalhei no bosque através do MOEMA eu vendia guloseimas enfim.

O MOEMA de fato é um grupo de Mulheres empreendedoras que resistiram mesmo com a mudança de governo, porque assim, como o MOEMA existiam outros grupos, mas eles perderam a força com a mudança de governo mas o MOEMA continua firme. Se você vai a um evento que tenha exposição de artesanato você vai e se falar no MOEMA as pessoas conhecem o MOEMA, vão dizer... ah eu sei do MOEMA, daquelas Mulheres que participam e tal... O MOEMA é de fato uma referência de empreendedorismo de Mulheres e de empoderamento feminino também o MOEMA é muito conhecido em Belém isso é verdade. Então é importante quem dera que outros grupos surgissem. O MOEMA tem essa importância no empoderamento da mulher, empreendedorismo, economia solidária e na economia alternativa... se você não tem uma renda formal é possível sim você, através dos seus trabalhos manuais, aquela coisa de que você está em casa cuidando da sua casa do seu

marido dos seus filhos, mas você tá fabricando suas coisas que também provem a sua família isso é muito importante.

**Verônica:** Ao seu ver a cidade educa?

**Leila:** Infelizmente não, no nosso contexto atual que a gente vive em Belém não educa. Já educou sim, lá atrás já educou sim, quando a gente podia fazer o artesanato através da reciclagem, por exemplo, poderia ao invés de jogar uma garrafa pet poderia transforma-la em um arranjo, em um brinquedo, em alguma coisa eu acredito que a cidade urbana, assim, não educa nesse contexto, hoje. A cidade tem o poder de educar basta querer com políticas públicas é possível sim, com certeza, é possível usar os espaços públicos para fins de renda solidaria.

**Verônica:** Resumo e meta-reflexão a cerca da entrevista;

Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.

**Leila:** Eu fiquei muito feliz quando soube da tua tese, eu fiquei maravilhada porque é motivo de estudo sim e pode ser mostrada é uma maneira de ver o MOEMA de outro ângulo de uma outra forma não é só uma Muller lá da periferia que faz as suas coisinhas e vende, não, é o quanto isso é grandioso o quando isso traz benéfico e sem falar dos benéficos como terapia da Mulher fabricar essas suas coisas que ali no momento que ela fabrica ela sai daquele meio, daquele contexto, as vezes, tumultuado, complicado que ela vive no dia a dia, isso é uma viagem... Eu digo por experiência própria, é uma viagem que a gente faz além... Enquanto eu estava fabricando as minhas coisas eu estava buscando, eu estava viajando [risos] no processo, no universo querendo outras coisas me vendo em outros lugares... Quantas vezes eu já me vi aí em Lisboa fazendo mestrado... E eu tenho certeza que as minhas colegas do MOEMA muitas delas conseguem se superar fazendo esses trabalhos [emoção] se superam nas suas necessidades fazendo esses trabalhos e eu faz tempo que não vou a reunião do MOEMA, mas eu tô pensando em procurar alguma forma de ajudar, vou procurar saber o que elas estão precisando para dar uma alavancada depois dessa pandemia, pois agora ninguém está trabalhando, ninguém está vendendo a não ser para um parente ou uma amiga mais próxima eu não sei de que forma eu posso ajudar nesse momento tão complicado.

**Verônica:** Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado.

**Leila:** eu só quero acrescentar a importância do MOEMA na minha vida... Outro dia eu conversando com uma amiga e falando com ela e lembrando de tantas coisas e eu pensei assim, meu Deus como ela via essas coisas em mim? Ela conversando sobre o meu filho que já ia se formar e ela falou quantas dificuldades tu já passaste e aí me veio diretamente assim o MOEMA de como ele foi significativo nessa coisa da busca para os meus filhos estudarem e terem uma profissão e se formarem porque nos espaços que a gente ia, HANGAR, Universidade, faculdade e tudo... a gente faz uma viagem ali... caramba, eu quero que meu filho esteja aqui também estudando, participando disso e eu estou aqui vendendo essas produtos para eu possibilitar uma passagem de ônibus a taxa de inscrição de alguma coisa, então de fato o MOEMA tem muita significância e muita importância porque durante 5 anos seguidos o MOEMA foi a única renda que eu tive. Então isso é grandioso e fez um diferencial e as minhas conversas com a dona Maria José, contigo com a Mazane... Caramba

a dona Maria José [integrante e uma das fundadoras do MOEMA] dizia para mim: - Minha filha vai estudar! Tu é tão inteligente, tu tens tantas possibilidades.

A dona Maria José, nunca me via somente como artesã [ridos] é verdade! Ela sempre falava isso para mim... Vai estudar você tem muita possibilidade você é muito inteligente, volta a estudar Leila e enfim... a dona Maria José foi uma grande incentivadora minha e muita das vezes eu me abria com ela, Ela sabia muito de mim eu acho que a dona Maria José me entendia de me olhar [emoção].

Eu disse toda a importância da minha mãe, mas tem uma coisa que eu gostaria de contar e que é relevante, nesse momento, porque depois que eu me graduei me pós graduei e também tendo como referência a minha mãe e as Mulheres do MOEMA e toda essa busca pelo melhoria de vida, enfim, pelo empoderamento mesmo, pela liberdade de fazer o que ela se propõe o que ela quer independente de ser solteira ou não e por conta disso tudo eu esse ano fui convidada para ser candidata a vereadora no meu município de Curralinho pelo Partido dos Trabalhadores, a minha mãe é uma das fundadoras desse partido ela esteve nessa grande luta, então eu fiquei muito lisonjeada e em nenhum momento pensei em não aceitar, eu de cara aceitei [risos] porque eu não tive dúvidas antes eu já havia sido convidada, mas eu achei que não era o momento eu não estava preparada por várias questões, por falta de mais conhecimento, pois eu acho que não é só ser vereadora você tem que saber, entender do processo e eu não me sentia preparada de fato para aceitar um desafio desses e hoje não, hoje eu tenho uma melhor visão de tudo das dificuldades do meu município, principalmente do papel da mulher nesse contexto e da educação e o rumo que a educação tem tomado lá isso me preocupa muito também e por eu ser da área da educação eu sou defensora da educação como transformação. A educação de fato transforma então eu quero fazer alguma coisa eu quero expandir o que eu aprendi o que eu busco o que eu estudo o que eu pesquiso e por conta disso eu aceitei [risos] eu estou muito feliz com isso porque sei que ganhando eu posso contribuir muito, pois eu tenho como espelho a minha mãe e as causas que ela sempre defendeu... O trabalhador e a trabalhadora rural, pela escola de qualidade para o ribeirinho [habitante da beira dos rios da Amazônia] com educação no próprio município para não precisar que ele saia de lá, como eu fiz, para poder estudar. Por causa disso que eu aceitei. Vai ter uma Mulher MOEMA na política.

**Verônica:** Agradecimento pela colaboração.

## **Entrevista VI – Nazaré**

Apresentação dos objetivos gerais e específicos da dissertação e agradecimento pela participação na entrevista para o trabalho.

### **Questões Iniciais:**

**Verônica:** Fale-me da sua infância e sua vida até aqui. Fale-me de sua família (pai, mãe, irmãos); tem alguma coisa marcante para ti que queiras partilhar?

**Nazaré:** Para ser sincera contigo eu não gosto de falar da minha infância não porque não foi nada fácil [pausa] a minha infância foi muita porrada [riso nervoso] eu me lembro muito disso... Eu acho que não é bom esse pedaço não... Por que que eu saiba e que eu me lembre ... Eu me lembro muito que meu pai batia muito em nós, não só em mim como nos meus irmãos... Somos 6 irmãos, quatro mulheres e dois homens. Meu pai batia muito... Ele era

militar daquele tempo antigo, então era tudo rígido tudo ali como ele queria, sempre foi como ele queria então eu me lembro muito pouco por que com 10 anos eu sai de lá para ir trabalhar na casa dos outros [empregada doméstica] para tentar sobreviver só para um parto de comida e para ganhar roupas já usadas e assim eu fui vivendo a minha vida e depois muito cedo, aos 14 anos, arranchei logo um marido para mim poder sair da casa dos outros [empregada doméstica] pensando que eu não ia sofrer e sofri o triplo... [pausa].

E um dia eu na rede me embalando lá em casa que eu morava em uma área de invasão [ocupação espontânea] vi na televisão uma propaganda do MOEMA e vi a rua e eu pensei... eu nasci e me criei na Marambaia [bairro do MOEMA] então eu vou procurar saber... aí eu vim em uma época de férias e em agosto eu retornei e tô até hoje, já tem mais de 10 anos que eu tô no MOEMA comecei trabalhando com ponto cruz, mas o pessoal não dá muito valor ao ponto cruz acho lindo, mas como eu vi que não tinha saída e as colegas da associação me auxiliaram a partir para um outro artesanato, para que eu fizesse outras coisas... bijuterias, tiaras, aí eu comecei a fazer bijuterias, tiaras, faixas para bebês e isso mudou mais a minha renda, mudou para mim, mudou para o lado positivo por que quando era o ponto cruz quase todo mundo vendia e eu não, mas quando eu mudei eu passei a ganhar mais um dinheirinho, comecei a ajudar um pouco lá em casa e aí foi o ponto que eu com certeza só tenho a agradecer todas as colegas que me apoiaram, me ajudaram, me deram muita força para isso. Eu morava longe e tinha que vir para a reunião e muitas vezes eu não tinha o dinheiro da passagem de ônibus pedia emprestado para vir para que eu não perdesse a reunião por que eu achava muito importante, eu acho muito importante e aqui a gente se distrai além da conversa a gente se distraí com as nossas loucuras uma com a outra são pessoas maravilhosas então eu achei melhor não faltar a reunião porque a reunião era importante para levantar a nossa autoestima.

Verônica: e a tua mãe, Naza?

Nazaré: eu tive uma mãe boa, graças a Deus, era mãe adotiva. Na casa que eu apanhava eu era adotada. Eu fui adotada com sete meses e fiquei até os 10 anos e fui trabalhar em casa de família, casa de uma tia, mas eu apanhava do mesmo jeito e aos 14 anos eu casei para ver se parava de apanhar, mas apanhava o triplo do meu marido. Eu tive 3 filhos, Leandro, Alexandre e Douglas e eu não aguentando mais as porradas eu fugi [pausa - emoção], eu fugi porque ele prometia o tempo todo me matar. Quando ele bebia só falava em me matar. Só que eu não tinha onde deixar meus filhos então ele era o pai eu deixei com o pai, eu não abandonei eu deixei com o pai e fui trabalhar em casa de família para mim poder sobreviver aí foi quando eu conheci o Pena [atual marido] fiquei com ele e ele fez de tudo para me segurar para mim não cair, mas a família dele foi contra, lutaram muito para nos separar e eles viram que não tinha jeito de separar e deixou de mão aí passei 17 anos morando na invasão e depois eu retornei, de novo, para a Marambaia[bairro de Belém].

Quando eu saí de casa meus filhos tinham 7, 5 e o outro tinha 6 meses. Com os meus filhos eu tentei várias vezes contato e todas as várias vezes que eu tentei eu fui impedida por ele [ex-marido] por ameaça de morte eu nunca abandonei, sempre fiz procuração, por sinal, quando eu recebia meu dinheiro comprava sempre algumas coisas e ele devolvia e dizia que os filhos dele não precisam de esmola então até aí eu não tinha levado tão a sério, mas a partir do momento que ele começou a montar casinha [armadilhas] para tentar me matar eu larguei de mão, eu não larguei meus filhos, eu larguei para poder sobreviver que eu era muito nova ainda quando eu me meti com ele e quando eu me separei também eu tinha 23 anos ainda, de 14 a 23 anos eu fiquei com ele. [pausa] aí com 24 para 25 anos eu conheci o Pena [atual marido], mas trabalhando em casa de família e o Pena também era muito novo, muito jovem, mas ele já tinha uma cabeça de um adulto mesmo e compreendeu tudo e ficou comigo e

mesmo eu estando com o Pena ele [ex-marido] tentou me matar de novo.

Verônica: a relação com os teus filhos depois melhorou?

Nazaré: nenhum pouco porque ele disse para os meninos que eu tinha morrido [emoção] e eles cresceram pensando que a mãe tinha morrido. Quando eu tive contato com meus filhos eles até se assustaram uma vez quando eu apareci eles ficaram assustados porque logico que eles lembravam de mim porque o de 7 anos e o de 5 anos lembravam o pequenininho não, mas os dois lembravam, então quando eu me apresentei eles se ajustaram e não acreditaram...

- Eu disse: sou eu meu filho sua mãe.

- E eles: não o carro matou a mamãe.

- Não meu filho quem botou isso na sua cabeça tá mentindo sou eu sua mãe.

Um estava com 12 anos e o outro com 10 anos, mas nesses intervalos antes deles me verem eu sempre fui escondida e deixava na casa da madrinha deles as coisas que eu comprava e quando eu ia lá de novo ela me devolvia... e dizia: o Humberto disse que os filhos dele não precisam de esmola. Então eles nunca pegaram nada do que eu comprei por que o pai nem deixava eles ver. Ele [ex-marido] levou os meninos até para Bragança [cidade do nordeste paraense] para o interior do interior de Bragança, que eu não sei nem onde é Bragança imagina o interior de lá, para mim não ver mais os meus filhos, inclusive o caçula ele deu para a mãe dele e trouxe para Belém só os dois mais velhos o pequenininho ele deu mesmo, deu dadinho, para a mãe dele sem me comunicar, sem me perguntar, sem eu saber de nada simplesmente ele isolou os meninos. Aí quando ele planejou me matar pela terceira vez foi quando ele trouxe os meninos, premeditou que ele iria me matar e mandou um recado pela irmã do Pena, pois ele já sabia que eu estava amigada [união estável] e ele procurou se informar e a irmã do Pena morava na mesma rua e ele chamou ela e disse: tu é irmã do rapaz que vive com a Nazaré e ela disse: sou. E ele disse: diz para ela vir aqui que eles estão loucos para ver ela. E eu toda feliz da vida fui. Quando eu cheguei lá era para me matar só que Deus é tão bom que na hora que ele foi para me dá uma facada eu corri e a primeira porta que eu vi aberta eu entrei, foi numa casa lá de uma vizinha, que me salvou e falou com ele... Aqui não, você pode fazer o que você quiser com ela da rua para fora, mas aqui dentro de casa não aí ele ficou me esperando até que outro vizinho abriu a porta e quando ele se descuidou o outro vizinho abriu a porta e eu corri e fui para dentro da casa desse outro vizinho e esse vizinho que me tirou de lá [pausa].

Até hoje não existe relação com os meus filhos, só assim, por exemplo, pelo WhatsApp, né? Eles põem a foto dos filhos deles, no casamento do meu filho mais velho ele me deu convite e eu fui no casamento dele, do mais velho. Depois o outro casou veio na minha casa trouxe convite, mas foi assim... Eu acho que foi só por consideração não foi àquela coisa aquela recepção... não! Tudo foi o pai e a madrasta... não bateram nenhuma foto comigo, nada... Aliás não era nem para eles terem me dado esses convites porque não ligaram não se chegaram nenhum instante com nós. Meu filho mais velho põe sempre no WhatsApp as fotos dos filhos dele para eu ir acompanhando o crescimento dos meus netos através de fotos. Só um dos meus filhos mora em Belém o Leandro mais velho mora no Jurunas [bairro de Belém] o Alexandre mora em São Paulo e o caçula mora em Abaetetuba [cidade do interior do Pará].

**Verônica:** Qual sua idade? Local de nascimento? (casa/hospital. Se nasceu fora de Belém como chegou a Belém).

**Nazaré:** 57 anos, eu nasci aqui na Passagem Dalva, Avenida Dalva... foi assim a minha...

mãe me teve e me deixou em casa sozinha, foi embora com os outros irmãos e me abandonou aí o pessoal ouviu muito choro, choro, choro e foram ver era eu no chão [mudança no tom da voz – emoção] aí me lavaram para a Santa Casa e a mãe do meu pai adotivo, que me achou e ela pedia para a mamãe [mãe adotiva] me adotar aí a mamãe disse assim: mas eu já tenho cinco filhos, mas ela dizia fica com ela, fica com ela, e a mamãe dizia eu tenho que convencer o seu filho não a mim que por mim eu pegaria ela até agora. Aí como me levaram para a Santa Casa aí a minha mãe, que ainda não era a minha mãe, mas ela ia sempre me ver aí o médico falou para ela assim: olha provavelmente ela não andara porque ela ficou muito tempo no frio e ela já tá meses e não tá reagindo se você quiser adotar você adota, mas é uma pessoa que provavelmente vai dar muito trabalho para vocês porque a tendência ou é não andar ou é morrer. Aí a mamãe de tanto insistir com o papai sete meses depois ele acabou cedendo e então eu fui adotada.

**Verônica:** Qual sua formação e principal ocupação? (percurso profissional)

**Nazaré:** eu estudei fiz o ensino médio, fundamental, fiz tudo... eu fiz o ensino médio em administração. Hoje minha ocupação é o artesanato. Eu trabalhei em casa de família durante muito tempo e depois eu fui para o artesanato. Achei bonito o ponto cruz queria aprender e não sabia e não tinha onde aprender tinha uma igreja que divulgou o curso, mas quando eu cheguei lá já tinha esgotado as inscrições para o ponto cruz e eu peguei... o que eu fiz... comprei uma revista e fui aprendendo pela revista e aprendi, aprendi a fazer divinamente bem o ponto cruz que até hoje eu sou muito elogiada quando eu faço o ponto cruz porque eu sei fazer bem na frente e atrás sem deixar falhas, aprendi através de revista.

**Verônica:** Participa ou já participou de algum grupo ou movimento social além do MOEMA? (ligados a religião, estado)

**Nazaré:** Não. Quando eu morava lá na Nova Esperança [ocupação espontânea] e com esses negócios de candidatos... Eu via muitas mulheres com crianças, muitas mulheres mesmo, sem trabalhar para poder dar o sustento dos filhos e elas apanhavam e eu lembrava do meu passado e eu pensei... Ah eu já sei fazer ponto cruz, eu já conhecia a Marilda, conhecia a Meire que não faz mais parte do MOEMA e todas elas sabiam fazer uma coisa eu me ajuntei com elas e disse vamos fazer aqui no centro comunitário uma coisa para ensinar, eu ensino ponto cruz a Meire ensina o crochê, tu ensina pintura em tecidos e a outra ensinava macramê aí nós nos reunimos eu fui atrás de um candidato e aí ele me ajudou com os materiais e nós fizemos esse grupo na comunidade da invasão lá em Ananindeua, aí nós começamos a ensinar essas mães que não tinham com quem deixar seus filhos e ensinamos elas para que elas pudessem fazer e vender para ganhar algum dinheirinho para elas e não deixar os filhos sozinhos na rua. Aí depois disso acabou o tempo... Eu não sei se elas seguiram isso, mas nós tivemos bastante aluna cada uma de nós tínhamos 10 alunas e depois disso foi o tempo que eu conheci o MOEMA, fiquei mais um tempo lá, mas aí eu tinha dificuldade de não ter o dinheiro do ônibus para vim e eu me mudei para morar no quintal da casa da minha sogra que é na Marambaia perto do MOEMA.

**Verônica:** Você exerce alguma atividade profissional remunerada?

**Nazaré:** Não nunca. Sempre trabalhei em casa de família sem carteira assinada.

**Verônica:** Estado civil?



**Nazaré:** eu sou casada com o Pena no civil e no católico também.

**Verônica:** Tem filhos? (Se sim idade e ocupação dos mesmos).

**Nazaré:** tenho três filhos um tem 40 anos, o segundo tem 38 anos e o último tem 34 anos. O meu filho que mora em São Paulo ele é motorista, o que mora aqui é porteiro no hospital Galileu em Ananindeua [cidade da região metropolitana de Belém] agora o caçula eu não sei, eu sei que ele trabalha muito com móveis, carpinteiro. O mais velho tem várias profissões, mas no momento ele tá como porteiro, mas todos eles têm todos os estudos são formados tudinho, mas infelizmente, ou melhor, felizmente, pois o desemprego tá horrível, mas ele trabalha como porteiro. Apesar do pai deles ser um homem que não foi um bom marido, mas foi um bom pai. Todos eles terminaram o ensino médio. O pai deles nessa parte ele fez os filhos terminarem os estudos. Fizeram o ensino médio e fizeram cursos o currículo do meu filho mais velho é impecável ele fez muito curso.

**Verônica:** Quanto tempo de MOEMA?

**Nazaré:** olha eu acho que eu já tô com mais de 10 anos no MOEMA.

## **2.<sup>a</sup> Parte da Entrevista**

**Verônica:** Informar a entrevistada acerca dos objetivos da entrevista; informar a respeito da importância da pesquisa.

**Nazaré:** Tá bem.

**Verônica:** O que é para si o MOEMA?

**Nazaré:** olha o MOEMA para mim foi uma porta de entrada, assim, para o bem por que a partir do momento que eu conheci o MOEMA a minha cabeça, realmente, se abriu para o mundo muitas coisas que eu como Mulher e como mãe não sabia e através das amigas do MOEMA elas me abriram os olhos para muitas coisas nas reuniões que nós fazíamos era para falar do artesanato, mas nós também falávamos algo sobre o pessoal e coisa que eu nunca imaginei que eu tinha direito e deixei de fazer por não saber, era procurar o direito de ver os meus filhos então tudo isso foi através do MOEMA que eu descobri, infelizmente foi tarde porque eles já estavam grandes, estavam de cabeça feita então foi tarde para mim em relação a isso, mas em relação ao MOEMA foi de grande sabedoria para mim porque eu aprendi mais, eu aprendi muito mais *ixi...* Sem comparação do que eu era para hoje, eu tenho uma outra visão, eu tenho outra esperança, eu tenho várias coisas na minha cabeça tenho uma esperança bem ampla por que eu sei que como diz uma andorinha só não faz verão, mas nós juntas fizemos muita coisa e tudo positiva, graças a Deus, nós participamos de vários eventos conhecemos gente importante, participamos de tantos lugares bons e nós nunca deixamos de ir sempre fomos insistentes nós não desistimos nunca. Então as meninas que são mais velhas do que eu ainda são mais guerreiras porque elas vieram antes, de enfrentar a barra mesmo eu já entrei na maré um pouco mais mansa [risos], mas isso não significa que nós não passamos pelos apertos, né?

**Verônica:** Que significado têm tido ao participar do MOEMA para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?

**Nazaré:** eu aprendi muita coisa, que eu jamais imaginaria, os meus direitos, os meus deveres, as minhas obrigações, porque eu tinha mais as obrigações do que saber o que é direito então aqui no MOEMA abriram a minha mente para mostra realmente quais são os direitos das Mulheres e isso eu não sabia ninguém chegou e me falou, olha vai em uma delegacia ou vai trabalhar e deixa teus filhos comigo, não, nunca aconteceu isso aqui abriram a minha mente hoje em dia eu já vejo de outra forma a vida, ninguém fala mais nada que eu fique calada que eu não me calo porque agora eu sei como me defender antigamente eu só fazia chorar hoje em dia eu já me defendo eu aprendi a me defender aprendi a conviver socialmente com as pessoas que não faz parte da família, mas a gente considera a família da gente então isso tudo para mim foi um alerta muito positivo.

Eu tenho muito que agradecer ao MOEMA, as amigas do MOEMA porque o MOEMA abre portas para qualquer tipo de pessoa, desde que a pessoa queira, muitas vêm e não conseguem ficar e muitas vêm para ficar e pra marcar. Eu aprendi muito, muito, eu aprendi, por exemplo, vendo a Dea fazendo bombons, eu sei fazer bombons, cada uma tem um estilo como artesã eu parti para as bijuterias, como tu sabes, e faço cordões que o pessoal se admira, e diz: eu não acredito que é tu que faz, é muito bonito, tudinho... Então eu fico orgulhosa e eu aprendi tudo isso no MOEMA, eu aprendi a sobreviver a viver a vida no MOEMA porque eu me achava assim mesmo uma inútil [emoção] porque eu não fazia nada a não ser cuidar de casa dos outros porque a vida foi isso para mim então aqui eu vim aprender, aqui é o lado social você ser você mesma, você aprender a ouvir, a falar e a se defender o MOEMA me ensinou tudo isso, foi uma escola o MOEMA foi uma escola para mim, infelizmente eu conheci muito tarde eu queria ter conhecido antes, mas tudo tem o seu dia e a sua hora e eu sou feliz por ter conhecido todas elas gosto de todas de vez enquanto tem um arranca rabo [risos] mas é passageiro depois tá tudo de novo no normal então como nós somos uma família ainda mais onde tem várias Mulheres a mais bocuda é a Dea e depois dela acho que é eu [risos].

**Verônica:** Como sua família ver a sua participação no MOEMA?

**Nazaré:** Minha família é o Pena e ele foi uma pessoa que me deu sempre força foi sempre meu apoiador foi um esteio realmente na minha vida. Às vezes eu dizia: será que eu vou? E ele dizia: vai, pede dinheiro emprestado de alguém que quando eu chegar eu pago, mas não perde a reunião vai. Ou se eu não tenho dinheiro para ir em um evento em tal lugar ele diz: vai dar um jeito, vai minha filha você no entrou então você vai porque tu nunca vai ter nada se tu não pensar positivo. Ele sempre me incentivou muito nisso.

O pena é a minha família por que os filhos ficam para lá a família dele também então é eu e ele, ele e eu e dos dois é Deus. Desde que eu vi o MOEMA na televisão um dia que eu estava lá em casa a primeira pessoa que eu vi foi a Dona Maria Jose a Dea e a Lindaura e quando falou no nome da rua eu disse olha é perto da casa da mãe do Pena eu já morei ali aí eu disse eu vou lá, eu disse: Pena eu vou ficar nesse grupo aí vem cá vê. Só que quando ele chegou já tinha passado e ele disse é isso que tu quer? Eu disse: quero! Então vai te inscreve e procura saber como é.

**Verônica:** Pode narrar uma experiência marcante vivida por você no MOEMA?

**Nazaré:** O que me marcou mesmo foi um evento que nós tivemos lá na UNAMA



[universidade da Amazônia] que era congresso de enfermagem e quando eu ia para os outros eventos eu nunca conseguia uma meta bacana de dinheiro, pois o MOEMA paga 50% e o restante cada um paga sua cota e a minha parte, muita das vezes, eu não conseguia tirar e esse evento marcou para nós porque não foi só bom para mim, mas para todos, mas me marcou porque foi o evento que eu mais vendi ficou marcado... por sinal a Célia era responsável ela e a Dea deixaram para me entregar o dinheiro por último porque pela primeira vez, pela primeira vez eu tinha ultrapassado até as meninas pois eu sempre tinha esse lado de não vender muito e nesse dia eu arrebentei então isso me marcou bastante por que aquele dinheiro que eu sei que foi tão suado, tão trabalhado e eu passava a noite fazendo cordão pulseira, brinco, fiz mais uns ponto cruz, canetinhas da Célia que eu vendi então isso aí me marcou porque era o dinheiro meu mesmo, pela associação, pelo meu trabalho isso me marcou. Eu consegui comprar sem mexer no meu cartão de crédito. Eu fui no comercio com o meu próprio dinheiro comprei o que eu estava precisando para fazer de novo produtos, isso marcou muito para mim. E também o que marcou mesmo, além disso, foi nós lá no HANGAR das nossas loucuras, por exemplo, quando saímos correndo para tirar foto com o Andre Lorrán [repórter da cidade] então eu sinto saudades dessas loucuras.

Esses dias eu coloquei uma foto no grupo do WhatsApp que mexeu com todo mundo porque eu peguei uma foto bem antiga que ainda tinha a Dulcinha [ex-integrante do MOEMA] e coloquei no WhatsApp e coloquei saudades, mas eu creio que um dia isso vai passar e nós vamos nos encontrar de novo não todas porque uma já morreu, né? Mana choveu de gente perguntando quem é quem [suspiro] isso para mim foi tão gratificante porque o MOEMA ele tá parado, ele não morreu o mundo tá parado por causa da pandemia então a gente tem que olhar as fotos, lembrar, passa para a outra, ligar eu estou sem celular agora, mas eu sempre passava mensagem. O MOEMA é muito positivo para mim é uma segunda família a minha primeira é o Pena e aqui no MOEMA eu me sinto bem com todas, converso me distraiu, acho graça o MOEMA não foi uma janela que abriu foi uma porta [entonação na voz]

**Verônica:** Podes narrar uma experiência em que tu tenhas te sentido parte do movimento – ou tem alguma vivência que queira partilhar comigo?

**Nazaré:** Ahhhh foi no HANGAR que quando passava as pessoas eu dizia: olha aqui, aqui está o MOEMA! Eu gostava de chamar os clientes para mostrar o MOEMA eu tinha o prazer de falar MOEMA e as pessoas me perguntavam o que significa o MOEMA? E eu dizia: Movimento de Mulheres empreendedoras da Amazônia, eu tinha o prazer de falar isso porque eu fazia parte do grupo, eu faço parte deste grupo então eu pegava as pessoas fazia logo amizade e dizia olha aqui o nosso trabalho e eu me sentia realizada quando eu falava no MOEMA por que nós estávamos ali nos eventos e a cada evento é um evento diferente, pessoas diferentes, outras já conhecidas.

Uma feira que marcou muito também foi uma lá no HANGAR [Centro de eventos e feiras da Amazônia] que era uma mistura de tudo tinha verduras, artesanatos era uma mistura maluca foi um mingau que o governo fez, ele não fez a separação aqui artesanato aqui agricultura, não uma mistura... Tanto é que eu, Leila, Denise e Dona Maria José nós ficamos no meio das pessoas que vendiam maniçoba, maniva moída, tapioca [risos] aquilo ali foi um evento que foi engraçado que marcou nós fizemos amizade com gente que nunca imaginei do interior do estado, os grupo dos sem-terra, por sinal do nosso lado estava o MST [movimento dos sem terras] que estava ali vendendo maniva moída, farinha d'água essas coisas e nós ali então foi uma mistura e isso marcou. E quando terminou e a gente passou a encontrar em outros eventos e eles diziam olha a menina do MOEMA [risos] tivemos a oportunidade de conviver com essas pessoas que trabalham com agricultura que sobrevivem daquelas coisas

que ele vendiam.

Eu nunca tinha conhecido nada, tudo foi através do MOEMA nada nem HANGAR, UFPA, nada tudo foi através do MOEMA. Eu jamais imaginaria um dia entrar no HANGAR, sabe? Eu achava que o HANGAR era coisa de gente rica, gente que tinha dinheiro, que podia e tinha condições financeiras e eu participei várias vezes no HANGAR além do HANGAR a gente participou de um evento no SEBRAE [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas], coisas que eu jamais imaginei às vezes eu não sabia nem com quem eu estava falando às vezes estava falando com uma doutora, com alguém importante que para mim era uma pessoa normal porque estava ali no meio estava conversando com a gente se interessando perguntado como era eu me sentia ali, nunca me senti excluída muito pelo contrário, a vista do que eu já tinha passado no meu passado, por exemplo, as minhas irmãs são todas brancas eu sou a única morena então aquilo ali sempre me marcou porque elas sempre fizeram questão de bota na minha cabeça que eu era diferente delas, mas não diziam o porque hoje em dia eu sei o porque [emoção] elas nunca bateram uma foto comigo, então isso tudo me marcou... o MOEMA abriu a minha mente para certas coisas a discriminação por exemplo, o MOEMA me ensinou muito porque aqui nunca teve discriminação pode ser branco, preto, amarelo o que for nunca teve o importante é você saber fazer o seu serviço, seu artesanato e se você não souber nós vamos dar força, né? Lá na minha própria família por eu ser morena eu não era muito bem vista, porque passou de branco é preto, né, mana?

Outro que marcou muito foi o Fórum Social Mundial, então são coisas boas de lembrar coisas que marcaram realmente ficou para sempre, mudou, mudou muitas coisas, mas aqueles momentos bons, felizes com certeza vai voltar porque isso vai passar. Não vai ser como antes porque as coisas já estavam diferente, mas eu acho que com essa pandemia mudou muito a cabeça da gente, passou a ver mais a vida com outros olhos porque assim você se cuida, você cuida da sua família, mas bem aqui ao lado tem um vizinho que não se cuida que não cuida da família e acaba atingindo a sua família que se cuida então a gente já tem uma outra visão com essa doença, né? Mas eu tenho fé me Deus que nós vamos retornar e por sinal nós já estamos combinando um encontro e tá tudo bem eu estou me sentindo super feliz por tá falando contigo [risos]

**Verônica:** Enquanto integrante do MOEMA quais os direitos e quais são os seus deveres para com o movimento?

**Nazaré:** os deveres é ser pontual na reunião, pagamento que é sempre pago atrasado, mas é a obrigação [risos] tem vários que eu nem me lembro e os nossos direitos é saber dividir, saber compartilhar se tu tens 10 peças e eu tenho 5 você vai tirar 5 para ficar igual para não dar mais prioridade para uma do que para a outra então nós aprendemos isso a compartilhar o pequeno espaço para que todas colocassem o seu produto para que fosse visto por todo mundo o trabalho de todas as moemitas. Participar das feiras também que eram tantos dos convites que a gente estava até dispensando acho que quando passar à pandemia a gente vai pedir para convidarem a gente [risos]

**Verônica:** Como você enxerga a organização financeira/econômica do MOEMA?

**Nazaré:** eu acho esse lado da economia do MOEMA positiva porque cada participante que paga a sua mensalidade e quando tem um evento que é um evento bom e o MOEMA ter que pagar 50% o MOEMA só paga esse valor se pelo menos 50% das MOEMITAS participarem do evento e os outros 50% fica na responsabilidade de quem vai e ali não vai pagar de uma vez vai ser parcelado para não sair pesado então isso é um lado positivo para nós porque

aquele dinheiro nós mesmo estamos usufruindo é um dinheiro que sai do nosso bolso para pagar, mas aquele dinheiro vai ser útil de retorno para nós pois vai sair dali os 50% para a gente não perder um evento.

**Verônica:** As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?

**Nazaré:** olha que eu saiba não. Que eu me lembre não, olha por exemplo a Dea quando era tesoureira sempre colocava na louça... Olha foi tirado tanto, foi gasto tanto e tem tanto... então ela sempre expõe o que foi gasto, com o que foi gasto e o que restava o que nós tínhamos em caixa e depois passou a ser a vizinha Socorro que também faz a mesma coisa que ela então nós sempre estamos sabendo como tá a situação financeira do MOEMA.

**Verônica:** Como são tomadas as decisões, no MOEMA?

**Nazaré:** é nas reuniões, tudo em reunião, quem é que vai? Quem quer participar? Por que, por exemplo, tu não és obrigada se tu não quiseses participar dessa feira tu não és obrigada ou se tu não tens o material suficiente para poder participar então tu não és obrigada a ir, mas nas reuniões é mais quem quer do que quem não quer participar.

Tudo é em reunião ninguém nunca tomou partido de dizer eu vou fazer sem comunicar as outras tudo era comunicado em reunião. Todas podem falar na reunião é aberto você tem livre arbítrio para todo mundo falar agora tem aquelas que ficam encima do muro e tem aqueles que eu dou um empurrão logo de cima do muro para dizer o que quer [risos] e tem aquelas espontâneas como eu e Dea que fala logo, mas é assim tudo em reunião. Nunca foi tomada decisão só pela presidente ou só pela vice não primeiramente pergunta se o MOEMA está em condição de ir, quem quer ir então todas nós temos sempre essa liberdade de todo mundo falar quem quiser falar fala. A tua mãe mudou logo quando eu entrei ela era presidente do MOEMA eu achei a dona Maria José uma pessoa muito calma, muito na dela era muito encima do muro eu achava, mas como eu vinha chegando eu não podia falar nada, mas depois que eu peguei a liberdade [risos] e abusei... Não a senhora vai ter que falar a senhora é a presidente a pesar das nossas opiniões quem opina mais aqui é a senhora como presidente e hoje em dia ela fala o que ela quer e o que ela sente é a mesma coisa de todas nós. A gente vai ganhando confiança e vai sabendo o que a gente vai falar porque muita das vezes a gente fala na hora errada para a pessoa errada e aquela pessoa fica sentida e a gente tem que reconhecer que nós erramos, mas que nós estamos aqui para errar também, né? Mas também não custa nada tentar consertar.

**Verônica:** Quem é responsável pelos eventos organizados e participados pelo MOEMA?

**Nazaré:** tem uma equipe responsável, é a Dea, a Vizinha Socorro e a Marilda são responsáveis mais quem sempre busca é a Dea, pois ela fica escavacando na internet onde tem feira, eventos quanto é? Quanto custa? Ai liga marca reunião ai ela diz e tanto já me informei o que vocês acham? Vale a pena a gente ir? Tem a equipe e quem puxa a equipe é a Dea.

**Verônica:** O que mais se debate nas reuniões?

**Nazaré:** o que mais se debate é sobre nossos trabalhos o que tu estais fazendo se tu não estás te saindo bem naquilo muda para outra coisa, faz outra coisa traz uma novidade ou então continua, mas tenta aperfeiçoar melhor faz uma coisa melhor para ti poder mostrar para teus clientes porque não adianta tu fazer uma coisa e essa coisa não tá perfeito para o cliente achar

logo um defeito. Porque fulano não tá vendendo? A dona Maria José sempre faz isso ela pergunta no final da feira: gente todo mundo vendeu? Como foi a venda? Não tem um evento que eu me lembre de que a dona Maria José não pergunta se todo mundo vendeu? Todo mundo tá satisfeito com o que vendeu?

Se eu não vendi suficiente é porque eu não levei material suficiente, mas todo mundo vende por mais que seja pouco, mas vende então a dona Maria José tem mania de dizer assim: eu fico triste quando eu vejo que as minhas colegas não venderam nada, por exemplo, a dona Edna Moraes que reclama que nunca vende, mas porque ela nunca vende? Porque se tu fores olhar o trabalho dela tu vai achar defeito. Então ela tem que mudar eu até já falei uma vez para ela... Hoje em dia ela já faz outras coisas e já tá vendendo, pois o mesmo que um dia eu ouvi eu passei para ela. Uma vez eu ouvi... Nazaré não fica só no ponto cruz tu compras cada toalha linda e boa, mas as pessoas não dão valor parte para outra coisa. Aí o que eu fiz... Passei a fazer os cordões ouvir sugestões e quer dizer que tudo isso aí nos alerta... Por exemplo, eu pedi tecido para a Dona Maria eu não tenho máquina, mas essa mascara que eu estou usando quem fez foi eu na mão, então quer dizer que tudo é a criatividade e a insistência e persistência.

Também são debatidos assuntos pessoas, como tá a saúde quem tá precisando como esta na sua casa financeiramente, a pessoa que mais estava precisando era a Carla hoje em dia ela tá bem a pesar dessa pandemia antes ela estava fazendo curso de enfermagem ela conseguiu aposentar os dois filhos dela, né? Porque todos dois têm problema da cabeça e ela tá trabalhando como enfermeira porque ela conseguiu terminar o curso dela então para ela o MOEMA foi muito positivo também porque abriram outros espaços, outros pensamentos a France também que se formou como enfermeira tudo depois que estavam no MOEMA. Eu pelo menos não tenho do que reclamar agradeço primeiro a Deus por ter visto a reportagem e aqui também porque receberam a gente de braços abertos deram oportunidade e fica, aguenta... ahhh não vendeu eu não vou mais... Não é assim! Vamos ficar porque uma hora vai dar certo porque teve gente que entrou e desistiu muito rápido, né? Teve gente que o marido também impedia e desistiu e, por exemplo, eu trouxe uma moça aqui e o marido dela não gostou tinha muita Mulher e onde tem mulher é para falar de homem... Ele nem imaginava o que a gente conversava aqui que era incentivar a fazer isso àquilo, como trabalhar, como atender bem o cliente porque tudo isso é uma porta porque se o cliente chega e tu diz: diga! [exemplificando com a cara fechada] o cliente já fica até com medo. Então é: Bom Dia! Fique a vontade qualquer coisa estamos aqui para atendê-lo. Eu sempre falo isso. E eu digo isso para as minhas colegas ensino elas também. Eu gosto de deixar o cliente bem a vontade, pois tem cliente que não gosta de tá uma pessoa todo tempo atrás... Temos que dar liberdade para o nosso cliente.

**Verônica:** Quem levanta os assuntos debatidos nas reuniões?

**Nazaré:** qualquer uma de nós que tenha qualquer assunto, ou que tá nos incomodando ou um assunto que vai prosperar cada um pode chegar e falar... Olha é isso, isso e isso... Eu não tô gostando de tal coisa porque tem umas que não falam, mas tem umas que falam então vamos ficar nessa pauta quando a gente terminar essa pauta a gente parte para outra. Por exemplo, eu chego para a Dea e digo olha eu não gostei de tal coisa... Vamos você vai colocar em reunião e dizer que não gostou daquilo. Então nós vamos discutir essa pauta, e também respeitar a presença da pessoa falar pela frente nada de falar por trás da pessoa falar pela frente, para aquela pessoa saber que ela tá errada em alguma coisa e procurar melhorar.

Nunca aconteceu de me expor, mas se acontecer eu não ia me sentir nenhum pouco constrangida, porque eu me sinto tão a vontade tão bem que aquilo para mim é um crescimento. Por exemplo, a dona Edna não gosta de ser chamada atenção por ninguém ela

fica com raiva e da logo um choro nela... ahh porque estão dizendo que as minhas coisas estão feias... Não, não é que as tuas coisas estão feias é que você pode melhorar a sua mão de obra. Você tá tirando seu dinheiro dali e você também tá pondo dinheiro ali... Mas se me chamar como já me chamaram... Parte para outra coisa... Mana foi ótimo! Que bom porque eu passei a prestar atenção e ver que realmente o que chama atenção de Mulher são acessórios porque a minha maior clientela é mulher. Cada um com seu estilo de trabalho voltado para a mulher nosso trabalho é voltado para a Mulher. Eu acho que as mulheres são mais consumidoras [risos].

Antes da pandemia já estava tendo aquela queda por causa da economia porque muita gente já estava comprando mais moderadamente, mas eu cheguei a trabalhar no bosque em um domingo, em um domingo eu cheguei a tirar R\$ 230 em um domingo com cordões, pulseiras e brinco, vendia de R\$ 25,00 ou mais dependendo de quantas voltas no cordão eu já cheguei a fazer isso no bosque em um domingo. E já ajudei muito meu marido a pagar coisas da gente mesmo com dinheiro do artesanato.

**Verônica:** Como o MOEMA é visto no bairro/cidade onde acontece?

**Nazaré:** eu acho que o MOEMA é visto como uma coisa positiva porque teve muita associação por aí que mesmo no tempo do MOEMA sem eu está presente que eu sei que não chegaram ao longo do tempo que o MOEMA chegou parou, acabou, não deu mais certo, muita gente foi embora e o MOEMA com todas as dificuldades que passou, muita gente não pode pagar, ou não estava vendendo muita gente adoeceu, mas não parou continuou então nos olhos de muitas pessoas que são do ramo apontam... olha tem um grupo lá na Marambaia que é o MOEMA e lá tem várias Mulheres que trabalham com várias coisas, inclusive quando eu viajei com a Devanete e a dona Graça nós fomos indicadas por um senhor e nós fomos dar cursos fora eu fui para Capitão Poço, dar curso de Bijuterias a Devanete foi como palestrante e a Dona Graça foi com artesanato de sementes e eu com predaria. Nós ganhamos bem pelo nosso trabalho eu recebi R\$ 800,00 naquela época a Devanete e a Dona Graça conseguiram mais porque elas estava, em todos os cursos a Devanete era a responsável, a responsável era para ser eu, mas na época eu fiquei nervosa e passei a responsabilidade para a Devanete, pois eu ainda estava inexperiente e como ela tem estudo e vocação para falar então ela pegou e agarrou essa oportunidade. Eu fui uma vez passei uma semana em Capitão Poço que por sinal fui muito bem recebida.

**Verônica:** Ao seu ver a cidade educa?

**Nazaré:** ai eu acho que não... [pensativa] eu tenho um jeito de pensar um pouco diferente, por exemplo, foi dada a oportunidade para o MOEMA expor lá por traz do Belém Importados da Av. Pedro Alvares Cabral [uma das principais avenidas da cidade de Belém] em uma pracinha, mas nenhuma de nós quis ir para lá, porque era uma praça abandonada, escura, nós não tínhamos segurança, não ia haver segurança para nós se nós quiséssemos iluminar tinha que ser da nossa parte, a limpeza ia ser da nossa parte tudo era da nossa parte e o horário também era um risco... Então ficou muito a desejar... porque se tu oferece um espaço tu tem que saber o espaço pois não só estão expondo como elas também estão se expondo... Então todo mundo concordou em não ir e muitas de outras associações que foram, foram um único dia e não foi nada bom ficaram no escuro, muito pivete [menores infratores] e essas coisas, então tem muita coisa assim que não vale a pena.

Mas já teve uma feira que não foi todo mundo, mas foi eu, a dona Maria José a Leidiane, e outras que nós fomos a um evento da Record [canal de televisão brasileiro] lá na

Praça Marechal Hermes e foi totalmente diferente foi um show o que eles fizeram as barracas todas padronizadas, nós escolhíamos onde nós queríamos ficar, tinha segurança, todo mundo vendeu e foi muito bem organizada foi uma feira que a pesar de ser em uma praça foi bem organizada... e ali tem educação sim educa sim, pois quem faz a educação também é nós tem que começar por nós, né? Porque se o vizinho joga uma lata ali eu vou jogar outra latinha, ali? Não! Eu vou ter que colocar no saquinho e botar ali para o vizinho ver que ele tá errado, ele errou.

**Verônica:** Resumo e metarreflexão acerca da entrevista;

Apreender o sentido que a entrevistada dá à entrevista, o que pensa dos objetivos propostos e que contributo acredita que pode oferecer ao trabalho.

**Nazaré:** eu vejo a importância desse trabalho, por que olha, a Dea a Dea foi convidada pela Célia porque ela estava em depressão hoje em dia a Dea é uma microempresária. Ela entrou para poder sair da depressão e hoje é uma microempresária que por sinal já recebe encomenda de Rio, São Paulo, ela já manda as coisas então é ótimo porque tu estás vendo que a associação está expandindo, está tendo um reconhecimento, não é individual é a associação. Todas juntas! Eu já vi muito a Dea dizendo que agradece muito ao MOEMA porque se hoje em dia eu sou isso foi porque o MOEMA me ensinou. E eu também se hoje em dia eu sou outra pessoa, eu me sinto bem eu me sinto realizada é porque o MOEMA soube me lapidar porque eu era uma pedra muito bruta, além de bruta, difícil. Aos poucos eu fui me aprimorando e hoje em dia eu tenho prazer em dizer eu sou uma artesã! [força na voz] eu disse uma vez até para o Pena, que Deus livre e guarde, se tu se for, porque é só eu e tu, tu e eu, se tu se for eu não vou passar fome [emoção], mas também não vou mais para a casa dos outros trabalhar [empregada doméstica] porque desde os 10 anos eu trabalhei em casa de família então aquilo impregnou na minha cabeça que eu não tenho porque tá lavando fundo de calcinha de patroa eu podendo tá fazendo meu artesanato e oferecer e vender, pegar o dinheiro na hora comprar o que eu tô precisando do que esperar por mês lavando, passando, cozinhando, para uma pessoa o que não é uma discriminação porque eu passei muitos aos fazendo isso, mas é porque eu cansei desse tipo de serviço.

**Verônica:** Gostaria de adicionar mais alguma coisa ao que já foi falado.

**Nazaré:** a única coisa que eu digo de verdade [entonação na voz] de coração mesmo foi conhecer todas as pessoas do MOEMA, todas, o grupo em si, porque não foi uma duas ou três foram várias, várias pessoas me dando força quando eu contei a minha trajetória, a minha história todas elas abraçaram da sua maneira e começaram a me dar força para que eu não ficasse só presa no passado, então elas me tiraram do passado para viver o presente e pensar no futuro [emoção] então isso para mim é marcante, é positivo eu sempre falo para qualquer pessoa que é tipo uma área de psicologia porque aqui tu falas o que tu queres, o que tu tá sentindo e as pessoas estão ali te ouvindo e dão opinião [emoção] então essa é a experiência que eu tenho do MOEMA é isso que eu tenho para falar do MOEMA.

**Verônica:** Agradecimento pela colaboração.

**Nazaré:** Ah! Verônica eu tô muito feliz em falar... Se eu não tivesse conhecido o MOEMA quem era a Nazaré? Era a mesma! [emoção] era a mesma Nazaré do passado não tinha esse outro pensamento, essa outra estrutura que eu tenho na minha cabeça. Às vezes eu estou assim pensando em alguma coisa, eu posso fazer alguma coisa com aquilo, mas porque aqui foi a abertura de tudo... Foi uma coisa tão positiva, positiva mesmo porque os negativos eles

me ajudaram a esquecer [emoção].



## Anexo C - Imagens



Imagem 8 – Anexo – Participação em Feiras e Eventos (Fonte: Arquivo MOEMA).



Imagem 9 – Anexo – Marcha das Margaridas, Brasília, agosto/2011 (Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora).





Imagem 10 – Anexo – Feira no Bosque Rodrigues Alves, Belém do Pará (Fonte: Arquivo MOEMA).



Imagem 11 – Anexo – Fórum Social Mundial, Belém do Pará (Fonte: Arquivo MOEMA).